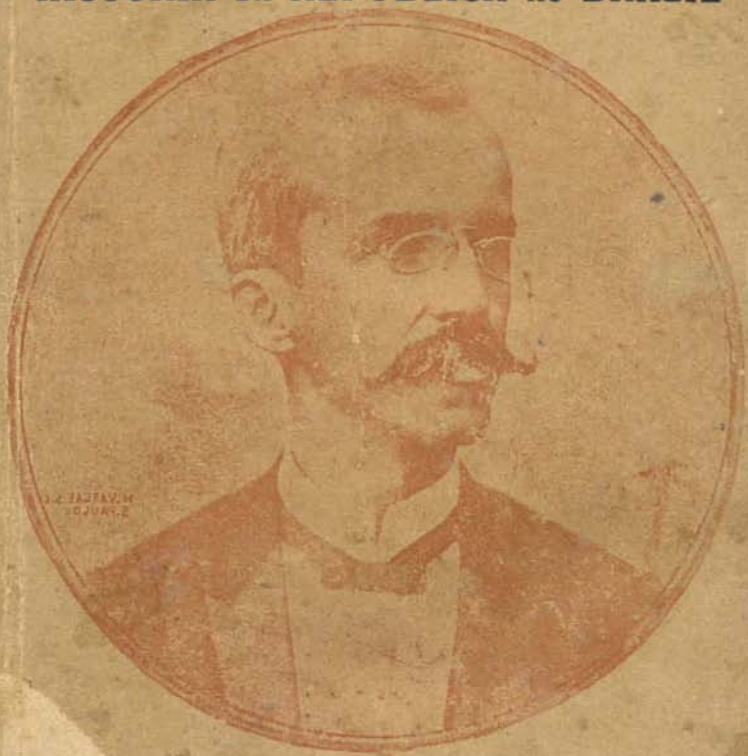


Dr. J. J. DE CARVALHO

HISTORIA DA REPUBLICA NO BRAZIL



1917

Livraria e Oficinas Magalhães
Avenida D. Pedro I, n. 33 - YPIRANGA
São Paulo



ESTAB. GRAPHICO
MAGALHÃES

S. PAULO

PRIMEIRAS LINHAS

DA

HISTORIA DA REPUBLICA

DOS

ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

PELO

DR. JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO



RIO DE JANEIRO

Editado pelo Dr. Joaquim José de Carvalho

Typographia de Carmo n. 41

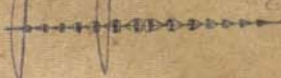
981.05
7331
1883

ADVERTENCIA EM NOME DA LEI

A edição do presente folheto consta de 4100 exemplares, que vão todos numerados e rubricados pelo punho do auctor logo abaixo d'esta advertencia. Qualquer exemplar que não fôr assim rubricado será considerado contrafeito e o contrafactor será perseguido com todo o rigor da Lei.

Capital Federal, em 25 de Novembro de 1889.— 1.^o da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

N.^o 1080
W. J. J. de Carvalho



BIBLIOTECA DO SENADO

onde se acha-se registado

número 2067

de 1874

AOS HEROES DE 15 DE NOVEMBRO



Humilde mas sincero testemunho de
profundo reconhecimento e de ardente
veneração.

Ao leitor

E' cedo ainda para fazer a história ; tempo já é, porém, de colligir documentos e informações, hauridas éstas na fonte viva e pura, collidos aquelles nas publicações recentes, feitas a desafio das testemunhas presenciaes.

Tal a razão de ser d'este folheto, ao qual certamente hão de outros succeder.

Somenos é hoje seu valor, mas assim não será amanhã ; e, com o profundar dos tempos, de augmento irá seu valor, porque elle relata com fidelidade, pouco commenta e sem paixão, tudo diz sem interesse de agradar nem temor de desagradar.

O auctor d'este folheto não o-concebeu para fazer oblata a quem quer que seja, sim somente para satisfazer á verdade historica.

O character do livro vae, pois, de accôrdo com o do

DR. JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO.





A Precursão

Não dacta de hoje o movimento republicano no Brazil.

Em tempos, que idos já vão longe, por amor da liberdade, gloriosos martyres deram-se em sacrificio nas aras da patria.

Todos os tributos, inclusive o de sangue e o de vida, pagaram elles inflammados do mais sancto amor; e o desastado mallogro de uns, antes mais atiçava do que amortecia o fogo ardente do patriotismo de outros.

O patibulo, o arcabuzamento, o cárcere, o espostejamento dos corpos, o desterro, a confiscação dos bens, as torturas todas, a clamarem por vingança, nem geravam desesperanças, nem desconvençiam da oportunidade da lucta e da possibilidade da victória.

O mesmo sentimento, o mesmo pensamento trasmitiam-se na successão das gerações, de mais em mais alentados com os exemplos dos tempos. Só a compressão era mais forte; d'ahi a necessidade logica e estrategica de ceder um pouco para não perder tudo, de convir para não fallir, de calar para não emmudecer, de parar para não voltar, de esperar para poder alcançar!

Libertas quæ sera tamen.

A tyrannia é cruel até consigo mesma; cega-a a colera em que se-agita, e não raro ella sente os deliquios do cansaço antes de porejar os suôres da fadiga.

Nas investidas sanhudas ella baixa a viseira, cerra os olhos e atira a fundo; no impeto, porém, descobre os flancos por onde recebe a ferida de quem, cauto e firme, mede as posições do combate.

E, que contraste! são as baixas mortes que esperam os grandes tyrannos, ao passo que é nas sublimes catastrophes que expiram ainda os pequeninos martyres!...

A história de todos os povos, a propria história do Brazil palpita preñhe de exemplos, que o-attestam.

Quem a-consulta, quem profunda o que nos-é consoante este ponto, já bem investigado, discutido e comprovado authenticamente, de força se-convence e persuade da exactidão de nosso primeiro asserto no presente capitulo: — não dacta de hoje o movimento republicano no Brazil.

Fez-se republica na colonia, fez-se republica nos governos geraes, fez-se republica nos primeiro e segundo reinados: só agora, porém, é que se-fez a republica!...

Triumphada sempre, ella triumphou alfim!

Foram sangrentas suas derrotas; foi de flores, amplexos e galas a sua victória.

Nos vencedores de hoje estão martyres e filhos de martyres dos vencedores de hontem!

Os opprimidos tornaram-se protectores dos oppressores, que pediram protecção!...

A derrota seria perpetuada pela hecatombe; a victória foi sagrada pelo perdão.

Sublime philosophia dos que se-batem pela liberdade!...

Sancto e divino evangelho dos Redemptores!

Fulgurosa demonstração da verdade da doutrina do Christo!...

A fraternidade é um dos lemmas da fecunda trilogia da republica; assim ésta não póde ser fratriçida.

E chegou-se á conclusão das premissas lançadas nos tempos.

.....

Manes sagrados dos heróes e dos martyres brazileiros manes dos sonhadores da patria, manes bemdictos de nossos avós, de nossos paes e de nossos irmãos, estão realizados os vossos anhelos, está consummada a vossa obra, está gloriosamente vingada a vossa memoria, estão abençoados os vossos nomes, está feita a vossa sagração no pantheon fulguroso da posteridade!!...

A patria, por que destes a vida, a honra e a propria patria, é nossa, é felizmente nossa, é absolutamente nossa como o-sonhastes e quizestes!!!...

E nós, ésta geração de vossos netos, de vossos filhos e de vossos irmãos, profundamente commovidos pelo mais sancto reconhecimento, hoje fictamos de joelhos ao lado do Cruzeiro de nosso ceu os constellados da Precursão!...



Considerandos

Os verdadeiros grandes homens são os que, nos altos relevos de sua personalidade, ostentam e muito têm de impessoal e geral, por onde identificam-se com seu seculo, com sua patria, com todo o genero humano.

Elles cavam fundo no meio social em que se-desenvolvem, d'elle absorvem e em si concentram os raios diffusos da vida e da luz, que depois reflectem com extraordinaria, nova e centuplicada intensidade.

Assim, porém, nunca comprehenderam os nossos governadores.

Tão pouco comprehenderam elles que o universo moral, qual o universo physico, está sujeito á mesma lei de progresso e ao mesmo principio de solidariedade; e que a sociabilidade desempenha no mundo moral as funcções da afinidade mollecular no mundo physico.

Os melhores, os suppostos mais bem intencionados, descobriam-se para o observador criterioso pelo defeito de exorbitar dos limites do possivel, fazendo ideologia applicada. Seu nenhum preparo scientifico inhibia-os de conhecer a utopia dos factos, irmã gêmea da utopia das idéas.

E a utopia no facto assignala-se pela impossibilidade de sua subsistencia.

Outros eram impacientes no agir; e essa impaciencia, que pôde tambem gerar-se de instinctos generosos, é, por via de regra, esteril e damnosa pela irritação, que a-acompanha em frente aos obstaculos oppostos, que ella sempre procura transpôr sem debellar nem vencer.

Assim como em mau terreno muita semente boa se perde, tambem em um meio corrompido muito estimulo nobre cede por fim e degenera.

Philosophia e razão estavam desterradas; o arbitrio só imperava.

Ora, o que julga e decide do merito ou demerito de um facto qualquer é o facto posterior. O futuro, com infallivel equidade, absolve ou condemna o passado.

E, na phrase de Schiller : a história universal é o tribunal universal.

Quaes as grandes correntes oceanicas que, em fundo leito, prendem as aguas, assim tambem ha uma grande, sensivel, universal, occulta e mystica caudal, que arrasta e evoluciona por toda a parte os espiritos.

Estudos das condições e necessidades sociaes?... Nenhum!

Entretanto a sociedade é um todo organico, indivisivel em sua multiplicidade; um todo que se-move em ascenção gradual e permanente, arrastando necessaria e fatalmente consigo nas transformações de seu desenvolvimento, as existencias particulares, as fórmulas definidas, as aggremações e as collectividades hierarchicas, de que se compõe.

.
D. Pedro II, condemnando sua fraqueza, quero comtudo dar de barato sua boa fé: illudia-se e era illudido.

Assim entrava por muito em meu espirito a dúvida sobre sua tão decantada sabedoria, elevada a omnisciencia.

Erasmus (*Codicille d'or*, 1533) disse :

« O rei é um homem livre governando homens livres. Que outra cousa é um reino sinão uma grande familia?... o que é um rei sinão um pae de muitos filhos?... Para commetter a alguém o governo de um reino é necessario escolher aquelle que aos demais exceder em reaes virtudes, isto é, aquelle que possuir a maior somma de sabedoria, de moderação, de justiça, de prudencia e de zelo pelo bem público... E' necessario que o principe ame o Estado e os subditos, porque não é possivel governar bem nem cães, nem cavallos, nem homens, nem cousa alguma, sem agradar ao que se governa. O poder sem bondade é uma tyrannia; sem sabedoria uma desolação, não um reinado... »

D. Pedro II não havia talvez lido Montaigne, que disse : « Deve-se aos reis toda a reverencia e submissão, menos a do entendimento : minha razão não é obrigada a curvar-se e a ceder como os meus joelhos. »

Desde menino o imperador seguiu mau rumo politico : não ha logica, não ha orientação segura em todos os actos de seu longo reinado ; a vaidade o-sacrificou sempre nas mãos dos que o-exploravam.

O espirito que, calmo e desapaixonado, o-estuda á luz da critica philosophica emmaranha-se em encontradas conjecturas, e conclue por nada poder concluir.

A incerteza, a irreflexão, o pouco reparo das cousas e dos homens, manifestam-se logo desde os seus primeiros actos até ás suas ultimas palavras.

A immensa extensão d'esta these, e o curto espaço de que disponho, pela natureza d'este pamphleto, impedem-me de proceder a especiaes demonstrações, que aliás são bem dispensaveis para os que têm lição de história.

Bastará, para tudo dizer em synthese, lembrar e estabelecer a ligação entre os pontos extremos do seu reinado de quasi cincoenta annos.

Seu primeiro ministerio, o que assistiu a sua elevação ao throno, ministerio popular e patriota, pouco depois já estava apeado nas festas da sua coroação e assentados no poder os aulic-s sem prestigio, sem patriotismo, e sem idéas, mas bem matreiros nas tricas indecentes das côrtes; seu último ministerio foi tambem o governo dos palacianos, dos principotes e dos reaccionarios!

Suas primeiras palavras foram *« quero já »*: as últimas *« não quero assim. »*

Um acto de loucura fez de um menino um imperador; cincoenta annos depois o imperador taxou de loucura o acto reflectido que o-apeava do poder!

« Sr. Mallet, o senhor está doido?... os outros todos estão doidos?... »

Mas a verdade tem lampejos sublimes e é maior, muito maior do que a vontade e o poder de todos os reis!

Por isso D. Pedro II sellou na história o seu extensissimo e infecundo reinado com as seguintes palavras, lição e exemplo para a humanidade.

« Reinei quasi meio seculo e carreguei sempre com maus governos! »

De quem a culpa?...

Não lhe-dava a constituição a prerogativa de livremente nomear e dimittir seus ministros?... Não era de sua livre escolha a nomeação dos senadores vitalicios?... Não foi sempre em tudo consultado e obedecido?... Não chegou a seus ouvidos aquella sentença de Euzebio de Queiroz: *« No Brazil só se pôde ser ministro uma vez?... »*

« Em toda a constituição deve haver um centro de resistência contra o poder predominante. » (Stuart Mill— *On liberty*); esse centro de resistência Pedro II nullificou e destruiu !...

Seu insulto reverte-lhe, pois, inteiro e intacto da parte que pôde caber ao povo.

.....

O imperador comprazia-se em mystificar os homens.

Havia famílias inteiras por elle condemnadas e em favor das quaes nada era licito fazer ou conseguir.

Si entre os alcoviteiros do paço levantava-se qualquer ballela contra alguem, ai d'elle ! era immediatamente condemnado ás ortigas, sem audiencia de justificação, sem faculdade de defesa.

A escolha de senadores não se fazia na lettra da constituição,— *respeitando os talentos, virtudes e serviços*: por desaffeição ou por intriga eram preteridos homens de merito, por ingratidão esquecidos uns, por influencia de corrilhos nomeados outros, e, até por birra ou por desprezo pela nação, escolhidos homens obscuros, sinão mesmo analphabetos, como succedeu com um distincto pae da patria, que só pôde vir tomar assento dous annos depois de sua nomeação, tempo que lhe—foi preciso, diz-se, para aprender a lêr e a assignar bem o seu nome !...

Em tudo o —*rex ludet* !...

O que esperar de tudo isto ?...

As consequencias eram bem de prever.

Só os cegos não viam !



As Ante-Vesperas

Factos extraordinarios occorriam n'estes ultimos tempos. Os ministerios duravam pouco, e impopularisavam-se cedo.

As situações eram tambem pouco duradouras.

A já prévia quasi certeza da curta governação, esperava ambições e os cuidados dos ministros em empoleirarem os seus em sitios favoraveis, para ordenarem gordas tétas do Estado.

O favoritismo estava desbragado e desaforado !

Nem pelo pudor havia respeito; e da opinião pública quem comptas fazia ?...

Havia familias com dotações enormes; aposentavam-se empregados válidos, aproveitaveis e até de difficil substituição, para arranjar ninhos para inuteis pimpolhos e filhotes; creavam-se logares superfluos, engendravam-se commissões, inventavam-se propinas, e accumulavam-se interesses illegitimos e illegaes.

O paiz estava todo dividido em pequenos feudos, irrebuçadamente destrribuidos.

Os ministerios, para sopitar clamores da indignação, forçicavam ao redor de si uma falsa opinião, assalariando os thuriferarios.

Sabia-se de tudo entre o povo; mas de nada valia sabel-o.

As leis eram.....; a lei era uma caçada perfeita; especie de boneco de molas, que tomava todas as posições.

Nem siquer firmavam-se os precedentes: tudo era a *conveniencia* do momento, e o *a quem*, o *por quem* ou o *para quem*.

A *advocacia administrativa* era de uma rapacidade infrene: monstruosos contractos firmavam-se uns após outros com vantagens reciprocas para os contractantes, que enriqueciam de dia para outro na indecencia dos sortilegios.

A impudencia estava regra de vida; e assim, os que hoje berravam contra determinado escandalo, porque d'elle não usufruiam tambem, amanhã, guindados ao poder por qual-quer reviravolta, davam-se por primeiro cuidado estudar um meio *decente* de encampar o que haviam verrinado, porque entre a cabeça e o estomago o canal estava feito, e a bocca estava na cabeça !...

Era o proprio parlamento que se-encarregava de pôr em alto relevo a deshonestidade dos ministros, comtudo não o-fazia por levantamentos do patriotismo, e somente por despeitosa explosão de ganancia não satisfeita.

Todos queriam *comer*; e, por não poder chegar a todos berravam só então os não immiscuidos nas tramoias.

Essa verba magica — *soccorros publicos* — e por último essa outra — *auxilios á lavoura* — deram e fizeram prodigios !...

.....
A Camara Municipal estava reduzida a antro de Caco : quem ali entrava ficava depennado.

Nojo e horror causa tocar n'ella !...

Tiritam as fibras do sentimento do pudor á recordação das infamias, das torpezas, das gatunices porcas e descalavradas, que rememoram na consciencia pública os nomes de HONRADISSIMOS vereadores !!!

D'essa *spelunca latronum* haviam desertado, corridos de vergonha, os antigos servidores, que o povo elegia em homenagem á sua probidade, e eleição que elles acceitavam como onus a seu patriotismo.

Pediam-se por empenho, disputavam-se a alto preço os logares de vereadores, porque esses logares (que são *gratuitos* e que só devem acarretar sacrificios !!), por um *magico segredo*, geravam fortunas e vantagens incalculaveis nas trevas do crime e nos segredos da impudencia.

.....
A Policia estava putrida e esphacelada !

Ser subdelegado era *altissimo* negocio. Havia individuos que cynicamente preferiam a vara de subdelegado a qualquer emprego, ainda de regular ordenado !...

E ninguem ignora que taes cargos, sobre serem gratuitos, são por natureza espinhosissimos.

Viam-se entretanto ahí bigorrilhas, canalhas conhecidos e de marca maior, ex-réus de policia, safardanas consummados, empolgarem varas de subdelegacias, e andarem de ordenança, para terem passes gratuitos em todas as companhias de *bonds*, entrada franca em todos os theatros e bailes publicos, explorarem *por todos os modos* as mulheres perdidas, os pequenos negociantes, as casas de jogatina !!!..

É taes idiotas, taes indecentes, taes vis, impunham a offerta de retratos a oleo, de pennas de ouro, de manifestações a suas *illustres pessoas!*...

O povo nutria pela policia o sentimento da mais baixa indignação, francamente manifestado em todas as oppor-tunidades, todos os dias, por todos os modos.

.....

A Policia e a Camara eram duas verdadeiras companhias de calabrezes !...

.....

A Alfandega não tinha regulamentos nem tarifas conhecidas : imperavam o arbitrio, a rapacidade, o assalto !...

.....

O funcionalismo público era dotação dos apaniguados, dos asseclas dos dominadores, dos cabos de indecentes baixas farças eleitoraes !...

.....

Os concursos eram entreactos ridiculos; sabia-se de ante-mão qual ou quaes seriam os nomeados, fosse qual fosse o resultado das provas ! Isto em todos os terrenos.

.....

O parlamento era uma comedia sem sentido, uma verdadeira pilheria ; *arrothavam-se* os adversarios, personalisavam-se as discussões, fazia-se alli um terceiro escrutinio eleitoral, no qual deputados e governo combinavam-se indignamente para extorquir o sagrado direito de uns, em favor de outros da panelinha.

Os deputados vagavam pela rua do Ouvidor, faziam *paredes*, só reuniam sessão quando queriam, falsificava-se a lista da chamada, fazia-se andar a dedo o relógio da camara ; e, quando reuniam-se, folgavam em estereis sessões de recriminações. Assim se consumia o tempo futil e indecentemente, sem que

até os orçamentos se votassem, pelo que eram elles quasi sempre prorogados. Entretanto os ministerios tinham sempre a cauda de enormes maiorias, o que quer dizer que podiam muito fazer.

Camaras houve que se divertiam em engolir ministerios, e isto exclusivamente por mero debique.

O insulto tornou-se alli arma commum de discussão ; e a bofetada e até o chicote chegaram á altura de efficientes meios de suação.

Tambem o mais feroz ridiculo despiedado cahia sobre a camara em adjectivos de baixa qualificação: era a camara dos *fagundes*, era a camara dos *venaes*, era a camara dos *finados*, etc.

O senado, essa alta corporação de tantos privilegios, não menos cahiu em desrespeito. Havia senadores d'elle ausentes ha mais de 20 annos ; outros, em grande numero, em sessões inteiras só la iam para receber o subsidio ; outros estropiados, invalidos e idiotas ; mas todos enconchados na vitalicidade.

Entre senado e camara trocava-se o insulto tambem ; e o desprestigio da alta camara chegou ao poncto de, n'estes ultimos dias do gabinete Ouro-Preto, estar a preparar-se uma CARVALHESCA INDECENCIA pelo Maranhão !!!.....

Proh pudor ! Ah ! Caligula.... Caligula !.....

Os ministerios organisavam-se com programmas balofos e estereis, e cahiam por prematuro apodrecimento, por inanidade absoluta, nunca por uma séria questão de principios, por um motivo justo e digno, sempre deixando após si o glorioso renome de *patoteiros*.

O paiz esteve muitas vezes e por muitos dias sem governo, porque todos queriam ser chefes politicos e organisadores de gabinetes.

Por uma d'essas feitas o imperador teve uma phrase de amarga verdade.

Ao cahir o gabinete Saraiva, os chefes liberaes levaram a caretearem-se ; todos queriam organizar gabinete e todos recusavam-se; *andou-se de deo em deo*, té que por fim foi chamado o deputado Martinho Campos ; e como este *fingisse* declinar tambem, allegando ser deputado e não poder por isso mover senadores, o imperador deu-lhe a elle a cadeira do senado e

deu-lhe mais outra na pessoa do sr. Franco de Sá, e disse-lhe então : « sr. Martinho, o senhor entenda-se com seus amigos políticos e resolvam esta crise, que o paiz não pôde estar sem governo ; si os srs. não podem, chamarei então os conservadores. Ha quarenta annos eu tenho a missão de nomear e demittir ministerios, porque a constituição a isso obriga-me, e é bom saber-se que não acho nisso prazer algum. »

Essa franqueza do imperador, o medo de perder a situação, fez com que os liberaes calmassem-se um pouco, e organisou-se então o *negreiro ministerio de S. Sebastião* (20 de Janeiro).

Os ministros, repito, não tinham idéas assentadas nem programma definido : eram ministros por mera combinação e conservavam-se por mera conveniencia. Rodrigo Silva pertenceu ao ministerio Cotegeipe, que sustentava a escravidão, e d'esse passou-se, acto continuo, para o ministerio João Alfredo, que fez a abolição.

Cahindo o ministerio João Alfredo, tambem deshouveram-se os chefes conservadores, ou melhor, deshouve-se o sr. Paulino, que tambem ambicionava organizar governo, e n'essa cabriolada de *quero, não quero, posso, não posso*, lá se foi pelos ares a situação conservadora, vindo inopinadamente o sr. Ouro-Preto, que ardia em febril desejo de ser presidente de conselho, e que deu com a monarchia de pantanas, por seu desaso, por seu mau genio.

Ultimamente ser ministro e ser senador eram favas contadas ; entretanto o velho soldado visconde de Pelotas teve o brio de duas vezes recusar pasta, sem que primeiro se resolvesse a escolha senatorial, para não dizer-se que sua presença no ministerio violentava sua escolha.

Tambem os ministros já eram alijados como cachorros : uns cahiam nas molecagens do carnaval, outros eram apeados pelos estudantes, outros pelos militares ; e a primeira, a mais frisante prova da fraqueza do governo, da sua covardia, deu-a elle eloquente e completa na memoravel *questão Apuleho de Castro!*

.....

A indignação era consequentemente crescente.

As fileiras dos republicanos recebiam todos os dias reforçamentos dos descontentes, dos cansados de esperar, dos desilludidos, dos ludibriados e dos esquecidos.

O povo, sempre sugado e sempre escarnecido, atirava-se aos azares do jogo infrene, esperando tudo dos favores da sorte, deseducando-se para o trabalho e para a economia, os dous principaes factores do espirito honesto.

A onda avolumava-se; a lama fervia; a lia crescia á toia !!...

A atmosphera estava prenhe de miasmas; a anarchia estava em tudo e em todos: a situação era promissora de medonhas e temerosas catastrophes !...

Só os cegos não viam.

.....

.....

.....

Póde ésta apreciação do estado de cousas a alguém parecer exagerada, que certamente não o-é; não póde e não deve, porém, ella confundir-se com explosões de despeito, ou odiosidade resainte de ambições contrariadas ou não satisfeitas.

Não; absolutamente não. Ponho o maximo empenho em evidenciar-o, porque quem não póde discutir, calumnia; e os que sentirem perfeitamente ajustada sobre as orelhas ésta carapuça se-darão pressa em usar d'esse cobarde recurso, para attenuar siquer o vigor da minha oppugnação.

Não! não fui nunca, não sou, não serei jámais um despeitado. E porque ?...

Porque nunca fui sollicitante de empregos e commissões; porque nunca frequentei ministros e paços; porque nunca andei atrellado aos carros dos dominadores das situações nem de seus logares-tenentes; porque nunca devi nem pedi graças e favores; porque sempre vivi e sempre soube viver só e exclusivamente da applicação de minha intelligencia.

Fui durante cinco annos professor público por força do concurso a que me-subjeitei, e para o que não era mister empenho, por serem muitos os logares, e evidentemente eu ser quiçá o melhor dos concurrentes, como demonstrei na exhibição pública das provas.

Seria o cúmulo dos absurdos não nomearem-me então!

Já não era de ha muito eleitor, e só votei uma vez, acompanhando, advogando e sustentando a candidatura do dr. Duque Estrada Teixeira contra a do meu primo o

sr. Leoncio de Carvalho, e para isso incorrendo nas iras do sr. Homem de Mello, então ministro do imperio.

Esse sr. Leoncio de Carvalho, meu primo, foi tambem ministro do imperio; e, não obstante ser meu mui proximo parente, nunca dei-lhe a confiança de pedir-lhe favor algum, distinguindo-me até esse senhor com sua inimizade, espontanea e gratuitamente gerada então, sem causa alguma anterior ou proxima, que a justificasse. Foi uma generosidade de seu coração, foi um favor de seus bons sentimentos, que fiquei a dever-lhe mui gostosamente.

Elle achava-se ministro por equivocação, e eu era um obscuro mestre-escola. Phantastica superioridade, que inflamma só os tolos!... Mas elle teve occasião de vêr e de poder attestar de sciencia propria, que os ministros eram tambem *demittidos a bem do serviço público*.

E, depois de sua *rapida passagem pela marmóta*, ficámos ambos; eu n'aquillo de que nunca sahira, elle no posto a que revertêra demittido; ambos doctores, mas distinctos apenas pelo talento e pelo estudo.

Eu me-sentia bem n'essa posição; e, contemplando-o, dizia comigo: ha homens que na vida pública são semelhantes ao rojão, que sóbe ruidoso e desce silencioso, indo esconder-se nos telhados, para que os moleques da rua não lhe-façam o funeral em assobios!

Levei quatorze annos trabalhando pela fundação da Escola Regimental do Corpo de Policia, e só depois de quasi tres lustros consegui vêl-a realisada, quando o sr. Manoel P. de Souza Dantas foi ministro da justiça, indo eu *dirigil-a e leccionar gratuitamente* por mais de dous annos, até vir o sr. tenente-coronel Lago (de gloriosa memória!) extinguil-a por simples acto de sua *illustrada vontade*.

Fundei e dirigi *gratuitamente* o curso nocturno da Associação Promotora da Instrucção, por mais de quatro annos, na freguezia de S. Christovam; e esse instituto, que começou em sala de emprestimo, tem hoje edificio proprio!!...

Offereci-me ao sr. Rodolpho Dantas para leccionar *gratuitamente* a cadeira de pedagogia da Escola Normal, que estava vaga, da qual eu tinha estudos especiaes demonstrados, e esse senhor, que era ministro do imperio do ministerio Martinho Campos, entendeu *mais conveniente* nomear outro sem concurso e com as vantagens pecuniarias.

Tambem *gratuitamente* offereci-me ao sr. Homem de Mello, ministro do imperio, para escrever um livro comparando a nossa legislação sobre instrucção pública, pedindo apenas uma collecção da legislação para acelerar o trabalho, dispensando-me de copiar o que estava impresso; e o sr. Netto Machado, o glorioso sr. Netto Machado fez-me pagar essa collecção, vingando-se d'est'arte de não havel-o eu acompanhado nas dedicações por seu exellente amigo Leoncio de Carvalho. Esse mesmo sr. Netto Machado, que induzira talvez Leoncio de Carvalho a demittir o dr. Jacy Monteiro da Secretaria do Imperio, por andar fazendo politica contrária; esse mesmo sr. Netto Machado, que anda agora exercitando-se como examinador nos exames geraes, e gritando com o porteiro do ex-collegio Pedro II por não se-levantar e não se-encurvar á sua passagem ! !...

Offereci-me ao sr. Joaquim Delfino, ministro da guerra do ministerio Cotegipe, para servir *gratuitamente* como cirurgião do exercito, e esse senhor nem me-accusou o recebimento do officio.

Si alguma cousa em qualquer tempo pedi a troco de gratificações pecuniarias ou de vantagens honorificas, si as reclamei ou sollicitei, desafio a que appareça o homem de bem que o-prove e demonstre.

E' repto de honra que atiro.

Por outro lado sou medico *gratuito* de mais de vinte e cinco associações particulares, humanitarias e beneficentes.

Não sou portanto um explorador; não sou um ambicioso; não tenho explosões de despeito !

Depois da eleição do dr. Duque Estrada Teixeira, que triumphou em situação politica adversa, e por quem fui até servir de mesario, na 4ª secção da Gloria, nunca mais exerci o direito de voto, chegando a rasgar meu diploma, quando, na subseqüente eleição, um dos jornaes, por engano, dava um falso boletim da eleição de Hanrique de Carvalho !

Eu não contribui, pois, com meu voto para a manutenção d'aquelle estado de cousas, que me-indignava.

A laceração de meu diploma deu-se em presença do tenente-coronel Andrade Pinto e do capitão Meirelles.

Hoje, como hontem, nada peço, nada tenho a pedir para mim, nada posso nem devo acceitar.

Sou pobre, sim ; mas tiro de meu trabalho clinico quanto chegue para a farta manutenção de minha numerosa familia, em quantia que nenhum emprego público me póde dar ; e diz-me a consciencia não assistir-me o direito de sacrificar os meus para encher sómente minha vaidade.

Portanto nenhum cálculo, nenhum pensamento occulto me impelle.

Digo a verdade por amor da verdade ; sirvo á Republica por amor da Republica ; mas tudo faço e farei perdido na anonymia, sem querer nem dever d'ella resair.

Eis por que falo ; eis o que sou !



Algumas premissas

Emquanto no immenso coração do povo de mais em mais recrescia o sentimento da indignação, nos paços do imperador mais se accentuava por elle o desdem.

A propria moralidade da côrte estava perdida!

Aqui é mister voltar um pouco ao passado, em busca de uma premissa.

Quando tractou-se do casamento do imperador, o barão de Cayrú, o filho d'aquelle grande Cayrú, que aconselhou a D. João VI declarar abertos os portos do Brazil ás nações amigas (primeiro passo para a nossa independencia), foi encarregado da alta missão de pedir uma princeza catholica a qualquer das côrtes de Hespanha, de França ou de Austria.

Batendo ás portas da primeira, teve o nosso diplomata em resposta o — *no hay*. Em França disseram-lhe que da unica princeza, então solteira e apta a casar, já se curava do casamento, que politicamente era julgado preferivel a esse, que lhe-propunha o diplomata brasileiro, embora tractando-se do soberano de um Estado novo, immenso e certamente de futuro. Por fim encaminhou-se para a Austria o inditoso nosso enviado barão de Cayrú.

Ahi teve elle de dirigir-se ao grande principe de Metternich, o qual, depois de o-receber em audiencia e saber qual o importante objecto de sua missão, disse em troco « que nem se-atrevia a levar essa pretensão ao conhecimento de seu augusto amo, porque a côrte de Austria tinha motivos para amargamente arrepende-se de já haver cedido em casamento uma de suas princezas ao primeiro imperador do Brazil. »

O grande Metternich, o maior politico de seu tempo, conhecia bem a fundo e por miudo todos aquelles motivos, que elle corajosamente poz patentes á face do nosso enviado, concluindo por allegar, como última razão da recusa, a circumstancia de achar-se então o Brazil a braços com a guerra civil quasi de norte a sul; e, na possivel eventualidade de triumphar

ésta, dado que fosse o casamento, a Austria considerar-se-ia ferida em seus brios politicos, tendo de vêr uma de suas princezas arrastada pela estrada do exilio, depois de haver subido como soberana os degraus de um throno.

Em cruel piedade o príncipe de Metternich fechou a audiencia, lembrando ao diplomata brasileiro a possibilidade de fazer qualquer negocio com a Italia, no sentido de sua missão.

O desengano formal e tão severamente justificado do chanceller austriaco, quanto elle tinha de indecoroso e humilhante para nós, e influencias de outra natureza, deram em resultado passar o diplomata brasileiro verdadeira vida de cão em Vienna: ser convidado a retirar-se do hotel nobre em que se achava hospedado, não achar quem lhe satisfizesse as cartas de ordens que levára, luctar mesmo com difficuldades para manter-se decentemente.

Transportando-se alfim para a Italia, informou summariamente, e com a melhor conveniencia, ao governo brasileiro da impossibilidade encontrada em satisfazer ao objecto de sua missão nas tres côrtes, para que fôra especialmente enviado, e consultou e pediu ordens a respeito da côrte italiana, juncto á qual elle via probabilidade de bom exito.

N'esse sentido foram-lhe expeditas as credenciaes, e o infeliz Cayrú deu começo de execução á última parte de sua improba tarefa, fonte perenne de desgostos, de humilhações, de imperdoavel rancor.

N'aquelle empenho, remetteu elle ao governo brasileiro os retratos das poucas princezas italianas com qualquer das quaes poder-se-ia effectuar o consorcio do imperador, exquecendo-se comtudo de dizer nas informações, que os-deviam acompanhar, quaes os defeitos physicos de cada uma, não expressos n'aquelles retratos e impossiveis de por elles conhecerem-se. Não disse positivamente que D. Thereza Maria Christina, uma das retratadas, era coixa!...

Ignorada essa circumstancia, talvez mesmo favorecido um pouco o retrato d'essa princeza, quiz a sorte fosse ella a escolhida.

As negociações seguiram sua marcha; fez-se o casamento por procuração; partiu a fragata brasileira — *Constituição* — a buscar a imperatriz; começaram aqui os preparativos para

as festas de recepção ; por fim chegou a consorte do Sr. D. Pedro II, a filha de Francisco I, rei das duas Sicilias, a neta do famigerado rei *bomba*, o *Nero Napolitano* !...

Ah ! infeliz barão de Cayrú !!!...

Nunca o imperador perdoou-lhe esse desastre ; chegando (dizem) ao ponto de recusar-se até a pagar a importancia das joias compradas para brinde de esponsaes !!!...

Assim o diplomata, que teve a altissima incumbencia de tractar o casamento dos soberanos do Brazil, morreu pobre, esquecido, humilhado, e coberto de desgostos, em a casa da rua do Riachuelo, que depois mais célebre ficou por n'ella tambem haver expirado o legendario marquez do Herval — o general Ozório !!!...

O imperador, moço e filho de um principe de temperamento, paixões e appetites ardentes, desagradou-se portanto de seu casamento.

E' porém, de tributo da mais soberana justiça e do mais grato reconhecimento, forçoso dizer, lembrar sempre e jámais esquecer que essa princeza, não bella é certo e defeituosa de uma perna infelizmente, soube comtudo realizar o typo mais perfeito da esposa de um soberano constitucional : foi esposa exemplar ; foi mãe modelo. Ao redor de seu nome em tempo algum se-levantou o mais leve queixume ; sua influencia juncto á pessoa do imperador só foi exercida para actos de charidade e obras de clemencia, pouco peso tendo como empenho politico ; e, por tudo isso, por sua affabilidade, por sua delicada simplicidade, por sua extrema cortezia, chegon a merecer ser appellidada — *a mãe dos brazileiros* !...

Está achada a premissa, que fomos buscar no começo do presente capitulo.

A ésta se ligarão outras para a consequencia.

O imperador teve sempre *uns amigos, uns particulares*, cuja *especial incumbencia*, a principio só conhecida da pequena criadagem do paço e de alguns curiosos, para logo tornou-se notoria, chegando (dizem) ao conhecimento da imperatriz que, como era natural, não poudo dissimular seu desgosto, elevado ao ponto da formal resolução de não mais atravessar certa rua e certo portão de sua quinta.

Um d'esses felizes *particulares* recebeu uma casa adrede edificada, por compta e ordem do imperador, e terras de presente dentro da quinta imperial de S. Christovam.

Essa casa ficou celebrisada pelo memoravel roubo das joias da corôa, que não teve processo para não magoar-se o imperador ! ! ! ! !.....

As romanescas aventuras do sr. D. Pedro II, não tanto desbragadas como as de seu finado pae, que arrojou-se a enxertar em nossa legislação o decreto anti-constitucional de 24 de Maio de 1826, pelo qual ahi declarou—*haver Elle reconhecido uma filha* (duplamente adulterina) a qual dera o nome de *Isabel Maria de Alcantara Brasileira*, e á qual nomeava duqueza de *Goyaz com tractamento de Alteza* (decreto referendado por Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo);— essas romanescas aventuras, digo eu, tiveram comtudo tal desenvoltura, que a imprensa entendeu de seu direito celebral-as em todos os tons.

A tomada de comptas neste poncto acredito ter chegado a injustiças para com terceiros.

Não posso, não devo e não quero ser mais explicito.

O imperador cahiu no dominio da caricatura, da baixa comedia e das idéas carnavalescas ! ! Estava notabilisado pelo ridiculo !

Por outro lado davam pasto aos mais acerados motejos seus investidas pelas seáras das musas.

Os imperiaes sonetos foram themas fecundos ás pilherias; todos elles foram parodiados no estylo dos que o leitor vae seguidamente vêr :

1.º Soneto do imperador a bordo do *Gironde*, em 2 de Julho de 1887.

Cumpri o meu dever, si, mais não fiz
E' que a molestia m'impedi a acção ;
Da patria e da familia é o coração,
E por seu bem eu tudo sempre quiz.

Este adeus tão saudoso, que lhes-diz
Quem os-ama, só tem consolação
Na idéa de voltar, qual d'antes, são,
Para entre elles viver sempre feliz.

E, apezar de soffrer longas demoras,
Vendo os progressos dos que mais viveram,
Darei aos brazileiros meus emboras ;

Pois seus antigos dotes não perderam,
Revelando-os melhor todas as horas,
No que a muitos outros excederam.

Paródia ao soneto supra :

Não *cumpriste o dever*, como tu dizes,
nem a *molestia t'impedi*u a acção ;
tiveste vida, tempo e occasião :
bem podias fazer-nos mui felizes.

Tu *voltarás são*, como predizes,
mas em proveito teu, da patria não,
que a politica vil da corrupção
em nós fundo cavou negras raizes !

Esses *antigos dotes*, que tivemos,
Essas *frontes de herões*, *frontes alpinas*,
tudo ao lento veneno nós perdemos ;

e agora, que de amor p'ra nós t'inclinas,
só respondem-te esses, que ali vemos,
da vil adulação pelas sentinas.

2.º Soneto do imperador, a bordo do *Gironde*, em 4 de
Julho de 1887.

Vendo as ondas correr p'r'o occidente,
Corre mais do que ellas a saudade :
Mas espero que a minha enfermidade
O mesmo a mim consinta brevemente.

Com saudade mais lustre dar á mente
E' cousa que ennobrece a humanidade ;
Comtudo agora o-paga a amizade
Da patria e da familia, cruelmente.

Mas consola-me a idéa que mais forte
Lhes voltarei para melhor amal-os,
Pois mais annos assim até a morte

Eu mostrarei que sempre quiz ligal-os
Na feliz e tambem na infeliz sorte
— Para amando-os ainda consolal-os.

Paródia ao soneto supra :

Mais que *as ondas correndo p'r'o occidente,*
e veloz, *inda mais do que a saudade,*
se-nos-revela agora *a enfermidade,*
que ha muito em ti germina lentamente.

No empenho de *mais lustre dar á mente,*
tu as musas flagellas sem piedade ;
e pensas *nobreceer a humanidade*
com versos torturando-a *cruelmente.*

Tens dos sonetos a feroz mania ;
e, com futeis rimar caraminholas,
lauréis cuidas colher da poesia.

Inda bem que de longe nos-amolas ;
e, assim, rabiscando noite e dia,
de nós, da patria ausente te consolas !

3.º Soneto do imperador a bordo do *Gironde*, em 12 de
Julho de 1887.

Andar e mais andar é a vida a bordo ;
Mal estudo, apenas eu vou lendo,
E á noite, com a musica entretendo,
Deito-me cedo e mais cedo acordo.

Saudosissimo a patria me-recordo
E, para consolo, versos lhe-fazendo,
Descubro terras, só aquella vendo,
E para não chorar os labios mordo.

O dia ha de voltar, eu bem o-sei,
Que o meu Brazil reveja jubiloso ;
E si outr'ora em servil-o só pensei,

Muito mais forte e muito mais zeloso
P'ra mais servil-o, ainda voltarei,
E vêl-o como sempre, generoso.

Paródia ao soneto supra :

Andar, andar, qual um judeu errante,
foi sempre veso teu ou teu destino,
a essa função de eterno peregrino
junctando a de *ledor*, futil pedante.

Da *musica* arvorado em *dilettante*,
dormes a ouvil-a, imperial suino !
E agora, em teu lyrismo feminino,
és de sonetos triste fabricante !

Mordes os labios para não chorar,
e, alheias terras vendo ou descobrindo,
para o Brazil só pensas em voltar.

Vê si consegues, á Beocia indo,
como poeta ou rei por lá ficar,
que nós aqui de ti ficamos rindo !

Estes desapiedados sonetos são de Democrito Petrophobo de Alcantara, que deu-se a dura tarefa de acompanhar pelos jornaes a viagem toda do imperador, cortando das gazetilhas as respectivas noticias, para collal-as em um quaderno, deixando a pagina in frente para os commentarios, que a leitura lhe suggeria.

D'esse quaderno, que tem feito as delicias de muita gente, vou ainda reproduzir dous sonetos, pelos quaes Democrito Petrophobo fez a critica do procedimento do imperador em Baden-Baden, ensaiando e cantando o hymno, que então revelou não saber.

Em Baden-Baden nosso imperador,
p'ra o Septe de Setembro festejar,
por banda desejou ouvir tocar
o hymno de que foi seu pae auctor. (?)

P'ra melhor conseguil-o, ensaiador
d'essa peça, que farto de aturar
o velho soberano deve estar,
quiz elle proprio ser ; porém, horror ! . . .

Si resurgisse alli Pedro primeiro,
ouvindo a sua obra estropiada
aos tra la lá, tra la lá de seu herdeiro,

Carapebús, Baligand d'encambulhada
co'o *maestro*, as chulipas no trazeiro,
teriam *diferença desmanchada*.

A justiça commum em toda eschola
castiga, inda que seja tolerante,
si mui velha lição o estudante
não mostra ter entrado na cachola.

Estupidez tamanha desconsola,
quando se ouve, em assobio bem vibrante,
a musica, que ouviu um só instante
entoar pela rua o mariola.

Pois, sendo dos melhores entendidos
em tudo, de um talento peregrino,
e de dotes bem raro conhecidos,

e apezar de o-ouvir desde menino
a martellar-lhe sempre nos ouvidos,
o nosso imperador não sabe o hymno !!! . . .

O ridiculo baixo, que o-feria, e o desprestigio do imperador
atingiram grau tal que, pela *Gazeta da Tarde*, então, sob a
redacção do Sr. José do Patrocínio, publicou-se e a garotagem
em redobrados berros apregoou pelas ruas por longo es paço de
dias—*não pertencer o throno ao Sr. D. Pedro II!!! . . .*

Os netos do imperador, parece, iam-lhe nas aguas, segundo
o popular prologuio. Assim ninguem estará deslembra.do de um
celebre escandalo (entre muitos outros) *de um defloramento*,
que a imprensa denunciou, para logo fazer-se o mais absoluto
silencio sobre factos de tamanha gravidade !!

Por último, posto que o tempo e o espaço urgem-me, o imperador foi declarado achar-se em desequilíbrio das faculdades mentaes : e no proprio parlamento o Sr. Ferreira Vianna pediu uma commissão nomeada pela Camara para verificá-lo (mais ou menos *sic*).

De taes premissas que conclusão esperar ? . . .



As vespervas

O concerto de todos os factos anteriores prenunciava acontecimento de ordem transcendente, em tempo mais ou menos proximo.

O povo é semelhante áquelle corsel de que falla a Escrip-tura, que de longe sentia o cheiro da guerra—*procul odoratur-bellum*.

Entretanto o imperador tinha ou simulava muita segurança de si: não ouvia os clamores, não curava de attender ás queixas e de alliviar as magoas dos fundados descontentamentos, porque os que o-cercavam estavam satisfeitos, porque a condescendente bonhomia da nação ainda lhe-guardava deferencias, porque fiava da larga e perdurada tolerancia de meio seculo, porque uns audaciosos lhe-falavam do vigor compressivo, e já compro-vado algumas vezes, das patas dos cavallos da policia, do fio das navalhas e da dureza dos cacetes da gentalha da secreta.

E a piedade catholica da princeza havia aprendido na lição dos Apostolos as duas maximas seguintes :

« *Quem resiste, resiste a Deus* » (S. Paulo).

« *Obedece mesmo aos maus principes* » (S. Pedro).

Sessenta fortes guardavam o leito de Salomão !

Demais :

Torres Homem havia escripto o *Libello do Povo* para depois pedir perdão, ser senador do imperio e visconde de Inhomermim; Salvador de Mendonça, que batalhára ao lado de Quintino, estava consul e compadre do imperador; Lafayette, que assignára o manifesto republicano, estava tambem senador e conselheiro de Estado! Silveira Martins, que o-aturdira por mil modos, estava senador, fôra ministro e muito lisongeiava-se por tel-o o imperador chamado—*um homem de character*; Ferreira Vianna, que escrevêra a *Conferencia dos Divinos*, e que em pleno parlamento qualificára o imperador de *Cesar caricato*, estava conselheiro, grã-cruz, e muito satisfeito por ter sido ministro de duas pastas em um só ministerio, e já ia descoberto esperar a

visita do imperador no vestibulo das casas pias ; Affonso Celso Junior, que em face do ministerio de 20 de Janeiro de 1882, e em solemne profissão de fé no parlamento, dissera—*ter sido, ser e prezar-se de ser republicano*—estava palaciano e já enfeitava-se para ministro ; muitos outros (e extensa fôra a lista a ser completa) sabiam bem quaes as devezas por que se sobe descendo. Portanto, em sua qualidade de magico-mór d'essas scenas de funambulismo, o imperador tinha *bons fundamentos* para julgar-se forte, seguro e garantido !!

Outros, porém, tinham mais dura a espinha dorsal; e assim citavam-se :

Lopes Trovão, character intransigente, temperamento indomavel, tribuno impetuoso, já nos annos escolares armára tenda de guerra com o *Radical Acadêmico*, supportára duros revezes luctando sempre ; em o 1º de Janeiro de 1880, no *movimento do vintem*, tomára a parte mais activa n'essa primeira manifestação armada, e por esse tempo redigia o *Combate*; em 31 de Outubro de 1881 fez, commissionedo, o solemne protesto do largo do Rocio, affrontando audaz tentativa contra sua existencia ; creou as conferencias republicanas ; expatriou-se ; e de volta á patria, por conveniencia do partido republicano, tão temido foi que o governo entendeu dever tomar a seu respeito medidas de prevenção, chegando a impedir a Eschola Militar, e não consentindo depois em conferencias suas, como succedeu a respeito do *meeting* das aguas.

Magalhães Castro, creança notavel pelo talento, pela erudição e pela eloquencia, preferiu romper com sua illustre familia a acceitar uma carta de fidalgo; e no ataque á *Republica* em 1873 recebeu um ferimento na cabeça, n'essa cabeça alpina, que Octaviano Hudson cantou em versos da mais alevantada inspiração.

Quintino Bocayuva, o homem de aço, o jornalista de maior nomeada, character de excepcional rigeza, talento da mais pura agua, inaccessible á macula dos conchavos, impenetravel ás seduções dos conluios, víctima tambem do ataque de 73.

Silva Jardim, o propagandista ousado e intemerato, a coragem civica levada aos extremos da loucura patriotica, o mais activo missionario da republica, fôra apedrejado em 30 de Dezembro de 88, ameaçado de morte e n'esse intuito procurado e

perseguido a 14 de Julho de 89, de novo perseguido e apedregado na Bahia, trahido em Pernambuco, sempre temido e ameaçado.

Ennes de Souza, talento corpulentado por solida e variada instrucção e pela lição prática de paizes, que percorreu e estudou, palavra sempre prompta e energica, caracter inquebrantavel, penna affeita a traçar circulos de ferro á argumentação.

Sylvio Romero, talento operosissimo, escriptor de rarissima fecundidade com tanta solidez, e da maior logica e coherencia, espirito positivo e aprimorado das melhores lições, nome que vale um seculo litterario !!!...

Silveira Lobo, herdeiro do nome de um martyr da *clemencia imperial* (!!!...), espirito e caracter de alta integração politica, individualidade vultuosa pela hombridade !..

Saldanha Marinho, phenix admiravel renascida em todas as edades, cerebro augusto, batalhador indefesso ! !....

Ubaldino do Amaral, espirito dirigente, orador persuasivo, palavra robusta e doctrinaria, coração desanuviado, luctador esperto e corajoso.

Vicente de Souza, orador fluente e copioso ; Campos da Paz, Pernambuco, Sampaio Ferraz, Pardal Mallet, Campos Salles, Prudente de Moraes, Stockler, Alvaro de Oliveira, Barata Ribeiro, Esteves, Clapp, Rodolpho Abreu, Pereira Leitão, Ferro Cardoso, Patrocinio e centenas de outros, que aqui na capital e nas provincias feriam luctas quotidianas com sublime desamor de tudo pelo sancto amor da patria.

E' bem escabroso, eu sei, o terreno das individuações ; infelizes e ingratos são os argumentos nominaes, desde que não é possivel dizer todos sem algum esquecer, desde que é mister approximar quem nem sempre quer confundir-se, e portanto na contingencia prévia de desagradar a muitos.

Seja-me, porém, isso relevado pela intenção com que o-faço, pela natureza especial do momento, pelos limites em que me colloquei.

No fundo de minh'alma, desambicioso como sou, e nada querendo para mim, nutro por todos o sentimento da mais inteira e elevada justiça ; admiro-os e venero-os.

Nascem pois de minha intelligencia, por si e pelo modo de vêr, os erros em que posso aqui incorrer; nunca de meu coração.

Nomes ha, porém, que seria imperdoavel, impossivel, ingrato e até criminoso calar. Elles symbolisam a cabeça, o braço e o coração, o sentimento e o movimento; elles por si sós valem a Republica dos Estados Unidos do Brazil!...

Esses nomes já pertencem ao dominio da legenda; e a mão do homem é impotente para poder iámais apagal-os da história.

Não os direi eu só, que fóra amesquinhal-os; diga-os commigo o leitor, repita-os neste momento o Brasil inteiro agradecido! Esses nomes são os seguintes: Marechal MANOEL DEODORO DA FONSECA, tenente-coronel dr. BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES, capitão ANTONIO A. DA FONTOURA MENNA BARRETO.

.....

Esse pugillo de homens era como os trinta de Gedeão, que bebiam agua na fonte sem dobrar o joelho!

.....

A agitação republicana não devia pois ser tida em menoscabo; não merecia indiferença e desdem; não era uma partida de creanças.

Ella tinha o valimento e a importancia de um partido numeroso, forte e respeitavel; ella era animada e movimentada por uma idéa fecunda e grandiosa; ella punha em jogo os mais vehementes sentimentos do coração humano; ella clamava pelos mais sagrados direitos da humanidade.

Scentelha brilhante, ella ameaçava o incendio, que conflagraria a extensão das massas.

O momento era tudo; e comprimil-a era arriscada e imprudente temeridade!!

Outr'ora dizia o Sr. Sayão Lobato: *é preciso esmagar a hydra da demagogia.*

Depois disse o Sr. Silveira Martins: *o poder é o poder.*

Ainda depois atirou o Sr. João Alfredo o solemne repto: *crezca e appareça.*

Por fim o Sr. Affonso Celso, o mais ousado de todos, bradou: *é força esmagal-os.*

O fogo de 73, o morticinio de 80, o ataque de 81, o apedre-

jamento de 88, o assalto e o tiroteio de 89, conflagravam os animos de parte a parte, e de mais em mais os-irreconciliavam.

O ministerio do Sr. Ouro Preto, armado com dous generaes, enxertado com um valido do paço, e reforçado na antipathia pela figura do seu ministro da justiça, organisou-se com má catadura, e nasceu logo no seio da execração. Seus intentos reaccionarios, seus planos de compressão e violencia, accordaram maior indignação nas consciencias. A resistencia começou tambem seu trabalho.

A lucta era inevitavel, e devia ferir-se breve.

Ella começou logo pelo tumulto levantado na sessão parlamentar de 11 de Junho, em que esse ministerio foi apresentar-se às Camaras. Essa sessão foi da mais solemne magestade. Nella, entre outros de dubio pronunciamento, Cesario Alvim (por Minas) e o padre João Manoel (pelo Rio Grande do Norte), o primeiro franca e sobranceiramente declarou-se republicano, e o segundo concluiu seu impetuoso discurso bradando no recinto parlamentar:— *Abaixo a monarchia! Viva a República!*

O bispo do Pará, que de uma tribuna presenciou aquella scena de desusada magnitude, disse ao retirar-se: «acabo de assistir a uma sessão da Convenção».

O Sr. Ouro Preto, julgando-se com poder immenso e invencivel, tudo desafiava; e com esse seu proceder mais expunha e compromettia a corôa.

A 15 de Julho o imperador foi alvo de duplo desacato: pelo grito sedicioso lançado em sua presença no theatro, e pelo detonar de um tiro sobre seu carro na Praça da Constituição.

O Sr. Ouro Preto achou ensejo para novas medidas de compressão, prohibindo absolutamente ainda os pequeninos grupos, e ameaçando quem mais gritasse — viva a republica!

A despeito d'isso, pela imprensa discutia-se a innocencia de Adriano do Valle, o atirador; discutia-se francamente e com ardor, e preparava-se a defesa, que veio effectivamente ser completada pela absolvição do jury de 23 de Novembro!...

Por outro lado o Sr. Ouro Preto, achando em Londres um saldo a nosso favor de 40 mil comptos, e no Thesouro Nacional 4 mil comptos em ouro, affrontosamente metteu mãos nesse di-

nheiro para pleitear eleições, que deram em resultado uma câmara quasi unanime, seus collaboradores da *Tribuna Liberal* todos eleitos e até em duplicata, e pela primeira vez (salvo a excepção) uma deputação pela Côrte altamente deprimente dos creditos do eleitorado fluminense!..

Muitos e muitos factos authenticos poderia eu aqui citar para conhecimento dos inscientes, convicção dos incredulos, e desmentido dos que o contrario asseveram, na mais clara evidencição de que o Sr. Ouro Preto gastou do Thesouro Nacional rios de dinheiro, para chegar ao triste resultado d'aquella Camara, que felizmente desmanchou-se, em vez de dissolver-se.

Fal-o-hia si m'o-contestasse alguam. Para não deixar entretanto a menor duvida sobre o asserto, direi já aqui ao leitor que o Capitão Carlos Olympio Ferraz recebeu uma carta de prego, na qual se-lhe-ordenava « empregar todos os meios, custasse o que custasse, para o vencimento da candidatura do Sr. C. de Laet por Matto Grosso »; e, como esse brioso official entendesse que seus galões não podiam ser sevanlijados na ridicula incumbencia de capanga eleitoral, e, pretextando doença, sem um passo dar naquelle sentido voltasse á Côrte, chamado á presença do Sr. Ouro Preto, interpellou-o este por que não dera cumprimento á commissão, e para logo o Capitão Ferraz começou a provar o fructo de sua desobediencia!..

Os factos que sei, e os documentos que possuo de transacções em tão immoral sentido avultam em numero, e serão dados a publico conhecimento quando, & breve será, eu publicar a minha *historia das organisações de algumas Camaras no Brasil*.

Tamanha era a influencia d'essa gente toda, seu prestigio era tal, que essa camara quasi unanime foi tambem quasi toda eleita em primeiro escrutinio, embora trazendo nomes que o paiz ouvia pela primeira vez pronuciaram-se no scenario politico!..

Esbanjados os 41 mil comptos, que tinhamos de saldo, o Sr. Ouro Preto levantou outro emprestimo de cem mil libras, elevando d'est'arte a nossa divida externa a cento e oitenta milhões de libras, isto é, a um milhão, quinhentos e noventa mil comptos de réis de nossa moeda, dinheiro que não ha no Brasil todo, litteral e absolutamente falando, e crescente ainda pelos juros!.. 18

Isso ainda era pouco; não lhe-chegava esse *immense poder parlamentar*, essa compacta maioria de *notáveis!*...

Outra hydra havia a esmagar; era o exercito *indisciplinado e altivo*.

Unido, elle era forte e ineluctavel; cumpria pois separal-o, dividil-o e subdividil-o, abatel-o, humilhal-o!... Plano e obra.

Entrando na Secretaria da Marinha (elle ministro da fazenda e paysano), discute com dous officiaes da armada, por não se haverem erguido e descoberto á sua passagem, e fez tomar contra elles medidas de descabida energia. Entrando d'ahi a dias no Thesouro Nacional, discute com o official commandante da guarda, o tenente Pedro Carolino, por não ter vindo formar com a guarda para lhe-fazer continencia, exauctora-o na presença de seus comandados, e acaba igualmente, mas d'esta vez com maior escandalo, por mandar recolhel-o preso incontinenti, depois transferil-o arbitrariamente para o 22, por fim atiral-o *accintosamente* para longe.

Ainda na última festa da Cruz dos Militares, a festa da Piedade, a guarda de honra do 10.º, não tendo visto o sr. Ouro-Preto passar, a pé e entre a multidão, deixou de fazer-lhe continencia; pois foi isso bastante para que o commandante do 10.º houvesse de responder officialmente sobre essa *grave falta*, tendo o coronel Ourique Jacques de desculpar-se por não ter visto a *grandiosa immensidade do personagem das continencias!*.....

Por outro lado o sr. Ladario, ministro da marinha do sr. Ouro Preto, estreou sua administração por um acto de rara grosseria com o sr. vice-almirante barão de Ivinheima (seu superior hierarchico), não tardando logo em vingar-se pela desfeita e perseguição exercidas contra o commandante Custodio José de Mello (do *Almirante Barroso*), tomando por objecto um procedimento d'este, que antes fóra para louvar, e não consentindo depois que a população fluminense, por subscrição agenciada, pagasse os 4 comptos, que elle mandou descomptar nos vencimentos d'aquelle digno official.

Unde bella et lites?...

Os espiritos de madura reflexão, ante tal sequella de violen-

cias, haviam já lançado seu vaticínio: o sr. Ouro Preto estava accelerando o advento da Republica!...

Só elle zombava entretanto, além de tudo porque suas operações financeiras haviam-lhe produzido fortuna immensa, tendo elle já passado para Londres dous mil comptos, e reservando mais tres mil e quinhentos, que mandou passar tambem nos dias de sua detenção. Seu filho, deputado, era já senhor de fortuna superior a quatrocentos comptos.

Estes algarismos, que me-são fornecidos por informação de pessoa de conceito, obtidos em rapida somma, significam por certo a mais rara felicidade no jogo da praça, o mais excepcional favor de poderosos amigos. E' tudo quanto sei, e quanto posso conjecturar e dizer!...

Rico portanto, armado de um poder immenso, á frente da mais compacta maioria parlamentar, tendo dous generaes ao lado e um valido do paço, dispondo da imprensa sua e podendo as alariar thuriferarios, comptando com a palavra de *prestigiosos e variados oradores* de todas as escholas, vendo organizar-se a guarda nacional sua e do sr. Candido de Oliveira, tendo reforçado a policia, tendo creado a guarda civica, tendo perto a provincia do Rio de Janeiro senhoreada por seu irmão, fiando ainda da capoeirada da secreta, o que mais lhe-faltava para o exito da partida? !...

Coragem... elle tinha de sobra.

Era pois chegado o momento!

Mas eu dizia sempre a quem me-ouvia: a Camara organizada pelo Cotegipe para abafar o abolicionismo, foi a que decretou a abolição; a arranjada pelo Ouro Preto para matar o republicanismo ha de assistir á proclamação da Republica.

E assim foi.

O momento solemne.

No predito intuito de enfraquecer o exercito, tornando-o impotente para reagir, quiçá mesmo no de mais tarde provocalo a um acto solemne de desobediencia e indisciplina que, determinando o *casus belli*, fosse justificativo da realisação da última parte do plano de exterminio, o sr. Ouro Preto, a 10 de Novembro, fez precipitadamente embarcar para o Amazonas o 22º batalhão de infantaria, para o qual havia sido transferido o tenente Pedro Carelino.

Por mais de uma pessoa, ignoro com que fundamento, ouvi dizer que as frequentes doenças do sr. Maracajú, ministro da guerra do gabinete Ouro Preto (7 de Junho de 80), eram apenas *opportunitas*, por não querer ou temer esse general tomar parte saliente nas medidas vexatorias de perseguição contra o exercito.

Consigno apenas o que foi-me dicto, e por mim acceto em fé e sob reserva. Os factos, porém, não o-justificam.

Na politica compressora do Sr. Ouro Preto as providencias iam succedendo-se com accelerada e accintosa rapidez.

O deliberado proposito, a má vontade do ministro trahiam-se, si não propositamente ostentavam-se, em todos os seus actos ao exercito referentes.

Aos incidentes com os officiaes de marinha e com o commandante da guarda do Thesouro, ao embarque do 22 de infantaria, veiu junctar-se o despropositado incidente Mallet.

Entretanto a manifesta sem razão do gabinete Ouro Preto fica patentissima pelos documentos infra publicados pel' *O Paiz*:

« Ao cidadão ministro da guerra dirigiu o ajudante-general o seguinte officio, dando compta do resultado do conselho de investigação, a que o arbitrio do governo transactou submetteu o tenente-coronel Mallet:

« Repartição do ajudante-general, 20 de Novembro de 1889—
N. 8711.

« Ao cidadão ministro da guerra.— Apresento-vos o incluso processo do conselho de investigação, a que por ordem do ministerio ora no vosso cargo, expressa em portaria de 29 de Outubro findo, foi submittido o cidadão tenente-coronel João Nepomuceno de Medeiros Mallet, por ter dirigido, como commandante da escola militar do Ceará, no então ministro da guerra, o telegramma por cópia annexo ao respectivo processo.

« Em seu parecer, o conselho considera não haver fundamento para responsabilidade ao mesmo official, a cujo character faz justiça, não suppondo-o capaz de um acto proposital de indisciplina ou de desrespeito a seus superiores.

« Conformando-me com o parecer do conselho, cumpre-me additar que, como em seu interrogatorio reclama o indiciado em prol da sua dignidade pessoal e da classe a que pertence, não havendo nos regulamentos militares disposição alguma, que auctorisasse a inflicção a officiaes militares de punição tão infamante, seja cancelado o decreto, que impoz tal pena, salvo melhor juizo do illustrado ministro.

« Saude e fraternidade — *Floriano Peivoto*, marechal de campo. »

« Completando a noticia, que hontem demos, do resultado do conselho de investigação, a que foi submittido o brioso tenente-Coronel Mallet, publicamos em seguida a integra do telegramma dirigido por aquelle official ao ex-ministro da guerra, e que motivou a demissão e o processo que o público conhece.

« Eis o telegramma:

« 17 de Outubro de 1889 — Ao ministro da guerra:

« Peço V. Ex. reconsidere nomeação tenente Barbosa para instructor de 1.^a classe, visto ser mais moderno que instructores 2.^a classe.

« Está no dominio público que V. Ex. recusou nomear este official para servir nesta escola, quando por mim proposto, por ser arregimentado, e agora o-fez por pedido particular.

« Desprestigiado assim por V. Ex., não posso mais exercer o melindroso encargo de commandante, pelo que peço demissão:

e, para não perder a força moral, que em minha longa vida militar tenho sempre sabido manter, V. Ex. me-permittirá passar commando, antes que chegue portaria nomeando tenente Barbosa—*Mallet*, tenente-coronel commandante.»

.....
No governo levantara-se ultimamente ostensiva má vontade e positivo intento de vexação contra o exercito, accusado por elle de indisciplinado, de sedicioso.

Já no ministerio Cotegipe, em principio de 86, o ministro da guerra Alfredo Chaves, por questão entre o deputado Simplicio Rezende (do Piahy) e o tenente-coronel Madureira e o coronel Cunha Mattos, havia mandado lançar notas contra esses dous dignos officiaes (o primeiro hoje morto) por, dizia elle, terem faltado com o respeito devido a um seu superior hierarchico (?...), isto é, a um deputado.

Esse procedimento do ministro deu logar á renhida primeira questão militar, em que envolveram-se os Marechaes Deodoro e Visconde de Pelotas, e que solveu-se pela intervenção do senado, pelo trancamento das notas e pela retirada do ministro, que queria manter seu acto a todo transe.

Entre parentheses: o sr. Alfredo Chaves, retirando-se, não manifestou a energia, que quizera manter no ministerio; sujeitou-se, *arrolhou-se*, entrando em seductora accommodação para alcançar uma cadeira no senado, no que foi logrado pelo sr. Pereira da Silva, que, aqui deixando correr a eleição *da chapa*, foi perante o imperador, na Europa, valer-se da sólida influencia da Sra. de Barral.

A classe militar estava forte e unida; podia, si quizesse, fazer a dictadura militar. Ella, porém, não cogitava d'isso.

Pouco depois, ainda no gabinete Cotegipe, deu-se o brutal espancamento do infeliz Capitão-tenente Leite Lobo pelo alferes Baptista, do corpo militar de Policia, na estação do 1.º districto do Sacramento. O Club Naval levantou a questão de classe, o Club Militar adheriu, e o principe D. Augusto, que se-achava no Club Naval, vendo que as cousas tomavam character sério e grave, julgou de prudencia correr juncto á sua tia, a princeza então regente,

a dar-lhe parte do occorrido, do estado da questão, e expôr-lhe o que sabia sobre suas graves consequencias.

Então a princeza regente julgou opportuno procurar o geito de solver a contestação, promovendo a demissão do ministerio, o que deu-se a 5 de Março.

Sem governo esteve o paiz até 10 de Março; e que melhor occasião, si a classe militar intentasse a dictadura?...

Ella, porém, não cogitava d'isso.

No ministerio João Alfredo deu-se a questão do 17 de infantaria (em S. Paulo), commandado pelo Major Honorato Candido Ferreira Caldas com o chefe de policia Cardoso de Mello. A questão não tomou maior vulto pela prudencia do finado Ajudante General o barão de Alagóas, que conseguiu a demissão d'aquelle chefe de policia *por conveniencia do serviço publico*, redacção ageitada do sr. Ferreira Vianna.

Tambem pouco depois, ainda nesse ministerio, deu-se a expedição a Matto Grosso, commandada pelo Marechal Deodoro (que se queria a todo transe affastar da Córte), e da qual faziam parte muitos officiaes do 17.

E tanto o Marechal como o exercito subjeitaram-se e partiram, embora sentindo bem aquelle que ia fazer quiçá o sacrificio extremo da vida.

Ainda no acto do embarque, ao despedir-se do ministro da guerra, sr. Thomaz Coelho, a este disse a virtuosa esposa do Marechal :

« Espero sr. conselheiro que não nos-deixe por lá soffrer por muito tempo; attenda á minha cabeça branca.»

A perseguição não podia ser mais manifesta; e, além de perseguido, era o exercito ridicularizado pelos politicaços, sendo de todos conhecido o alcunha bazofio de *Sargentões*, com que o sr. Silveira Martins qualificou os nossos Marechaes, generaes e officiaes superiores.

Sargentões !!

Por fim veiu o sr. Ouro Preto, homem de atrevida coragem, de talento e de planos diabolicos, propondo-se e tomando a si affrontosamente o encargo de, com seu ministerio extra-parlamentar, com seus dous generaes, com a influencia palaciana do *principôte-*

rhetorico, com a *marrecagem* do sr. Candido de Oliveira, e por fim com a unanimidade da sua camara de *finados* (*), tudo subjugar á sua vontade e a seu poder, tudo destruir, inutilisar exercitos e republicos!!...

As medidas já tomadas contra o exercito pelo gabinete Ouro Preto, sabia-se e dizia-se que o 9.º regimento de cavallaria seria transferido para a Praia Vermelha, que o 7.º de infantaria embarcaria para S. Paulo, e o 2.º regimento de artilheria para as fronteiras do Sul.

Contra o 7.º de longe dactavam as rixas e a gana do Sr. Ouro Preto, desde a *questão do vintem* (que deu nome celebre ao Sr. Affonso vintem) em que Frias de Villar não quiz carregar contra o povo; nem depois ainda quiz o 7.º carregar na praça da Assembléa, quando o ministerio Sinimbu sahio debaixo de apupos e vaias da população, chegando (diz-se) o Sr. Affonso Celso (Ouro Preto) a receber palmadas.

O coronel Frias de Villar pagou caro sua falta de dedicação pelo Sr Affonso Celso, sendo perseguido até á... morte!

Os *amores* do Sr. Ouro Preto pelo 7.º ainda ultimamente se descobriram quando, ao regressarem as tropas da expedição a Matto Grosso, ao 1.º de infantaria mandou-se immediatamente dar fardamento e todo o necessario, ao passo que ao 7.º, chegado d'ahi a dias, determinou-se que se-desse — *mas só depois de fornecida a guarda nacional de todo o necessario!*

E, com insistencia, dizia-se nos circulos reputados melhor informados, que aquellas ordens baixariam terminantes e de chofre no dia 15 para immediata execução.

Si, o que é doloroso dizer, no seio das fileiras do exercito alguem havia que, por sentimento que deixarei de qualificar, citadava seus companheiros, dando-se pressa em transmittir ao governo quanto d'elles sabia em confiança ou geitosamente colhia (e só o exercito conhece *esse* ou *esses*, cujos nomes guarda no

(*) Assim alcunhada por haverem principiado suas sessões preparatorias, no dia da commemoração dos finados, 2 de Novembro.

silencio de sua indignação), é certo também que os actos do governo eram cauta e estrategicamente bem explorados, interpretados sob a mais rigorosa critica, e sem perda de tempo levados ao conhecimento dos que mais aptos eram tidos para dirigir qualquer movimento, e cujas resoluções, fossem quaes fossem, seriam lealmente cumpridas.

De parte a parte era febril a actividade; a rapidez vertiginosa dos movimentos perlongava a curta duração dos instantes; era a propria fadiga que alentava as forças; e nem o espirito se-dobrava no languescimento da vigilia, porque a consciencia do dever estimulava o coração!

Ai de quem fraqueasse no ardor!...

Redire sit nefas!, era o grito que a todos electrificava pela certeza absoluta das represalias despiadadas, que cabiriam sobre os vencidos, si a lucta se-ferisse pela espada e pelo canhão, com victória para o governo.

Em poder do tenente-coronel dr. Benjamin Constant, que era o *mot d'ordre* do exercito reactor, estavam documentos da maior solemnidade para a honra e para a fé, firmados pelo proprio punho de briosos officiaes, em que estes se-compromettiam, ainda jogando a vida, a não ceder na resistencia, a não capitular nem pelo imperio de superior força esmagadora, a obedecer-o na direcção impressa ao movimento, mas em que pediam deliberação energica e prompta, acto decisivo, que viesse pôr cobro á agitação dos espiritos, á suprexcitacão das vontades reagentes, á perigosa anormalidade do estado de cousas.

E o exercito, que assim procedia, tinha o direito, tinha o dever de tudo absolutamente confiar á probidade, ao tino, á cabeça e ao coração de Benjamin Constant, certo, convencido e persuadido de que, no caso de mallogro, elle só se-comprometteria; e sua heroica e virtuosissima esposa, e suas charas e dignas filhas, fariam desaparecer nas chammas o menor vestigio de uma denuncia, a última particula de qualquer documento compromettedor de quem quer que fosse.

Em poder do dr. Aristides Lobo também paravam documentos de identica natureza, de alguns dos quaes fôra portador o dr. Lopes Trevão.

Escreve o sr. José do Patrocínio:

« No dia 12 de Novembro, recebi, por intermedio do secretario da *Cidade do Rio*, o meu amigo, Emilio Rónêle, um aviso do sr. dr. Benjamin Constant actual ministro da guerra.

« O immortal brasileiro ordenava que nos-preparassemos, porque a Revolução estava imminente.

« No dia 14 ás tres e meia da tarde, o sr. chefe de esquadra Wandelkok honrou-me, verbalmente, com igual aviso.»

... *Iam proximus ardet Ucalegon!*...

De tudo avisado o ministerio, com uma espionagem extensa e rigorosa, inteirado da resistencia que se-preparava, durante todo dia de 14 acertou providencias, e reuniu-se á noite em conferencia, que durou até á meia noite, na Secretaria do Imperio.

Em hora tão avançada dissolveu-se a conferencia, tomando os srs. Ouro Preto, Candido de Oliveira, Ladario e Maracajú, cada um d'elles, pelo prévio accôrdo feito, a incumbencia de providencias immediatas para o dia-subsequente.

Separaram-se para um movimento de operações convergentes.

O sr. Candido de Oliveira dirigiu-se ao Arsenal; e o sr. Ouro Preto, que fôra á casa, apresentou-se a uma hora da madrugada na Policia, depois de haver recusado o piquete commandado pelo capitão Lyrio, que, de ordem do chefe de policia Basson, fôra guardar a sua pessoa. Ahí, na Policia, o sr. Ouro Preto entendeu-se com o sr. Basson, com o coronel Andrade Pinto, e até com alguns *valentes* subdelegados, que depois de ridiculamente cahirem aos apodos do desprezo *com a vara na mão*, agora, sem respeito á honra e moralidade proprias, querem, apenas vinte dias passados, levantar-se *de pennacho na cabeça!!!*...

O Sr. Candido de Oliveira mandou por carta chamar ou convidar os commandantes dos corpos da Guarda Nacional para virem entender-se com elle no Arsenal de Marinha, ou onde elle se-achasse. Essa carta foi expedida; entretanto nem uma sequer o-procurou!

Na Policia, repito, estiveram os srs. Basson (chefe), Dr. Bernardino (1.º delegado) e Dr. Carijó (2.º delegado), o General Floriano Peixoto (Ajudante General), tenente-coronel Neiva (com-

mandante dos Bombeiros), Coronel Andrade Pinto (commandante do corpo de Policia), Capitão Lirio e diversas auctoridades.

Os corpos de Bombeiros e da Policia receberam logo com promptidão; e, do quartel do 7.º de infantaria, por ordem do governo, seguiram 300 armas com correiaes para o corpo de Bombeiros.

A *brava gente petropolitana e navalhesca* da secreta, e a Guarda Civica foram tambem avisadas e chamadas.

Já das 2 para as 3 horas da tarde de 14 o Barão do Rio Apa, commandante da 1.ª brigada, depois de haver sahido, voltou precipitado ao Quartel General e mandou chamar os commandantes do 1.º e do 10.º para com elles conferenciar; e o Sr. Rio Apa, que fôra sempre tão maneiroso de tracto, recebendo de seu chamado a resposta que um d'esses coroneis estava dormindo, gritou frenetico e em tom desusado: « pois acordem-n'õ, essa é bõa! E que venha já, pois mandei chamal-o para serviço!.. »

Já ás 5 horas da tarde de 14 o 1.º de infantaria, que tinha 20 mil cartuchos de festins, pediu mais 10 mil cartuchos embalados, vindo na madrugada de 15 a receber mais 50 mil d'estes.

E ás 10 horas da noite havia o 7.º de infantaria recebido ordem de transferencia da 2.ª para a 1.ª brigada, isto é, para ficar sob as ordens do Sr. Rio Apa.

E receioso o Governo (forte asneira!) de que a artilheria subisse o morro do Castello, para de lá bombardear a cidade, o Arsenal de Guerra, etc, ainda em avançada hora d'essa noite de 14, mandou que uma companhia do 7.º de infantaria, aquartellado em Sancto Antonio, fõsse tomar posição naquelle morro, para impedir-o. Effectivamente, nesse sentido e para tal fim, marchou a 4.ª companhia do 7.º, sob as ordens do Capitão Geraldo José de Lemos (que fõra chamado de sua casa, onde dormia), tendo por subalterno o Tenente Eduardo, com *ordem de matar sómente animaes (!!...)*, ordem irrisoria para os que a-entendem.

Essa providencia foi tomada antes do 7.º mover-se de seu quartel para o campo.

Ainda no mesmo intuito de acautelar o Arsenal (é de crêr) foi, em alta hora da noite expedida a ordem para o 1.º batalhão de artilheria de posição, aquartellado na fortaleza de Sancta Cruz,

descer para o Arsenal, sendo ordem identica transmittida para o corpo de Aprendizizes Artilheiros, aquartellado na fortaleza de S. João.

Evidentemente na fortaleza de Sancta Cruz, ás 5 horas da madrugada de 15, as cornetas tocaram—reunir sargentos para ordem—, e ás 5 1/2 tocaram—reunir batalhão.

O trabalho de formatura e municciamento a mosquetão Comblain e cartuchos embalados, na razão de 99 por praça, durou até ás 8 1/2 horas, mais ou menos, e só por cerca de 9 horas, no porto da fortaleza, em um lanchão especial, poudé embarcar o batalhão composto de cento e tantas praças, que desembarcou no Arsenal de Guerra pouco depois das 10 horas. Abi no Arsenal fez-se nova distribuição de mais 30 cartuchos por praça; e o batalhão ficou de promptidão e impedido, com ordem terminante de não deixa sahir nem um official.

O portão do Arsenal estava fechado, e do lado de dentro o guardavam duas peças de calibre 32 Whitorth, estando por detraz d'estas, nos claros, mais 6 do mesmo calibre, todas bem montadas e com as guarnições necessarias.

Na viagem da fortaleza para o Arsenal, o lanchão que trazia o batalhão passou em frente á fortaleza de S. João, onde devia accostar para receber reforço; porém, em outra lancha especial haviam avançado o coronel Antonio José Maria Pego Junior (commandante do 1.º de artilheria de posição, e commandante interino da 2.ª brigada) com toda a officialidade do 1.º, e tendo encostado e dado ordens para mover gente em S. João, ordem que não quiz acceitar (dizem) o tenente-coronel Gomes de Castro, commandante de S. João, de novo embarcou o coronel Pego Junior, e fez signal ao lanchão, que vinha de Sancta Cruz, para seguir para o Arsenal.

Comtudo, pouco depois das 11 horas, tambem no Arsenal de Guerra desembarcou a Escola de Aprendizizes Artilheiros, ao mando do capitão Antonio Ilha Moreira, vindo egualmente armado o mosquetão Comblain.

Depois de haver estado na Policia, o Sr. General Floriano Peixoto, voltando ao Quartel General, mandou chamar o tenente-

coronel João Telles, commandante do 9.º Regimento de cavalaria, como mais adiante direi explicitamente.

Da Policia seguiu o sr. Ouro Preto para o Arsenal de Marinha onde se-reuniu aos srs. Ladario e Candido de Oliveira e de onde immediatamente expediram-se ordens para que os batalhões de fuzileiros navaes e de imperiaes marinheiros ficassem de promptidão e á primeira voz.

O sr. Maracajú veiu á Secretaria da Guerra, de onde, ás 8 horas da madrugada, foi visto pelos capitães Pereira e Ferraz sahir á paysana com o tenente Jacutinga, seu ajudante de ordens de pessoa, mandando buscar um tilbury a toda a pressa.

A canhoneira *Carioca* teve ordem de vir ancorar no canal entre o Arsenal e a ilha das Cobras.

Outras providencias se deram necessariamente abi no Arsenal, mas com tal reserva que infelizmente não foi-me possível co-hecer; e bem natural é que certos pormenores fiquem para sempre perdidos para a história.

Os que lêrem-me far-me-ão justiça do exforço que fiz para reunir a maior somma de factos, e para chegar á maior aproximação da verdade.

A's 5 1/4 desembarcou o batalhão de fuzileiros navaes dizem que sob as ordens do 1º tenente Nobre de Vasconcellos com 400 praças não municiaadas, as quaes só segniram quasi ás 7 horas acompanhando os ministros para a secretaria da guerra, no quartel general, onde passou o commando ao Sr. capitão-tenente Francisco Quintino da Costa. Trazia banda de tambores e clarins.

— Não municiaadas desembarcaram as praças; e, quando no arsenal se-municiam, estou informado (?) de lhes-haver sido propositalmente mandado distribuir, por um brioso e mui saliente official da armada, cartuchame de calibre superior ao das armas.

De sorte que essa gente só poderia fazer mal (si luctasse) a couce d'arma, não havendo d'oss'arte probabilidade de disparar um tiro.

Compareceram muito mais tarde, já depois de tudo acabado, os Srs. capitão de fragata Alvarim Costa e capitão-tenente

24

Pestana, commandante e major d'esse batalhão, que assumiram seus logares.

Já então de Nicteroy (onde tambem durante a noite inteira esteve em agitado movimento o sr. Carlos Affonso, presidente da provincia e irmão do sr. Ouro-Preto, a reunir conferencias, a dar ordens, a expedir forças) havia ás 5 horas da manhã embarcado, com destino á Córte, uma força de 170 praças sob o commando do major Deschamps, que seguira immediatamente para o campo; e, para depois não voltar atrás, por facto de não maior vulto, direi já tambem que do corpo de policia da provincia, embarcou depois, ás 11 horas do dia 15, outra força sob o commando do respectivo commandante o coronel Honorio Lima, a qual eu vi chegar e estacionar, na rua Primeiro de Março, em frente á rua do Ouvidor, depois de tudo acabado, já ao meio dia.

Continuando pela Córte:

A's 5 3/4 começou o desembarque das forças do corpo de imperiaes marinheiros, que, ás 6 horas, em numero 196 praças, com uma metralhadora, sahiram sob o commando do segundo tenente Retumba (hoje 1º tenente por antiguidade, em que fóra preterido pelo governo).

A's 6 1/2 chegou ao arsenal o sr. Diana, ministro dos negocios estrangeiros; e, depois de reunido aos outros, que lá estavam, foi então que seguiram para o quartel-general onde já se-achavam os srs. Maracajú (ministro da guerra), general Floriano Peixoto (ajudante general), brigadeiros Barreto, Rio-Apa, Amaral, seus estados-maiores, e varios officiaes das differentes armas.

No campo interno do quartel-general estavam já os batalhões de infantaria: o 10º sob o commando do coronel Ourique, o 7º sob o commando do coronel Tude Soares Neiva, e 1º, cujo commandante, tenente-coronel Manoel Rodrigues Bragança, se-achava na casa da ordem do respectivo batalhão.

Um parentheses aqui é necessario, embora longo.

O 7º de infantaria entrou para a praça do quartel do campo, para onde certa e infallivelmente não entraria, porque, ás 2 horas da madrugada, tanto o seu brioso commandante, o sr. coronel Neiva, como o seu digno major, Rosa Junior, ambos

haviam franca e lealmente declarado á officialidade que adheriam ao movimento, e que em caso algum carregariam contra seus camaradas. Na linguagem incisiva do soldado, o coronel Neiva chegou a dizer: — lobo não come lobo —.

E, já depois de formado o 7º no pateo central do quartel, ao verem seus officiaes entrar a numerosa força de policia, que, na graciosa phrase de um official — trazia gente como farinha — e cujas disposições não eram conhecidas, sendo antes para desconfiar, foi o major do 7º de opinião que, no caso de lucta, devia o 7º carregar a bayoneta, porque assim a superioridade de disciplina do 7º poderia affrontar a grande e enorme superioridade de numero da policia.

O capitão Ferraz que, durante algum tempo, havia ficado no quartel do 7º quando á noite o capitão Pereira sahira para dar providencias e acertar movimentos, que evitassem o mallogro, o capitão Ferraz, digo, só achou na arreeadação do batalhão 9,000 cartuchos que, distribuides, dariam ás praças munição insufficiente. O governo, porém, que julgava poder comptar com esse seu perseguido, quando o batalhão formava de madrugada, mandou-lhe reforço de munições, de sorte que o 7º sahio municiado a 8 maços por praça.

Sabendo o sr. Basson, chefe de policia, que forças de linha já se-achavam na praça da Acclamação, mandou apressadamente armar 80 praças da guarda civica, para ficarem de promptidão em sua repartição, e (dizem-me) com equal celeridade deu ordem para que seguisse o Corpo Militar de Policia, recolhendo préviamente a quartel a força das estações. Taes providencias, porém, já haviam sido tomadas pelo coronel Andrade Pinto, commandante geral d'aquelle corpo.

Estou informado, pelo sr. côronel Andrade Pinto, de que ás 7 horas da manhã do dia 14 procurou-o em sua residencia particular (no quartel) o chefe de policia sr. Basson, que veio prevenil-o de movimentos, que sabia darem-se no exercito, pelo que era indispensavel o coronel providenciar no sentido de ter gente bastante e prompta para o que desse e viesse.

O sr. Basson estava furibundinoso e sanguinario!

Da mesma fonte sei que das 8 para as 9 horas da noite de 14 foi recolhida a quartel parte dos destacamentos; que a 1 hora da madrugada de 15 esteve na policia o sr. coronel Andrade Pinto com o sr. Ouro Preto; que ás 2 horas esteve o coronel no Quartel-General com o General Floriano Peixoto; que de lá vindo ao seu quartel em Barbônos, ahi recebeu o coronel uma carta do General Floriano Peixoto (carta que eu vi e li) na qual este lhe-recommendava *trazer cavallaria, por não haver nenhuma no quartel, e exercer vigilancia sobre o Arsenal de Guerra.*

Da mesma fonte sei que entre 3 e 3 1/2 horas da madrugada de 15 recebeu o coronel Andrade Pinto duas cartas: uma do sr. Candido de Oliveira dizendo-lhe — *Venha já com o corpo* —, e outra do sr. Maracajú dizendo — *mande o corpo ficar de promptidão e á primeira voz, e venha fallar-me*—.

Que o coronel andrade Pinto, preferindo vir entender-se com o sr. Maracajú, mandou seu corpo ficar á primeira voz, as armas já ensarilhadas, começar a distribuição de munições, e, montando, veiu ao Quartel-General. Que, ahi chegando ás 4 horas da madrugada, o sr. coronel Andrade Pinto entendeu-se com sr. Maracajú dizendo-lhe: *recebi duas cartas: a de v. ex. ordenando deixe o corpo de promptidão e venha cá; a do sr. Candido de Oliveira mandando que viesse já com o corpo; quero saber o que devo fazer?* Que o sr. Maracajú disse-lhe: *pois faça o que mandou o Candido de Oliveira; falle pelo telephone e mande o corpo seguir já.*

Que, effectivamente, pelas 4 1/2 para 5 horas o coronel Andrade Pinto falou pelo telephone para o quartel do Corpo sob seu commando, mandando que este sem demora se-apromptasse e seguisse em marcha para o Quartel-General.

Foi ás 6 horas que chegou ao Quartel-General o Corpo de Militar de Policia da Córte, trazendo cerca de 500 praças de infantaria, municadas a 60 cartuchos por praça, sob as ordens do Major Manoel Presciliano de Oliveira Valladão, além de 110 praças (mais ou menos) de cavallaria, armadas a espada e reвольvers, municadas, sob as ordens do Major Cicero, que chegou antes d'aquelle.

Ao vel-o chegar, o sr. Candido de Oliveira, mostrando-o ao sr. Baldomero Carqueija (do *Jornal do Commercio*) e na presença

do capitão Faustino, disse-lhe: *que gente garbosa aquella! que lindo batalhão!*

O sr. Baldomero Carqueija observou-lhe: *Sim, mas repare v. ex. que é commandada por um official do exercito.*

O sr. Candido de Oliveira retrucou: *Sei; mas é gente de toda a confiança; elle proprio o-é.*

O sr. Baldomero não insistiu dizendo apenas: *v. ex. o-sabe.*

Chegado ao Quarrel-General, e alli achando-se o Coronel Andrade Pinto, como é natural, ficou desde logo o Corpo sob o commando d'este.

Parece, entretanto, que, no dialogo supra referido, muita razão assistia á prudente ponderação do sr. Baldomero Carqueija, e é quanto pode deprehender-se e concluir-se do documento infra publicado em *O Paiz* de 22 de Novembro.

« Como explicação justa a uma nota mal interpretada, publicamos a seguinte carta do sr. major do corpo de policia :

« Cidadão redactor — Em vossa folha de hoje lê-se que « a officialidade do corpo de policia, precedida por seu commandante, foi hontem ao quartel general offerecer a sua adhesão á nova fórma de governo. »

« A' quem não tiver presenciado a gloriosa jornada de 15 do corrente e os factos supervenientes, poderá a vossa noticia, pelos termos em que se-acha concebida, fazer crêr que o corpo militar de policia esperou até hontem a feição que tomariam as cousas para então ir *offerecer a sua adhesão* ou, peor do que isto, que se-mostrou refractario á substituição do regimen antigo pelo actual.

« Como fiscal da arma de infantaria d'este corpo e que com elle marchou na critica posição de official do exercito, desgostoso com o governo deposto, e de representante da força com que este governo comptava, julgó conveniente declarar-vos que a adhesão do mesmo corpo ficou accentuada desde que, unido ás forças do exercito e da armada, cooperou para o acto do Marechal Deodoro e suas consequencias.

« Rogo-vos, sr. redactor, a publicação d'estas linhas com o que muito obrigareis ao vosso concidadão e admirador.— Rio, 21 de Novembro de 1889.— *Manoel Valladão.*

Deve aceitar-se a declaração do honrado sr. major Valladão, tal qual ella se contém no documento transcripto ; e é precisamente quanto sei da mais insuspecta fonte.

Pouco depois apresentou-se o Corpo de Bombeiros sob o commando do tenente-coronel Nelva, seu commandante, vindo as praças armarem-se com espingardas e cartuchos no quartel do 10º de infantaria, que era simultaneamente arrecadação de diversos batalhões da Guarda Nacional.

Essa bem disciplinada gente, esse corpo modelo, para o qual não ha louvores que cheguem, tractando-se de seu especial e importante serviço, os bons e admiraveis bombeiros, estavam ali em posição contrafeita, deslocados, em papel que não lhes-lha a character, e até fazendo triste figura, a rolairem com as espingardas de mão para outra.

O Sr. Ladarío sahio então do Quartel General e, de coupé, dirigia-se ao Arsenal de Marinha afim de dar novas providencias.

Ao mesmo tempo chegavam ao Quartel General os Srs. Loreto e Lourenço de Albuquerque. Estava pois assim completo o ministerio.

O Sr. Maracajú ordenou marchar o 10º de infantaria para o largo da Lapa, afim de impedir a passagem suspeitada dos dos Alumnos da Escola Militar, em que o Governo não confiava.

Fecharam-se os portões do 1.º (portão principal) e do 10º, no Quartel-General.

O povo affluia para a Praça da Acclamação, tomado de surpresa pela local da *Gazeta de Noticias* d'esse dia 15, que dizia assim :

« No quartel-general estavam reunidos ás 2 horas da madrugada de hoje, o Sr. ajudante-general do exercito e diversos officiaes generaes.

« No quartel achavam-se em fôrma um batalhão de infantaria, e o regimento, ou parte, de cavallaria. »

A *Gazeta de Noticias* foi a unica folha do dia que o-com-

municou a seus leitores, embóra, como se-vê, com pequena inexactidão.

.....

.....

Tenho até aqui acompanhado o movimento por parte do governo do Sr. Ouro-Preto. Expuz com quanta possível fidelidade, quasi minuto por minuto, o que foi-me possível vêr, saber e colher d'esse desesperado trabalho, todo agitado por paixões, incandescente de odio, espumante de vingança, travado de arbitrios, carregado de tyrana prepotencia, em que salienta-se a má vontade de dous homens unidos na perseguição, os dous cegos factores principaes da revolução, que ruinou a monarchia e nos-deu a patria livre!

Antes, porém, de enfrentar as forças litigantes na partida decisiva; antes de trazer ao campo da lucta as forças libertadoras; é força voltar atraz, para tambem a éstas acompanhar, quanto fôr possível, em seus sobrehumanos esforços, em seus arrojados committimentos, no vencer e arcar com todas as difficuldades, nesse audaz empreendimento de corações espartanos, que é difficil comprehender e sentir, e que é absolutamente impossivel descrever.

Tudo foi como a vertigem do raio!...

Aqui, pois, não ha ordem chronologica systematica, porque os factores tantos são e todos simultaneos em pontos diversos; era tal o desinteresse pela propria vida, e a exigente lealdade de não comprometter a do camarada; era tamanho o frenesi de todos, a centuplicar-se pela crueldade dos instantes, que fugiam no tempo, em uma acção rigosamente bem dicta da última hora; que fôra absurdo do narrador exigir detalhes por capitulos, e sua methodica distribuição em tempos.

O tempo foi curto e o capitulo é um só. A altisona gloria dos factos em seu sublime atropello, fala pela desordem da narração, e amplamente a-justifica.

A perfeita exactidão deste meu modo de vêr, d'este meu asserto, já por mim expresso desde o dia 19 em que escrevi éstas linhas, que desde 24 estão no conhecimento de varios dignos Srs. officiaes, eu tive a satisfação de vêr comprovada no artigo.

27

que no dia 30 fez publicar n' *O País* o segundo-tenente Eugenio Bittencourt.

Presto no meu tanto a devida honra a esse digno official transcrevendo aqui todo aquelle seu artigo, que diz :

REUNIÃO DO CLUB MILITAR

« Reuniu-se ante-hontem o Club Militar para fornecer informações relativas aos acontecimentos do dia 15 do corrente, e sessão alguma esteve tão concorrida.

« Ainda bem que e desinteresse com que todos concorreram para a realisação do grandioso facto d'aquelle dia, o desprendimento com que cada um offereceu os seus esforços para a reabilitação da classe e elevação do nivel moral da patria, fizeram com que cada um se-recolhesse á sua modestia, ao proprio desinteresse e se-lembrasse que hoje só devemos cuidar de que a maior concentração de esforços torna-se precisa para consolidação da felicidade da patria e nenhuma outra preocupação é admissivel no momento actual.

« Apesar d'isto e porque já no dia 26 do corrente tivesse a honra de dirigir ao digno redactor da *Gazeta de Noticias* uma carta a propósito de uma informação alli publicada, relativa a personagens que no dia 15 haviam se distinguido, sou levado, a instancia de muitos collegas, a dar-lhe publicidade, convencido de que ella exprime o pensamento de todos os meus camaradas. Eis a carta :

« Cidadão redactor. — Li hoje no vosso conceituado jornal uma carta em que o distincto major Serzedello com o intuito de restabelecer a verdade dos factos, lembra nomes de muitos heróes do dia 15 do corrente.

« Convencido de que ésta empreza não é tão facil quanto pôde parecer, não só pelo esquecimento que muito naturalmente se pôde dar de muitos nomes (o que se-verificou com a rectificação do dia seguinte), como ainda pelo desgosto que provavelmente viria trazer no seio da classe, a que me-orgulho de pertencer, a especificação de um numero limitado, cabe-me a honra de dirigir-vos algumas linhas, auctorizado por muitos collegas.

« Reconhecemos como salvadores da situação infeliz de nossa

patria, da posição especialissima em que se achou o exercito no dia 15 do corrente tão sómente os benemeritos cidadãos marechaes Deodoro e Floriano, tenentes-coroneis Benjamin e Solon, e, englobadamente, por isso que representavam a solidariedade e unidade de vistas a mais completa, a elevação de sentimentos a mais perfeita, o 1.º e 9.º regimentos de cavallaria, o 2.º regimento de artilheria, os alumnos da Escola Superior de guerra — e com certeza os da Escola Militar e todo o 1.º batalhão de engenharia e Escola de tiro, que chegaram ao campo da Acclamação no instante em que havia sido proclamada a Republica Brazileira.

« Digo com certeza os alumnos da Escola Militar e o 1.º batalhão de engenharia e Escola de tiro, porque prevenidos á ultima hora e aquartellados a não pequena distancia do centro em que se-passava a acção, só a ultima hora puderam comparecer. Mas os exemplos de civismo e de desisteresse, a persistencia e energia com que aquelles trabalharam pela regeneração social, os telegrammas do ajudante-general breves e imperativos ao commandante da Escola de tiro, denotando confiança e conhecimento prévio dos factos, justificam por demais existirem convicções e resoluções, não decisivas e não menos dignas do que d'aquelles que no primeiro momento alli se-acharam.

« Os demais corpos da guarnição d'êsta capital não representavam menos uma cooperação valiossima, uma inspiração altamente elevada pelo bem da patria e um espirito de classe systematicamente desenvolvido, o que reconhecemos egualmente nos nossos camaradas da marinha e da policia, com que o governo decabido suppunha comptar.

« Assim expondo a nossa opinião, de nenhum modo pretendemos negar, o merito, que cabe a muitos officiaes de corpos especiaes, que efficazmente concorreram para a revolução de 15 do corrente; só desejamos accentuar claramente a posição de cada um.

« Em nome de seus camaradas muito vos-agradecce a inserção d'êstas linhas em vosso jornal. Admirador sincero e compatriota, 2.º tenente *Eugenio Bittencourt*.

« A opinião dos collegas de que de me-faço orgão, talvez seu valor, talvez tambem possa orientar ao historiador, que se vae encarregar dos acontecimentos do dia 15 do corrente.

« Capital da Republica Federal, 30 de Novembro de 1889.—
Eugenio Bittencourt, 2.º tenente. »

Portanto qualquer involuntaria lacuna, qualquer perdoavel exquecimento neste transe, em que fôra infamia pensar em roubar a quem quer que seja a parte que lhe-cabo na glória, por si proprios se-justificam perante as consciencias honestas.

Assim proseguirei com desassombro em minha difficil tarefa.

.....
Dirumpamus vincula!... era o grito de guerra.

A actividade anima um deserto e faz um mundo de uma cellula; e um poeta francez disse:

*Le courage fait des vainqueurs
la concorde, des invencibles.*

O enthusiasmo é uma viva e violenta elevação da alma, resultante de forte emoção, que impelle o homem a commettimentos extraordinarios e subitaneos. Nesses momentos o homem não está fôra de si, mas está fôra do nivel ordinario da vida; e então transpõe todas as reservas, todos os óbices, ou vence-os com prodigios de força impetuosa e ineluctavel.

A história do mundo inteiro, ou o transporte de meu patriotico enthusiasmo chega a obliterar-me a memoria, não tem, não conta exemplo mais completo, mais brilhante e mais eloquente de civico heroismo, qual o-deram as forças libertadoras brasileiras nesta memoravel jornada de 15 de Novembro.

.....
Inteirados tambem com mais ou menos exactidão dos aprestos do governo do Sr. Ouro Preto, o exercito e a armada em ultimos lances operavam prodigios de actividade.

Os regimentos 1.º e 9.º de cavallaria e 2.º de artilheria aquartellados em S. Christovam, os alumnos da Escola Superior de Guerra, o 7.º aquartellado no morro de Sancto Antonio, o Club Naval e varios officiaes avulsos dos Estados maiores e de todas as patentes, redobravam actividade e forças em vigitantes providencias. A movimentação frenetica era intelligentemente dirigida pela capacidade do tenente-coronel Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, de accôrdo com o chefe Wandenkoik e com o Mare-

chal Manoel Deodoro da Fonseca, mas estimulados e esportados todos pelo raro genio politico e militar do Major Solon.

O movimento foi a principio, pôde-se affirmar-o, exclusivamente militar: era o exercito alliado á armada, reagindo contra o arbitrio e a prepotencia do governo do Sr. Ouro Preto pelos factos já detalhados.

A seriedade com que escrevo a història, sem fazer romance, obriga-me aqui a de novo voltar atraz, para encabeçar os factos.

O Sr. Major Frederico Solon havia chegado do Paraná nos ultimos dias de Septembro, e devia seguir para a provincia de Minas, em transferencia para o 9.º regimento de cavallaria, que lá se-achava. Nesse sentido havia já tirado os passes, arrumado e encarroçado suas bagagens.

Indo então receber ordens do Sr. Maracajú, ministro da guerra, disse-lhe que, *«depois de chegado a seu destino, lá para Fevereiro ou Março, teria necessidade de uns seis mezes de licença, para occupar-se seriamente do tractamento de sua senhora, cujo estado lhe-fazia sentir a necessidade de pensal-a cuidadosamente.»* Perguntou-lhe o Sr. Maracajú *«si já a havia feito examinar por especialista,»* e elle respondeu *«que sim, e que era por isso que assim se-exprimia.* Disse-lhe o Sr. Maracajú, *«que então melhor fóra cuidar disso desde já, o que facil era, até por haver nesse momento commissão para elle nesta Córte.»* Observou-lhe ainda o Major Solon *«ser isso já um pouco difficil nessa occasião, visto como elle já estava munido dos passes e sua bagagem encarroçada.»* Retorquiu-lhe o Sr. Maracaju *«que tudo isso de nada valia: que se-dariam providencias em contráριο, e que elle proprio por seu lado desse as que lhe-fossem relativas.»*

Ficou então o Sr. Major Solon na Córte fiscalizando o 1.º regimento de cavallaria. O Major Solon já era reconhecido republicano exaltado desde Curitiba, onde muito fez pela causa democratica.

Levantando-se neste comenos em Ouro Preto um conflicto entre a Policia e o 9.º regimento de cavallaria, conflicto de que resultou mandar o governo recolher-se esse regimento a esta Córte, foi o Sr. tenente-coronel João Telles mandado em commissão a Minas para attender ao dicto conflicto, passando então o

Major Solon a commandar o 1.º regimento. Logo, porém, voltou o tenente-coronel João Telles, que reassumiu o commando do 1.º regimento, passando o Major Solon a commandar o 9.º.

Por seu turno chegava do Rio Grande do Sul o capitão Menna Barreto, com destino ao 9.º Regimento; e então, encontrando-se na Corte com o Major Solon, em virtude das relações de intima amizade e de parentesco entre ambos existentes, conferenciaram, resultando dessa conferencia accordarem logo os dous em iniciar a era dos ultimos acontecimentos, acercando-se para tanto de companheiros de incontestes confiança, entre os quaes salientam-se os Srs.: tenente Sebastião Bandeira, 1.º tenente de artilheria Saturnino Cardoso, alferes Joaquim Ignacio, os alferes alumnos Annibal, Bevilacqua, Fragoso, e muitos outros da Escola Superior de Guerra, que nesses acontecimentos representaram o mais conspicuo e admiravel papel.

Resolveram celebrar conferencias secretas em pontos diferentes, aliciar companheiros, levantar espiritos e brios, aggremiar adhesões, enfim convergir esforços no sentido da reacção completa e definitiva.

Eis a semente, o germen de todo o movimento, o ovo gerador dos acontecimentos conspiratorios.

Já nessa 1.ª conferencia assentado ficou que o capitão Menna Barreto, por ser menos suspeito, fosse visitar o Marechal Deodoro para, com toda a habilidade, explorar quaes suas disposições e modo de vêr, consoantes á actualidade politica do paiz. O que feito, chegou-se a conhecer que o animo do Marechal seria facilmente conquistavel para a revolução, por achar-se elle indignado pelo modo por que havia sido aqui recebido pelo Governo, de regresso de sua expedição a Matto Grosso; e mais ainda por manifestar-se contrario ás medidas tomadas pelo governo em relação ao exercito e á armada, vendo elle nessa conducta a clara tendencia para a desorganisação e a humilhação das forças de terra e de mar.

Trazendo o capitão Menna Barreto ao Major Solon a communicação do que colhêra do Marechal, disse-lhe aquelle Major: *« pois volte você ao Marechal, mas agora pedindo-lhe em meu*

nome uma conferencia comigo, para a qual elle terá a bondade de marcar dia, logar e hora.»

O capitão Menna Barreto cumpriu a commissão e trouxe a resposta do Marechal: «*que dava a entrevista, quando e onde o Major Solon quizesse.»*

Infelizmente porém sobreveiu logo uma grave enfermidade do Marechal, que o-prostrou em estado de a nada poder attender.

A clara intelligencia do Major Solon induzia-o a de tudo tirar proveito; e assim, si a molestia do Marechal vinha naquelle momento adiar a desejada conferencia, ella vinha tambem offerer habil ensejo para augmentar o já muito e ponderoso prestigio delle no exercito. E, foi assim pensando, que o Major Solon promoveu uma reunião para nomear-se uma commissão tirada dos tres corpos estacionados em S. Christovam a fim de fazer uma solemne e official visita ao Marechal. Isto effectivamente se-fez, embora a commissão tambem não pudesse ter sido recebida pelo Marechal, que guardava o leito, com o veto de seu medico de receber e falar a quem quer que fosse.

Não perdeu-se, porém, a importancia moral do facto, que ficou authenticamente sellado, que foi conhecido e divulgado pela imprensa, e que impressionou vivamente o governo.

Com intervallo de pouco tempo, deu-se a visita da officialidade do couraçado chileno surto em nosso porto (*Almirante Cockrane*) á Escola Militar; e o discurso com que recebeu-a o tenente-coronel Dr. Benjamin Constant, discurso esse proferido em presença do ministro da guerra, que, ao ouvir-o, não ponde dissimular quanto elle o-acabrunhava, discurso da mais alta importancia social e politica; e os applausos freneticos e significativos, com que os alumnos das Escolas Militares e os officiaes assistentes (d'aquelles tres corpos aquartellados em São Christovam) acolheram esse discurso; a somma coincidente de todos esses factos, entre si logicamente concatenados, por tal fórma fez brecha no espirito do governo, que este curou logo dos meios de comprometter o orador e os applaudintes, procurando envolver em responsabilidade os commandantes d'aquelles corpos, com o exigir d'elles *informações por escripto* sobre essa manifestação.

BIBLIOTECA

O Major Solon (um dos intimados a dar a informação) satisfaz á exigencia especiosa do governo, declarando: *achar em seu entender mui naturaes aquellas manifestações, tributadas por militares a um official mestre de uma Escola de guerra, e ornamento de sua classe por suas virtudes assim militares como*

O governo guardou em reserva o procedimento que, á vista d'isso, traçara para punimento.

Então o Major Solon, prevendo que mais ou menos cedo o governo se-desforçaria d'esse julgado ataque ou desrespeito, de accordo com o capitão Menna Barreto, resolveu celebrarem uma conferencia com o purissimo democrata Dr. Aristides Lobo, cavalleiro de excepcional e immaculada probidade e de grande talento e energia, afim de conhecerem-se quaes os elementos para uma proxima revolução. Tal conferencia deu-se em dias de Outubro; e assim o dr. Aristides Lobo foi o primeiro elemento de procedencia civil, que entrou na conspiração.

Levo este facto, que o-merece, a consignação especial.

Então o dr. Aristides Lobo lembrou ao Major Solon a conveniencia de serem chamados a ésta Côrte os chefes republicanos mais proeminentes de S. Paulo, de Minas e do Rio de Janeiro.

Nesse mesmo dia o Major Solon deputou o capitão Menna Barreto e os tenentes Sebastião Bandeira e Joaquim Ignacio juncto á pessoa do tenente-coronel dr. Benjamin Constant, pedindo-lhe uma conferencia séria com elle, conferencia essa que effectuou-se no dia immediato (em casa do tenente-coronel dr. Benjamin), presentes o Major Solon, o capitão Menna Barreto, o tenente Sebastião Bandeira e o cidadão Quintino Bocayuva, redactor chefe d'O Paiz. Ahi assentou-se ser da melhor politica que, em uma reunião de todos os officiaes do exercito e da armade, convocada para o Club Militar, não se-travassem discussões capazes de revelar plano algum, de que o governo pudes se tirar partido; e desde logo os tres militares comprometteram-se a, no dia immediato, despachar agentes, com a missão de entenderem-se com aquelles de que se-podia esperar discussão, afim de convencer-os d'essa inconveniencia. Assim se-fez o tão acertada e efficientemente que essa reunião, aliás concorrida por cento e tantos offi-

ciaes, passou despercebida, sem causar o menor reparo, tanto foi o criterio com-que elles nella se-houveram.

Voltando ainda á conferencia, cumpre dizer ter sido ahi proposto, pelo chefe popular sr. Bocayuva, fazer-se a exhibição do plano concebido, e que melhor se-julgava para dar prompto inicio ao movimento; e foi ainda o Major Solon quem apresentou o primeiro plano, assentado na esperanza de alcançar grande somma de elementos para sua execução.

Calcava esse plano sobre as operações seguintes: levantar com todas as cautelas o espirito revolucionario nos corpos da guarnição; excitar e inflamar o espirito publico, fazendo convergir todas as atenções para a republica, do modo mais politico e geitoso possivel; alcançado isto, organizar o ataque com a partida preajastada e simultanea das tropas, sahindo em um momento d'ello de seus quartéis: umas a prenderem o ministerio, quando se-achasse reunido em conferencia, outras a apprehenderem o telegrapho, outras a assaltarem o Arsenal de Guerra e o deposito de armas da Conceição, em cujas proximidades (dos dous estabelecimentos) deviam achar-se os elementos populares, para tomarem armas e formarem ligeiros corpos de recrutas, cujos commandos seriam commetidos a officiaes da Escola Superior de Guerra e de corpos especiaes; apoderarem-se igualmente do Laboratorio Pyrotechnico do Campinho e da Escola de tiro do Campo Grande, o que seria desempenhado pelo batalhão de engenheiros, já predisposto para isso pelo tenente Saturnino Cardoso, que lá foi em especial commissão; e outras medidas mais, que não foi-me possivel colher e de fielmente conservar.

Abro um parentheses. Essa difficilima commissão, que coube ao tenente Saturnino Cardoso desempenhar, elle a-deu por obra do modo mais completo, mais cabal, mais honroso, mais satisfactorio que possivel fôra desejar. E, excedendo em muito o encargo que levára, elle agiu de própria inspiração com felicidade tal e habilidade tamanha, que conseguia reunir elementos do mais subido valor e do mais efficaz e decisivo auxilio.

Todo esse plano do Major Solon, não obstante sua muita complexidade, foi por todos accolhido e abraçado, depois de varios reparos e ligeiras considerações pertinentes á sua melhor exequi-

bilidade; e para logo ficou assentado celebrar-se outra conferencia com o tenente-coronel dr. Benjamin e com o cidadão Q. Bocayuva, afim de concertar-se em sua immediata execução. Circumstancia imprevista forçou Q. Bocayuva a não comparecer, suppõe-se; entretanto o Major Solon e o tenente-coronel dr. Benjamin accordaram em consultar o espirito de toda a officialidade da guarnição, inquirindo sobre quaes os recursos que todos elles e cada um d'elles podiam offerecer, para computar-se e com exactidão registrarem-se os elementos.

O Major Solon, sempre infatigavel e pertinaz, multiplicando-se por mil formas, entrou por despachar auxiliares, que arrebanhou muitos além dos já citados, no temeroso intento de fazer-se uma propaganda desesperada e secreta, desde o official até ao soldado, isto nos corpos aquartellados em S. Christovam. Tal trabalho foi com tanta habilidade desempenhado por uma denodada pleiade de valentes e intelligentes officiaes, que dentro em breves dias o espirito republicano calava em todos por funda convicção, tendo tambem entrado no peito do soldado.

O Major Solon, enquanto aguardava o effeito d'aquella propaganda, convocava distinctos officiaes de infantaria para uma conferencia, sobresahindo entre elles os leaes e intemeratos capitães C. O. Ferraz e M. J. Pereira, os quaes acolheram jubilosos as medidas já tomadas, e prometteram desde logo o mais franco e decidido apoio por parte da infantaria, encarregando-se tambem de uma habil e especial propaganda entre as forças do Quartel da Praça da Acclamação, já não comptando as do seu batalhão, o 7.º de infantaria, cuja adhesão elles logo affoutamente asseveraram.

Feito já isto, consummado todo este herculeo esforço, na prosecução dos acontecimentos reconheceu-se não ser tão facil (como se-suppunha e se-desejava) o alcançar todos aquelles elementos enumerados no predieto plano.

Antes, porém, da conferencia Benjamin — Solon em casa do primeiro, sabendo o segundo que o marechal Deodoro já, felizmente, se-achava em estado de poder occupar seu espirito em prática de certa importancia, foi visital-o e com elle abriu-se o mais francamente possivel, dizendo-lhe: «ser indispensavel dar a ultima de

mão, de modo terminante, á questão militar; que o facto já não se-achava adstricto aos estreitos interesses de uma classe; que era advindo o momento de curar da salvação da patria; que elle assim reflectidamente exprimia-se, porque gerára-se em seu peito a fanda persuasão de que, si uma revolução militar não fizesse a republica, longe não estaria o dia de vér-se correr o sangue brasileiro em revolução popular; que este facto importaria calamidade tal, que nos-faria retrogradar um século nas conquistas da civilisação e da liberdade, ao passo que a revolução iniciada e dirigida pelas armas affigurava-se-lhe uma garantia de ordem e de paz, sem trazer perturbações ao progresso moral e material do paiz.»

E o major Solon não se-illudia; estão a attestal-o os factos.

Ouvindo-o attentamente, e bem pensando em seu espirito reflectido e claro as palavras do major Solon, o marechal, eoz a calma silenciosa da contensão do entendimento, respondeu: «E' certo que tenho tido affeição pelo imperador, que tenho procurado mostrar-me e ser seu amigo, que não desejava desgostal-o nem vexal-o; mas, si é forçoso, paciencia!... Sacrifique-se tudo, até mesmo o throno, que já vejo estragado! Sacrifique-se tudo, e comptem comigo!... Si meu estado de saude não permittir-me cingir a espada, não sentirei a mão invalida para empunhar o révolver; e, quer de um, quer de outro modo, eu saberei tomar o posto, que o dever me-assignala á frente de meus leaes companheiros, e com elles não regatearei a vida pela causa da patria.»

O bravo major Solon, commovido ante essa resposta, lisongeado e exultante pelo que ouvira, ergueu-se solemnemente respeitoso, e disse: «General, não é de vossa espada gloriosa, nem de vosso insuperavel e irresistivel denodo que nós precisamos; novos actos de bravura já não são necessarios á sagração de vosso heroico valor; não! Nós vos-pedimos agora sómente o auxilio de vosso prestigio, o favor do vosso valimento moral. Vossa presença é-nos indispensavel á realisação e conseqüção de nossos fins neste empenho de honra, por nós e pela patria.»

«Poís comptae comigo em todos os terrenos» foram as palavras com que o marechal Deodoro sellou essa conferencia.

Deu-se pressa o major Solon em do occorrido ir dar parte ao

tenente-coronel dr. Benjamin, assentando os dous em dar outra conferencia da qual co-participassem os srs. dr. Aristides Lobo, Q. Bocayuva, o eruditissimo dr. Ruy Barbosa, e os chefes republicanos provinciaes, que então se-achassem aqui na Córte. E d'isso se-curou desde logo.

Com effeito, no dia aprazado, todos aquelles e mais o dr. Francisco Glycerio reuniram-se em casa do marechal Deodoro, onde firmemente deliberou-se proseguir e activar em medidas consoantes á accelleração do movimento, ouvindo todos dos labios do marechal a reiteração de sua solemne palavra de « pôr-se inteira e resolutamente em todos os terrenos ao lado de seus camaradas » e additando por essa feita « que por si tambem convocaria seus amigos para allicial-os ao movimento. »

O dr. Ruy Barbosa observou que iria então dar solemne publicidade á sua profissão de fé, revelando o que havia muito lhe-trabalhava no espirito, aliás já trahido pela feição especial, que assumira na imprensa. Pediram-lhe que desistisse, por não haver immediata vantagem para a causa, para não tornal-o suspeito em actos posteriores, em que muito havia esperar de sua indiscutida capacidade e de sua influencia jornalistica; e elle accedeu.

Foi na primeira conferencia em casa do tenente-coronel dr. Benjamin que o major Solon lembrou a Q. Bocayuva a conveniencia de publicar alguns artigos tendentes a incandescer os animos do exercito contra o governo, attribuindo-lhe medidas convergentes a abater seu nivel moral, e a comprometter suas circumstancias pecuniarias, de estabilidade e de vitaliciedade. Taes artigos appareceram de facto, e a *Tribuna Liberal*, orgão do sr. Ouro Preto, chegotu em resposta a accoimar Q. Bocayuva de incendiario, de fomentador de tempestades, de conspirador contra a paz e tranquillidade da patria.

Supponho estar isto ainda bem palpitante na recente memoria do leitor.

Foi em um d'esses artigos que Q. Bocayuva teve a feliz lembrança de assoalhar em *O Paiz* ter o governo a intenção assentada de levar de novo ao parlamento a lei do monte-pio obrigatorio, lei lesiva dos direitos e quicá dos brios militares. Esse

O major Solon aguardando os effeitos, convocava por si distinctos officiaes de infantaria para uma conferencia, sobresahindo entre elles os capitães C. O. Ferraz e M. J. Pereira, os quaes approvaram as medidas já toniadas, e prometteram encarregar-se tambem de uma habil propaganda entre as forças do quartel da Praça da Acclamação, sem comptar as do seu batalhão, o 7.º de infantaria, cuja adhesão já era certa.

Ainda no dia 11 o capitão Menna Barreto dirigiu-se novamente ao dr. Aristides Lobo, na casa n. 57 da rua do Rozario onde se-achava o dr. A. Pernambuco, e apresentou o alferes G. de C. Carneiro Leão afim de seguir para S. Paulo e coadjuvar ahi os officiaes do 10.º Regimento G. A. de Menna Barreto, tenente G. Ramalho Borba, alferes A. de Padua Fleury, que por alli conspirava com o dr. Campos Salles. Ainda no dia 11, e na presença do tenente Bandeira, o dr. Benjamin Constant communicou ao Marechal os desejos do brigadeiro Almeida Barreto de compartir dos trabalhos da revolução, pedindo o dr. Benjamin que o Marechal mandasse ao brigadeiro Barreto um cartão com o signal combinado.

Emquanto occorria o referido, a propaganda nos regimentos 1.º e 9.º e Escola Superior de guerra tomava o mais extraordinario impulso, e os tenentes Saturnino Cardoso e Jorge dos Santos Rosa, auxiliados pelo serralheiro, pelos inferiores e já por algumas praças, fabricavam durante a noite com o mais desesperado arrojo as munições, que deviam servir para a artilheria, até reduzindo o calibre de projectis de 0,08 para 0,075.

A convite do capitão Menna Barreto e do alferes Joaquim Igacio, na noite d'esse mesmo dia 11, reuniram-se no 2.º andar da casa n. 131 da rua de S. Christovam os officiaes do 1.º e do 9.º Regimentos de cavallaria e ahi firmaram o compromisso de sangue que, em original foi no dia 12 entregue ao tenente-coronel dr. Benjamin Constant. A essa reunião compareceram commissiõhados por seus respectivos companheiros : o 2.º cadete 2.º sargento do 1.º Regimento Raymundo Gonçalves de Abreu e João Baptista Xavier, 2.º cadete 1.º sargento do 9.º Regimento; os alferes alumnos da Escola Superior de guerra Annibal Cardoso, Bevilaqua, Fileto, Abrantes, Motta, e outros aos quaes peço perdão de por ignorancia, não poder aqui mencionar seus nomes.

A brava, intelligente e sympathica mocidade da Escola Superior de guerra é impossivel de ser qualificada pela attitude com que tem sabido brillantemente co-participar de todos os acontecimentos. Para tanto heroismo, para tão sublime patriotismo, para tanto alevantamento de espirito em tão verdes annos, poucos e fracos são os adjectivos que conheço.

O compromisso de sangue, de que ácima falei é do theor seguinte :

« Ao cidadão tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Reunidos aqui os officiaes nesta assignados, pesando os acontecimentos que desdobram um plano cujas consequencias e termo são já facéis de prevêr, divisam atravez do espesinhamento do exercito, na falta de attenção aos seus sacrificios e dedicações, no ludibrio desrespeitoso de brasileiros de serviços reaes, a ruína da Patria Brasileira.

« E para não a-realizarem aquelles que um só sacrificio não comptam em seu beneficio, vendô-se obrigados a optar entre o aniquilamento completo da Nação Brasileira e do exercito e a destituição d'aquelles que só de males têm enchido o nosso Paiz, optam pela segunda, adherindo sem reservas ao que fór deliberado pelo eminente cidadão, a quem agora se-dirigem, sellando este compromisso com o seu sangue, si necessario se-fizer deram-al-o nas praças publicas.

Rio de Janeiro, 11 de Novembro de 1889. — Capitão *J. P. de Oliveira Galvão* (1.º Regimento). — Capitão *M. J. Godolphim* (idem). — Tenente *J. A. Rodrigues de Moraes* (idem). — Alferes *Alex. Z. de Assumpção* (idem). — Alferes: *J. da Silva Pessoa* (idem). — *M. Minervino de Vasconcellos* (idem). — *E. J. Barbosa Junior* (idem). — *J. L. A. Aguiar Cony* (idem). — *C. Dulcides Pereira* (idem). — *P. A. de Souza e Silva* (idem). — Alferes-alumnos: *M. J. Machado* (idem). — *A. C. Barrouin* (idem). — Tenente *Sebastião Bandeira* (idem). — Tenente *H. M. de Oliveira Bezerra* (idem). — Capitão *F. Florambel da Conceição* (idem). — Alferes-alumno *A. N. de Oliveira Madureira* (idem). — Tenente *Gentil E. de Figueiredo* (idem). — Alferes *J. Vieira da Silva* (idem). — Tenente *H. de Amorim Bezerra* (idem). — Alferes *J. Brazilio de A. Bezerra* (idem). — Alferes *G. Augusto da Silva* (idem). — Cadete *R. Gonçalves de Abreu Filho* (representando os cadetes e inferiores do 1.º Regimento). — Capitão *Trajano de M. Cardoso* (9.º Regimento). — Alferes *Joaquim Ignacio B. Cardoso* (idem). — Alferes *P. d'Artagnan da Silva Monclaro* (idem). — Alferes *Abel Nogueira* (idem). — Capitão *A. A. da F. Menna Barreto* (idem). — *P. N. Alves Ferreira* (idem). — Alferes *D. Accioly* (idem). — *João Baptista Xavier* (representando os cadetes e inferiores do 9.º Regimento) Alferes-alumno *Fileto P. Ferreira*. — *G. de C. Carneiro Leão* (alferes do 10.º Regimento).

Depois de firmado esse compromisso, e levado pelo capitão Vespasiano e pelo tenente de estado maior Moraes Castro, o

tenente Saturnino Cardoso reuniu na arrecadação de forragens do 2.º Regimento os officiaes, inferiores e cadetes, expôz-lhes todo o occorrido, preveniu-lhes de que a revolução estaria na rua dentro em quatro dias, e propôz-lhes um compromisso de morte, sendo fuzilado quem retrocedesse, o que foi acceito; e incitou-os a cuidar sem demora no preparo das munições.

Egual pacto firmaram os alumnos da Escola Superior de guerra e officiaes do 2.º Regimento de artilheria.

Correndo a 12 a noticia de que o governo mandaria desarmar e embarcar para S. Borja o 2.º Regimento de artilheria, o capitão Menna Barreto dirigiu-se ao respectivo quartel, onde, em presença do seu commandante interino, major Lobo Botelho, de toda a officialidade e de grande numero de cadetes e inferiores, preveniu-lhes de que o 1.º e o 9.º Regimentos de cavallaria não consentiriam em semelhante violencia; ao que o major e os officiaes responderam — « que não embarcariam emquanto tivessem uma granada no quartel » — Momentos antes do capitão Menna Barreto, já egual prevenção fizera o tenente Sebastião Bandeira ao official de estado maior capitão Porto.

Na manhã de 13, o general Pederneiras procurou o tenente Sebastião Bandeira a quem offereceu o seu concurso para o successo da revolução, que lhe-era muito sympathica, visto como faria abortar os ambiciosos planos do conde d'Eu ao terceiro reinado. Nesse mesmo dia 12 o capitão Menna Barreto e o tenente Sebastião Bandeira conferenciaram com o capitão-tenente dr. Nelson Vasconcellos de Almeida, lente da Escola Naval, declarando-lhe este que empregaria esforços no sentido de, pela sua classe, serem fornecidos elementos ao exercito.

Nos dias 12 e 13 o alferes Joaquim Ignacio fez distribuir nos quarteis do 2.º de artilheria, 9.º e 1.º de cavallaria 150 exemplares do *Correio do Povo*, que n'esses dias tractou especialmente das pessimas condições em que a monarchia deixára o exercito, distribuindo tambem 50 exemplares d'*O Dia*, que tractava do mesmo assumpto. Nesse serviço o alferes Joaquim Ignacio foi auxiliado pelo 2.º cadete 2.º sargento Abreu, pelo 1.º sargento Arnaldo e por outros inferiores do 1.º e 9.º Regimentos, bem como pelo particular 2.º sargento do 2.º de artilheria F. Pinto Fernandes Junior.

34

O 1.º tenente Saturnino Cardoso foi da maior actividade no encargo de agitar o movimento em seu Regimento, no 1.º batalhão de artilharia, na Escola de tiro e no 1.º batalhão de engenharia. Essa difficil incumbencia que coube-lhe desempenhar, elle a-deu por obra do modo mais completo, mais satisfactorio que possivel fôra desejar. E, excedendo o encargo que levára, elle agiu de propria inspiração com felicidade tal e habilidade tamanha, que reuniu elementos do mais efficaz e decisivo auxilio.

Em artigos que pelo *Jornal do Commercio*, nos dias 4 e 5 de Dezembro, publicou o tenente-coronel Jacques Ourique, artigos esses, que soffreram a mais viva increpação de inverdade por parte do exercito, ha todavia um trecho, que vou transcrever reputando-o exacto, porque não foi nem podia ser contestado, por frisar pecto muito especial e particularissimo, que fôra mister extraordinaria audacia para inventar ou romantisar.

Assim, escreveu o tenente-coronel Jacques Ourique:

« Por sua parte o Marechal Deodoro, no dia 13, mandou chamar o ajudante-general do exercito, marechal de campo Floriano Peixoto, e confiou á sua lealdade e posição em que se-achava o exercito. Tendo ponderado o general Floriano Peixoto que, a seu vêr, os actos do governo não auctorisavam ainda semelhante extremo; que talvez fosse preferivel fazer uma ultima tentativa juncto ao gabinete; o Marechal Deodoro declarou cathegoricamente ao seu velho amigo, que o movimento era irrevogavel, e que elle já se-achava á frente de seus companheiros.

« Devo declarar aqui, que no dia 12 me-dirigi á casa do Marechal Deodoro e lhe-disse francamente:

« Constando-me que está resolvida a mudança de fórma de governo, e achando-me, como V. Ex. sabe, á frente de um grupo de officiaes na maior parte monarchistas, desejo, para evitar uma divisão de opiniões no momento decisivo, conhecer a sua maneira de pensar á respeito. O General respondeu-me: «— Jacques, eu tambem fui sempre monarchista, ainda que muito desgostoso, e descontente nestes ultimos tempos. Agora nos-é forçoso convencer-nos de que, com a monarchia não ha salvação possivel para a patria, nem para o exercito. Já temos provas de que, depois de tudo o que fizessemos, elles seguiriam a mesma senda e tratariam de aniquillar o exercito.

« E, alterando-se-lhe o semblante, que adquiriu essa expressão aquillina de precisão e de commando, de que só podem dar testemunho aquelles que, nos momentos supremos, têm estado a seu lado, accrescentou: «— E, demais, a republica virá com sangue si não fór os a seu encontro sem derramal-o.»

« Contestei-lhe que não me viu eu como tambem todos os que se-

achavam commigo, o-acompanhariam cegamente, e que podia dispôr de nossas espadas como melhor lhe-parecesse, certo de que por nossa parte a classe se-apresentaria unida e disposta a todos os-sacrificios, no momento decisivo. »

Por seu lado tambem o homerico dr. Benjamin Constant, acercado de auxiliares da ordem do primeiro-tenente Lauro Nina Sodré e Silva, do major Serzedello Correia, do tenente Jayme Benevolo e outros, angariava adhesões e levantava concursos entre dignos e honrados camaradas dos corpos especiaes, na infantaria, na população, sobre tudo na heroica classe da armada, que adheriu entre applausos, e do modo mais brilhantemente possivel, com a galhardia e honra com que ella sôe sempre desempenhar-se.

Os serviços do denodado official e benemerito homem de lettras, major dr. Serzedello Correia, fôra dolorosa injustiça olvidal-os; e por serem elles muitos e prestados intra et extra, antes e durante o movimento, aproveitando o ensejo, fôrça é detêr-me aqui um pouco para tributar-lhe a devida homenagem na rememoração synthetica de sua inestimavel efficiencia. Assim não é patriotico deslembrar :

que muitas vezes, antes do dia 15 o major Serzedello procurou o sr. Quintino Bocayuva, entendendo-se várias vezes com o tenente Vinhaês para dar-lhe parte das occorrencias; que forneceu-lhe listas sobre as fôrças revolucionarias com indicação sobre o pessoal; que sempre procurou estar de accordo com esse chefe republicano; que antes do dia 15 elle conversou com o general Almeida Barreto, e desde então soube que se-podia comptar com a espada d'esse general, a quem as 11 horas da noite elle foi chamar por ordem do dr. Benjamin Constant; que muito antes de 15 elle pediu o apoio do dr. Telles de Menezes pedindo-lhe que preparasse a gente de que podesse dispôr, o que ainda fez em tarda hora da noite de 14, exortando-o a dar aviso aos republicanos de confiança para co-participarem do movimento de 15; que foi elle procurar o capitão de fragata Lorena e convidal-o para uma conferencia com o dr. Benjamin Constant, dando parte de todo o occorrido; que no dia 12 de Novembro elle conversou com o tenente-coronel João Thomaz Cantuaria sobre o movimento revolucionario; que o-convidou para assûmir o commando da Escola na qual toda a confiança havia; que a 13 elle e o tenente

35

coronel Cantuaria tiveram conversa identica com o capitão de fragata Lorena; que elle sabia que o tenente-coronel Cantuaria já havia conversado com o dr. Benjamin e que sacrificava a vida a tudo; que foi elle quem primeiro procurou o chefe Wandenkolk, a quem disse que se-organisava resistencia, e a quem pediu que procurasse o dr. Benjamin Constant; que pelo chefe Wandenkolk foi elle auctorizado a dizer ao dr. Benjamin que esse honrado chefe adheria em todo o terreno, e daria o auxilio de tres quartas partes da armada; que antes do dia 10 elle falou ao sr. alferes José Bonifacio de Andrade Vandelli sobre a marcha dos acontecimentos, que produziram o 15 de Novembro, e que sempre o-concitou a auxiliar o movimento, pelo que e por muitos outros factos anteriores o sr. Andrade Vandelli tem enthusiasmos por seu civismo e por seu talento; que identico trabalho teve elle com o sr. major Joaquim Fernandes de Andrade e Silva; que antes de 15 elle obteve do sr. capitão-tenente Alexandre Faria de Alencar a segurança do apoio por parte do nosso couraçado *Riachuelo*; etc., etc.

Ao anoitecer de 13, o tenente Sebastião Bandeira, dirigindo-se pela ex-imperial Quinta á casa do capitão-tenente dr. Nelson, encontrou-se com o capitão Porto do 2.º Regimento, e junctos foram conferenciar com o capitão Galvão sobre o movimento conspiratorio, d'este sabendo que, por intermedio do 1.º sargento Manoel Antonio de Barros, empregado no Quartel de Estacio de Sá, os conspiradores seriam bem a tempo informados de qualquer movimento por parte da policia.

A's 4 horas da tarde d'esse dia 13, o capitão Hermes da Fonseca, um dos conspiradores, dirigiu-se ao Quartel do 1.º Regimento, convidando o tenente-coronel João Telles a comparecer em casa do Marechal Deodoro que, com urgencia, precisava fallar-lhe. O tenente-coronel João Telles, de volta, declarou haver estado com o Marechal.

A's 8 horas da noite tambem de 13, foi ao Quartel o capitão dr. Vicente Antonio do Espirito Sancto, que declarou ao capitão Menna Barreto e ao alferes Joaquim Ignacio ir convidar o tenente coronel João Telles a participar do movimento, convite esse para que elle julgava-se duplamente auctorizado: por ter sido seu mestre

e por ser seu amigo e admirador de seu character. A aquisição do tenente-coronel João Telles muito importava pela sua extrema lealdade, pela sua rara bravura, que o-constituem um dos primeiros e mais distinctos officiaes da cavallaria do nösso exercito.

Na manhã de 14 o tenente Sebastião Bandeira dirigiu-se á casa do capitão dr. Espirito Sancto prevenindo-o de que o major Solon não podia comparecer á conferencia para ahi combinada (na antiga rua do Pau-ferro.) em virtude de haver sido chamado pelo Ajudante General. Entretanto, depois d'essa aviso poude desenhencilhar-se a tempo o sr. major Solon, que referiu-me :

« No dia 14 de Novembro, reunidos em conferencia em casa do capitão V. do Espirito Sancto (á antiga rua do Pau Ferro, em S. Christovam), na presença do dr. Benjamin Constant, do dr. Aristides Lobo, tenente Lauro Sodré, do general Almeida Barreto e do coronel Candido José da Costa, o major Solon fez saber que havia recebido ordem do Ajudante General para no dia immediato ir com o seu corpo (o 9.º Regimento) aquartellar na Escola Militar; e que elle, para não gerar suspeita alguma, havia simulado applaudir muito tal ordem, dizendo que tudo faria por cumpril-a o mais cedo possivel.

« Essa noticia muito impressionou a todos, chegando o capitão V. do Espirito Sancto á declarar que tal medida, sendo posta em practica, viria transtornar todo o trabalho até alli feito, pelo que opinava para que o major Solon desobedecesse á ordem, e que se-preparassem todos para as consequencias.

« Aconselhados entretanto pela prudencia, foram outros de pensar que melhor seria recorrer a qualquer pretexto, mas invocado com simulado respeito, para addiar essa marcha; e assentado ficou que no dia 16, sabbado, reunir-se-iam todos os elementos, e então, seria executado o plano seguinte:— assaltar a secretaria de estado onde estivessem os ministros em conferencia, e prendellos; fazer seguir o 7.º de infantaria para o arsenal de guerra, afim de apoderar-se d'elle e d'alli fornecer recursos para as outras forças, que viessem a campo; provocar a sahida das tropas aquarteladas na praça da Acclamação; fazer marchar do Realengo o batalhão de engenheiros com as metralhadoras que pudesse trazer e munição sufficiente; e outras medidas mais.

« N'essa conferencia, emquanto tudo aquillo passava-se, o major Solon, preocupado, ouvia e comsigo deliberava. Depois de assentado no que referido fica, e quando um dos conferentes lhe-disse: « não ha mais que vêr sr. Solon o plano é este e mãos á obra! », elle então disse: « seja! mas vejamos ainda como realizar-se isso, de modo a no momento dado nada faltarnos. »

« O major Solon:— « sr. general Barreto, quaes os elementos que o senhor compta poder apresentar em campo? »

« O general Barreto:— « Desprevenido de tudo, como tenho estado até aqui, não posso de prompto offerecer elemento algum certo; mas irei desde já recorrer a amigos meus da infantaria, dos quaes espero o melhor acolhimento. »

« O major Solon :— « E o senhor, sr. coronel Candido Costa, que elementos offerece ? »

« O coronel Candido Costa :— « Os senhores sabem que tenho estado até aqui avulso, em commissão, sem commando, portanto o elemento unico, que possô com segurança offerecer é o de minha propria pessoa, para qualquer commando por mais arriscado que seja, e o da brigada que commandei em Matto Grosso, o 1.º e o 7.º de infantaria. »

« Deante d'isto assentaram não protellar mais a decisão, devendo no dia immediato, 15, reunirem-se de novo para a tomada da ultima palavra, ajustando-se mais em que a essa ultima conferencia deviam comparecer todos os presentes, officiaes da armada, dos corpos especiaes, e principaes representantes do povo. E separaram-se. »

Tendo de partir no dia 15 para S. Paulo o alferes do 10.º Daniel Accioli de Azevedo e Silva, na tarde de 14 o capitão Menna Barreto com elle conferenciou no largo de S. Francisco de Paula, dando-lhe instrucções sobre o que deveria fazer no sentido de agitar os animos n'aquelle Regimento, trabalho esse que já havia sido iniciado pelo tenente Gustavo Borba, de accordo com o dr. Campos Salles, actual ministro da justiça.

A's 6 horas da tarde, ainda do dia 14, o capitão Menna Barreto e o tenente Sebastião Bandeira dirigiram-se á casa do sr. general Pederneiras e com elle entenderam-se, pedindo-lhe que chamasse seu filho Achilles Pederneiras, capitão do 1.º de artilharia para d'elle obter auxilio d'aquelle batalhão e que prevenisse ao tenente-coronel Mallet da inadiavel conveniencia de accelerar por demais os trabalhos.

Tempo é já de aqui abrir um espaço para tractar tão só de um nome que se-repete, se-multiplica, se-centuplica em referencias pelas paginas d'este livro. Eu fallo do legendario capitão Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto.

O leitor que até aqui acompanhou-me já de si certamente convenceu-se e persuadiu-se de que bem não cabe em humanas phrasès dizer quanto ha n'elle de excepcional bravura, de estuendo arrojo, de extraordinaria concepção, de providencial tino, de possante intelligencia, de phênomenal patriotismo, de raro e abrazador espirito demagogico, de sacrificios que não se-medem, de temeridades que desafiam obstaculos, de energias sem par e sem limites, de enthusiasmos que não se-arrefecem nunca, de actividade que exgota seculos em minutos, de paixão que excede os limites

de humano peito, de desprendimentos de ambições e glorias pessoais, de amor á loucura pela patria e pela liberdade !!!..

Tal é em synthese imperfeita o capitão Menna Barreto.

Quanto fez para o 15 de Novembro não o-sabe elle proprio dizer e não o-diz ; relatam-no outros entre os assombros do respeito e as exclamações do maior pasmo. Posso dizel-o eu, por ouvil-o de unisono concerto, e o-direi aqui ao leitor.

Ainda quando os principaes elementos nos-houvessem falhado; ainda que, pela maior das desventuras, do que ameaçados estive-mos, ficassem privados do vulto homerico do immortal Deodoro; ainda que o não menos homerico Benjamin Constant houvesse sido preso ; ainda que nenhum general houvesse assumido a direcção do movimento ; a revolução fatalmente se-faria e a republica seria inevitavelmente proclamada no glorioso 15 de Novembro, porque o capitão Menna Barreto o-jurára, e elle não iura em vão ; porque elle moveria a 2.ª Brigada que já o-havia reconhecido por chefe ; porque elle faria desaparecer irrevogavel e instantaneamente, um por um, quantos obstaculos ouzassem então anteporem-se-lhe !!...

Menna Barreto entrou na história pelo portico esplendente dos heróes ; e, qual succede aos genios, aos eleitos da glória, sua immortalidade começou já em sua propria vida !!

.....
Continuo a exposição.

A's 7 horas da noite ainda de 14 os alferes Joaquim Ignacio e Machado dirigiram-se para a cidade, onde iam levar para ser publicado em o *Correio do Povo*, no dia immediato, um artigo revolucionario, escripto por Machado, quando, na rua do Imperador, encontraram o major Solon, que mandou o primeiro d'elles providenciar no quartel para que o 1.º e o 9.º estivessem promptos á primeira voz, avisando com urgencia a todos os officiaes, pois, segundo affirmou, a policia e a guarda negra iriam atacar o quartel ; devendo o ultimo ir logo chamar o capitão Godolphim (que mora perto do quartel) para tomar o commando dos Regimentos, até chegarem os respectivos commandantes.

A's 7 1/2 horas o segundo tenente A. Cincinato de Araujo disse ao capitão Menna Barreto, na rua do Ouvidor, que o mi-

nisterio estava reunido e decretára a prisão do Marechal Deodoro; e perguntando-lhe o capitão Menna Barreto onde achava-se o Marechal, disse aquelle que no Andarahy, em casa de seu irmão, e que havia ido avisal-o. Menna Barreto, sem perda de tempo partiu para o quartel, dizendo ao tenente Cincinato: « Vou já com o 9.º Regimento buscar o Marechal onde elle estiver. »

O alferes Joaquim Ignacio, auxiliado depois por Machado, formou o 1.º Regimento, chamando officiaes e fazendo vêr ás praças o motivo da formatura.

Já depois de formado o 1.º Regimento, o sargento Americo Cabral mandou debandar o 2.º esquadrão, do que tendo sciencia os alferes Joaquim Ignacio e Machado, veio de novo o primeiro d'estes mandal-o formar pela 2.ª vez; e então, encontrando ahi o sargenteante do dicto esquadrão, o sargento Faria, por este foilhe dicto que — essa ordem de debandar emanava do proprio commandante, tenente-coronel Telles, mas que, si elle alferes o ordenava, elle formaria o esquadrão —, e tendo-lhe dicto o alferes Joaquim Ignacio — que effectivamente o-queria, tanto que ordenára a formatura do Regimento todo — retirou-se este.

Ainda outra vez interveiu o sargento Americo Cabral, aliás alheio á direcção do esquadrão, visto ser empregado na Secretaria do commando, e reiterou a ordem de debandar, declarando ás praças fazel-o por ordem do commandante.

Então houve de intervir o capitão Menna Barreto, que já ahi se-achava, chamando o sargento Americo Cabral, e dizendo-lhe em particular — que o esquadrão iria formar por sua ordem, e que si elle sargento o mandasse debandar, seria até fuzilado, começando desde logo por prendel-o, do que desistiu á vista da intervenção do cadete Abreu Filho, que se-responsabilizou pelo procedimento ulterior do referido sargento Americo Cabral.

Mas tarde verificou-se que aquella ordem de não formarem os esquadrões por ordem dos officiaes, effectivamente emanára do tenente-coronel João Telles, que a-déra a todos os sargentos, chegando a ameaçar o sargento Arnaldo, do 3.º esquadrão, que se mostrava recalcitrante, no empenho de auxiliar o movimento revolucionario.

O 9.º Regimento foi formado pelo alferes P. N. Alves Ferreira, que se-achava de estado maior, e que, em companhia do 1.º sargento Virgilio, fez abrir os caixões de munição. Com igual preseteza tinha-se formado o 2.º de artilheria, com os animaes já atrelados, e os armões engatados; antes d'isso os soldados dansavam rejubilosos um *samba* do Norte, de espaço a espaço dando *vivas à Republica!!!*

A's 8 1/4 horas da noite já chegado ao quartel o capitão Menna Barreto, proferiu as seguintes palavras: «Dêem-me uma blusa e uma espada; quero mostrar como se-morre por um general!» Em seguida fardando-se (pois entrára á paisana) e armando-se, dirigiu-se em companhia dos alferes Joaquim Ignacio e Machado a todos os esquadrões do 1.º e do 9.º, concitando-os á lucta e dando estrepitosos vivas á Republica e ao marechal Deodoro a quem appellidava — o maior amigo do exercito —. Estes vivas foram correspondidos com delirio, acclamando os soldados ao capitão Menna Barreto, a cujo lado, bem como de seus inseparaveis companheiros, estavam promptos para morrer.

A's 9 horas da noite o tenente Sebastião Bandeira, chegando ao quartel, fez trocar, as clavinas do 1.º e do 2.º esquadrões do 1.º Regimento pelas lanças com que ficaram armadas as praças, e mais tarde dirigiu-se aos esquadrões de clavineiros, examinando o armamento e fazendo distribuir as munições.

A's 10 horas da noite chegou ao quartel do 1.º Regimento o commandante tenente-coronel João Telles, que declarou estar informado de tudo quanto se-passára, pelo capitão dr. Espirito Sancto. Dirigiu-se depois aos esquadrões pedindo prudencia e calma, encontrando os mesmos já armados e promptos.

Era mui de notar o entusiasmo de que possuiam-se os soldados pela causa, que iam defender e elles conscientemente espo-savam, graças á propaganda feita por intermedio dos inferiores já referidos e dos 1.ºs sargentos J. C. Ferreira de Carvalho, A. de M. Guimarães, Antonio de Andrade, P. A. da Rocha, 2.º cadete 2.º sargento H. S. de Oliveira e sargento quartel-mestre Costa Filho.

Por esse tempo o tenente-coronel João Telles enviou o capitão Godolphim ao quartel-general para ao sr. general Floriano Peixoto

communicar que a 2.^a Brigada achava-se em armas e que era já tempo de elle general definir-se. O capitão Godolphim partiu e, chegado a seu destino, só transmittiu a primeira parte do recado, não julgando prudente no momento dar a segunda parte, por acharem-se presentes o barão do Rio Apa, o brigadeiro Amaral e outros. Então o general Floriano disse: « *Capitão uma força disciplinada nunca entra em fôrma sem que para isso receba ordem. E' muito bonito e louvavel que por uma causa justa se-levantem todos desde o clarim até ao general. Reflectam.* »

O capitão Godolphim retrucou — *que não haviam recebido ordem para formatura, porém, que circulando o boato de que a policia atacaria os quartéis da 2.^a Brigada, instinctivamente ésta formou-se para a propria defesa.* — E o general Floriano contestou ainda — *taes boatos não têm fundamento; diga ao Telles que venha pessoalmente entender-se commigo.* — O capitão Godolphim voltou a trazer o recado, e o tenente-coronel Telles montou em companhia do alferes Brazilio Bezerra.

Chegados estes dous ao Quartel-General por cerca de meia noite, encontraram os portões fechados e impedidos, sendo-lhes vedado entrar tanto pela sentinella como pelo tenente Villa-Fôrte, commandante da guarda, pelo que foi mister vir o tenente Jacutinga, ajudante de ordens do sr. Maracajú, afim de ser-lhes franqueado o ingresso. Tendo elles entrado, foi o tenente-coronel Telles conferenciar com o general, ficando em distancia o alferes Brazilio Bezerra.

Alguns officiaes abeirando-se d'este alferes perguntaram-lhe — o que havia pela 2.^a Brigada, o que se-esperava, e porque elle e o tenente-coronel alli se-apresentavam armados a fogo — ao que o alferes respondeu — *estarem todos prevenidos, por constar que a Brigada ia ser atacada pela guarda negra.* — N'esse interim o general Floriano e o tenente-coronel João Telles vieram para o avarandado, que guarnece as faces internas do Quartel-General, e o alferes Brazilio Bezerra, que d'elles se-affastára, no supposto de segredarem, e que só se-acercára a convite do proprio general, d'elle ouviu: « não vêr motivo para tamanha precipitação; que, si tal motivo houvesse, elle não hesitaria em francamente collocar-se ao lado de seus leaes camaradas; que os boatos eram

falsos; que a prudencia aconselhava acalmar os animos; e outras considerações expendeu consoantes a esse juizo, que elle procurou corroborar por factos occorridos no Paraguay e allures.»

Essa entrevista durou cerca de duas horas; e de frequente o tenente-coronel João Telles chamava a attenção do alferes Brazilio Bezerra para os conceitos do general Floriano. Finda a entrevista, os dous officiaes montaram e tornaram á Brigada.

Quasi por esse tempo, o tenente Gentil Eloy de Figueiredo (do 1.º Regimento) dirigiu-se a casa do Marechal Deodoro, onde se achava o tenente-coronel dr. Benjamin Constant, e a este fallou nos termos seguintes: « Sr. tenente-coronel eu sou o official de rondá de visita, e venho saber de v. s. si pretende realizar hoje o que temos combinado, porque n'este caso, dispondo eu hoje das forças da guarnição da cidade, mando já tomar posse do Arsenal de guerra e do Thesouro. »

O tenente-coronel dr. B. Constant disse: « Muito bem; mas consta-me que o Arsenal está tomado pelo corpo de bombeiros, que para alli marchou sob o pretexto de um incendio na Escola de Medicina. » O tenente Gentil, retrucou: « Realmente um principio de incendio houve alli, mas foi logo abafado e os bombeiros retiraram-se a quartel. » O dr. B. Constant disse: « bem; por ora nada temos definitivamente assentado. » O tenente Gentil pediu então para retirar-se e ir visitar as guardas, promettendo vir communicar o que pudesse colher; retirou-se e foi mais tarde reunir-se ao Regimento com o qual marchou. Esse acto do tenente Gentil nasceu de aviso que lhe-deu o major Solon.

Por cerca das 11 horas da noite o capitão Menna Barreto, avistando dous vultos no portão externo da rua do Imperador, procurou reconhecê-los, deparando-se-lhe os tenentes-coroneis João Telles e Costa Guimarães, que conversavam. Então o segundo d'elles perguntou ao capitão Menna Barreto « o que queria o exercito do governo, e si o exercito não comprehendia que os republicanos estavam especulando com elle? » O capitão Menna Barreto respondeu que « no dia immediato saberiam todos o que o exercito queria »; e retirou-se.

A's 11 horas da noite ou pouco mais tarde appareceu no quartel o tenente de infantaria Jeronymo Teixeira França, de-

clarando « ter havido ordem de prisão contra elle, o Marechal Deodoro e o dr. Benjamin Constant, e que em consequencia d'isso não podia entrar em sua casa, que estava completamente cercada de policia. » Dissê mais que, « de ordem do Marechal Deodoro, a 2.^a Brigada devia seguir immediatamente para a cidade, indo postar-se dentro do quartel do 1.^o de infantaria até á madrugada, em que, ás 5 horas, um esquadrão do mesmo 1.^o Regimento deveria ir buscar o Marechal, em casa de seu irmão, no Andarahy. » Estas declarações foram feitas no estado-maior do 1.^o Regimento e em presença de toda a officialidade do 1.^o e do 9.^o Regimentos; e foram repetidas na casa do tenente-coronel Telles, ainda em presença dos mesmos officiaes.

N'essa mesma occasião, e até interrompendo o tenente França, chegou ao quartel o major Solon, declarando acabar de estar com o Marechal Deodoro, o dr. Benjamin, o chefe Wandenkolk e o capitão de fragata Lorena, e que o Marechal ordenára á Brigada se-achasse prompta á primeira voz. Em seguida foi conferenciar secretamente com o tenente-coronel João Telles que, voltando, abraçou os officiaes do 1.^o e do 9.^o, declarando estar prompto a morrer ao lado dos seus camaradas, o que de todos foi altamente apreciado.

O governo como já vimos, não affrouxava, sim accelerava providencias ante as noticias que traziam *dedicados vedetas*, cautelosamente esparsos, e presurosos de bem servir a quem bem podia *recompensal-os*. A traição tambem minava os conspiradores; um momento mais, e ai d'elles!

Então os officiaes do 1.^o e do 9.^o Regimentos reuniram-se no pateo interno do quartel e ahi resolveram que não mais se-desarmariam, e que no dia seguinte marchariam sobre a cidade, ficando firme sob juramento que seria fuzilado o official que, por acto ou palavra se-revelasse mais tarde contrario á resolução. Inteiramente egual procedimento tiveram os officiaes do 2.^o Regimento e os da Escola Superior.

Depois da meia noite chegou o major Innocencio Serzedello, affirmando estar toda a infantaria contra a 2.^a Brigada, e não ser conveniente precipitar o movimento, convindo antes adial-o. Suas palavras soffreram caloroso protesto da parte do capitão Menna

Barreto, que chegou a declarar-lhe « vér nelle um alarmador da tropa, cujas intenções mostrava desconhecer. » Neste ponto sou forçado a interromper o fio da narração para aproveitar uma referencia que fez-me o sr. major (hoje tenente-coronel) Solon.

Disse-me o bravo official que, apoz a conferencia em que estivera em casa do capitão dr. Espirito-Sancto, pela tarde, vindo á cidade, occorrêra-lhe de subito fazer propalar um falso boato sobre a prisão do Marechal Deodoro, do dr. Benjamin Constant, do dr. Aristides Lobo, de Quintino Bocayuva, e quicá d'elle proprio Solon; que, lançado esse estratagemma de guerra, de novo recolhêra-se á casa, aguardando os effeitos que surtiriam sem tardar; que depois, tomando um bond de S. Christovam, apeiou-se no largo de S. Francisco ás 8 1/2 horas da noite approximadamente e desceu a rua do Ouvidor, onde logo encontrou o alferes-alumno Arthur N. de O. Madureira, a quem ordenou seguir immediatamente para o 1.º Regimento a de novo prevenil-o e a todas as forças para que nenhum movimento operassem sem que elle, major Solon lá chegasse, mas que fossem tudo preparando á nada faltar. O alferes Oliveira Madureira tomou logo um tilbury, e partiu fazendo-o tocar a mais não poder.

« Enfiando pela rua do Ouvidor o major Solon encontrou o capitão C. O. Ferraz a quem de tudo deu parte, acertando em ir sem demora o capitão activar a infantaria; ao passo que elle, tomando direcção á rua Evaristo da Veiga, abeirou-se do quartel do corpo de policia onde, observando movimento de forças, no tom descuidoso de um paysano (como trajava) perguntou a um soldado o que aquillo significava. Este disse-lhe: « que os batalhões de S. Christovam se-haviam revoltado, e que esse corpo estava formando por ordem do governo por causa da revolução ». O major Solon disse: *pois obrigado por essa informação, e vou já para casa porque tenho medo d'esses barulhos.* Ao que a praça retrucou: *acho bom, porque as cousas parece que estão feias.* »

« Contente com o que colhêra, dirigiu-se o major Solon para o Club Militar, onde encontrou o bravo major Marciano de Magalhães, a quem perguntou pelo dr. Benjamin Constant, e d'elle soube achar-se no Club Naval, dizendo o major Marciano: « Si você quer fallar-lhe vá lá sem demora porque elle não pára, e talvez mesmo já lá não esteja; e o melhor é você ir com o tenente Bruce. A senha é: « Roma... nome... posto... batalhão. »

« Partiram o major Solon e o tenente Bruce, chegaram ao Club Naval onde encontraram muitos officiaes da armada, e entre elles o chefe Wandenkolk a quem tudo referiu o major Solon, mas lá não achava-se mais o dr. Benjamin Constant. Dahi seguiu o major Solon para a casa do Marechal Deodoro, onde encontrou o dr. Benjamin Constant, achando-se o Marechal ausente, de visita á casa de um irmão no Andaraby. Com o dr. Benjamin Constant achavam-se o capitão dr. Espirito-Sancto e outros camaradas. Seriam 9 para 10 horas.

« Ao dr. Benjamin expoz tudo o major Solon concluindo por dizer-lhe que a presença d'elle e do Marechal Deodoro era indispensavel em S. Christovam. O dr. Benjamin Constant prometteu

fazel-o logo que chegasse o Marechal, o qual já haviam mandado buscar de carro. A isto despediu-se o major Solon, dizendo « Pois lá os-espero. ».

Tudo isso me-foi referido pelo proprio sr. Solon.

A conferencia que, em secreto elle teve no quartel com o sr. tenente-coronel João Telles, e de que já falei, disse-me elle ter occorrido do modo e nos termos seguintes: « dirigindo-se elle ao tenente-coronel João Telles, advertiu a este da imminencia do momento; que o tenente-coronel Telles perguntou-lhe « qual o general que assumia a responsabilidade da operação » ao que deu o sr. Solon em resposta « ser o Marechal Deodoro », a vista do que o tenente-coronel declarou « pois eu serei solidario com vocês »; que, exultando ante essa nova demonstração da não duvidada probidade do tenente-coronel João Telles, e em justa homenagem a elle, cedeu-lhe desde logo o commando da Brigada, que lhe-estava destinado, fazendo-lhe sentir que, si nos ultimos momentos não o-procurára, fôra a isso induzido por duas razões: não duvidar um só instante da inteireza de seu character e segurança de sua palavra, uma vez dada; e não querer envolvê-lo muito na enorme responsabilidade, que sobre elle Solon pesava. »

O Club Naval, desde o cahir da noite, reunira-se em sessão secreta, só podendo ahi ter ingresso quem dêsse a senha.

Em casa do Marechal, como disse, estavam já reunidos varios officiaes, quando elle chegou e logo entrou a deliberação sobre a melhor opportunidade da acção, sobre o *modus faciendi*, comptando-se e pesando-se os elementos.

A cada momento a inopportunidade affigurou-se maior, até porque faltava um laço de coherencia, que estabelecesse a unidade perfeita entre os ingentes esforços, que cada parcialidade estava operando. As noticias que chegavam não eram completas e algumas até certo ponto contradiziam-se; o tempo era pouco e seria imprudencia expôr ao aprisionamento elementos da mais robusta confiança para o movimento.

Fazia-se ainda conferencia em casa do Marechal Deodoro, quando ás 11 horas da noite de 14, tendo deixado no quartel seu bravo companheiro capitão Ferraz, dirigiu-se o capitão Manoel Joaquim Pereira á casa do Marechal, onde chegado, ás 11 1/2 horas perguntou-lhe este: « Que fôrça podem os srs. mandar descer? » Respondeu-lhe o capitão Pereira: « Achando-se muitas praças licenciadas, sendo o maior numero d'ellas de casados; do quartel só cerca de 70 praças poderão descer no primeiro momento. » O

capitão Pereira passára primeiramente no Club Naval onde falou ao capitão de fragata Lorena, isto das 8 para as 9 horas.

O Marechal, tendo ouvido diversos officiaes, chegou a des-persuadir-se de poder organizar movimento, e manifestou-o franca-mente, chegando a assentar-se no adiamento de tudo para o dia 15 ou 16. E demais, em meio d'isso, o Marechal, que doente se-achava, teve um forte accesso, que veio tudo suspender. Então os officiaes presentes, voltando-se para o tenente-coronel dr. Benjamin Constant, sollicitaram d'elle tomar a direcção da jornada, caso ainda fosse emprehendida, ao que elle respondeu: « Minha vida esta á disposição dos senhores, e eu decidido a sacrifica-la; mas ainda não temos tudo preparado, nem sabemos bem com o que comptamos; e demais eu não tenho prestigio de general e não me-considero na altura de substituir o Marechal. »

Licito era pois dizer que estava tudo adiado por ahi. Entre-tanto effectivamente assim não era, pelo que já detidamente, e mi-nuto por minuto, acabei de antecedentemente expôr, occorrido nos corpos aquartellados em S. Christovam, e de que não tinham exacta noticia nem o Marechal, nem os conferentes em sua casa reunidos. E o laço de coherencia que faltava, como eu disse ha pouco.

Um parentheses: pela noite de 14, em hora que não posso precisar, correu ter sido ferido por tiro, na rua de S. Christovam, um sargento de policia. Chegada a noticia aos quartéis da 2.^a Brigada, immediatamente, um official veio comissionado ao posto de guarda policial estabelecido áquella rua, onde soube que, embora tal tiro houvesse sido desfechado por um grupo desconhecido (dizem uns), ou por um corneta embriagado (dizem outros), o sargento não havia recebido ferimento algum.

O governo sabia mais ou menos o que se-passava em São Christovam; e dizia-se no Quartel-General que praça que para lá passasse não voltava, ficava prisioneira, o que aliás não é inteiramente exacto, sendo apenas certo quanto aos espiões.

O governo porém só comptava com a resistencia da 2.^a Brigada, ou, mais exactamente, apenas com a dos Regimentos aquartellados em S. Christovam, e das Escolas Militares; tudo mais elle tinha por seu e bem firme. Assim asseverava o Sr. Rio Apa.

No 2.^o Regimento de artilheria montada, é incrível e indes-criptivel o trabalho planeado e consumado, póde dizer-se em minutos apenas!

Valos extraordinarios haviam sido feitos para fornecimento de café e de pão ás praças, que, em marcial frenesi, aprompta-vam-se, afiavam as espadas, atrelavam animaes, descunhavam peças, que não poderiam ser carretadas, armavam e simultanea-mente inutilisavam elementos, e, de quando em quando pergun-tavam aos officiaes: — « sr... quando é o rolo? »

A porta da Arrecadação do Regimento cedeu pela fechadura á terceira camartellada: distribuiram-se os revolvers, e continuou o infernal e indescriptivel trabalho de limagem de granadas e lanternetas, já daectado de noites anteriores, afim de completar a distribuição de munições na razão de 20 por peça.

Alem d'esse armamento, o tenente Saturnino Cardoso metten 23 mil cartuchos de infantaria em cima e dentro dos armões,

destinando-os a municiamento da Escola Militar e do 7.º de infantaria.

Então, chamado o commandante interino do Regimento, major Lobo Botelho, este reuniu conselho de officiaes, aos quaes oppoz duvidas, que estes não acceitaram, *resolvendo-se* elle por fim a acompanhar o Regimento. As mesmas ponderações fizera anteriormente o major commandante interino do Regimento aos officiaes da Escola Superior de Guerra, que com elle falaram. Sua exigencia consistia em *trazer desfraldado o pavilhão imperial, e dar vivas a d. Pedro II.*»

Então, chegou o commandante effectivo do Regimento, o qual, depois de ouvir e conhecer com certeza a intransigente deliberação dos officiaes, quiz falar pelo telephone, vendo-se a isso obstado por haver o alferes Fleury arrancado violentamente a communição telephonica, bradando «fazel-o por ordem superior».

D'ahi expediram-se enviados e communições para o Club Naval.

O tenente Saturnino Cardoso chegou a lembrar o expediente de aprisionarem-se animaes de uma cocheira proxima, por serem insufficientes os do Regimento, protestando que no dia immediato se-faria a indemnisação por qualquer fórma.

Então, foram reunindo-se aos Regimentos os officiaes alumnos da Escola Superior de guerra, moradores das circumvisinhanças, e outros advindos, os quaes, por falta de montaria, resolveram, em numero de 48, constituir dous pelotões, marchando de carabina ao hombro, como soldados de fileira.

Brilhante e fecundo exemplo de abnegação! Gloriosa página escripta por um pugillo de jovens bravos, nos quaes o amor da patria sopita todos os sentimentos e todas as paixões!... Admiravel fraternidade! Sublime heroismo!... Sobre vós, heroicos e nobres rapazes, desçam agradecidas as bençãos da patria! Cada um de vossos nomes é uma estrophe de luz e de amor no poema da revolução!...

Corria o tempo; e todos, anciosos e anhelantes, aguardavam a chegada dos chefes, que não appareciam, naturalmente em vista da resolução assentada na conferencia em casa do Marechal Deodoro. E o tempo traidor voava; o governo estava vigilante, activo e operoso; elles eram os fracos e agora os aggressores; elles eram os rebeldes; e era por sem compta preferível morrer com gloria a cair com deshonra.

Era o que, na manhã de 15, eu dizia a meu filho, que (achando-se em terra por licenciado) revelou-me, em seus verdes annos, sentimentos de que orgulha-se meu coração paterno, quando pediu-me o meu revolver, que lhe-dei, unica arma com que elle seguiu para o campo, voluntario e resolutivo.

Cerca de 1 hora da madrugada de 15, achando-se o alferes Joaquim Ignacio em serviço do lado de fóra do Quartel do 1.º, d'elle acercaram-se o 2.º tenente reformado Paulino da Fonseca, uma sua filha e o capitão Hermes da Fonseca pedindo este ao alferes que, da parte do Marechal Deodoro, dissesse ao major Solon que o rompimento devia fazer-se pela manhã, porque só a essa hora poderiam desembarcar as forças navaes.

Conservavam-se os tres Regimentos em armas, ouvindo-se de quando em quando o estrugir de «vivas á Republica».

Souram tres horas da madrugada; e, como nam o Marechal Deodoro nem o dr. Benjamin Constant apparecessem, o capitão Menna Barreto fez partir os segundos-tenentes Lauro Severiano Müller e Adolpho Peña, acompanhados por um clarim do 1.º Regimento e duas praças montadas de artilheria, a fim de que, sem perda de tempo, fossem chamal-os, prevenindo-os de que a Brigada já estava em fôrma, que esperava-se por elles, e que, intransferivel e inevitavelmente, ao romper do dia marcharia sobre a praça da Acclamação. E partiram vèlozes os dous.

A missão era arriscada, porque a essa hora já a policia conhecia o movimento todo que se-operava.

Eram quasi quatro horas da manhã quando o tenente Peña chegou á casa do dr. Benjamin Constant. O tenente Peña tomou immediatamente a deliberação de dizer, caso fosse preciso, que era ajudante de ordens do ministro da guerra e vinha prender o dr. Benjamin.

Bateu á porta repetidas vezes. Appareceu um criado velho, que disse que — «o doutor não estava em casa.»— O tenente Peña disse-lhe:— «Si eu não fallar immediatamente com o d. Benjamin, a sua vida corre perigo.»— O criado intimidou-se e acompanhou-o, pelo porão, até aos fundos da casa. Na porta dos fundos o tenente Peña bateu violentamente com os punhos da espada: lá estão ainda, na porta, os signaes das pancadas. Appareceu um genro do dr. Benjamin, que declarou ao tenente que —«seu sogro não estava.»— O tenente exclamou:— «Mas é urgente que falle ao dr. Benjamin, em nome da 2.ª Brigada!»—

Appareceu o dr. Benjamin perguntando:— «Mas que é isso?! Nós tinhamos resolvido addiar o movimento. O Marechal Deodoro ficou enfermo e não pôde sahir.»— O tenente Peña contou-lhe então que a Brigada já estava municuada e prompta. No decorrer da conversa appareceram o major Marciano e a Exm. esposa do dr. Benjamin Constant. Este voltou-se para seu irmão Marciano, e disse-lhe a já memoravel phrase:— «Chegou o momento! Agora que cada um saiba cumprir o seu dever.»— E dirigindo-se ao tenente Peña:— «Como hei de transportar-me?»—

— «Eu vou buscar um carro para V. Ex. Si o carro demorar é porque fui preso. O carro estacionará na rua do Senado, porque na frente de sua casa já estão em linha os bombeiros.»—

O dr. Benjamin sahiu acompanhado por sua Exm. esposa, que o-guiava com uma vela accesa. Ordenou, ao sahir, ao tenente Peña que fosse avisar aos srs. Quintino Bocayuva e Aristides Lobo e aos chefes Wandenkolk e Lorena.

Toda esta parte referente ao segundo-tenente Adolpho Peña, que eu nos mesmos precisos termos sabia, vem referida em especial artigo de frente, encimado por seu retrato, na *Gazeta de Noticias* do dia 1.º de Dezembro, de onde extrahi e trasladei, por ser em tudo correctissima a narração.

Soube mais que com o tenente-coronel dr. Benjamin seguiram para S. Christovam o 2.º tenente Muller (hoje governador do Estado de Sancta Catharina) que viera chamal-o, e o clarim

do 1.º Regimento; indo a seu novo destino o tenente Adolpho Peña com as duas praças montadas do 2.º Regimento de artilheria.

Foi então que elles passaram por casa do Marechal Deodoro, onde bateram para tambem avisal-o de tudo e com elle instar para que não faltasse, pois chegado era o momento eminentemente critico e decisivo.

O Marechal Deodoro guardava o leito da dôr, tendo soffrido a applicação de fortes sinapismos; ao receber, porém, essa noticia de ser sua presença a todo transe reclamada para pôr-se á frente do exercito, o velho e proibidoso cabo de guerra, deslembrou-se de si e respondeu — que ao amanhecer estaria á frente de seus camaradas.

Pela madrugada, o alferes Barbosa Junior do 1.º Regimento, de mando do tenente-coronel João Telles, foi ao Quartel-General de novo dizer ao general Floriano que a Brigada estava prompta e que esperava-se sua palavra; ao que esse general disse: *« estou vendo uma precipitação enorme; o verdadeiro é irmos ao Ministro da Guerra; respondendo o alferes Barbosa Junior — pois vamos.*

Quando, porém, o alferes Barbosa dava ao general Floriano o recado, o brigadeiro graduado Antonio José do Amaral, que o-ouviu, deu-se pressa em ir ao gabinete do ministro, de sorte que, quando o general Floriano com o alferes Barbosa Junior para la se-encaminhavam, elle de lá saiu e segredou palavras ao ouvido do general Floriano, pelo que este pediu ao alferes Barbosa Junior que esperasse um pouco, indo elle só ao ministro; e ao sair de lá disse ao alferes. *« o ministro ignora tudo, não sabe a razão d'isso, nem aqui se-falla em prisões e nada d'isso; o melhor é o sr. dizer ao Telles que venha pessoalmente fallar-me. »*

O alferes Barbosa Junior saiu e, ao atravessar a diagonal do Quartel á rua do Senador Euzebio, encontrou-se com o tenente Vinhaes a quem tudo referiu, para que por elle fossem informados Quintino Bocayuva e os demais chefes civis.

Às 5 1/2 horas da manhã, de carro, com a companhia já referida, o tenente-coronel dr. Benjamin Constant chegou ao quartel dizendo ao apear-se: *« Estou no meio dos meus amigos. Chegou o momento de vêrmos quem sabe morrer pela Patria. Si fórmos vencidos guardemos a ultima bala de nossas armas, para que nos-salvemos da humilhação do aprisionamento. »*

O-juraram todos ainda uma vez.

Em seguida o tenente-coronel dr. Benjamin Constant dirigiu-se ao saguão proximo á Secretaria do 1.º Regimento, e disse: *« Ainda ha dignidade na classe militar! »*

Mal correu no quartel a noticia da chegada do tenente-coronel dr. Benjamin, exaltaram-se a mais não ser os animos todos; e cada um correu a seu posto soffrego por ouvir a voz de marcha.

Em seguida o tenente-coronel dr. Benjamin mandou uma mensagem ao Club Naval, dizendo que esperava todo o concurso da esquadra para proteger o desembarque dos fuzileiros navaes; e ao general Floriano Peixoto mandou dizer que: *« as forças reunidas esperavam de seu patriotismo que elle viesse assumir o*

commando geral, visto ser talvez impossivel encarregar-se d'essa missão o Marechal Deodoro, que passara malissimamente a noite. »

Da 1.^a d'estas duas mensagens foi encarregado o alferes-alumno Fragoso; da segunda foi encarregado o alferes de cavallaria Eduardo Barbosa Junior (já voltado), que tambem levava a resposta do tenente-coronel João Telles ao general Floriano Peixoto, concebida nos termos seguintes: « Diga a elle que vou com a Brigada, e depois que chegar ao campo irei então com elle entender-me. »

A ésta resposta disse o general Floriano Peixoto, « pois sim. »

E feito isto, o tenente-coronel dr. Benjamin Constant e o tenente-coronel João Telles, commandante da Brigada, montaram; e a Brigada moveu-se em columna de marcha.

Montavam na frente o tenente-coronel João B. da S. Telles e o major Frederico Solon Sampaio Ribeiro, á frente do 1.^o de cavallaria, armado a carabineiros e lanceiros, com revolvers Nagent, e bem municuados.

Nesse Regimento iam os officiaes seguintes: capitães F. Florambel da Conceição, Manoel J. Godolphim e J. Pedro Galvão; tenentes Sebastião Bandeira, J. A. Rodrigues de Moraes, Gentil E. de Figueiredo, Henrique de A. Bezerra e A. B. de Athayde Junior; alferes A. Z. de Assumpção, J. Brasilis de A. Bezerra, G. de C. Carneiro Leão, J. L. dos S. A. Aguiar Cony, E. T. Barbosa Junior; alferes-alumnos: A. C. Barrouin, A. N. de Oliveira Madureira e M. J. Machado.

Em seguida ao 1.^o Regimento, montava o tenente-coronel dr. Benjamin Constant, tendo a seu lado o 2.^o tenente reformado Pedro Paulino da Fonseca.

Marchavam depois os dous garbosos e gentis pelotões da Escola Superior de guerra, sob o commando do capitão Vespasiano Gonçalves de Albuquerque Silva.

Esses dous pelotões que guardavam a vanguarda da artilheria, eram constituídos assim:

PRIMEIRO PELOTÃO. *Commandante*.—Tenente de estado maior de 1.^a classe I. P. de Moraes Castro. *Guia direita*.—2.^o tenente de artilheria José Bevilacqua. *Guia esquerda*.—2.^o tenente de artilheria T. de Alencar Araripe Sobrinho. *Pessoal*.—2.^{os} tenentes de artilheria T. A. Barreto Leite, J. de Calazans Silva, A. J. Vieira Leal e A. M. Sisson; alferes-alumnos Annibal E. Cardoso, P. Ferreira da Rocha, R. Arthur de Vasconcellos, Q. de Souza e Mello, J. J. de Campos Curado, J. de Sarejo, Olavo M. Corrêa, Egydio Tallone, J. Maria de Mesquita, C. G. de Senna Braga, B. Gomes da Costa, Hastimphilo de Moura, M. Xavier de Oliveira e cadete J. de Oliveira Gameiro.

SEGUNDO PELOTÃO. *Commandante*.—1.^o tenente de artilheria J. L. Piress de Castro. *Guia direita*.—Alferes-alumno A. O. Fleury de Barrós. *Guia esquerda*.—2.^o tenente de artilheria P. Ferreira Netto. *Pessoal*.—2.^{os} tenentes de artilheria O. A. Gonçalves da Silva, A. de Azambuja Villa Nova e J. R. Alves de Azambuja; alteres-alumnos J. Marques da Cunha, J. Baptista da Matta, A. Cardoso de Aguiar, A. A. de Moraes, L. B. Rodrigues Pereira, A. Pereira Prates, J. C. Barbosa Penna, Ovidio Abrantes, Abeylard C. de Queiroz, A. H. Vieira Leal, A. R.

Gomes de Castro, A. Fernandes Monteiro, J. Baptista de Figueiredo Junior e cadetes J. C. da Silva Muricy e P. H. Cordeiro Junior.

Estavam armados a revolver, clavinas e espadas.

Seguiu-se o 2.º Regimento de artilheria montada, com dezesseis boccas de fogo, canhões Krupp, trazendo a seguinte distinctissima officialidade, pleiade de valentes cujo esforço phrases humanas dizer não podem.

Commandante, major Lobo Botelho; fiscal, capitão Francisco X. Baptista.

1.ª bateria com quatro boccas de fogo e os officiaes; capitão J. M. de Paiva, 1.ºs tenentes T. Cavalcanti de Albuquerque e Saturnino N. Cardoso e 2.º tenente N. V. Barreto Coitinho e J. B. de Abreu Sodré.

2.ª bateria com 4 boccas de fogo e os officiaes: 1.ºs tenentes Clodoaldo da Fonseca e Timotho de F. Corrêa Filho, 2.ºs tenentes I. do P. M. Pires da Franca, J. M. Madureira de Sá, M. J. dos Santos Barbosa.

3.ª bateria com 4 boccas de fogo e os officiaes: capitão J. A. Marques Porto, 1.ºs tenentes J. dos Santos Rosa e A. de Andrade Almada, 2.º tenente O. A. de Oliveira Galvão e alferes-alumno H. Nogueira Borges.

4.ª bateria com 4 boccas de fogo e os officiaes: capitão J. C. Marques Henrique, 1.ºs tenentes J. d'Avilla Franca e J. da Silva Braga e 2.º tenente P. P. de Castro Cerqueira.

Cada bocca de fogo, entre lanternetas e granadas, tinha munição para 20 tiros.

Seguia com este Regimento o cidadão Antonio Rodrigues de Campos Sobrinho, que espontaneamente apresentára-se na vespera como soldado á revolução, a que por outros meios já servia e outros tres paysanos cujos nomes ignoro.

Com a artilheria marcharam tambem os alferes-alumnos: Tasso Fragoso, Mendes de Moraes, Cassiano de Assis, Ribeiro da Costa, Fleury de Barros, e mais tres cujos nomes ignoro.

A rectaguarda da artilheria era guardada pelo 9.º Regimento de cavallaria (a pé por falta de cavalhada), armado a clavinas Winchester, espadas e revolvers Nagant, a cuja frente montava o intelligente, valoroso e imperterrito capitão Menna Barreto.

Com este Regimento seguiam os officiaes seguintes:

Alferes: P. N. Alves Ferreira, Joaquim Ignacio B. Cardoso, Abel Nogueira, P. d'Artagnan da S. Monclaro; alferes-alumnos P. Alexandrino e Silva e F. F. de Souza Amorim.

Fechava a cauda da columna uma carroça com munição de guerra.

A Brigada avançava ainda pelo canto da rua do Consultorio, quando alcançou-a o alferes Barbosa Junior de volta da 2.ª commissão; e, depois de dada a resposta, vein elle collocar-se juncto ao cadete Paulo na rectaguarda do 3.º esquadrão do 1.º Regimento, de onde, e já no canto da rua de Miguel de Frias, vendo que a artilheria, pela marcha mais pesada, se-distanciava, correu á frente e d'isso preveniu o tenente-coronel João Telles, que ordenou ao Regimento fazer alto, até que a Brigada se-corporificou

toda de novo. Nesse sentido e simultaneamente o commandante da artilheria mandou aviso ao capitão Florambel, que o-transmittiu ao major Solon.

O alferes Barbosa Junior, depois de tornar á rectaguarda, voltou á frente, a chamado do tenente-coronel João Telles e ahi se-conservou sempre na marcha proseguinte.

Pela altura do chamado Campo de Marte, vinha em direcção a S. Christovam o alferes de policia Alvaro de Mello com uma ordenança: e o tenente-coronel João Telles, no supposto de poder elle vir trazer alguma ordem infensa á Brigada, fêl-o prisioneiro, obrigando-o a voltar e a seguir a seu lado, posição essa que, a despeito de satisfações e supplicas, o alferes de policia foi coagido a guardar até ao campo.

Tambem quasi por esse tempo o tenente-coronel Telles disse ao major Solon que mandasse o sargento ajudante do Regimento, Agricola Belem (que pelo seu posto marchava na testa do Regimento), vir ao 3.º esquadrão transmittir a ordem para que o ultimo meio esquadrão voltasse á procura do Marechal Deodoro, para guardar sua pessoa, pois soubera-se ter o Marechal vindo em direcção ao quartel para assumir o commando da Brigada.

O tenente Gentil, que commandava esse 3.º esquadrão, cumpriu a ordem, e o meio esquadrão partiu sob o commando do sargento-ajudante, vindo encontrar o carro do Marechal, já de volta, quasi em frente á Estação central da companhia Villa-Isabel, e d'ahi seguindo até que pela altura do Asylo da Mendicidade passou esse meio esquadrão em escolta a ser commandado pelo tenente Athayde. Esse digno official, que achava-se aggregado á arma de cavallaria por incapacidade physica, e estando a tractar de seus esponsaes (para o que chegára do Espirito-Sancto a esta capital pela noite do 14), mal soube do movimento, nelle envolveu-se com ardente enthusiasmo, como si de tudo fóra participante desde o principio, passando a noite em promptidão com o Regimento.

D'esse piquete do Marechal era inferior o 2.º cadete 2.º sargento Annesio.

Vinha a Brigada pela rua do Visconde de Itaúna, quando pela rua do Senador Euzebio, a seu encontro, já voltava de carro o Marechal Deodoro, que, avistando-a, ao mesmo tempo que ella, avistando-o tambem, mandára chamal-o, atravessando a ponte da antiga rua do Bomjardim e ainda de carro, seguiu d'então por deante á sua frente.

Ao avistar o Marechal, um viva estrepitoso partiu da testa da Brigada, percorreu-a até á cauda, veio de retórno, e segunda vez reboou até extinguir-se no centro; e, embora com transgressão da disciplina n'aquelle especialissimo momento, um soldado de uma das baterias da artilheria deu estrepitoso *Viva á Republica*, que foi atendido e calorosamente correspondido.

Logo apoz a rua do Duque de Saxe o capitão Manoel Joaquim Godolpim, á frente de 8 carabineiros, destacou na vanguarda: e approximadamente 8 horas seriam quando o piquete explorador pisou a praça da Aclamação, vindo fazer alto em frente ao portão principal do Quartel-General, onde estendeu em linha.

Ao avistar aquelle piquete, o sr. Ouro Preto perguntou ao

sr. Maracajú : *Aquella força não é gente do Deodoro ? e tendo o sr. Maracajú dicto que sim, tornou elle com vivacidade : Pois mande prendel-a quanto antes. Essa ordem, não obstante ser repetida, não encontrou quem quizesse ir cumpril-a.*

A' chegada na praça da Acclamação, o Marechal Deodoro deixou o carro, mui contra a insistencia dos officiaes, que attendiam a seu estado, e montou a cavallo no animal, que lhe-cedeu o alferes Barbosa Junior ; e então o tenente-coronel João Telles, por ordem do Marechal Deodoro, impellindo seu animal, deu sobre o Quartel-General para entender-se com o governo e expôr-lhe os votos e formaes intentos da Brigada, e prevenir ao general Floriano Peixoto de que o Marechal estava prompto para a conferencia.

Primeira intimação, que foi feita ao sr. Ouro Preto.

O tenente Adolpho Peña, que havia arrepentado o cavallo em que montára, tomou outro de um amigo, e de volta postou-se ao lado do Marechal, que o-nomeou alli seu ajudante de ordens.

A Brigada então penetrou na praça, seguindo as forças em columna pela frente do jardim para collocar-se na disposição seguinte : o 1.º Regimento no flanco direito da praça dando a direita para o angulo do quartel ; á sua esquerda, com frente para o Quartel e a rectaguarda para o jardim, formava a Escola Superior de guerra ; em seguida a ala direita do 9.º de cavallaria, protegendo a direita e rectaguarda da artilheria com suas 16 boccas de fogo, sendo ainda a rectaguarda e esquerda da artilheria protegidas pela ala esquerda do 9.º de cavallaria. Pouco depois apresentou-se uma força da policia de Nicteroy, que veio formar á esquerda do 9.º Regimento, á ordem do Marechal.

Logo depois de haver a 2.ª Brigada tomado posição no campo o sargento Francisco d'Avila e Silva, que era empregado na 1.ª Brigada, não podendo entrar para o quartel por acharem-se fechados os portões, aproveitou-se da porta, que é especial da Repartição do Quartel-General, que se-achava toda entaboadá por causa das obras, que ali se-faziam e ainda agora mesmo se-fazem, e por esse taboadó pulou para dentro.

O capitão Percílio de Carvalho Fonseca, que se-reunira ás forças da 2.ª Brigada, vendo o sargento a pular correu para elle e disse-lhe : *Sargento diga ao capitão Olympio Ferraz do 7.º que prenda já o Ouro Preto.*

O sargento Avila e Silva levou o recado e trouxe a seguinte resposta : *Diga á elle que por mim eu o-faria já e até mais alguma cousa ; mas por ora nada posso fazer por mim só, porque aqui está o commandante, e aqui está tambem o tenente-coronel João Telles, que veio de lá da Brigada. Portanto vamos esperar um pouco. »*

Quando o sargento Avila saiu do Quartel-General para ir ao Campo, o barão do Rio Apa, vendo que elle não se-achava na Brigada, deu ordem que o-recolhessem preso, assim que viesse.

Esse mesmo sargento Avila pertencia ao 10.º quando se-deu a primeira questão militar, no ministério Cotegipe. Terminada a questão, elle reuniu um meeting de inferiores do 10.º e propôz-lhes uma manifestação ao Marechal Deodoro, idéa que foi bem acceita por seus collegas, mas que não realisou-se porque o sr. co-

ronel Guedes, que era o commandante do 10.º a isso resolutamente oppôz-se. E o governo, para castigo, transferiu em 3 de Junho esse sargento para o Rio Grande do Sul.

A's 7 1/2 horas apresentou-se no campo o capitão Trajano, que, vendo á testa do Regimento o capitão Menna Barreto, pelas relações de amizade que os-unem, e inteira confiança n'este, não veio logo assumir o commando, que por direito lhe-competia.

Deixou-se então por algum tempo ficar na rectaguarda do Regimento, onde armou-se, tomando o revolver de uma praça.

Apenas visto, porém, foi elle por seus camaradas, chamado para a frente, onde M. Barreto, immediatamente e satisfeito por mais esse prestigioso companheiro, cedeu-lhe o commando do Regimento, concordando ainda Trajano em que elle ficasse com o commando da ala esquerda.

Muitos officiaes e amigos insistiram com Trajano para que elle montasse, o que elle recusou sempre, attendendo á falta de cavallos, só montando depois que ia começar a marcha triumphal, quando Menna Barreto, adoecido, recolheu-se á Escola Normal, e Trajano tomou o commando inteiro do Regimento.

Em frente á estação da estrada de ferro Pedro II (hoje estrada de ferro central do Brasil) já se-achava o general Almeida Barreto á frente de uma brigada de 1095 praças. Esse general assim que avistou o Marechal Deodoro cumprimentou-o com a espada. Essa brigada extendia-se da frente da estrada de ferro e angulo do quartel pelas ruas do Dr. João Ricardo e Marcilio Dias.

O general Barreto hesitou em acceitar o commando, mas acceitou-o immediatamente apoz as duas seguintes rapidas phrases, trocadas com accentto energico entre elle e o sr. Ouro Preto.

O sr. Ouro Preto:— « General cumpra o seu dever, que eu saberei cumprir o meu. »

General Barreto:— « Pois v. ex. vae vêr já como eu sei cumprir o meu dever. »

O sr. Ouro Preto agitava o indicador da mão direita quando tal phrase proferiu: o general Barreto agitou tambem o seu quando lhe-respondeu.

O sr. Ouro Preto violentára o general a cumprir o seu dever: elle foi cumpril-o como lhe-dictava a consciencia.

Entretanto, alli no campo, entre o Marechal Deodoro e o general Almeida Barreto deu-se um pequeno *mal-entendu*, que não convém perpetuar na história, tão pequeno que logo, melhor explicado, dissipou-se de modo lisonjeiro.

Estando desmontado, o alferes Barbosa dirigiu-se á Brigada sob as ordens do general Barreto, e abeirou-se do batalhão de fuzileiros navaes, por ser a maior parte dos officiaes subalternos de suas relações e aos quaes offereceu seus serviços. Então o official que essa fôrça commandava, capitão-tenente F. Quintino da Costa; acercando-se do grupo formado pelo guarda-marinha Reis, um 2º tenente e o alferes Barbosa, e percebendo a opinião d'elles ácerca do movimento, manifestou-se francamente hostil, declarando: *que elle allí estava á disposição do governo; e que quando lhe-dessem uma ordem meditassem primeiro, porque d'ella não se-affastava.* Os dous officiaes de marinha d'aquelle grupo destoaram do modo de vêr d'esse capitão-tenente.

O alferes Barbosa passou-se finalmente para os pelotões da Escola Superior de guerra.

O capitão Godolphim tambem a esse capitão-tenente se-dirigiu de ordem do Marechal Deodoro para que tomasse nova posição com o batalhão do seu commando, respondendo elle que *« não recebia alli ordens do Marechal Deodoro, e sim do governo, e essas mesmo por intermedio do sr. Ajudante-General.*

Quando o capitão Godolphim retirava-se com essa resposta, os officiaes d'esse batalhão, por gestos significativos, deram-lhe a a comprehender que todos elles não pensavam d'aquelle modo, o que tudo o capitão Godolphim transmittiu ao Marechal.

Finalmente ao chegar o capitão de fragata Alvarim Costa (que veio de tilbury) e apresentando-se para assumir o commando do seu batalhão, aquelle mesmo capitão-tenente reluctou em lh'o-entregar, o que só fez depois que o capitão de fragata Alvarim, appellando para os officiaes, estes francamente declararam reconhecerem-o por seu commandante.

Força é dizer aqui em satisfacção à exigencia e á verdade historicas, que, á chegada da Brigada na praça da Acclamação, tendo a artilheria tomado posição que seria pouco favoravel em caso de lucta, de tal sorte que o Regimento seria todo posto em cerco sem um tiro quasi poder disparar, teve elle de extender-se de novo, então como ficou dicto, á voz de seu fiscal, o capitão Francisco X. Baptista, que pouco depois assumiu interinamente o commando, em virtude de ter soffrido uma syncope o respectivo commandante interino, major Lobo Botelho.

Tambem logo apoz a chegada da Brigada á praça, nesta apresentou-se o sr. Quintino Bocayuva, e com pouco intervallo tambem os drs. Aristides Lobo e Sampaio Ferraz.

O dr. Benjamin Constant e o tenente Adolpho Peña, ali no campo, jámais sahiram de perto do Marechal Deodoro, que percorria as fileiras na altura de propecto general, que é.

.....
Agora é opportuno dizer: do lado da Brigada aquella officialidade nunca se-renderia; morreriam todos; o governo comptaria seus cadaveres, mas não os-teria jamais para pasto de suas vinganças. Officiaes achavam-se alli, que traziam a espada na mão e a morte no bolso!...

Do lado de dentro havia companheiros de lealdade tanta e tamanha que, abertos os portões do quartel, e dada a ordem de avançar e atirar sobre a Brigada, ou não obdeceriam, ou viriam immediatamente junctar-se a ella em fraternal amplexo e batter-se por ella, ou, no ultimo extremo, fariam a desordem no proprio batalhão, e um batalhão em desordem não pôde brigar...

Os factos subseqüentes vão mostral-o á evidencia.

O governo tinha portanto perdido a partida.

Foi precisamente pelo tempo da entrada da Brigada na praça que voltou o sr. Ladario, que foi visto já em direcção ao Campo a subir em coupé pela rua Larga de S. Joaquim. Vendo essa carruagem com ordenanças, o Marechal disse: *« coupé de ministro ! »*

O tenente Peña accrescentou :

« Não é o da guerra, porque as ordenanças são de policia. »

O carro approximava-se... «E' o Ladario! exclamou o Marechal.» E ficou pensativo durante alguns segundos. Depois, e em voz baixa, disse ao tenente Peña: «Prenda o barão!»

O tenente Peña partiu a galope. Ao mesmo tempo que o sr. barão do Ladario sahia do coupé, o tenente Peña saltava do animal e dizia-lhe: «Está preso á ordem do Marechal Deodoro.» O barão não respondeu, metteu a mão no bolso, tirou um revolver e desfechou-o contra o tenente, então a dous metros de distancia... Ouviu-se o ruido secco do gatilho. A arma tinha falhado.

O tenente Peña, quando viu a arma aponctada contra seu peito, fez instinctivamente um movimento, ficando de flanco para o barão; e, resguardando a cabeça com o braço esquerdo, tirou com a mão direita o revolver da cintura e disparou-o quatro vezes.

Ao primeiro tiro, o Marechal Deodoro dirigiu-se ao grupo, e o barão disparou então contra o Marechal, que sentiu o sibilar da bala pelo lado direito de sua cabeça.

O barão retirava-se pronunciando a palavra — *Miseravel!* — quando o piquete do Marechal Deodoro, attrahido pelas detonações, veio em galope e desfechou-lhe duas descargas, empregando-se uma bala disparada pelo 1.º cadete do 1.º Regimento, Alfredo Pereira de Carvalho, por antonomasia o *Macacão*, e tendo sido o 2.º cadete 2.º sargento do 1.º Regimento Cenobelino Pereira da Silva quem deu-lhe o golpe de espada, que lhe-ensanguentou a face.

O tenente Peña já estava montado, ouvindo a voz do Marechal, que mandava: «Soldados! não façam fogo contra esse homem.»

A porta da venda da esquina conserva ainda as mossas e vestigios das balas, que contra ella bateram.

O governo do sr. Ouro Preto mandou por um official intimar ao Marechal Deodoro a ordem de prisão e responsabilidade contra os que feriram o sr. Ladario. O Marechal Deodoro respondeu que tal ordem nem era tomada em conhecimento.

Escorado por alguém, levantou-se depois o ferido para ir sentar-se na porta da casa de negocio da esquina da rua de S. Lourenço, de onde em padiola foi transportado para o palacete do finado conde de Itamaraty, na rua Larga de S. Joaquim, acompanhado pelo official de fazenda João José Rodrigues Corrêa. Ahí recebeu elle os primeiros socorros medicos, sendo ainda em padiola transportado depois para a casa de sua residencia, onde devidamente pensou-o o illustre cirurgião dr. José Pereira Guimarães, que dias depois extrahiu um projectil, achando-se já hoje o sr. de Ladario de todo restabelecido.

Do palacete Itamaraty para a residencia do sr. Ladario foi a padiola carregada por quatro remadores, que vieram do arsenal de marinha, sendo a padiola ladeada pelo 1.º tenente Castro e Silva e 2.º tenente Pinheiro Hess.

Assim que divulgou-se a noticia dos ferimentos do sr. Ladario, o sr. Maracajú julgou opportuno de uma das janellas do avarandado interno, que corre todo o Quartel-general, dirigir á tropa formada no pateo a seguinte fallação: «Senhores! não foi o exercito que feriu a s. ex. o sr. barão do Ladario, não; foi um grupo de sicarios, de mal intencionados!»

Entretanto, direi de passagem, esses ferimentos na pessoa do

sr. barão de Ladario, por elle proprio provocados, tiveram alguma cousa de providencial. Si elle conseguisse reentrar no Quartel-General, obedecendo ás suggestões de seu genio bellicoso, de seu character nobre e alevantado, corajoso como é, e do que deus inequivoca prova, quando cahiu honrando a farda, elle teria certamente providenciado no sentido do ataque, e a Republica só se-faria pelo morticínio.

O ministerio curava sempre de organizar a resistencia, tendo já anteriormente o sr. Ladario descido e sahido por duas vezes, não comptando essa ultima, em que não conseguiu mais reunir-se a seus companheiros. Anteriormente saiu o sr. Ouro Preto.

O tehen-te-coronel João Telles que, tendo entrado em commissão, dentro do Quartel se-achava, ora em cima ouvindo e testemunhando os marciaes arreganhos do sr. Ouro Preto, sempre calmados pelo louvavel sangue frio e admiravel prudencia do honrado general Floriano Peixoto, ora em baixo em prática com seus camaradas, de frequente a estes dizia : » *E' possível que tenhamos aqui hoje uma hecatombe; e eu sahirei com vocês.* »

Ao General Floriano Peixoto por duas ou tres vezes dirigiu-se o coronel Andrade Pinto, dizendo : » *General, difficil e melindrosa é a posição de v. ex. hoje. V. ex. tem aqui o nosso sangue e a nossa vida em suas mãos. A responsabilidade de v. ex. é tremenda perante o exercito e perante o paiz.* »

O general respondeu-lhe : » *tranquillise-se, coronel; eu tenho consciencia do meu papel, e do modo porque devo desempenhal-o.* » E o benemerito general soube demonstrar o que dizia.

No Campo interno do Quartel, reunidos os tres commandantes Andrade Pinto, Tude e Neiva, cautamente evitavam tocar no facto e na posição que cada um assumiria, dizendo apenas um d'elles : » parece que aqui ficaremos a namorar-nos até à noite, a curtir calor e a cevar fome, esperando que nos-deixem ir cuidar da vida em coisa mais util. »

O sr. capitão de estado maior de 2.^a classe João da Silva Torres, assistente da 1.^a brigada, que se-achava no Quartel-General, sahio, veio ao campo conferenciar com o Marechal Deodoro ; e, quando voltou, a elle dirigiu-se o sr. Ouro Preto (que o-vira) e perguntou-lhe : » o que ha ? o que diz o Deodoro ? »

O capitão Silva Torres : — « O Marechal exige que v. ex. deixe o ministerio, e que se-retire para fóra do imperio em 24 horas. »

O sr. Ouro Preto : — « E' uma traição ! Antes me-houvessem dado um tiro ! »

Esse dialogo, foi occorrido na presença do sr. Baldomero Carqueija (do *Jornal do Commercio*) e a mim obsequiosamente relatado pelo proprio sr. capitão Silva Torres. Essa ultima phrase do sr. Ouro Preto, porém, suggere-me naturalmente, e creio suggerirá tambem leitor, a seguinte admirada pergunta : — traição em que e de quem ?... Fallava-se do Marechal, de sua exigencia ; pois havia este promettido auxilios e dedicações ao sr. Ouro Preto ?...

Aquelle dialogo, porém, ainda continuou nos termos seguintes :

O sr. Ouro Preto : — « Então sou seu prisioneiro ? »

O sr. capitão Torres; — «Meu não. Eu até sou seu afeiçoado: devo-lhe algumas finezas.»

O sr. Ouro Preto: — «Quaes?»

O sr. capitão Torres: — «Directamente a mim feita nenhuma: mas v. ex. acabou de conceder uma pensão á viscondessa de Inhomirim, minha tia, e eu lh'o-agradeço tambem, como si para mim fosse.»

O governo queria resistir e julgava ainda possivel, sobretudo por confiar nas providencias, que fóra dar o sr. Ladario e que eram esperadas, não obstante já estar elle ferido e fóra do campo.

Por ordem dos srs. Ouro Preto e Candido de Oliveira a força dentro do quartel carregou as armas; mas, pouco depois de o haver feito, e ainda na presença dos ministros, o 7.º de infantaria extrahiu o cartucho, á ordem dos capitães Carlos Olympio Ferraz, Manoel Joaquim Pereira e outros.

Quando, por uma feita o sr. Ouro Preto deu ordem de ataque e fogo contra a Brigada revolucionaria, o brioso sr. tenente Camara, filho do visconde de Pelotas, bradou-lhe: «sr. ministro, *reflicta no que está ordenando; v. ex. quer produzir aqui uma carnificina inutil.*» O sr. Ouro Preto, voltando-se para o sr. Maracajú, observou que convinha mandar prender esse official, que, em sua opinião, deixára de cumprir seu dever; mas o sr. Maracajú não cumpriu a ordem, dizendo ao ouvido do sr. Ouro Preto phrase curta, que ficou até hoje no segredo.

Em uma das vezes em que o sr. Ouro Preto deu ordem de romper o fogo, o general Floriano Peixoto, mostrando-lhe a artilheria, perguntou-lhe:

«V. ex. sr. visconde sabe o que valem aquelles canudos; que estão aponctados para cá?»

O sr. Ouro Preto: — «O que quer dizer?»

O general: — «E' que feito o fogo, elles farão isto voar pelos ares em tres descargas, e bastam cinco minutos.»

O general Floriano Peixoto sabia bem o que dizia, porque sua arma de primeira instrucção fóra a artilheria, embora houvesse elle subido por seu excepcional merecimento e rara bravura na arma de infantaria, já fiscalizando o 44 (policia de Nicteroy) já commandando o 9.º, isto na campanha do Paraguay, onde a ultima página foi por elle escripta, elle que deu o ultimo tiro!!

O sr. Ouro Preto, ainda com insistencia, retorquiu: — «Mas os srs. na guerra do Paraguay não tomavam a artilheria com a infantaria?»

O general: — «E' verdade; mas em condições muito differentes; aquella eu não sei tomar. Lá estavamos em face de inimigos; aqui somos todos brasileiros. Demais é preciso que v. ex. se-desengane. Aquelles homens não se-entregam; brigam até morrer; v. ex. não os-conheca, e elles vendem caro a vida. E os que estão aqui dentro não vão lá fóra para brigar com elles.»

O sr. de Ouro Preto julgando então possivel estimular o general por um repto a seus brios, disse: «Tudo isso é porque os srs. estão vendo allí um general valente e de brio.»

O general deixou passar a arrancada e, com toda a calma, respondeu: — «Seja; v. ex. d'aqui por deante pôde pensar e dizer como quizer.»

O sr. Ouro Preto, entretanto, fôra ainda deliberar com seus collegas, e ouvia soffrego as opiniões de uns e de outros, quando, ás 10 1/2 horas abriu-se o portão, tendo sido o cadete-sargento Figueira quem deu volta á chave da fechadura.

A guarda d'esse portão era composta de praças do 1.º de infantaria, ás ordens do tenente do mesmo batalhão, Joaquim Alexandrino de Villa Forte.

O capitão Pedro Paulo da F. Galvão, ajudante do 1.º de infantaria, nobre e gentil official, foi um dos primeiros que transpôzera o postigo do portão do quartel, e então, vendo o Marechal em conferencia com o general Floriano, chamou-o; o Marechal tocou o cavallo, chegou ao portão, e disse em tom imperioso: «Mande abrir isso quanto antes; abra isso; abra isso!»

Mal havia o Marechal taes palavras proferido, um curto, vivo e rapido tirotoeiro de palavras trocou-se entre os capitães Pedro Paulo, M. J. Pereira, Olympio Ferraz, Bento T. Gonçalves, tenente Salles e outros, em que confusamente se-ouvia: «Abre; não abre; abre; abre; vocês expõem o Marechal; espera; não espera nada; abre; abre;.....» E abriu-se! E o Marechal entrou, sendo seu cavallo quasi puchado pela brida por mão do capitão C. O. Ferraz.

Ao entrar o Marechal, o capitão Pedro Paulo bradou para a guarda: — *Apresentar armas!*... e soltou um — *Viva ao Marechal Deodoro!* o que fez a guarda, e corresponderam todos.

Circumstancias particulares, que é prudente guardar aqui, aconselhavam certamente alguma cautella na entrada do Marechal, cuja vida não podia e não devia por mil e muitas razões ser exposta. Essas circumstancias o exercito as-conhece bem; e eu não posso violar confiança em mim deposta. Por isso razão tinham os que prudenciavam ainda um momento; mas... *audaces fortuna juvat!*...

Houve quem propuzesse ao ministerio fugir pelos fundos; este porém, valha a verdade, nobremente recusou-se ao conselho.

Em seguida á entrada do Marechal, e na presença d'elle, o 7.º de infantaria fez — *hombro armas!* — a voz do respectivo commandante, o coronel Tude Neiva, e prorompeu em — *vivas ao Marechal Deodoro* —, correspondidos por toda a força existente no quartel. Começou o delirio indescriptivel!...

Vem de cabida dizer aqui dever-se á calma e prudencia do commandante do 7.º, não haver este batalhão rompido o ataque ao ministerio, nem haver logo de principio tentado a sahida para reunir-se á 2.ª Brigada. Bem o-queriam seus officiaes, em cujo peito referviam sentimentos de ardente indignação!... E o governo julgava ter direitos a comptar com-elles!...

Ainda em seguida á entrada do Marechal, o capitão Pedro Paulo correu á frente do 1.º de infantaria, que se-achava em frente á casa da ordem e secretaria do mesmo batalhão (tambem guardado por força de bombeiros), e, exquecendo em seu entusiasmo de que presentes estavam superiores seus, deu voz de avançar, no que foi immediatamente obedecido, antes mesmo de ser essa ordem reiterada por aquelles superiores. Appellando

para as ordens de detalhe, essa força do 1.º, constava de 49 praças, ao commando do sr. capitão Osório Paiva, official escalado.

Depois de mover-se a força do 1.º, tomou-lhe a frente o capitão Bento T. Gonçalves, que, cortezmente (phrase textual: *Cavalheiro com licença: compete-me como mais antigo*), reclamou do capitão Pedro Paulo o lugar que lhe-competia por direito de antiguidade, no que foi attendido; e logo que a força transpóz o portão do quartel, ou ao transpól-o, assumiu seu commando o major J. F. de Andrade e Silva.

O Marechal, apóz sua entrada, vendo uma metralhadora postada em frente ao portão, disse: « *tirem d'aqui esse trambolho* »; e á proporção que passava revista ás tropas, dava a cada batalhão, a seguinte voz: « *toca a musica! columna de marcha! segue!* » sahindo os batalhões, um apóz outro, a reunirem-se todos á gloriosa Brigada. Neste comenos o capitão Faustino, assistente da 1.ª Brigada, partira a galope para chamar o 10 de infantaria.

O tenente Sebastião Bandeira, quando a Brigada estava no campo, mandou pelo cadete Celso um recado ao commandante do 10 para que se-retirasse para o campo, e viesse unir-se á Brigada; o commandante do 10 respondeu: « que só se-retiraria com ordem. » O tenente Sebastião Bandeira pelo cadete Abreu fez segundo recado, ainda em nome do Marechal, dizendo-lhe: « que evitasse dous [fogos. » O commandante do 10 perguntou ao cadete: « que força tem o Marechal? »; o cadete descreveu o quadro com algum exagero, e o commandante respondeu: « diga ao Marechal que já não fui por falta de ordem; que vou já. »

Mas já abi no largo da Lapa, o commandante do 10, mandando tocar a reunir officiaes, a estes expóz as ordens recebidas do governo; e, como elles manifestassem-se em recusa de obediencia, o commandante declarou-lhes que os-acompanharia.

Ao approximar-se a força da Escola, o major Marciano de Magalhães enviou parlamentar ao 10, tendo em resposta que « as ordens eram de impedir a passagem »; não satisfeito enviou segundo parlamentar, e ainda por esta vez foi-lhe respondido « que esperasse um pouco »; não lhe-satisfazendo tambem a resposta, o bravo major que, muito embora alheio á Escola, ousára

ir buscal-a, deu ordem de avançar, dispôz as fôrças para estabelecer o cerco, e elle em pessoa avançou de frente.

Ao enfrentarem as fôrças da Escola com as do 10, já posto em cerco, como foi têtemunhado por cavalheiros maiores de toda a excepção, que o-viram das sacadas da Bibliotheca Nacional, proromperam os vivas ao exercito, á confraternisação dos militares, ao que a gente do 10 respondeu. Consta-nos que o coronel Ourique Jacques, dissera: « Ah ! vocês querem ir ? pois passem ; eu p'ra lá vou. »

A Escola passou ; o 10 ficou ainda, até que chegou o capitão Faustino, seguindo então para o campo pela rua visconde de Maranguape.

Os bravos e sympathicos rapazes da Escola Militar vinham em desalinho de trages ; muitos até sem meias, outros com camisas de chita e sem collarinhos e punhos, uns de sapatos, outros de cothurnos ! Assim os-vi e com elles fallei.

Para sahir elles arrombaram a arrecadação e armaram-se.

Consta que, no acto de sahir, esses generosos rapazes dispensaram seu companheiro, o filho do sr. Rio Apa ; e que esse digno joven dissera a seus companheiros com verdadeiro espirito espartano : « Não. Eu sigo com vocês. Eu me-separo de meu pae neste momento. Nunca atirarei sobre elle, mas farei fogo contra os outros. Eu quero seguir ao lado de meus companheiros. »

Digna é a Escola Militar de especial capitulo, que n'este livro não lhe-destino para não alterar, o plano da obra, na celeridade com que a vou escrevendo e immediatamente dando ao prélo. Si, porém não posso destinar-lhe aqui um capitulo especial, dou ao menos a inserção completa das informações, que me foram gentilmente fornecidas por uma de suas melhores cabeças, e que o leitor vae já ter seguidamente ante seus olhos.

« Por occasião da visita da officialidade do *Almirante Cockrane* à Escola Militar do Rio de Janeiro, visita que teve logar no mez de Outubro do corrente anno, deu-se o seguinte facto que pôde ser considerado com a fagulha, que ateou o incendio e devorou o edificio da monarchia no dia 15 de Novembro.

« Depois que a officialidade chilena percorreu todo o edificio da Escola, e depois de ter assistido ao assalto d'armas preparado para honrar a visita de tão illustres estrangeiros, um habil photographo tirou um grupo, formado na frente do estabelecimento

e composto da officialidade chilena, commissão de alumnos, conselheiro Candido de Oliveira, então ministro da guerra, seu official de gabinete, commandante Lorena, representantes da imprensa, muitas senhoras, distinctos cavalheiros, e entre todas essas pessoas surgia o vulto gradioso do benemerito Benjamin Constant, o qual comparecia a essa festa por ter sido convidado *especialmente* por uma commissão da Escola, que o-havia procurado em casa. Um dos exemplares d'esse quadro, onde se-vê o relógio da torre do estabelecimento marcando 3 horas e 8 minutos foi entregue a 17 de Dezembro ao venerando mestre, como recordação do dia em que elle lançou ao gabinete Affonso Celso o cartel de desafio, seguindo-se a lucta, que libertou a patria a 15 de Novembro. Tirado o grupo, feliz inspiração dos moços alumnos, todas as pessoas presentes foram convidadas a tomar parte n'um modesto *lunch*. Na 1.^a mesa foram feitas várias saudações, não importando aqui relembral-as.

« Seguiu-se a 2.^a mesa e já no fim d'ella, foram convidados o commandante Bannen, ministro do Chile, conde da Estrella, ministro da guerra, imprensa, etc., a comparecerem a ella e então pelo alumno Vicente de Azevedo foi entregue ao commandante Bannen uma mensagem de congratulações que a Escola Militar do Rio de Janeiro enviava á sua co-irmã do Chile. Depois de mais algumas pessoas terem usado da palavra, os alumnos fizeram com que fosse feita uma saudação a Benjamin Constant.

« Tendo assim ensejo de fallar, ergue-se o vulto do futuro salvador da Patria; prolongada chuva de flôres e palmas, entusiasmo indescriptivel por parte dos alumnos, tal foi a saudação que elle então teve. Durante mais de uma hora elle, com phrases de fogo, queimou, reduziu a cinzas os castellos do então ministro da guerra, cuja presença aproveitava, disse, para dizer aquellas verdades; provou que o exercito não era indisciplinado; mas que a indisciplina vinha de cima; referiu-se á questão militar, explicou qual o papel dos exercitos nos tempos modernos, justificou o procedimento das Escolas Militares, mostrou que o governo tinha por divisa: dividir para governar; fez muitas outras considerações, e terminou recebendo como approvação do que havia dicto uma maior chuva de flôres e mais prolongada salva de

palmas. O ministro logo retirou-se, a festa ainda se-prolongou e mais tarde, cercado de todas as atenções, de todo respeito e admiração, retirou-se o venerando mestre, cujo nome n'aquella Escola é venerado, que alli é considerado um verdadeiro idolo.

« Nos dias subseqüentes corria na Escola o boato de que o ministerio ia tomar um desforço, castigando Benjamin Constant.

« Immediatamente os alumnos se-reunem e enviam ao libertador da Patria uma mensagem que continha em resumo o seguinte : « si os miseraveis, que a frente do poder estão procedendo ao inventario da monarchia, tiverem a ousadia de em vós tocar directa ou indirectamente, ai d'elles, pois bem caro pagarão a sua infamia ». Entregue essa mensagem, a Escola ficou na expectativa, até que a Escola Superior de guerra e a 2.^a brigada fizeram estrondosa manifestação, appoiando as palavras que elle pronunciára na Escola Militar.

« Desde então estava resolvido que a Escola Militar do Rio de Janeiro acompanharia o illustre mestre em todos os terrenos, como depois nominalmente cada alumno confirmou, assignando as listas de que os alumnos da Escola Superior de guerra, Olavo Corrêa e Alberto de Aguiar, foram portadores. D'ahi até ao dia 14 de Novembro é difficil contar as scenas de impaciencia, de desanimo, os boatos, os avisos, etc., que na Escola Militar tiveram lugar. Deve-se apenas mencionar que alguns alumnos sabiam, quanto era possivel saber, do movimento e na Escola iam preparando os acontecimentos. Era continua a correspondencia com os alumnos da Escola Superior de guerra e muitos d'elles eram vistos continuamente na rua do Ouvidor em busca de novidades, obtidas na convivencia dos officiaes, para transmittil-as a seus collegas. Assim passavam-se os dias, até que no dia 15 de Novembro, ás 5 horas da manhã, chegou á Escola o general José Clarindo, acompanhado do capitão Julio Fernandes de Almeida, chegando em seguida o major Müller de Campos.

« O general Clarindo explicou a sua estada ali, dizendo ter ido preparar accommodações para o 9.^o regimento de cavallaria, que se-dizia ir alli aquartellar. Logo depois chegou a noticia de que o major Marciano iria buscar a Escola, constando já alli

que a 2.^a brigada estava marchando para a praça da Acclamação.

« As janellas do edificio conservaram-se apinhadas de alumnos até que ao longo da estrada, que vae ter a Bota-fogo, se-divisou um tilbury, onde logo se-reconheceu o major Marciano. Ao chegar ao estabelecimento, o mesmo major disse vir com ordem do Marechal Deodoro buscar a Escola; e tendo tido como resposta dos alumnos que elles estavam promptos a marchar, seguiu a encontrar-se com o general José Clarindo. Immediatamente repercutiram nos largos corredores entusiasticos vivas á Republica; e em alguns momentos estavam arrombadas as arrecadações de onde eram tiradas armas e munições; e em breves instantes todos os alumnos estavam em fórma. Emquanto isso, o major Marciano conferenciava com José Clarindo, o qual oppóz-se a que a Escola seguisse para a cidade, chegando mesmo a perguntar aos officiaes presentes si elle podia comptar com elles. Repugna escrever que nessa occasião o capitão Almachio Ferreira Mendes intimou aos alumnos para que recolhessem as armas, pois aquillo era um acto de indisciplina, empregando voz aspera e arrogante, recebendo em resposta a intimação de retirar-se ou então morreria, o que deu em resultado esse official desaparecer immediatamente. Desprezadas as blazonices de José Clarindo e seus sequazes, arreventado o fio telephonico, estando todos os alumnos formados e municidados, ouviram a voz eloquente do major Marciano, que lhes-dirigia a palavra, e, arrastando o contingente do batalhão de infantaria alli destacado, começaram a marchar em busca de Botafogo, erguendo vivas á Republica, a Benjamin Constant, a Deodoro, a Marciano, etc.

« Cumpre declarar que foi nessa occasião aventada a ideia de trazerem os alumnos algumas boccas de fogo, bem como bandeira, sendo ella regeitada, não só porque seria difficil e morosa a conducção das peças, como porque as bandeiras tinham a corôa estampada.

« Uma guarda avançada seguiu adeante, e ao chegar a Bota-fogo intimou 5 bonds a que esperassem no poncto, e logo que os alumnos chegaram nelle tomaram logar seguindo para a cidade.

« No largo da Gloria abandonaram os bonds e, durante uma

pequena demora que ali houve, compareceram o tenente Vinhaes, o major e o ajudante do 10.º batalhão de infantaria, correios, etc., marchando os alumnos em seguida formados em pelotões pelo caes da Gloria, enquanto o major Marciano com um só pelotão seguia pela rua da Lapa.

« O 10.º batalhão de infantaria estava formado no largo da Lapa, dizia-se com ordem do visconde de Ouro-Preto para impedir, custasse o que custasse, a passagem da Escola; ao approximar-se o major Marciano do referido batalhão, ergueu vivas ao exercito, ao batalhão etc., e foi pelas praças e officiaes recebido no meio de estrepitosos vivas á Escola Militar, a Marciano, a Benjamin Constant, etc.; e, depois de curta demora em que houve inteira confraternisação, continuou a marcha.

« Por conselho do commandante Ourique Jacques, que temia ser a columna damnificada pela policia quando atravessasse a rua do Lavradio, foi adoptado outro itinerario, que foi pelas ruas: Joaquim Nabuco, Senador Dantas, largo da Carioca, seguindo alguns pelotões pelas ruas de Gonçalves Dias, Ouvidor, Theatro, Constituição, enquanto outros seguiam pela rua da Carioca, Visconde do Rio Branco, junctando-se todos á entrada do Campo da Acclamação e seguindo para a frente do quartel general. Quando a Escola Militar passou pela rua do Theatro os alumnos da Escola Polytechnica fizeram estrondosa manifestação, erguendo muitos vivas que foram correspondidos.

« Ao penetrar no rectangulo que occupa a frente do Quartel-General e Secretaria da Guerra as forças de cavallaria, infantaria e artilheria, bem como o povo alli reunido, muito victoria am a Escola Militar, a qual foi formar em frente á Secretaria da Guerra. Soube-se alli então que o ministerio tinha-se rendido, e que pouco faltava para o completo estabelecimento da Republica. O enthusiasmo foi sem igual, e em poucos instantes sabia-se que a 1.ª brigada tinha adherido ao movimento, e que a nossa causa triumphava.

« De repente surge no portão da frente do edificio da Secretaria da Guerra o velho Marechal Deodoro, sendo recebido com vivas successivos, enthusiasticas acclamações, respondendo elle com beijos, que atirava aos alumnos. Algum tempo depois surge

no mesmo logar o vulto do mestre venerando, sendo difficil descrever o que então se-passou, parecendo possessos os jovens alumnos, emquanto um repucho de bonets cercava o cavalleiro glorioso que alli estava, a alma do movimento, o libertador do Brasil. D'ahi a pouco começaram a desfilar as tropas, seguindo as ruas da Constituição, Theatro, Ouvidor, 1.^o de Março, estacionando por algum tempo n'esta ultima, donde os alumnos seguiram para o arsenal de guerra a tomar conducção para recolherem-se á Praia Vermelha. Alli chegando, declararam não consentir mais que os funcionarios da administração continuassem com seus cargos, e logo acclamaram o tenente Servilio Gonçalves commandante da Escola, o qual formou uma administração provisoria e tractaram de zelar e acautelar os interesses da Escola.

« Os alumnos conservaram-se armados, tomaram providencias para não serem sorprendidos por algum ataque, em vista dos boatos que então corriam; os antigos funcionarios foram logo intimados para apenas zelarem as suas repartições, nada mais podendo fazer.

« No dia seguinte constou que parte da marinha se-tinha revoltado; que os revoltosos encontravam adherentes, e que a Escola seguia para a cidade; em seguida chegou um recado do general José Clarindo avisando que viria commandar os alumnos até ao Quartel-General. Todos os alumnos, a uma voz se-opporam a isso, declarando que não consentiam que nem sequer elle se apresentasse á frente d'elles, quando formados.

« Pouco depois chegou o major Valladares dizendo ter ordem de Deodoro para conduzir a Escola; em vista d'isso o tenente Servilio, que já havia communicado em officio o que se-tinha passado, officiou ao Marechal Deodoro, disendo quaes as disposições dos alumnos, e perguntando a quem devia passar o commando, sendo esse officio levado a seu destino por um alumno. Chegou n'essa occasião de carro o general José Clarindo, e teve o dissabor de vêr que não lhe-era possivel commandar a Escola, pois isso lhe-foi verbalmente communicado pelo tenente Servilio e alumnos. D'ahi a pouco chegou o tenente Müller portador da ordem do Marechal Deodoro para que o general Clarindo conduzisse a Escola, voltando n'essa occasião o alumno que tinha ido ao Quartel

General, enquanto pelo telephone o dr. Benjamin Constant dava a mesma ordem.

«A' vista d'isso os alumnos resolveram seguir sob o commando do tenente Leovilio, deixando que o general Clarindo com o seu estado-maior seguisse, mas a uma grande distancia. Como em dia anterior puzeram-se em marcha, a guarda avançada foi dar providencias para que houvesse bonds para o transporte, e como no dia 15 fez-se a viagem até á Secretaria da Guerra, onde, por espaço de 14 dias, esteve aquartellada a Escola, sem que durante esse tempo nem um só alumno fosse castigado, ou mesmo reprehendido.

«Taes são em traços rapidos os acontecimentos que têm referencia com o dia 15 de Novembro e os alumnos da Escola Militar da Córte.

«Para terminar só resta-nos dizer duas palavras sobre a vida da Escola Militar, nos ultimos annos.

«Devido ao esforço de Benjamin Constant, Licinio Cardoso e muitos outros lentes illustres da Escola Militar, ninguem ignora que alli se-havia constituido um foco de resistencia aos desmandos da monarchia. E' assim que a unica politica alli adoptada foi sempre a da opposição systematica, quer se-tractasse da administração da Escola, delegados do governo, quer do proprio governo. Ninguem ignora tão pouco a guerra que os alumnos moveram a Carlos Affonso, Alfredo Chaves, Thomaz Coelho, como ninguem ignora o papel que elles representaram na questão militar, na epopéa de 13 de Maio, emfim em todas as questões que têm aballado o paiz.

«Ante esses factos, a *subtileza* do governo, suggeriu o alvitre de esmagar a *hydra*, que erguia altiva a cabeça na Praia Vermelha, e que consistia na applicação do lemma: *dividir para governar*. Foi por isso que elle fez a separação das Escolas Militar e Superior de guerra; fundou a Escola do Ceará, para ella transferiu todos os alumnos da Escola do Rio de Janeiro que quizeram ir, concedeu todas as transferencias pedidas para a do Rio Grande do Sul; e, para completar esse plano gigantesco, expediu esse regulamento famoso, que só elle basta para justificar a capacidade e as intenções de quem o — formulou. Feito

isso o governo descansou, feliz e satisfeito pela victoria que julgava ter alcançado. Essa illusão pouco durou infelizmente para elle! O que fez a Escola Superior de guerra juncto da 2.^a brigada, os clubs e propaganda, feitos pelos alumnos da do Ceará, a cooperação franca e sincera nos acontecimentos, provam cabalmente que nunca um ministro da guerra fez tanto mal aos interesses da monarchia como o auctor do esphacelamento da Escola Militar do Rio de Janeiro; que nunca quem quer que seja se illudiu tanto em uma empresa, e tambem que por isso mesmo ninguem pôde duvidar que elle concorreu efficazmente para a proclamação da Republica. »

Aquí terminou a exposição escripta que me-foi gentil e obsequiosamente fornecida, e por mim fielmente adscripta.

.....

Havia começado o desfilar das tropas do quartel para a praça da Acclamação.

O governo, das janellas, assistia attonito a essa adhesão em massa, e comptava os elementos que perdia.

Então deu-se troca de explicações rapidas entre o general Deodoro e o ajudante-general Floriano Peixoto.

Então o sr. Ouro Preto passou para Petropolis, ao imperador, o despacho telegraphico que adiante transcreverei.

O general Floriano Peixoto convidou o Marechal Deodoro a subir para entender-se com o sr. Ouro Preto, e d'elle ouvir sua resolução.

O Marechal Deodoro subiu ao pavimento superior do quartel e ahi entendeu-se com os membros do governo, dando voz de prisão aos Srs. visconde de Ouro Preto e conselheiro Candido de Oliveira, e declarando que livres ficavam os outros membros do gabinete, em seu entender pessoas de minima importancia.

Disse ao ex-presidente do conselho os motivos de queixa do exercito, fez-lhe vêr os elementos com que comptava; ao que o sr. visconde do Ouro Preto respondeu dizendo que submettia-se á fôrça.

O sr. chefe de policia, assim que soube achar-se toda a fôrça ás ordens do Marechal Deodoro, mandou descarregar a fôrça da guarda civica, que ficára em sua repartição, e dispersou-a.

Chegaram então á praça da Acclamação a Escola Militar e o 10.º, que marchava em sua rectaguarda, sendo ambos recebidos entre vivas delirantes trocados de parte a parte.

Militares de todas as armas e patentes haviam tambem accorrido, e o povo em massa compacta, só assim vista pelas festas de 13 de Maio.

Na cidade, por toda parte onde chegou a noticia, havia um mixto de alegria e panico, como sóe dar-se nas surpresas dos grandes acontecimentos, o delirio ao lado da decepção; e o commercio pela maior parte e muitas casas particulares fecharam suas portas.

Graças á pacifica e sempre generosa intervenção do general Floriano Peixoto, por outros secundado, o Marechal Deodoro levantou a ordem de prisão dada contra os srs. Ouro Preto e Candido de Oliveira, concedendo-lhes poderem retirar-se livremente.

Feito isso, o Marechal triumphante, entre deliriosas acclamações, descendo ao campo, declarou o ministerio deposto e montou de novo.

O povo, o exercito, a armada e os generaes foram victoriados deliriosamente. Esse sublime espectaculo já se-acha perpetuado na tela pelo pincel do talentoso artista, Oscar Pereira da Silva, em quadro que por dias esteve exposto no salão d'Q. *Paiz*, e reproduzido em photographias do estabelecimento photographico de A. A. de Faria (antiga casa Modesto) da rua dos Ourives n. 69.

Então o dr. Aristides Lobo, Quintino Bocayuva e outros abeiraram-se do major Solon, e perguntaram-lhe: — « si allí findava o acontecimento, só com a deposição do ministerio; si não via elle que o mais brilhante epilogo seria naquelle momento a proclamação da Republica; que urgia fosse ella proclamada pelo proprio Marechal?! »

O major Solon impelliu seu cavallo a galope e, chegando-se ao Marechal, que se-achava á frente da tropa, e que sorridente o acolheu, disse-lhe: — « Meu general! nossa missão não está ainda concluida! A brigada não deve deixar o campo da victoria sem que v. ex. ante ella e aqui mesmo declare proclamada a Republica. »

O Marechal, a sorrir, ergueu o braço e disse: — « Espera ! » —

Um minuto passado, o Marechal, descobrindo-se, com a physionomia resplendente de gloria, com voz sonora e vibrante, bradou ás tropas: « VIVA A REPUBLICA BRASILEIRA ! »

Não me-sinto eu com a precisa eloquencia para dizer o que então passou-se; tambem não o-dirá ninguem em tempo algum.

O renascimento da patria deu-se entre explosões de delirioso entusiasmo. Momento mais solemne jamais houve em nossa vida social !

Uma salva de 21 tiros de artilheria sagrou publicamente alli o grito da proclamação.

.....
A's 11 horas do dia 15 de Novembro de 1889 nasceu a —
REPUBLICA FEDERATIVA DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL !

.....
A's 11 1/2 horas começou a desfilar o Exercito Libertador; fazendo a marcha na seguinte ordem tactica :

Na frente o Marechal Deodoro, o tenente-coronel dr. Benjamin Constant, o cidadão Quintino Bocayuva, estado maior e grande numero de officiaes. Seguiam-se : o 1.º regimento de cavallaria (montado) ; o 9.º regimento de cavallaria (a pé), o 2.º regimento de artilheria montado, a Escola Superior de guerra, os differentes batalhões de infantaria, inclusive a Escola Militar e por fim uma força de cavallaria.

O itinerario foi : praça da Acclamação (de onde partiram), rua do Visconde do Rio Branco, praça da Constituição, rua do Theatro, largo de S. Francisco de Paula, rua do Ouvidor e rua Primeiro de Março. Em toda a passagem o exercito era acclamado. Na rua do Ouvidor proferiram eloquentes discursos os srs. drs. Silva Jardim e Aristides Lobo e o sr. José do Patrocínio.

.....
Emquanto o Exercito Libertador fazia a sua marcha triumphal, na Secretaria do Quartel-General, na sala que era do official de gabinete do ministro, os ministros depostos e vilipendiados refocilavam a sua lassa humanidade nas delicias de um succulento

almoço, que para alli entrou em tres ou quatro grandes latas pintadas de tinta amarella envernizada, e comiam appetitosos e bebiam sitibundos, qual si fossem elles os victoriosos, ou pelo menos como si com elles nada tivesse occorrido. O sr. Maracajú chegou, com ar prasenteiro, a convidar a compatir da lauta mesa o sr. dr. Epifanio José dos Reis, actual secretario do Estado do Maranhão, que não acceitou o convite.

Na mesa os mais graves e sobrios foram os srs. Ouro Preto e Lourenço de Albuquerque. O sr. Candido de Oliveira comeu de tudo e com voracidade, exclamando a miudo entre a deglutição e a nova apprehensão (sempre bem carregada): «*ora, hom'essa!*»

O sr. Affonso Celso Junior, entrando, com visivel commoção em sua physionomia sympathica, dirigiu-se rapidamente a seu pae, o sr. Ouro Preto e perguntou: «*Então, meu pae, o que é isto?*» e o sr. Ouro Preto respondeu: «*Nada. Faltou-me a fôrça com que comptava e fui vencido. Não sou mais ministro.*»

.....

Na rua Primeiro de Março, quando já estava formado o exercito, e extendido desde o portão do arsenal de marinha, pouco depois do meio-dia, chegou do desembarque outra fôrça do corpo policial da provincia (veiu de Nicteroy) commandada pelo coronel Honorio Lima, que era o commandante d'aquelle corpo, e estacionou em frente ao Carceller, parando o sr. coronel o seu cavallo em frente á rua do Ouvidor.

Ahi dirigi-me eu ao sr. coronel e perguntei-lhe: «*coronel, isto é um reforço ao exercito, ou um auxilio ao governo?*»

O sr. coronel respondeu-me: «*Eu sou pelo governo constituido, que é só de quem recebo ordens.*»

Observei-lhe eu: «*Mas o governo está deposto, e neste sentido já telegraphou ao imperador ou ex-imperador.*»

O coronel contestou-me: «*Ao imperador, sim, ao imperador; e o governo mandou chamar o imperador, e elle já respondeu que ahi vem; elle não deve tardar, e o que elle ordenar é o que se ha de fazer.*»

Outro cavalheiro, neste comenos avindo pela direita, dirigiu-lhe tambem a palavra; eu calei-me e affastei-me.

Poucos minutos depois, achando-me na porta do café do Globo,

a confabular com o revm. sr. conego Xavier Pinheiro, vi passar, destituído já do commando, o ex-coronel Honorio Lima que, ainda montado e acompanhado por outro official, que não reconheci, enfiaram os dous pelo becco dos Barbeiros.

Esse corpo policial da provincia já ás 2 horas da tarde desembarcava em Nicteroy sob o commando do tenente-coronel Francisco Victor da Fonseca e Silva, sendo pelo povo recebido na estação das barcas e na passagem pelas ruas com entusiasticos vivas.

Lá o sr. Carlos Affonso havia seguido para o quartel com os srs. chefe de policia e deputados provinciaes Rufino Furtado, Carneiro Leão, Alves Cunha e outros; e, durante a ausencia da força regular de policia, para garantir as repartições, as prisões e o proprio quartel, houve recrutamento de officiaes da guarda nacional e de operarios, carregadores, homens do povo, etc.

Ao chegar o corpo policial ao quartel, o sr. conselheiro Carlos Affonso perguntou ao sr. tenente-coronel Fonseca e Silva em que character alli se-apresentava.

— No de commandante d'este corpo, respondeu aquelle official.

— Não o-reconheço como tal, redarguiu o sr. conselheiro Carlos Affonso.

Vendo, porém, que a officialidade do corpo e todas as praças reconheciam o sr. tenente-coronel Fonseca e Silva como seu commandante, disse o sr. conselheiro Carlos Affonso.

— N'este momento deixo a presidencia da provincia. Occupe-a tambem.

— Cumpro ordens, redarguiu o sr. tenente-coronel Fonseca e Silva; sou apenas commandante do corpo policial.

Retirou-se o sr. presidente da provincia acompanhado das pessoas que com elle estavam.

O povo a tudo assistiu em boa calma.

.....
Tendo completado a marcha victoriosa e extendido o exercito em linha, o Marechal Deodoro fez alto em frente ao arsenal de marinha, cujas portas estavam fechadas e guardadas por gente da armada.

O Marechal quiz entrar, mas o ajudante-general da armada,

presente o inspector do arsenal, chefe de divisão Foster Vidal, declarou que « *si lhe-fizessem imposição, elle reffilliria a força com a força.* »

Ao ouvir estas palavras, o capitão de fragata Ferreira de Oliveira, que sempre se-conservára ao lado do ajudante-general, que desde a primeira questão militar tornára-se dedicado admirador do Marechal Deodoro, e que desjava vêr o ajudante-general adherir á causa dos seus camaradas do exercito; offereceu-se, com insistencia, ao ajudante-general para ir officialmente parlamentar com o Marechal Deodoro. Sendo acceito o seu offerecimento, e sahindo fóra do portão, dirigiu-se ao Marechal Deodoro, a quem proferiu as seguintes palavras: « *Venho em nome do ajudante-general da armada saber de V. Ex. o que pretende com esta força postada em frente ao arsenal de marinha.* » O Marechal, apeiando-se do cavallo, apertou a mão do capitão de fragata Ferreira de Oliveira, e disse com verdadeira gentileza militar :

« *Commandante, diga ao sr. ajudante-general, que vim aqui para fazer-lhe entrega das forças da armada, que estão sob meu commando, e agradecer os relevantes serviços que ellas me-prestaram.* »

O ajudante-general ao receber esta resposta, mandou abrir o portão e foi ao encontro do Marechal Deodoro, que, n'essa occasião, approximava-se a pé, acompanhado dos chefes Wandenkolk e Foster : então abraçaram-se, e o Marechal foi recebido pela officialidade da armada com vivas, sendo-lhe feitas as continencias militares, ao som da musica marcial, pelas forças navaes ahí postadas. Nessa occasião completou-se, portanto, a esplendida victoria do grande movimento patriótico do dia 15 de Novembro de 1889.

Este facto, assim narrado pela *Cidade do Rio*, foi contestado pel'*O Paiz* do dia 5 de Dezembro, o que deu lugar a que a *Cidade do Rio* d'esse mesmo dia 5 e no dia 6, o-confirmasse nos dous artigos, que vou transcrevêr.

APONCTAMENTOS PARA A HISTORIA

Os nossos collegas d'*O Paiz* honraram-nos hoje com as seguintes linhas:

« Os nossos illustres collegas da *Cidade do Rio*, em edição de ante-hontem, disseram, como *aponctamentos para a historia*, que, quando o general Deodoro, no dia 15 do passado, com as forças ás suas ordens « fez alto em frente ao arsenal de marinha, o ajudante-general da armada mandou fechar o portão e declarou que, si lhe-fizessem imposição, elle repelliria a força com a força. »

« Essa resolução do sr. chefe Piquet desappareceu, segundo a informação prestada á *Cidade do Rio*, porque o capitão de fragata Ferreira de Oliveira interveiu e parlamentou com o chefe do Governo Provisorio, do qual soube que a sua presença alli tinha por fim entregar as forças de mar e agradecer os serviços que ellas prestaram.

« Com auctorisação devida, affirmamos aos nossos collegas haver erro de apreciação no facto narrado: o ajudante-general da armada não avançou semelhante proposição, como tambem alli não estava o capitão de fragata Ferreira de Oliveira, no momento em que chegou o general Deodoro ao arsenal.

« O portão d'esse estabelecimento estava fechado, e á sua frente formava uma guarda reforçada.

« Foi o respectivo inspector, chefe de divisão Foster Vidal, quem entendeu-se com o general Deodoro, d'elle recebendo as forças e os agradecimentos, a que fizeram jus os bravos da marinha, e mandando franquear as portas, sem a minima opposição.

« Sirvam éstas linhas de auxilio aos meus collegas e ao mesmo tempo de esclarecimento a um assumpto onde não convém ficar em posição equivoca quem não o-mereceu. »

« O que podemos affiançar é que, tendo sido esses aponctamentos ministrados á *Cidade do Rio*, por pessoa de inteira confiança, não puzemos duvida nenhuma em **publical-os**, — com a intenção unica de prestar um serviço á Republica, e a quem se-encarregar de fazer a história do movimento de 15 de Novembro.

« E para provar aos nossos collegas d'*O Paiz* que procedemos de inteira boa fé, aqui publicamos a carta com que nos distinguui o bravo capitão de fragata A. Ferreira de Oliveira, cuja palavra estamos certos de não poder ser posta em duvida :

« Ao cidadão redactor da *Cidade do Rio*.—Tendo hoje lido na folha diaria, *O Paiz*, uma constestação á narrativa que fizestes relativamente a factos do dia 15, no arsenal de marinha, asseguro-vos que narrastes com toda a verdade os factos ahí occorridos.

« Nada mais facil do que o escriptor contestante ir ao Marechal Deodoro e chefe Piquet, certificar-se da verdade.

« Saude e fraternidade.—Capitão de fragata, *A. Ferreira de Oliveira.* »

« 5 de Dezembro de 1889.

« Recebemos hoje, do bravo capitão de fragata, Ferreira de Oliveira, o documento que abaixo publicamos.

« Refere-se ainda á noticia que publicámos ante-hontem, sobre a chegada das tropas ao arsenal de marinha, no dia 15 de Novembro, noticia que os nossos collegas d'*O Paiz* contestaram hontem, de modo a pôr em duvida a palavra de nosso informante.

« Com a publicação d'esta carta que o sr. capitão de fragata Ferreira de Oliveira, commandante do *Amazonas*, dirigiu ao Marechal Deodoro, e á qual o mesmo Marechal respondeu immediatamente,—julgamos ter de uma vez demonstrado que quem tem razão somos nós e não *O Paiz*.

« Eis o documento :

« Capital Federal, 6 de Dezembro de 1889.

« Ao cidadão e glorioso Marechal Deodoro.

« A bem da verdade, dirijo-me a vós, para que digaes sim ou não ao quesito seguinte :

« Foi o commandante Ferreira de Oliveira, quem, em nome do ajudante general da armada, se-dirigiu a vós no dia 15, em frente ao arsenal de marinha.

« (Assignado) Capitão de fragata, *Ferreira de Oliveira.*

« Sim, e foi recebido com o maior prazer, por conhecer suas intenções.

« Capital Federal, 6 de Dezembro de 1889.—(Assignado) *Deodoro da Fonseca*.

.....

Aqui, na capital, a uma hora da tarde, o cidadão Quintino Bocayuva destacou-se de seus companheiros, e, a cavallo, de cabeça descoberta, entre aclamações, subiu sósinho a rua do Ouvidor.

Pouco depois debandava o exercito, seguindo os batalhões cada um por sua vez a seu destino. A's 2 horas reembarcaram no arsenal de guerra o 1.º de artilheria de posição e o corpo de aprendizes artilheiros, seguindo para seus respectivos quartéis nas fortalezas.

Ainda no arsenal de marinha, antes de tomarem os seus quartéis, formaram as fôrças de mar, e ahi compareceu o bravo tenente-coronel Benjamin Constant, que declarou aos imperiaes e navaes agradecer, em nome do general Deodoro, o auxilio material e moral que os dous corpos tinham prestado ao exercito, confraternizando para que a compressão exercida contra os militares baqueasse deante da dignidade dos soldados brasileiros, que nunca mais se-aptariam.

Constituiu-se então o Governo Provisorio, que logo começou a tomar activas providencias e a expedir os decretos das primeiras e principaes nomeações.

O Marechal Deodoro, revestido de poderes dictatoriaes, mandou lavrar e assignou os seguintes decretos :

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios do interior o bacharel Aristides da Silveira Lobo.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

—

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação,

resolve nomear para o cargo de ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas o cidadão Quintino Bocayuva.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da guerra o tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães:

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear o chefe de divisão Eduardo Wandenkolk para o cargo de ministro e secretario de estado dos negócios da marinha.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda e interinamente da justiça o bacharel Ruy Barbosa.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da justiça o bacharel Manoel Ferraz de Campos Salles.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio constituido pelo Exercito e Armada, em nome da Nação, resolve nomear para o cargo de ministro e secretario de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas o engenheiro Demetrio Ribeiro.

Sala das sessões do Governo Provisorio em 15 de Novembro de 1889.—Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*.

E, assim constituido, dirigiu o Governo Provisorio a seguinte:

PROCLAMAÇÃO

Concidadãos — O povo, o exercito e a armada nacional, em perfeita communhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição da dynastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico representativo.

Como resultado immediato d'esta revolução nacional, de caracter essencialmente patriotico, acaba de ser instituido um Governo Provisorio, cuja principal missão é garantir, com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos.

Para comporem esse governo, emquanto a nação soberana, pelos seus órgãos competentes, não proceder á escolha do governo definitivo, foram nomeados pelo chefe do poder executivo da Nação os cidadãos abaixo assignados.

Concidadãos — O Governo Provisorio, simples agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.

No uso das attribuições e faculdades extraordinarias de que se-acha investido para a defesa da integridade da patria e da ordem publica, o Governo Provisorio, por todos os meios ao seu alcance, promete e garante a todos os habitantes do Brasil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da patria e pela legitima

defensa do governo proclamado pelo povo, pelo exercito, e pela armada nacional.

Concidadãos — As funcções da justiça ordinaria, bem como as funcções da administração civil e militar, continuarão a ser exercidas pelos órgãos até aqui existentes, com relação aos actos na plenitude dos seus effeitos; com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funcionario.

Fica, porém, abolida, desde já, a vitaliciedade do senado e bem assim abolido o conselho de estado. Fica dissolvida a camara dos deputados.

Concidadãos — O Governo Provisorio reconhece e acata todos os compromissos nacionaes contrahidos durante o regimen anterior, os tractados subsistentes com as potencias estrangeiras, a divida publica interna e externa, os contractos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do governo provisorio.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda e interinamente da justiça.

Tenente-coronel *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*, ministro da guerra.

Chefe de esquadra *Eduardo Wandenkolk*, ministro da marinha.

Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

Apóz essa Proclamação, fez o governo provisorio baixar o seguinte:

DECRETO N. 1 DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889

O Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil decreta:

Art. 1.º — Fica proclamada provisoriamente e decretada como a forma de governo da nação brasileira — a Republica Federativa.

Art. 2.º — As provincias do Brasil, reunidas pelo laço da federação, ficam constituindo os Estados Unidos do Brasil.

Art. 3.º — Cada um d'esses estados, no exercicio de sua legitima soberania, decretará opportunamente a sua constituição defi-

nitiva, elegendo seus corpos deliberantes e os seus governos locais.

Art. 4.^o— Enquanto pelos meios regulares, não se-proceder á eleição do Congresso Constituinte do Brasil e bem assim á eleição das legislaturas de cada um dos estados, será regida a nação brasileira pelo Governo Provisorio da Republica; e nos novos estados pelos governos que hajam proclamado ou, na falta d'estes, por governadores delegados do Governo Provisorio.

Art 5.^o— Os governos dos estados federados adoptarão com urgencia todas as providencias necessarias para a manutenção da ordem e da segurança publica, defesa e garantia da liberdade e dos direitos dos cidadãos, quer nacionaes quer estrangeiros.

Art. 6.^o— Em qualquer dos estados, onde a ordem publica fôr perturbada e onde faltem ao governo local meios efficazes para reprimir as desordens e assegurar a paz e tranquillidade publicas, effectuará o Governo Provisorio a intervenção necessaria para, com o apoio da fôrça publica, assegurar o livre exercicio dos direitos dos cidadãos e a livre acção das auctoridades constituídas.

Art. 7.^o— Sendo a Republica Federativa Brasileira a fôrma de governo proclamada, o Governo Provisorio não reconhece nem reconhecerá nenhum governo local contrario á fôrma republicana, aguardando como lhe-cumpre o pronunciamento definitivo da nação, livremente expressado pelo suffragio popular.

Art. 8.^o A fôrça publica regular, representada pelas tres armas do exercito e pela armada nacional, de que existam guarnições ou contingentes nas diversas provincias, continuará subordinada e exclusivamente dependente do Governo Provisorio da Republica, podendo os governos locais, pelos meios ao seu alcance, decretar a organização de uma guarda civica destinada ao policiamento do territorio de cada um dos novos estados.

Art. 9.^o Ficam igualmente subordinadas ao Governo Provisorio da Republica todas as repartições civis e militares até aqui subordinadas ao governo central da nação brasileira.

Art. 10. O territorio do municipio neutro fica provisoriamente sob a administração immediata do Governo Provisorio da Republica e a cidade do Rio de Janeiro, constituída tambem provisoriamente sêde do poder federal.

58

Art. 11. Ficam encarregados da execução d'este decreto, na parte que a cada um pertença, os secretarios de estado das diversas repartições ou ministerios do actual Governo Provisorio.

Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1889.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do Governo Provisorio.— *S. Lobo*.— *Ruy Barbosa*.— *Q. Bocayuva*.— *Benjamin Constant*.— *Wandenkolk*.

Foram depois conhecidos os dous decretos que trazem a dacta de 15, concebidos nos termos seguintes :

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e Armada em nome da Nação, considerando a subordinação e moralidade do exercito, o amor e dedicação das praças a seus officiaes, postos em evidencia nos acontecimentos que acabamos de presenciar, considerando que a presente dacta, a mais memoravel de quantas encerra a historia politica do nosso paiz, deve ficar gravada fundamente na alma de cada cidadão brasileiro, e melhor assignalação não pôde ter que a publicação de um acto de clemencia emanado do poder que acaba de ser constituido :

Resolve, usando das faculdades inherentes ás funcções, que exercita, de chefe do Governo Provisorio, e guiado pelos sentimentos de seu coração, indultar as praças do mesmo exercito, do crime de 1.^a e 2.^a deserções, devendo ellas apresentar se ás respectivas auctoridades, dentro do prazo de dous mezes, comptado da publicação do presente decreto, em cada uma das comarcas da Republica, incluindo-se neste numero aquellas praças que se-acharem sentenciadas ou por sentenciar pelo referido crime; e perdoar os réos sentenciados á pena menor de quatro annos e por sentenciar, cujos delictos sejam passiveis de punição até áquelle maximo.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca* chefe do Governo Provisorio.— *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*.

O outro exactamente do mesmo theor é referente á Armada e referendado pelo respectivo ministro, chefe de divisão Eduardo Wandenkolk.

Todas as medidas indispensaveis á manutenção da ordem e garantias publicas foram de prompto e energicamente tomadas ; e com tal acerto que produziram o melhor effeito.

O que é conscante a chegada do Imperador, quanto com elle occorreu, é tambem objecto de outro capitulo neste folheto.

O povo conservou-se durante todo o dia, e bem assim nos subsequentes e até ás mais tardas horas da madrugada, sempre agglomerado mórmente á porta das redacções dos jornaes, mas sempre calmo, ordeiro e respeitador de todos e de tudo, sem que se-dessem desordens ou rixas sequer.

O policiamento passou a ser feito por praças do 7.º e do corpo militar de policia, em commum, vendo-se de curto a curto espaço dous soldados armados a espada e carabina.

A' tarde foram reabertos os postos policiaes.

As repartições publicas não funcionaram durante esse dia.

Para que do occorrido fossem transmittidas noticias telegraphicas com toda a exactidão, o sr. general Deodoro expediu ao director dos telegraphos a seguinte ordem, entregue ao 1.º tenente José Augusto Vinhaes :

« Em nome do governo provisório ordeno ao telegrapho que facilite tudo ao 1.º tenente José Augusto Vinhaes — Rio de Janeiro, 15 de Novembro de 1889. »

O sr. barão de Capanema, ao ser d'isso intimado, declarou que só por meio da força ou uma ordem escripta cumpriria o que se-lhe-mandava.

Em consequencia d'isso, o 1.º tenente Vinhaes deu-lhe escriptas as seguintes linhas :

« Por ordem do general Deodoro, chefe do Governo Provisorio, intimo ao sr. barão de Capanema, para que me-entregue a repartição a seu cargo e que lhe-foi confiada pelo extinto governo imperial e gabinete 7 de Junho, presidido este pelo cidadão visconde de Ouro Preto, sendo que no caso de resistência usarei dos meios que nos-foram dados. »

Algumas das principaes auctoridades policiaes foram logo nomeadas, retirando-se o sr. Basson com seus delegados.

A's 3 horas da tarde, mais ou menos, retiraram-se da Secre-

taria da guerra os ex-ministros em seus coupés, excepto o sr. Lourenço de Albuquerque, que tomou bond.

Por ordem do sr. general Deodoro, foram postadas praças nos portões do Parque da Acclamação, para impedir alli possiveis estragos.

Em a *Cidade do Rio* n. 286, anno III, de 14 de Dezembro de 1889, o sr. José do Patrocínio escreveu o seguinte, que é consoante à Camara Municipal :

.....
« Pela circumstancia de achar-me, á noite, fóra da capital brasileira, não pude acompanhar os revolucionarios na gloriosa vigilia, de que resultou a victoria da Republica.

« Chegando de Petropolis pela manhã obtive da dedicação, e amizade de Clavo Bilac, o immortal poeta, não se-immiscuir nesse dia nos acontecimentos e ficar na *Cidade do Rio*, redigindo o jornal. Obtida a palavra do meu amigo, fui para o campo da Acclamação reunir-me ao povo, disposto a concorrer com a minha palavra e com a minha vida em prol da Revolução.

« Mas o Marechal Deodoro já havia penetrado no interior do Quartel-General e dentro em pouco devia sahir triumphalmente.

« Nada mais havia a fazer alli.

.....
« Cerca das tres horas tarde começou porém a circular o boato de que a Republica não estava proclamada, visto como não havia precedido accordo para esse fim, e grande parte das forças havia capitulado por mera solidariedade militar.

« Só a 2.^a brigada tinha sahido já com o proposito de mudar a fórma de governo e d'ahi a surpresa de muitos officiaes ouvindo acclamar a Republica nas fileiras desses bravos soldados e dos alumnos da Escola Militar. Dizia-se mais que o major Solon estava no arsenal de marinha em conferencia com o Marechal Deodoro para decidil-o a homologar as aspirações da milicia republicana.

« — Façamos um grande movimento popular, aconselhou o dr. Annibal Falcão.

« — Assaltemos a camara dos deputados e o senado e façamos com que o povo signifique por actos eloquentes, que se-reinvestiu da soberania, ponderou Emilio Rouède.

« — Acho mais regular, observei eu, convidar o povo a acompanhar-nos á Camara Municipal e ahí proclamar solememente, pacificamente, mas decisivamente a Republica.

« Minha opinião vingou.

« Os srs. drs. Annibal Falcão e Pardal Mallet foram encarregados de redigir a moção, que devia ser levadã pelo povo ao general Deodoro e ao sr. dr. Benjamin e chefe de esquadra Wandenkolk.

« Precisavamos de um signal que corporificasse a proclamação da Republica, e ondas de povo haviam dilacerado a bandeira da nossa redação, em que nunca houve armas imperiaes. Um cidadão promptificou-se a offerecer-nos uma bandeira: a do Club Lopes Trovão.

Dentro em uma hora, á 3 1/2 da tarde, partimos da redação da *Cidade do Rio* e, acompanhados pelo povo, invadimos a Camara Municipal, onde proclamei a Republica e fiz hastear a bandeira, que symbolisava o faustoso acontecimento.»

Um parenteses nosso:

Na propria *Cidade do Rio* de 16 de Dezembro de 1889 se-lê:

« Um aponetamento para a historia.

« O cidadão que na tarde de 15 de Novembro collocou a bandeira republicana na janella da Camara Municipal, chama-se Pedro Francisco Gonçalves. »

Fechado aqui o curto parenteses, continuamos a reproduzir o interessante artigo do sr. José do Patrocínio, na *Cidade do Rio* de 14 de Dezembro.

Assim diz ainda elle:

« Marcámos para as 6 horas da tarde a entrega da moção e ás 7 horas da noite, depois de percorrer varias ruas, ao som da marselhesa, cantada por milhares de vozes, estacionámos em frente á casa do Marechal, a quem dirigi a palavra, externando o voto do povo.

« Respondeu-me o sr. dr. Benjamin Constant.

« O orador agradecendo ao povo aquella manifestação, que era a justificação do exercito e da armada perante a historia, porque demonstrava que elles não tinham sómente imposto a vontade de uma classe, mas quebrado a couce d'armas a mordança, que suffo-

cava um paiz, devia declarar que, por ora, só havia definitivamente assentada a organização de um Governo Provisorio, incumbido de consultar a Nação, reunida em constituinte, sobre a fórmula de governo.

« Todos conheciam as opiniões politicas do orador, mas fallava alli em nome do Governo Provisorio, e este apenas se-encarregaria de manter a ordem, a liberdade, e propriedade, e garantir á Nação a livre manifestação da sua vontade soberana.»

« Fallei pela segunda vez, accentuando bem — « que a Revolução estava feita e a monarchia moralmente deposta. Adiar a proclamação da Republica seria tanto como expôr nossa patria á infecção que resultaria da decomposição de instituições mortas. O povo estava alli para ouvir o Governo Provisorio repetir com elle um viva á Republica Federal Brasileira. »

« E levantei por tres vezes o viva, que foi enthusiasmicamente correspondido.

« Fallou em seguida, com a sua proverbial eloquencia, o dr. Magalhães Castro.

« O orador reclamou em nome dos moços da Escola Naval, que representam o futuro da armada brasileira, a adopção da fórmula republicana, unica que podia satisfazer ás exigencias nacionaes.

« Em companhia do cidadão João Clapp subi ao sobrado, e ahi entreguei a moção popular, acclamada e subscripta pelo povo na Camara Municipal.

« Durante a noite de 15 de Novembro estive sempre no meio do povo, percorrendo as ruas para acclamar a Republica.

« No dia seguinte, publicado o decreto do Governo Provisorio fundando a Republica, amigos meus communicaram-me que havia discussão entre os veradores sobre si deviam ou não ratificar o acto por mim practicado na vespera, invadindo a Camara Municipal e proclamando a Republica.

« Parti para o palacio do municipio com meu amigo João Clapp e conferenciei com o sr. dr. Nobre, que assegurou-me já ter a maioria approvado o meu acto e esperar obter unanimidade.

« Como varios cidadãos tivessem estranhado a fórmula dos decretos do governo provisorio—*o exercito e a armada, em nome da*

Nação, visto como o Governo não havia procurado investir-se civilmente da governação nacional, eu, de accordo com os srs. João Clapp e dr. Nobre, resolvi escrever uma carta ao sr. dr. Benjamin Constant, ministro da guerra, insinuando que a Camara Municipal, adherindo á Revolução, estava prompta a receber officialmente a palavra de honra do Governo Provisorio, compromettendo-se a bem servir á Nação.

« O sr. dr. Benjamin Constant respondeu-me agradecendo em nome do Governo todo o esforço que tivesse por fim a garantia e segurança da ordem.

« Lavrou-se a seguinte moção, que, acompanhada do officio que tambem abaixo reproduzo, foi entregue ao governo provisorio pelos cidadãos José do Patrocínio, João Clapp, Annibal Falcão, Luiz Murat, Campos da Paz, Olavo Bilac e Pardal Mallet :

« Exms. srs. representantes do exercito e da armada nacionaes — Temos a honra de communicar-vos que, depois da gloriosa e nobre resolução que *ipso facto* depóz a monarchia brasileira, o povo por órgãos espontaneos e pelo seu representante legal nesta cidade, reuniu-se no edificio da Camara Municipal, e, na fórma da lei ainda vigente, declarou consummado o acto da deposição da monarchia e, acto seguido, o vereador mais moço, ainda na fórma da lei, proclamou como nova fórma de governo do Brasil a Republica.

« Attendendo ao que, os abaixos assignados esperam que as patrioticas classes militares sancionem a iniciativa popular, fazendo immediatamente decretar a nova fórma republicana do governo nacional.

« Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. »

« Exms. srs. representantes supremos das classes militares do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca, chefe de divisão Wandenkolk e tenente-coronel dr. B. Constant.

« O povo do Rio de Janeiro, reunido em massa no edificio da Camara Municipal, tem a honra de communicar-vos que, por meio de diversos órgãos espontaneamente surgidos e pelo seu representante legal, proclamou com a nova fórma de governo nacional a Republica.

« Esperam os abaixos assignados, representantes do povo do

Rio de Janeiro, que o patriótico e nobre Governo Provisorio sancione o acto pelo qual, instituindo a Republica, se-pretende satisfazer á intima e real aspiração do povo brasileiro.

VIVA A REPUBLICA BRASILEIRA!

VIVA O EXERCITO E A ARMADA NACIONAL!

VIVA O POVO DO BRASIL!»

Votada a representação, orou o sr. dr. Silva Jardim.

Foram quebrados muitos vidros, apesar dos insistentes pedidos do cidadão Patrocínio, do dr. Lopes Trovão e dos seus companheiros, para que se-mantivesse a ordem.

A's 2 horas da tarde presentes os srs. vereadores em numero legal, faltando com causa os srs. drs. Evaristo, T. de Carvalho, Mourão, Candido Leal, e Rosario, abre-se a sessão.

O sr. dr. presidente declara que convocára a presente sessão extraordinaria afim de consultar os seus collegas sobre o que incumbia á camara municipal fazer deante dos acontecimentos politicos occorridos de 15 para 16.

Em conferencia com alguns collegas deliberára apresentar á camara uma *moção*, que deverá ser assignada por todos os vereadores presentes.

Nessa occasião faz-se annunciar, e é logo introduzido na sala das sessões, o sr. tenente-coronel João Nepomuceno de Medeiros Mallet, o qual, dirigindo-se ao dr. presidente, declara da parte do Governo Provisorio da Republica, que este vinha ao paço municipal afim de prestar o juramento de suas funcções perante a Illma. camara.

O sr. dr. presidente, convidando a sentar-se a seu lado o sr. tenente-coronel Mallet, diz-lhe que a Illma. camara achava-se em sessão, e aguardaria a presença dos membros do governo e, pedindo ao mesmo cidadão para assistir á leitura e votação de uma *moção*, que ia submeter a approvação da camara, quando fóra annunciado o seu comparecimento, passa á leitura da mesma *moção*, finda a qual, é ella assignada por todos os srs. vereadores e secretario devendo constar da acta :

« *Moção* — Os acontecimentos testemunhados hontem por esta cidade produziram a fundação da Republica Brasileira.

« O governo democratico está constituido como fazem publico todas as folhas diarias de hoje.

« Avultado numero de cidadãos, tendo á testa o nosso collega vereador José do Patrocinio, occupou hontem os salões d'este paço, proclamando a «Republica Brasileira.»

« O Imperador e a familia imperial, tractados com o maior respeito, consta retiram-se hoje do paiz.

« O Governo Provisorio acha-se á testa dos negocios publicos.

« Tendo a Illma. camara conhecimento d'estes factos resolve reconhecer a nova ordem de cousas, e declarar em nome da paz publica, que o povo deste municipio adhere ao Governo Provisorio.

Paço da Illma. camara municipal da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. — *José Ferreira Nobre*, presidente. — *Dr. Antonio Dias Ferreira*, vice-presidente. — *Torquato José Fernandes Couto*. — *Francisco Leonardo Gomes*. — *José Firmo de Moura*. — *Dr. Constante da Silva Jardim*. — *Alexandre Cardoso Fontes*. — *José Manoel da Silva Veiga*. — *J. Francisco Gonçalves*. — *Pedro Gonçalves do Souto Carvalho*. — *Dr. José Paulo Nabuco de Araujo Freitas*. — *Candido Alves Pereira de Carvalho*. — *José Carlos do Patrocinio*. — *Thomaz da Costa Rabello*. — *Benedicto Hyppolito de Oliveira*. — *José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho*, secretario. »

« O Sr. J. do Patrocinio requer ao sr. presidente que, pelos meios ao seu alcance, torne conhecido da população que os membros do Governo Provisorio vinham prestar juramento.

« O sr. presidente declara que mandará annunciar e tornar publico o comparecimento do Governo Provisorio.

« Em seguida retirá-se o sr. tenente-coronel Mallet, e o sr. presidente suspende a sessão até á chegada do Governo Provisorio.

— A's 3 horas e meia da tarde sendo annunciada a aproximação dos membros do Governo Provisorio, é aberta de novo a sessão.

« O sr. dr. presidente nomeia uma commissão composta dos vereadores, dr. Alexandre Fontes e Candido de Carvalho para

receber os membros do Governo; e sendo introduzidos na sala das sessões, acompanhados por grande concurso de officiaes do exercito e da armada e de pessoas de todas as classes, tomaram assento aos laços do sr. presidente.

« O secretario da camara lavra o termo no livro respectivo, que é assignado pelos membros do Governo Provisorio, cidadãos tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, por si e pelo chefe do governo; dr. Aristides da Silveira Lobo, dr. Ruy Barbosa, por si e pelo cidadão Quintino Bocayuva e chefe de divisão Eduardo Wandenkolk; pelos vereadores presentes e mais cidadãos.

« Em seguida o secretario da camara procede de pé á leitura do termo, finda a qual romperam de todos os lados palmas, vivas e acclamações.

« Termo de juramento que prestam os membros do Governo Provisorio abaixo assignados perante a Illma. Camara Municipal da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

« Aos dezesseis dias do mez de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove compareceu no paço municipal o Governo Provisorio da Republica Brasileira composto dos cidadãos, digo, Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil Aristides da Silveira Lobo, Ruy Barbosa, tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, chefe de divisão Eduardo Wandenkolk e Quintino Bocayuva, que declarou vir perante a Illma. camara reunida em sessão extraordinaria, fazer a promessa solemne de sob a sua honra manter a paz e a liberdade publicas, os direitos dos cidadãos, respeitar e fazer respeitar as obrigações da Nação, quer no interior quer no exterior. Em firmeza do que assignam os dictos cidadãos espontaneamente com os vereadores da Illma. camara este compromisso para com o Povo Brasileiro, representado neste momento pela Municipalidade da cidade do Rio de Janeiro. Eu José Antonio de Magalhães Castro Sobrinho, secretario da Illma. camara, o subscrevi. *Aristides da Silveira Lobo.* — Pelo chefe do governo provisorio, *Benjamin Constant*, ministro de guerra, *Ruy Barbosa*, ministro da fazenda. — Pelo ministro de estrangeiros, *Quintino Bocayuva*, *Ruy Barbosa.* — *Eduardo Wandenkolk*, ministro da marinha. —

José Ferreira Nobre, presidente. — *Dr. Antonio Dias Ferreira*, vice-presidente. — *Torquato José Fernandes Couto*, vereador. — *Alexandre Cardoso Fontes*, idem. — *Dr. Constante da Silva Jardim*, idem. — *José Francisco Gonçalves*, idem. — *Francisco Leonardo Gomes*, idem. — *José Firmo de Moura*, idem. — *José Manoel da Silva Veiga*, idem. — *Benedicto Hyppolito de Oliveira*, idem. — *Dr. José Paulo Nabuco de Araujo Freitas*, idem. *Thomaz da Costa Rabello*, idem. — *João Carlos de Oliveira Rosario*, idem. — *Candido Alves Pereira de Carvalho*, idem. — *Pedro Gonçalves do Souto Carvalho*, idem. — *José Carlos do Patrocinio*, idem. — (Seguem-se as assignaturas dos cidadãos presentes). »

O Sr. ministro do interior dr. Aristides da Silveira Lobo, usando da palavra, agradece, em nome do Governo Provisorio, á camara municipal o serviço patriótico que acabava de prestar; sendo que o empenho do governo era sustentar a paz e promover uma nova era de prosperidade e de grandeza para o paiz; accrescentando que os nomes dos actuaes vereadores ficariam ligados ao facto importantissimo da declaração da Republica, e prometendo dar toda autonomia á camara municipal, a mais directa representante do povo.

As ultimas palavras do discurso do sr. ministro foram acompanhadas de muitas palmas e repetidas saudações.

O sr. dr. presidente declara em seguida que o livro do termo ficava em poder do secretario da camara, á disposição de todos os cidadãos que quizessem assignar; e convidando os Srs. vereadores á acompanhar os membros do Governo Provisorio, deu por terminados os trabalhos.

(Retiram-se no meio de aclamações os membros do Governo, acompanhados pelos srs. vereadores da Illma. camara e mais cidadãos presentes.)

Levanta-se a sessão as 4 1/4 horas da tarde.

Muitos officiaes do exercito e da armada, advogados, medicos e representantes de outras classes assistiam ao acto solemne.

Os ministros da marinha e da guerra apresentaram-se fardados.

Durante toda a sessão, esteve hasteada no paço municipal a bandeira da Republica Brasileira.

Quando toda a multidão se-retirava, o cidadão Benjamin Constant, tendo ao seu lado os cidadãos José do Patrocínio e Aristides Lobo, do alto da escadaria que dá para o saguão do paço da camara, dirigiu a palavra ao povo.

Pediú ao povo que se-conservasse sempre unido e ordeiro, « porque (dissé o benemerito cidadão) é á sombra da ordem e da união que a liberdade floresce. »

E accrescentou: « Foi pela liberdade que nós viemos para ésta mesma praça arriscar as nossas vidas. Pois bem! o Governo Provisorio promette manter a liberdade do povo, e ser unica e exclusivamente o representante das suas idéas e da sua vontade.»

Estas últimas palavras causaram enthusiasmo indescriptivel.

A multidão applaudiu a Republica, o Governo Provisorio, o exercito e a armada.

Terminado o discurso do ministro da guerra, os vereadores, o povo e o governo dirigiram-se entre aclamações para o Quartel-General.

Houve um momento em que o povo pretendeu despedaçar os retratos dos sr. d. Pedro I, d. Pedro II e da sra. condessa d'Eu, mas usou da palavra o dr. Lopes Trovão, que aconselhou aos republicanos que não mareassem a sua victoria despedaçando os retratos.

Immediatamente foi acolhida a idéa no meio de applausos, e o povo retirou-se em completa ordem.

A's 7 horas da noite um official de cavallaria percorreu as ruas da cidade, dirigindo a seguinte proclamação :

« O general Deodoro manda dizer que o povo pôde ficar tranquillo. A cidade está entregue á guarda do 7.º batalhão de infantaria e morrerá o ousado que tentar arrombar uma porta. »

O Governo Provisorio expediu ordem pelo telegrapho, para que fosse preso em Sancta Catharina o Sr. senador Gaspar da Silveira Martins, que vinha de viagem para ésta cidade.

Mais tarde, soube o general Deodoro que, por ordem emanada do governo deposto, carregavam-se de munições carroças postadas em frente ao arsenal de guerra, e, acreditando que o governo ainda tramamava reacção, expediu nova ordem para

que fossem presos e recolhidos aos quartéis de cavallaria e infantaria os srs. visconde de Ouro Preto e Cândido de Oliveira.

Este ultimo não foi encontrado até ás 10 horas da noite; o sr. visconde de Ouro Preto teve ordem de prisão em casa do sr. barão do Javary, sendo-lhe a ordem dada pelo tenente Veiga.

O sr. visconde de Ouro Preto ainda perguntou:

— E si eu resistisse? — ao que respondeu aquelle official;

— Eu seria obrigado a recorrer á violencia.

O sr. visconde de Ouro Preto então submetteu-se á ordem recebida, e seguiu para o quartel do 1.º regimento de cavallaria, acompanhado d'aquelle official e do Dr. Bernardo de Carvalho, seguindo tambem o Sr. Dr. Affonso Celso Junior, que pediu para ser preso e acompanhar a sorte de seu pae, o que não se-fez.

O general Deodoro expediu ordem para que o ex-presidente do conselho fosse tractado com toda a deferencia, e deu licenca para que o-visitassem pessoas da familia e amigos.

A respeito da prisão do sr. Ouro Preto publicou o *Novidades* de 5 de Dezembro o seguinte pittoresco artigo, que ao leitor certamente dará gosto relêr.

E' a nota comica d'este acontecimento.

A PRISÃO DO VISCONDE DE OURO PRETO

« Extrahimos da *Carta do Rio*, publicada no *Correio Paulistano*, os curiosos pormenores que seguem, relativamente á prisão do visconde de Ouro Preto:

« Achava-se aquelle cavalheiro em casa do barão de Javary á rua da Ajuda para onde creio (não estou perfeitamente certo) dirigiu-se com o fim de acercar-se de uma sua neta, filha do dr. Mesquita de Barros, que o visconde estremecia, e que alli se conservava em tractamento de gravissima enfermidade. Foi exactamente esse incidente domestico que, dias antes, havia impedido o visconde de comparecer ao despacho em Petropolis, pelo que os jornaes annunciaram que em seu logar seguira para aquella cidade o barão de Loreto.

« Na referida casa da rua da Ajuda o visconde foi procurado

por diversos amigos e homens politicos ; mas é inexacto que estivesse tentando outra organização ministerial, ou formulando projectos de reacção.

«Tendo o Governo Provisorio deliberado reter por algum tempo em custodia o ex-presidente do conselho, foi incumbido de sua prisão o tenente Veiga.

«Esse official, depois de haver providenciado sobre a força que o-devia acompanhar, mandou vir um carro para conduzi-lo á rua da Ajuda e d'ahi transportal-o com o primeiro para o quartel de S. Christovam. Antes porém de entrar para o carro, voltou á presença do ministro da guerra, afim de pedir-lhe instrucções para o caso de resistencia. O dr. Benjamin Constant não respondeu verbalmente, mas fez um signal com a mão que o tenente comprehendeu logo

«Ao chegar á rua approximou-se-lhe um cavalheiro desconhecido, que pediu-lhe permissão para o-acompanhar, ao que o tenente accedeu.

«Dizem-me que esse cavalheiro é um medico de limitada clinica, que o seu nome de baptismo é Bernardo, e que *gosa* do alcunha de *mentira* ; por isso o chamarei no correr desta—o *dr. Bernardo Mentira*.

«Chegando á casa do barão de Javary declarou o tenente que precisava fallar ao visconde de Ouro Preto.

«Comparecendo este, iniciou o mencionado *dr. Bernardo Mentira* um discurso nos seguintes termos :

«Sr. conselheiro, as implacaveis e crueis contingencias da politica determinaram por nossa parte dura necessidade de des-empenharmos perante V. Ex. a dolorosa missão... »

«*Nada de discursos sr. doutor,* [interrompeu o tenente—*não foi para isso que consenti que me-acompanhasse,* e dirigindo-se ao visconde, *o senhor está preso, queira descer.*

«*E si eu resistisse?* perguntou o visconde de Ouro Preto.

«*Eu empregaria os meios violentos,* respondeu o tenente.

«O visconde entrou, naturalmente para preparar-se.

«Algumas pessoas que se-achavam na casa conversaram por alguns momentos com o *dr. B. Mentira*, emquanto o tenente combinava com os seus auxiliares o signal que em caso de resis-

tencia devia annunciar-lhe a ordem da entrada. Esse signal devia ser um tiro.

Ao voltar o tenente para insistir pela sahida do prisioneiro, ouviram-se as seguintes palavras proferidas pelo bravo esculapio e voluntario da policia.

Tranquillisem-se, ninguem lhe-tocará emquanto eu tiver uma gotta de sangue.»

O tenente ouviu a phrase, agastou-se com a hespanholada, mas nada disse.

Nesse momento o visconde de Ouro Preto vinha descendo a escada acompanhado de um cavalheiro, que S. Ex. disse ser um seu antigo companheiro de estudos, e de seu filho o dr. Affonso Celso.

O tenente offereceu um logar no carro ao dr. Affonso Celso para acompanhar seu pae, si quizesse. O visconde oppóz-se, dispensando essa deferencia.

Tomaram logar nos assentos principaes o visconde e o tenente, nas almofadas da frente o *dr. B. Mentira* e o cavalheiro a quem me-referi ha pouco.

Durante o trajecto o silencio foi apenas interrompido por algumas perguntas e respostas destacadas e intercaladas de longas pausas.

Foi o *dr. B. Mentira* quem primeiro fallou

« O sr. visconde vae para a enxovia? perguntou elle. »

O tenente visivelmente chocado pela indiscreta pergunta: « Não sei, vae para uma sala que não será tão confortavel como os aposentos do sr. visconde, mas é o melhor que temos. O governo nunca se-lembrou de nos-dar conforto e commodidades, embora não lhe-falctasse dinheiro para gastar centenas de comptos em bailes. »

« Si se refere ao baile da ilha Fiscal », retorquiou o visconde, « não tem razão, foi uma cortezia a uma nação amiga, que-nos merece muito mais do que isso. »

Ao passar pelo Quartel-General disse o *dr. B. Mentira*:

« Si o sr. visconde preferisse ficar neste quartel,.. »

O tenente, esgotada a paciencia: « Si o senhor diz mais uma palavra faço-o descer do carro. »

« Algum tempo depois, perguntou o visconde : « O senhor que patente tem ? »

« Sou tenente » respondeu o sr. Veiga.

« Depois de uma longa pausa, disse ainda S. Ex. : « Os senhores suppunham que o governo tinha dado ordem para embarcar um batalhão. Não é exacto. »

« Nada suppunhamos » respondeu o tenente « mas sabíamos que na conferencia de Loje o governo ia tomar essa resolução. »

« O sr. visconde de Ouro Preto não respondeu, exclamando, porém, depois de outra pausa : « Os senhores hão de se-arrepender de tudo isso. » Ao que o tenente redarguiu : « V. Ex. é que deve estar arrependido de tudo quanto tem feito como ministro. »

« D'ahi a pouco parava o carro junto á porta do quartel, onde foi recolhido o prisioneiro, e ahi permaneceu até ao dia de seu embarque para a Europa.

« Dizem-me que S. Ex. foi ahi sempre tractado com deferencia.

« Estou igualmente informado por pessoas insuspeitas de que o visconde de Ouro Preto, em todas as phases dos acontecimentos, portou-se sempre com dignidade. »

E eu, de compta propria, e por poder cabalmente demonstral-o, acrescento o seguinte:

O sr. tenente-coronel João Telles deu ao tenente Veiga o recibo do recolhimento do prisioneiro visconde de Ouro Preto, recibo fiel, em que só mencionou o nome do tenente Veiga.

O célebre *dr. Mentira*, não vendo ahi o nome d'elle, voltou ao honrado tenente-coronel João Telles, pediu e d'elle *por favor* obteve outro recibo (2.^a e extra-ordinaria via) em que de novo se-falava no tenente Veiga, *agora acompanhado pelo Mentira*.

Ahi tem o leitor por que porta o *Mentira* entrou na história.

Ainda á noite a casa do general Deodoro era constantemente invadida por grande numero de pessoas, pela maior parte officiaes de marinha e do exercito; mas recebia-as no leito, onde o-prendiam as dôres violentas, que o-affligiam.

De várias provincias recebeu o Governo Provisorio communição dos respectivos presidentes, declarando que adheriam ao movimento politico e instituição do novo regimem.

O chefe de policia mandou á noite reforçar a guarda da casa de detenção.

Durante a noite a tropa guardou os bancos por ordem do Marechal Deodoro.

Os officiaes do 1.º regimento de cavallaria resolveram entre si cotizarem-se para comprar ao Governo o cavallo em que montava o general Deodoro no dia 15, afim de o-conservarem no quartel do mesmo regimento.

O cavallo em que no mesmo dia montou o sr. Quintino Bocayuva foi comprado pelo sr. conde de S. Salvador do Mattosinhos, que o-conserva nas estribarias do seu palacete na praia das Flechas, em S. Domingos de Nitheroy, para que o animal nunca sirva em trabalho vil.

.....
Eis a fiel narração dos factos occorridos no memoravel 15 de Novembro, a maior dacta da história do Brasil.

.....
E' possivel, é natural mesmo que lacunas appareçam, tractando-se de compendiar occurrencias tão rapidas, simultaneas e dadas em pontos remotos. Supponho, porém, que ellas só ferirão pormenores, porque quanto ao capital eu puz maximo empenho em averigual-o bem.

Aqui não ha discriminar nomes nem distinguir individualidades: todos trabalharam; todos operaram prodigios; são todos credores do mais vivaz reconhecimento dos brasileiros.

No que vae exposto acredito não haver inexactidões; e por isso certo estou de haver prestado á patria o serviço de ser o primeiro colleccionador d'estes factos, que, mais completamente estudados, serão de integra levados á historia. (*)

.....
Em *O Pais* li o seguinte:

(*) No fim d'este folheto darei um capitulo de corrigendas e addições, de que já sinto necessidade, depois de impressa esta parte até ao ponto em que nos-achamos.

«Do sr. Aristides Lobo, ministro do interior, recebemos a seguinte comunicação :

«Não sei quem tem fornecido os dados para a publicação dos pormenores do movimento, que determinou a proclamação da Republica ; em todo caso, com a auctoridade de quem teve os primeiros fios revolucionarios em suas mãos, declaro que em todos estes acontecimentos foi o cidadão Benjamin de Salles Pinheiro um dos collaboradores immediatos e mais importantes do movimento revolucionario até ao seu desenlace.»

Publicando ésta declaração acredito deixar salvo e patente meu sentimento de justiça para com o benemerito cidadão, a cujo respeito nada me-foi possivel colher.

.....
Escriptas já assim estavam éstas linhas, quando, a 9 de Dezembro, encontrando-me com o meu amigo desde os bancos collegiaes, o honrado sr. dr. Almeida Pernambuco, que sempre reconheci republicano serio desde menino, que igualmente de tudo andava avisado desde os primeiros passos, tanto que fez parte de muitas conferencias secretas, por este foi-me referido o que passo a narrar ao leitor.

Ao tempo em que nas secretas conferencias elaborava-se ainda o plano de resistencia ou ataque ao governo, sentiu-se uma difficuldade, que traria certos embaraços á propagação do movimento, que devia extender-se pelas provincias de S. Paulo, de Minas, do Rio de Janeiro etc.

O dr. Almeida Pernambuco, encontrando-se com o benemerito e exforçado democrata, Benjamin de Salles Pinheiro, de cuja dedicação e discrição fôra criminosa injustiça duvidar, a este tudo referiu, concluindo por dizer-lhe com toda a franqueza quaes as difficuldades encontradas em determinados ponctos da acção.

O sr. Benjamin Pinheiro, movido em seu nobre patriotismo e ainda uma vez honrando a lealdade de seu character, respondeu: — «si de meios vocês precisarem, comptem comigo ; é só escreverem-me duas linhas e eu virei providenciar.» —

Estava dicto, e podia dizer-se estava feito.

E tanto assim é, que, dias depois, em conferencia disse ao dr. Almeida Pernambuco o dr. Aristides Lobo : — «Luctamos

agóra com a difficuldade da falta de meios para expedir emissarios aos chefes provinciaes. Você sabe que não temos dinheiro sufficiente, nem o-ha em caixa ; e isto retarda-nos operações que urge serem já tomadas.» — O dr. Pernambuco respondeu referindo ao dr. Aristides o que se-passára com o sr. Benjamin Pinheiro, e comprometteu-se a immediatamente escrever-lhe, o que sem demora fez nessa mesma tarde.

Recebida a carta, na manhã immediata, o sr. Benjamin Pinheiro, que reside em sua fazenda, a dous kilometros do Commercio, partiu sem demora, e pela tarde achava-se n'esta côrte, com os drs. Aristides Lobo e Pernambuco, dos quaes ouviu o necessario e bastante para responder-lhes do modo seguinte : — «Aqui comigo e de prompto tenho dous comptos de réis, que já entrego a vocês para as primeiras medidas. Tenho aqui em um banco, em conta corrente, trinta comptos de réis, que amanhã vou pôr á disposição de vocês, providenciando com infallivel segurança para que as ordens de vocês até áquella quantia sejam immediatamente cumpridas, demais comprometto-me a armar 80 homens e pôl-os em campo. »—

A precipitação que tomou a marcha dos acontecimentos deu logar a que não fosse mister recorrer ao heroico sacrificio, que tão nobremente se-dispunha a fazer o sr. Benjamin Pinheiro. Sei que nem mesmo os dous comptos de réis foram todos gastos. Isso, porém, em nada desmerece ou siquer attenua a alta bene-merencia do acto, que pela só intenção e formal resolução evidenciada, é mais que muito sufficiente para recommendar seu nome á fervorosa gratidão da Republica Brasileira.

Aqui d'estas paginas, atrevo-me a, em nome da Patria, soltar um hurrah estrepitoso, saudando o nome do denodado, do nobre, de exemplar patriota o sr. BENJAMIN DE SALLES PINHEIRO !!!..

Sei demais o posso afirmar que o valente democrata desde então ficou nesta côrte, e que na manhã de 15 de Novembro, desde cedo, achou-se no campo ao lado dos mais heroicos paladinos, disposto a viver e a morrer com elles !!!..

O EX-IMPERADOR E SUA FAMILIA

De regresso de sua ultima viagem á Europa, ou por effeito da crise por que passára, ou por influente conselho de seu medico, ou por natural cansaço e tédio em sua velhice prematura, ou por nova e *systhematica* opinião de governo, ou por qualquer outra causa não profundamente averiguada e bem conhecida, é certo que o imperador vivia ultimamente um tanto arredo dos negocios publicos, direi mesmo mais constitucionalmente do que até então vivêra.

Outr'ora, com pequeno exagero de phrase é licito dizer, nada se-fazia sem o imperial *placet*, nem as nomeações de somenos importancia eram feitas, si não com sua audiencia prévia, certamente com a prévia certeza de não incorrerem no desgraço do ex-imperador!

Era o que se-dizia sempre e o que sabiam todos.

Nestes já bem ultimos tempos, porém, assoalhava-se e sabia-se que, ao envez de tudo isso, o sr. Ouro Preto era o dominador absoluto, que apenas, como corteção, cedia ás influções do palácio expressas em algum desejo, que lhe-era transmittido pelo sr. Loreto, o typo mais acabado dos validos do paço.

Assim achava-se o ex-imperador em sua quinta ou *fazenda* de Petropolis, no grato *deus nobis hoc otioa fecit*, ou

« n'aquelle engano d'alma ledo e cego,
que a fortuna não deixa durar muito »

quando, já aqui na *sua* Córte, haviam ferido os ares os primeiros vinte e um tiros do canhão, a primeira bronzea salva ao advento da Republica!

E assim quando, proximo já o 2 de Dezembro, o ex-imperador pensava talvez nos novos *testemunhos de entranhado amor e de fervorosa gratidão*, que lhe-seriam dados pelas festas *nacionaes* de seu anniversario natalicio, ou, lobrigando mais longe no futuro, ante-ouvira o vozear delirioso das acclamações por seu jubileo, já convertido em clarim de guerra, o telegrapho transmittia-lhe o despacho seguinte, do sr. Ouro Preto:]

« Tendo ouvido a opinião dos generaes, que dizem que toda a resistencia é impossivel, e tendo o general Deodoro imposto a deposição do gabinete, pedimos a nossa exoneração. »

Este telegramma, que fica nos archivos da história, é comtudo inveridico e illogico.

E' inveridico, porque o ex-primeiro ministro era soberbo de mais para consultar quem quer que fosse, e de facto não consultou ninguem; é inveridico, porque si elle houvesse feito tal consulta, outro, bem outro teria sido seu procedimento em toda esta longa e calculada emergencia; é inveridico, porque elle chegou a concentrar forças para o combate, e chegou mesmo a dar ordens de ataque e fogo, e mandou cortar gargantas á passagem de temidos reforços; é inveridico, porque desde vespera elle havia mandado municiar fôrças, distribuir cartuchame em profusão, desembarcar gente da armada e toda abastecida de provisões de guerra, e elle proprio corrêra em vigilancia e ordens a arsenaes, a quarteis e á policia.

E' illogico, porque, si o ministerio já estava deposto pela imposição armada e pelo grito estridulo da indignação cívica, esse pedido de exoneração vinha tardio, sem razão de sêr e irrisorio.

Um quarto de hora depois do meio dia, naturalmente aterrado pelo que lhe-transmittira o telegrapho, entre calculos e conjecturas que, si expressos foram, guarda-os a discrição dos poucos que o-ouviram, o ex-imperador, sua mulher e seus semanarios tomaram o trem da estrada de ferro Principe do Grão Pará, chegando á estação de S. Francisco Xavier ás 2 horas da tarde.

A *Gazeta de Noticias*, em seu edictorial de 27 de Novembro diz:

« Em consequencia do chamado, os ex-soberanos, acompanhados pelos ars. condes de Aljezur e de Motta Maia, dr. José Calmon, a sr. viscondessa de Fonseca Costa, e o criado particular Pedro Paiva, vieram para esta capital. »

N'esse mesmo edictorial, referindo-se á expedição do telegramma de chamado ao ex-imperador, diz a *Gazeta de Noticias*:

« No dia 15 do corrente, ás 10 horas mais ou menos, recebeu o ex-imperador, em Petropolis, um telegramma, que o-chamava com toda a urgencia a ésta capital, em virtude dos acontecimentos que se-preparavam.

« Por incidente diremos — por parecer-nos que o facto ainda não teve publicidade — que esse telegramma foi expedido d'aqui de madrugada, pelo então presidente do conselho, e de madrugada levado ao palacio, onde entenderam não dever accordar o ex-monarcha, de modo que este só recebeu o telegramma, de volta do passeio e da ducha que costumava tomar. Eram ordens superiores. »

Ora, não me-parece de grande exactidão haver sido o telegramma expedido *de madrugada*, como diz a *Gazeta*, visto como, em qualquer das duas versões e maximo na segunda, elle refere-se a factos que de madrugada não, só mais tarde sim haviam occorrido.

Portanto, si a *Gazeta* está bem informada, deve-se antes pensar em qualquer outro despacho telegraphico não conhecido do publico e sómente d'ella, por isso que nenhum foi publicado.

Ainda, enfim, n'esse mesmo edictorial da *Gazeta* encontram-se pormenores de descripção que, parecendo prima facie de nulla importancia, têm (como já tiveram) valioso alcance práctico, pelo que passo a reproduzil-os aqui :

« Assim diz-nos a *Gazeta* que, partindo de Petropolis a familia ex-imperial, ficou então a guarda do palacio confiada aos empregados do mesmo, ficando fechados os quartos dos ex-monarchas, e a chave do do ex-imperador em poder de Eduardo de tal, criado de asseio do quarto do sr. d. Pedro de Alcantara, e a do quarto de sua excelsa consorte em mãos do respectivo criado Umbelino Campos de Azevedo.

« No dia 16, de manhã, chegaram ao palacio o barão de Ramiz Galvão com os filhos da sra. condessa d'Eu, trazendo a seu serviço o criado Guilberme de tal. Pelo trem da tarde do mesmo dia 16 foi para Petropolis o criado particular do ex-imperador, Pedro Paiva, que, conforme declarou em viagem, e logo depois de chegar, levava sob as suas ordens os criados Alberto Henrique de Moraes, Miguel de tal, Maria Joaquina e outra

eriada, ambas ao serviço da viscondessa de Fonseca Costa, para o fim de acondicionar e expedir para ésta capital o que nos quartos particulares fosse encontrado.

« Disse Pedro Paiva que esses criados, auxiliados por outros que tinham ficado no palacio, occuparam-se durante toda a noite de 16 para 17 em encaixotar tudo o que foram encontrando nos quartos particulares do palacio. No dia seguinte, 17, tractando de expedir para ésta capital os objectos encaixotados, e, como fossem numerosos os volumes, entre malas e caixotes, dirigiu-se Pedro Paiva á estação e obteve da companhia da estrada de ferro um wagon de bagagem para o transporte d'esses volumes, que de facto assim vieram para ésta capital, partindo o trem de Petropolis ás 6 horas da manhã, com os principes filhos dos condes d'Eu, o barão de Ramiz Galvão, o dr. André Rebouças, o criado particular Pedro Paiva, e os outros criados que com elle tinham subido na vespera.

« A bagagem foi transportada do palacio para a estação da estrada de ferro pelo carroceiro do palacio, de nome Guilherme. O embarque e arrumação dos volumes foi feito á vista de várias pessoas.

« Antes de sahir do palacio, o barão Ramiz Galvão, chamando á sua presença os cidadãos Tertuliano de Campos Duarte, escrivão da superintendencia, e José Borges Corrêa Lins, cobrador do palacio, incumbiu ao primeiro d'elles de fechar as portas exteriores do palacio e conserval-o sob sua guarda e responsabilidade.

« Quando o cidadão Tertuliano, no desempenho da missão que lhe-fôra confiada, fechava a ultima porta, apresentou-se-lhe Luiz Maia, que, declarando-lhe ter sido encarregado, pelo almoxarifado do palacio de S. Christovam, da guarda e asseio do palacio de Petropolis, obteve d'elle a entrega das chaves.

« Ficou, pois, o palacio entregue a pessoas n'elle empregadas; mas, não tendo apparecido no dia 17 o superintendente dr. José Calmon Nogueira Valle da Gama, o delegado de policia de Petropolis, no dia 18, de manhã, em presença das testemunhas Antonio Columbiano da Silva Coimbra, Antonio Joaquim Cordovil Maurity, Tertuliano de Campos Duarte, José Borges Corrêa Lins,

José Antonio Ferreira Bessa e Manoel Alves de Souza, mandou lacrar e sellar todas as portas exteriores do palacio, em que ninguem mais penetrou, e postar sentinellas. Egoal providencia foi tomada em relação ao palacio Isabel.

« Na manhã de 22, recebeu o delegado de policia de Petropolis ordem telegraphica do sr. chefe de policia do Estado do Rio de Janeiro, para entregar ao sr. José Calmon a posse do palacio e objectos n'elle contidos, dos quaes se-deveria fazer arrolamento em duplicata, em presença do referido sr. José Calmon, e testemunhas, ficando com elle um exemplar e remettido outro ao sr. chefe de policia.

« Ao meio dia, presentes o dr. juiz de ausentes e seu escriptivo, o dr. José Calmon, o delegado de policia Francisco Ignacio da Silveira, o alferes Olavo de Araujo Sampaio Viauna, e em virtude de sentença do mesmo juiz, foram examinados os sellos e, depois de se-os-reconhecer intactos, foram elles levantados pelo escriptivo, o que feito, foi permittida a entrada no palacio ao delegado de policia e ao dr. José Calmon, procurador bastante do sr. d. Pedro de Alcantara, para se-proceder a arrolamento do que lá se-continha, o que tudo consta de um termo com as formalidades legais.

« Antes, porém, de entrarem as pessoas presentes, declarou perante ellas o dr. José Calmon, que estava incumbido pela ex-imperatriz de arrecadar várias joias e outros objectos, que deviam ser remettidos posteriormente para a Europa, e que, como lhe constava que já haviam sahido do palacio varios volumes, convidava todas as pessoas presentes a dirigirem-se immediatamente ao quarto particular da ex-imperatriz, para que, com a maxima notoriedade, lhe-fosse feita entrega dos objectos de que o-incumbira especialmente a virtuosa senhora, e que constavam de uma relação que estava em poder d'elle, dr. José Calmon.

« Dirigindo-se todos ao quarto da ex-imperatriz, ahi, á excepção dos moveis, nada foi encontrado, testemunhando todos os presentes que as portas e gavetas achavam-se abertas, sem que comtudo em qualquer d'ellas se-notasse o menor vestigio de violencia.

« Procedeu-se em seguida ao arrolamento de todos os objectos

encontrados no palacio, sempre na presença do dr. José Calmon, que, com o delegado Francisco Ignacio da Silveira e as testemunhas alferes Olavo de Araujo Sampaio Vianna, Luiz Mala, Enéas de Arrochellas Galvão, Felicio Manger, Antonio Brandão, Placido Viard, José Borges Corrêa Lians, Pedro Linden, Tertuliano de Campos Duarte, Luiz Valle de Almeida e o escrivão José Caetano dos Sanctos, depois de reconhecerem a exactidão do mesmo, o-assignaram. »

Fechado aqui este longo parentheses, voltamos a reatar o fio dos acontecimentos.

Em S. Francisco Xavier os ex-imperantes tomaram coche em que seguiram, desguardados de piquete, para o paço da cidade, onde chegaram ás 3 horas da tarde. O ex-imperador passou só com sua mulher precedido por oito creados do paço, e no carro subsequente iam duas damas de palacio.

Os srs. conde e condessa d'Eu, tambem de tudo já avisados, sahiram de seu palacio da rua de Guanabara, e julgaram prudente fazer a travessia por mar até ao caes Pharoux, onde desembarcaram, vindo assim reunir-se aos ex-imperantes em curto espaço apoz a chegada d'estes. Elles embarcaram na praia do morro da Viuva.

A's 4 horas da tarde recebeu o ex-imperador, por seu chamado, o sr. Ouro Preto acompanhado do sr. general Miranda Reis (barão) e deu-lhe breve conferencia, tão breve que certamente tempo não pôde ter o sr. Ouro Preto de relatar-lhe, ainda que summariamente, as occurrencias todas. Portanto ainda n'essa critica conjunctura era o ex-imperador engazopado. O general Miranda Reis foi o portador do chamado.

Diz-se que o sr. Ouro Preto não limitou-se comtudo a confirmar os termos de seu despacho telegraphico.

E posto que este folheto tem só por objecto e fim principal a verdade histórica, vem de cabida dizer que sobre esse despacho telegraphico, sobre sua redacção, ha duas duas versões: a que já foi citada e commentada nas linhas antecedentes, e uma outra só dada pelo *Jornal do Commercio*, que o-publicou nos termos seguintes :

« Senhor.— O ministerio, sitiado no quartel-general da guerra,

à excepção do sr. ministro da marinha, que consta estar ferido em uma casa proxima, e deante das declarações dos srs. visconde de Maracajú, Floriano Peixoto e barão do Rio Apa, de que não inspira confiança a força que vem, não ha possibilidade de resistir com efficacia á intimação de exoneração feita pelo marechal Deodoro, apezar das ordens que para a resistencia se deram, vêm depôr nas mãos de vossa magestade o seu pedido de exoneração.»

A história é expositiva e não interpretativa; fiel e não descendente ou apaixonada; e as palavras, os escriptos de personagens protogonistas devem passar a ella inalterados, para que o futuro possa tirar a justa medida de seus caracteres.

Assim ahí ficam as duas versões, para que o leitor de hoje e o futuro historiador amanhã possam tirar a limpo qual d'ellas é a exacta, o que me não permite fazer agora a escassez de tempo, na rapidez com que vou a escôteiro tracejando éstas primeiras linhas.

Despersuadido o imperador na insistencia com o Sr. Ouro Preto por sua *continuação (sic) no ministerio*, a este pediu indicação de successor, no que foi satisfeito com a apresentação do nome do sr. Silveira Martins, a quem deve a história politica do paiz (entre muitas outras cousas engraçadas) o paradoxo que ficou celebre — *o poder é o poder!*

O ex-imperador, *ignorando* a ausencia do sr. Silveira Martins, manifestou desejo ou vontade de com este entender-se para dar-lhe o encargo do novo ministerio; *informado então*, porém, da ausencia do senador já em viagem, e (naturalmente) desejoso de solver (o que ainda julgava possível) a temerosa crise, disse querer falar ao sr. Marechal Deodoro, já empossado da chefia do Governo Provisorio, e marcou-lhe audiencia para as 6 horas da tarde.

Retirando-se o sr. Ouro Preto, ás 5 horas da tarde, jantou o ex-imperador com sua familia, sendo o serviço fornecido pelo hotel do Globo.

Já de Petropolis, onde recebêra a noticia, telegraphára o ex-imperador pedindo novas do barão do Ladario, que fóra ferido, e ainda aqui no paço essa sua pergunta era insistente,

Por esse tempo tambem já haviam accorrido ao paço o ex-principe d. Pedro Augusto, empregados do paço, os srs.: Paulino de Souza, que se-mostrava muito interessado, Lourenço de Albuquerque, Dantas e Manuel Francisco Correia; mais tarde os srs.: barões de Loreto e de Muritiba, conde de Aljezur, marquez de Tamandaré, visconde da Penha, Taunay, Gomes do Amaral, Saraiva, commandante Bannen (do couraçado chileno), dr. Silva Costa, Beaurepaire Rohan (visconde), Andrade Figueira, Olegario, Carapebus (conde), Paranaguá (marquez) Jaceguay (barão), Pedro Gordilho, e alguns outros, não sendo mui naturalmente possivel perder tempo com a pequena circumstancia da collecta dos nomes dos visitantes, quando accontecimentos de ordem elevada succediam-se em vertiginosa rapidez, e era fôrça accompanhal-os.

Testemunhas presencias dizem que na physionomia do imperador lia-se a maior afflicção, e que ligeiro tremor vergava-lhe o corpo.

Muito excedidas as 6 horas da tarde, sem que apparecesse o Marechal Deodoro, dirigiram-se do paço á casa d'este, na praça da Acclamação, os srs. Dantas e Correia, os quaes ao paço voltaram, e então o sr. Dantas referiu a D. Pedro: «que, não tendo podido elles (os dous senadores) falar ao Marechal, haviam comtudo sabido de pessoa fidedigna estar definitivamente organizado o Governo Provisorio e feitas as nomeações das principaes auctoridades; que a deliberação tomada tinha por origem a falta de confiança do exercito nos partidos monarchicos, pelo que abraçara elle a bandeira republicana; que auctoridades, camara e algumas cidades e provincias haviam tambem adherido ao movimento; que a pessoa e a vida do ex-imperador e de sua familia estavam comtudo garantidas pelos componentes do novo Governo e pelo exercito.»

Estava com effeito o ex-imperador acarcado dos seus poucos amigos, e já por ordem do Governo mui reforçada havia sido a guarda do paço.

Um cavalheiro, que se-diz testemunha presencial, refere ter sido a ultima parte da exposição do sr. Dantas feita ou dada em resposta á pergunta seguinte do ex-imperador:

« e depois de tudo isto que destino me-reservam?... »

E' entre naturaes e legitimos escrupulos que faço ésta referencia, só por amor á verdade e á integridade da exposiçãõ histórica. Quando ahi ha de exacto ou não certamente será averiguado, sendo certo comtudo ser de boa probidade aquelle cavalleiro que, a mim e a outros, referiu o exposto.

Egualmente se-disse haver o official commandante da guarda do paço recebido ordem terminante de impedir a entrada a qualquer pessoa, sem ordem ou consentimento do camarista de semana.

Tambem constou, e publicado foi, haver o ex-imperador dicto ao Sr. commandante Bannen (do couraçado chileno):

« Nada receio. O povo brasileiro é assim mesmo. Amanhã estará tudo acabado. »

Esta phrase, certamente muito da redacção do ex-imperador, que cavalleiro integro affirma ter do Sr. commandante Bannen ouvido na redacção d'*O Paiz*, publicadas no dia 16, foram pelo mesmo Sr. commandante Bannen contestadas perante a redacção da *Gazeta de Noticias* que, no dia 22, deu a seguinte local:

« Procurou-nos hontem o Sr. commandante Bannen, para nos declarar que é contrária á verdade a interpretação que se-quiz dar á phrase a elle dirigida pelo ex-imperador.

« Sua ex-magestade, segundo affirma o Sr. commandante, apenas dissera :

« Espero que tudo isto se-resolva calmamente ».

« N'esta phrase significava elle a esperanza que nutria, de vêr tudo acabado sem derramamento de sangue. Pensando assim, não depreciava o ex-imperador o character brasileiro; antes honrava-o, fazendo-lhe a devida justiça. »

Não cessarei de repetir o que por si excellentemente comprehende o leitor intelligente: éstas phrases devem passar á história taes quaes foram enunciadas; adulteral-as é commetter um attentado; é positivamente uma improbidade. Por isso, sem róbustos elementos para resolver o poncto, e no urgente empenho de aproveitar já materiaes, que amanhã podem perder-se, dou as versões todas dos factos enfrentadas umas ás outras, para que cada um opportunamente como puder, e o historiador mais tarde

se-dêm o encargo de tirar a limpo aproveitando estes dados de agora.

Os filhos dos condes d'Eu, que se-achavam com seus paes e com seu aio, o sr. dr. Ramiz Galvão (barão) no palacio de Guanabára, antes da partida dos condes para o paço, foram por esse seu aio conduzidos para bordo do couraçado brasileiro *Riachuelo*, embarcando na praia do Flamengo, e d'alli seguiram de tarde para Petropolis.

Voltarei depois a este poncto para tudo dizer; por agóra continuo no tocante ao ex-imperador.

Por volta das 9 horas da noite, o sr. Saraiva, chamado pelo ex-imperador, apresentou-se no paço da cidade e com elle teve conferencia. Terminada ésta, o sr. Saraiva, escreveu ao Marechal Deodoro uma carta, em qué lhe-dava parte da incumbencia a elle dada pelo ex-imperador e por elle aceita de organizar novo ministerio, mas que para isso sentia necessidade de entender-se com o Marechal, pelo que pedia-lhe o-viesse procurar, afim de entenderem-se a respeito.

A *Gazeta de Noticias*, dando uma local sobre esse facto, provocou da parte do sr. José Antonio Saraiva a contestação, que vou em integra transcrever, por ser tambem documento de história.

E' o que se-lê na secção — *Publicações a pedido* — do *Jornal do Commercio* de 18 de Novembro :

O SR. CONSELHEIRO J. A. SARAIVA

17 de Novembro de 1889

« Acabo de lêr na *Gazeta de Noticias* o seguinte :

« O Marechal Deodoro recebeu hontem uma carta do sr. Saraiva, communicando-lhe que havia sido encarregado pelo imperador de organizar novo ministerio, e que precisava entender-se com s. ex. O Marechal Deodoro respondeu que a carta ia atrasada, pois o *Diario Official* publicára os nomes dos ministros. »

« Si eu escrevesse ao Marechal Deodoro no dia 16, e depois de lêr os nomes dos novos ministros, poder-se-hia, e com razão,

pôr em duvida o meu criterio politico. Tenho, pois necessidade da declarar o que occorreu entre mim e sua magestade na noite de 15 do corrente.

« Comparecendo no paço da cidade, ás 9 horas da noite de 15 do corrente, conversei com sua magestade, e é superfluo referir o assumpto da conversa. Recolhi-me á casa ás 11 horas, e entre 1 e 2 horas da noite fui convidado para voltar ao paço. Conferenciei de novo com sua magestade que me-disse o seguinte :

« O conselho de estado pleno acaba de aconselhar-me a organisação de novo ministerio, e mandei o-chamar para encarregal-o dessa tarefa. Conhece a confiança que me-merece, e pois dou-lhe carta branca, e farei tudo o que o seu patriotismo me-aconselhar. »

Respondi : « Nas circumstancias difficeis que atravessamos não faltará a vossa magestade a minha coadjuvação, Deus queira que eu tenha a felicidade de ser ainda util ao paiz e a vossa magestade. »

« Desconfiava haver sido tomada pelo Marechal Deodoro a resolução de proclamar a Republica. Mas muita gente ainda acreditava que no animo de s. ex. não estava sinão o proposito de mudar o ministerio. Recolhi-me, pois, a um gabinete do paço e escrevi ao Marechal a carta a que allude a *Gazeta de Noticias*, e em a qual pedia a s. ex. uma conferencia no dia 16, dizendo-lhe o seguinte ; « Encarregado pelo imperador de organizar novo ministerio, não quero e não devo fazer cousa alguma, sem entender-me com v. ex. »

« Comprehende o publico que meu fim nessa conferencia era verificar as intenções do Marechal.

« S. ex. até agora não respondeu á minha carta, que não podia ter mais resposta desde a publicação no *Diario Official* dos nomes dos novos ministros.

« Não me-faltou, pois o criterio politico ao pôr-me pela última vez ao serviço da monarchia, e espero em Deus que esse criterio não me-abandonará nas circumstancias difficeis, que vamos atravessar.—*J. A. Saraiva.* »

D'isto fica comtudo averiguado e liquido o principal, isto é, as 9 horas da noite, e ainda a 1 hora da madrugada, e já depois

das declarações do sr. Dantas (senador), o ex-imperador julgava possível e tentava organizar ministerio, o que importa dizer que tentava reacção contra o Governo já estabelecido.

E não pára ahi a tentativa reaccionaria, pois, tambem de accordo com o publicado do sr. Saraivá, o *Jornal do Commercio* de 16 refere ainda :

« A's 11 horas e 20 minutos reuniram-se sob a presidencia do imperador, os seguintes membros do conselho de estado, a princeza d. Isabel, o conde d'Eu, os senadores Paulino, visconde do Cruzeiro, Dantas, João Alfredo, Paranaguá, Leão Velloso, visconde de Cavalcanti, Duarte de Azevedo, B. Rohan, Andrade Figueira, e Silva Costa.

« Disseram-nos que os conselheiros de estado foram de parecer unanime que se-organisasse ministerio, sendo chamado para organisador um parlamentar, que estivesse na côrte.

« Disseram-nos tambem que fôra chamado de novo ao paço o sr. senador Saraivá ».

Em *publicações a pedido* do *Jornal do Commercio* de 26 de Novembro, ainda sobre essa occorrença Imperador-Saraivá ha, no artigo do sr. major de engenheiros Roberto Trompowsky Leitão de Almeida, revelações importantes que devem passar á história, pelo que transcrevemos textualmente todo o longo trecho do referido artigo, que as-encerra :

« Como alguns conselheiros de estado, que estavam no referido escriptorio (*) sahiram então com destino ao paço, decidi-me a acompanhá-los. Pouco depois de termos chegado, reuniu-se o conselho de estado. O imperador não tinha conhecimento da gravidade da situação; foi meu sogro quem no conselho a-desenhou franca e sinceramente. (**) A familia imperial suppunha que se tractava de uma simples deposição de ministros. Havendo o imperador desistido da idéa de confiar a missão de organizar gabinete ao sr. Silveira Martins, e tendo sido chamado para esse

(*) Refere-se ao escriptorio da *Nação*, positivamente mencionado no periodo anterior.

(**) Logo dava-se a resistencia no paço.

fim o sr. Saraiva, approximei-me de meu sogro e perguntei-lhe si ainda se-demorava no paço. Elle me-respondeu que sim. Sahimos então para tomar café e regressámos. Chegou o sr. Saraiva, conferenciou com o imperador e a nada se-obrigou sem previamente entender-se com o sr. general Deodoro. Neste sentido escreveu-lhe uma carta, da qual, por pedido que fez-me meu sogro, fui eu o portador. Eram 3 horas da madrugada quando cheguei á residencia do denodado chefe do Governo Provisorio. Dirigi-me ao official que commandava a guarda e disse-lhe que era portador de uma carta do sr. Saraiva para o general. O official havendo me-reconhecido, não oppóz o minimo embaraço ao meu ingresso. Subi, pois, e bati. A exma. esposa do inclyto Marechal acudiu, e, tendo-me annuciado, dignou-se ella abrir a porta e conduziu-me para o quarto em que seu marido repousava.

« Entreguei-lhe a carta e disse-lhe que a familia imperial não conhecia toda a verdade sobre a situação.

« O general declarou-me que havia proclamado a Republica Federativa Brasileira; que havia organizado gabinete; que fizera a Republica no memoravel dia 15, sem derramamento de sangue e sem desacato á familia imperial, para evitar que alguns dias mais tarde ella fosse feita de modo contrario. Disse-me que os principaes factores da revolução haviam sido os srs. conde d'Eu e visconde de Ouro Preto. Comptou-me o incidente — barão de Ladario — e o que havia dicto no quartel-general áquelle visconde, ao apéal-o do poder. Sahi e voltei ao paço, onde já não encontrei o sr. Saraiva. A familia imperial, excepção feita do imperador e da imperatriz, aguardava o meu regresso. Achavam-se presentes os srs. barões de Loreto e Muritiba, o sr. conde da Motta Maia e varios outros personagens, alguns dos quaes não conheço, e de outros não me-ocorre os nomes. Communiquei-lhes sem rodeios, tudo quanto soubera pelo sr. general Deodoro. Quando disse ao sr. conde d'Eu que elle havia collaborado para o advento da Republica, perguntou-me como. Não impedindo com o prestigio de sua posição que os ministros opprimissem os militares, respondi. Sua Alteza redarguiu *mutatis mutandis*: Si eu interviesse na administração da guerra, seria

um peccador; como não intervim, tambem o-sou. Sahi e recolhi-me ao nosso domicilio. »

Que mal-aventurada noite para o ex-imperador !!!..

Em que proporção se-dissolveu essa supplicante assembléa de amigos e de validos do paço é circumstancia não sabida a respeito de alguns, não pesquisada por carecer de maior importancia.

No dia 16, por ordem do Marechal Deodoro, ficou o ex-imperador incommunicavel, guardado por consideravel reforço, e tomadas por força armada todas as entradas, todas as portas, todas as avenidas, que pudessem dar accesso ao palacio e juncto á familia ex-imperial.— A ordem era terminante e fielmente foi executada.

Por cerca das 3 horas da tarde, das mãos do major Frederico Solon Sampaio Ribeiro, recebeu o ex-imperador a mensagem que o Governo Provisorio lhe-enviou nos termos seguintes :

« Senhor. — Os sentimentos democraticos da nação ha muito tempo preparados, mas disputados agora pela mais nobre reacção do character nacional contra o systema de violação, de corrupção, de subversão de todas as leis, exercido em um gráo incomparavel pelo ministerio 7 de Junho; a politica systematica de attentados do governo imperial, nestes ultimos tempos, contra o exercito e a armada, politica odiosa á nação e profundamente repellida por ella; o esbulho dos direitos d'essas duas classes, que, em todas as epochas, têm sido, entre nós, a defesa da ordem, da constituição, da liberdade e da honra da patria; a intenção manifestada nos actos dos vossos ministros e confessada na sua imprensa, de dissolvê-las e aniquilal-as, substituindo-as por elementos de compressão official, que foram sempre, entre nós, objecto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de hontem, cujas circumstancias conheceis e cujo character decisivo certamente podeis avaliar.

« Em face d'esta situação peza-nos dizer-vol-o, e não o-fazemos sinão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da familia imperial no paiz, ante a nova situação que lhe-creou a resolução irrevogavel do dia 15, seria absurda, im-

possivel e provocadora de desgostos, que a salvação pública nos impõe a necessidade de evitar.

« Obedecendo, pois, ás exigencias do voto nacional, com todo o respeito devido á dignidade das funcções publicas, que acabaes de exercer, somos forçados a notificar-vos que o Governo Provisorio espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o territorio brasileiro, com a vossa familia, no mais breve tempo possivel.

« Para esse fim se-vos-estabelece o prazo maximo de 24 horas, que comptamos não tentareis exceder.

« O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por compta do Estado, proporcionando-vos para isso o Governo Provisorio um navio com a guarnição militar precisa, effectuando-se o embarque com a mais absoluta segurança de vossa pessoa e de toda a vossa familia, cuja commodidade e saude serão zeladas com o maior desvelo na travessia, continuando-se a comptar-vos a dotação, que a lei vos-assegura, até que sobre esse poncto se-pronuncie a proxima Assembléa Constituinte.

« Estão dadas todas as ordens, afim de que se-cumpra ésta deliberação.

« O paiz compta que sabereis imitar na submissão aos seus desejos o exemplo do primeiro imperador em 7 de Abril de 1831.

« Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* »

« O ex-imperador leu-a commovido e mal podendo disfarçar a perturbação; a princeza, sua filha, ligeiramente inclinada a seu lado, leu-a tambem. mas debaixo das mais visiveis e profundas emoções de dôr e de terror; e acabada a leitura, retirou-se ella para um gabinete contiguo debulhada em lagrimas, fao passo que o ex-imperador, pallido e erguido, disse: — « preciso de algum tempo e repouso para poder responder. » —

Retirou-se o major Solon, e, depois de chegado juncto ao Marechal Deodoro para transmittir-lhe a resposta, recebeu, com intervallo de uma hora, um chamado do paço para ir buscar a resposta. Effectivamente, e deante de nova ordem, pela segunda vez diri-

giu-se o major Solon a D. Pedro o qual, toda escripta de seu punho, deu-lhe a resposta infra, accrescentando éstas palavras:

— «Ahi está a resposta; ella contém a expressão real de meus sentimentos.» —

A resposta do ex-imperador é do theor seguinte:

«A' vista da representação escripta, que me-foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando ésta patria, de nós estremecida, á qual me-esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quasi meio seculo, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me pois, eu com todas as pessoas da minha familia, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

«Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889.—D. Pedro de Alcantara.»

Tambem da ex-princeza trouxe o sr. major Solon a seguinte de seu punho declaração escripta:

«E' com o coração partido de dôr que me-afasto de meus amigos, de todos os brasileiros e do paiz, que tanto amei e amo, para cuja felicidade exforcei-me por contribuir, e pela qual continuarei a fazer os mais ardentes votos. Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889.—Isabel, condessa d'Eu.»

Assim da primeira como da segunda vez em que se-dirigiu ao paço para desempenho d'essa especial, ardua e patriótica missão, o major Solon e o esquadrão que elle commandava trajavam grande uniforme.

E' isto o que a imprensa toda publicou sem contestação; entretanto, no dia 27 de Novembro, indo eu ao Quartel-General para curar de interesses de um filho meu, cadete, e ahi encontrando o sr. general barão de Miranda Reis, cumprimentei a s. ex., de cujo filho fui mestre, e disse-lhe que, sabendo eu guardar conveniencias e tendo sido s. ex. uma das testemunhas presenciasaes, não me-julgava indiscreto perguntando-lhe si eram exactos e fieis os dialogos, que a imprensa publicára, havidos com o ex-imperador. Disse-lhe mais interessar-me saber de tudo com a maior fidelidade para o livro que estava imprimindo.

75

S. ex. respondeu-me (textual) : — « sr. dr. em tudo isto ha muito romance. Eu nesse mesmo dia entrei de semana e estive quasi sempre o mais perto possivel do imperador. Essa história de o imperador dizer — « sr. Mallet está maluco, os outros estão doidos, » — não é verdadeira ; tal não deu-se. Eguualmente não é verdade a história do imperador dizer que precisava de tempo e repouso para responder á mensagem. O official, um pouco commovido, entregou respeitosaente ao imperador a mensagem, mas não leu-lh'a, dizendo — « que o Governo lhe-mandára aquelle papel (dando-lh'o enrolado) aquella mensagem, para que elle respondesse. O imperador recebeu-a e disse : — « pois bem, eu verei e responderei. » — O official retrucou : — « mas v. m. não me-dá resposta alguma, nada me-diz para que eu transmita ao Governo ? » — O imperador tornou ainda : — « sim, deixe estar ; eu responderei. » — O official disse : — « então v. m. me-dá licença ? » — O imperador : — « licença, para que ? » — O official : — « para retirar-me. » — O imperador : — « pois não ; pôde retirar-se ; eu responderei. » —

Informou-me ainda o sr. general barão de Miranda Reis, que o ex-imperador conservou-se sempre sereno e senhor de si ; e que depois de lér a mensagem, disséra para os que o-acercavam : — « é a minha carta de liberdade ; agora vou descansar. Desejo porém que sejam todos muito felizes, e que o Brasil prospere ; que haja paz e tranquillidade. Estes sempre foram e hão de ser meus sinceros desejos. » —

E' o que me-foi referido e aqui fielmente relato. O major Solon confirmou-me, na parte que lhe-é relativa, a exposição do general Miranda Reis.

Estava pois resolvida a partida do ex-imperador e de sua familia. Urgia o tempo ; crescia a anciedade em todos !...

Cruzavam-se noticias e versões, como sõe acontecer em momentos de tanta magnitude.

Cahi a tarde.

Neste pé de cousas o conde d'Eu traçou os dous officios em seguida aqui transcriptos :

« Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. — Illm. e Exm. Sr. — Rogo a v. ex. me-conceda exoneração do cargo de commandante

geral de artilheria, que exerço desde o dia 19 de Novembro de 1865, e licença para retirar-me para fóra do paiz.

« Diz-me a consciencia que sempre servi á Nação Brasileira, lealmente, na medida de minhas fôrças e intelligencia, e procurei guardar justiça para com todos os meus commandados.

« Della me-despeço saudosamente, assim como de todos meus commandados do exercito brasileiro.

« Si não fossem as circumstancias que, bem contra a minha vontade, me-obrigam a sahir do paiz, e que não são desconhecidas de v. ex., estaria prompto a continuar a servir, debaixo de qualquer fôrma de governo, á Nação, que por tantos annos me-acolheu no seu seio, accumulando-me de honras e enchendo-me de immorredouras saudades e cuja prosperidade e gloria serão sempre um dos meus mais ardentes anhelos.

« Deus guarde a v. ex.—Ilm. e Exm. Sr. tenente-coronel dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra.—*Gastão de Orléans, Conde d'Eu*, marechal do exercito brasileiro. »

« Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889.— Ilm. e Exm. Sr.—Tendo, com profunda magua, de ausentar-me d'este paiz, cumpro o dever de passar a v. ex. a presidencia da Associação Protectora da Infancia Desamparada, da qual é v. ex. muito digno 1.º vice-presidente.

« Rogo a v. ex. que aceite para si e se-digne transmittir a todos os nossos consocios as minhas mais saudosas despedidas e a expressão de minha cordeal amizade; assim como a esperanza que nutro, de que, mediante a cooperação de todos, continuará a florescer uma instituição que, desde sua fundação, tem merecido meus constantes desvelos e os de v. ex.

« Muito grato ficarei a v. ex. si, por ventura, lhe-fosse possível communicar-me os progressos da associação, fazendo-me remetter os respectivos relatorios, á medida que forem apparecendo.

« Resta-me dar expressão a meus sentimentos de cordeal gratidão pelas provas de consideração, que constantemente mereci de meus consocios.

« Deus guarde a v. ex.— Ilm. e Exm. Sr. conselheiro senador Manoel Francisco Correia.— *Gastão de Orléans, Conde d'Eu.* »

— No mesmo sentido officiou ao 1.º vice-presidente do muséu escolar nacional.

Cahiú a noite.

Conhecidas a deposição do ex-imperador, a intimação a elle feita de retirar-se com sua familia para fóra do imperio no prazo improrogavel de 24 horas, e as respostas recebidas da familia ex-imperial, começou, instigado por phrenetica curiosidade, o povo a agglomerar-se desde as 8 horas da noite pelas proximidades do paço, certamente no intuito de assistir ao embarque.

O Governo, porém, cauto e previdente, medindo bem a inconveniencia de manifestações de qualquer natureza consoantes à familia ex-imperial, aos officiaes encarregados de tão melindroso serviço déra prudentes instruccões, em sentido de desviar os condensados grupos populares para pontos differentes, até à hora do embarque, que devia effectuar-se, como effectuou-se, com a melhor ordem e calma.

Levou-se ao espirito das massas curiosas a convicção de que esse embarque seria feito em pleno dia; e, accrescendo a isso a concorrência do vento implicante que soprava, de chuviscos impertinentes e ameaçadores, conseguiu-se d'est'arte o completo isolamento do largo do paço, no momento angustioso da partida dos soberanos depostos e sua familia.

Impõe a verdade historica ainda aqui eu declare ter n'esta conjunctura o major Solon prestado relevante serviço á ordem publica; pois, sem ser-lhe necessario siquer levar a mão aos cópos da espada, elle conseguiu convencer o povo e disseminar-o, de sorte que ás 2 1/2 horas da madrugada, por occasião do embarque da familia ex-imperial, só se-achavam no largo do Paço os soldados da guarda.

Quão pungente devia isso ser para o coração d'aquelles que, habituados estavam a se-vêrem, sempre e por toda a parte, acercados das multidões da populaça nunca farta de os-contem-plar, dos soffregos das honras de um cumprimento sempre atirado a furto sobre as mais reverentes mesuras, dos olhares impacientes que procuravam supplices os olhos desviados adrede?!...

Como aquelle espectaculo devia amargar em meio do tumulto de tantas recordações? !..

Cincoenta annos desfeitos em um momento !..

Una hora destituta sunt tanta divitiæ. (Apoc. XXIII.)

O imperador, em toda a sua vida, teve um amigo dedicado e despretençioso, que o aconselhava bem : foi Luiz Pedreira do Couto Ferraz.

.....
O imperador deixou de pisar a terra da patria envolto no manto da noite ; e a noite é o esquecimento !
.....

Na manhã de 17 desceram de Petropolis, pela estrada de ferro do Principe do Grão-Pará, os filhos dos condes d'Eu. (*)

O que com elles passou-se vou seguidamente referir.

Logo que, pela manhã de 15, começou o movimento de tropas na praça da Acclamação, os condes d'Eu foram d'elle avisado por amigos, que se-deram pressa em transmittir-lhes as noticias, á proporção que as-colhiam.

Quasi ás 10 horas, o sr. conde d'Eu, tomando á parte o aio de seus filhos, o sr. barão de Ramiz, fez-lhe vêr que a incerteza sobre o desfecho dos acontecimentos em meio das encontradas novas, que eram recebidas, aconselhava uma medida de prudencia, no sentido de acautelâr e salvaguardar os jovens principes, seus filhos, e que elle confiava na dedicação e nos bons officios d'esse seu aio. O barão de Ramiz respondeu-lhe que estava ás suas ordens, e o sr. conde d'Eu disse : « pois bem ; pensemos no que fazer », e distanciou-se.

Muito não tardou que o sr. conde d'Eu de novo chamasse o barão de Ramiz para dizer-lhe que, renunciando as ultimas noticias recebidas, acontecimento de gravidade maior, urgente fazia-se tomar a respeito dos pequenos principes uma providencia immediata, que os-puzesse a coberto de perigos, vexames e emoções.

(*) No *Jornal do Commercio*, se-lê erradamente, terem os os pequeninos principes ficado no paço da cidade, de onde só sahiram ás 9 horas da manhã.

O barão de Ramiz lembrou levar-os para bordo de um navio de guerra, enquanto esperava a partida da barca de Petropolis, para onde com elles compromettia-se a seguir nesse mesmo dia; e de prompto indicou o nosso couraçado *Riachuelo*.

O conde d'Eu applaudiu a lembrança, não sem primeiro perguntar ao digno aio de seus filhos, si nisso tinha inteira confiança, ao que elle respondeu que « a mais completa, por dar-se com quasi toda a officialidade d'aquelle vaso, de que fóra commandante seu parente, o sr. Saldanha da Gama. »

O conde d'Eu de novo applaudiu a boa lembrança, dizendo: « pois então far-me-á obsequio curando d'isso sem perda de tempo. »

O barão de Ramiz immediatamente deu-se pressa em mandar arrumar alguma roupa dos meninos, que um creado levou em pequena mala, e com elles e com o creado seguiu para a praia do Flamengo, onde dirigiu-se ao estabelecimento balneario do *High-Life*, cujo proprietario era o banhista dos jovens principes, e a este pediu um bote com urgencia, pois precisava levar sem demora os meninos a um ponto dado e por mar (sem comtudo dizer-lhe do que tractava-se).

Eram já 11 horas,

Não sem alguma hesitação, e depois de apresentar difficuldades, a que não quiz attender o barão de Ramiz, que sempre insistia pela urgencia do caso, fez o banhista preparar a unica conducção de que podia dispôr, que foi uma canôa de regatas, e fina, tripolada por dous remadores, na qual embarcaram: o barão, os tres principes, e o creado.

Embarcados, mandou remar para bordo do *Riachuelo* ao qual atracaram a 1 hora da tarde. Ahi chegados, falou para o couraçado o barão de Ramiz, entendendo-se com o official immediato de bordo, por achar-se em terra o commandante; subiu e então a esse official expôz o occorrido em casa dos condes d'Eu, a providencia por elle lembrada, pelo que vinha elle abrigar-se sob a bandeira de amigos e camaradas, aos quaes demais pedia meios de transportar-se para a ponte das barcás de Petropolis á hora precisa. O barão foi immediatamente bem acolhido e tudo lhe-foi promettido.

A's 3 1/2 horas, sem que ainda houvesse chegado o commandante do *Riachuelo*, o official immediato mandou montar um bom escaler de bordo, no qual de novo embarcaram o barão de Ramiz, os principes e o creado, seguindo d'ahi para a ponte das barcas de Petropolis.

A ésta chegados, tractou o barão de Ramiz de bem accomodar os principes, de sorte a não fazel-os participantes de commovedoras conversas. Elle, porém, sobre os acontecimentos practicou com alguns amigos e companheiros de viagem, ouvindo attentamente a cada um de per si, para orientar opinião segura e afferir exacta conclusão. No numero d'esses comptou-se o engenheiro André Rebouças, que estava de moradia em Petropolis, e que por mais tempo se-demorou com o barão de Ramiz, a quem desde logo declarou que embarcaria si o Imperador embarcasse.

O barão de Ramiz Galvão, cavalheiro dos melhores talentos e da mais inconteste e variada erudição, desde logo comprehendeu que sua missão juncto á imperial familia tocára a seu termo, e que a permanencia d'esta no Brasil era d'ahi por deante impossivel. Todavia encerrou-se em sua notoria discrição.

Chegado a Petropolis, recolheu-se elle a palacio com os principes, pondo maximo empenho em acautelal-os de manifestações de qualquer natureza.

Passou-se a noite de 15 e parte do dia 16 sem outra novidade chegar-lhe sinão as referidas pelos jornaes de 16, que elle tambem resguardou dos principes.

Da familia ex-imperial apenas recebeu telegrammas de character particular e familiar, inquirendo tão sómente da chegada dos principes, do estado de sua saude e de seu moral, aos quaes sem delonga respondeu.

Entretanto o principe do Grão Pará, o mais velho dos filhos dos condes d'Eu, menino já de 14 annos, não deixou de mostrar-se sorpreso e sobresaltado por tudo isso, que de anormal e subito elle via passar-se; e não raro, a proposito inquiria a seu aio, sem que todavia este julgasse opportuno ou conveniente dizer-lh'o, como não disse. Um presentimento qualquer, porém, agitava o joven principe.

Pelas 4 e tanto horas da tarde de 16 chegou a Petropolis a familia do sr. Pinho, barão do Alto Mearim, e d'esta insuspeita fonte e de outras soube o barão de Ramiz haver já sido endereçada pelo Governo Provisorio e ao ex-imperador entregue a mensagem, em que se-lhe-communicava sua deposição, e se-lhe-intimava a partida para fóra do imperio no prazo improrogavel de 24 horas.

Como era natural, começou o barão Ramiz a aguardar determinações da familia ex-imperial, ou mesmo do Governo Provisorio, ao qual desde então elle obedeceria de prompto. E taes determinações não chegavam.

Fez-se a noite, e o engenheiro André Rebouças, que de frequente vinha a palacio, ahí mais uma vez tornando, disse ao barão de Ramiz ser sua inabalavel resolução seguir para Europa com a familia ex-imperial, resolução essa que o barão de Ramiz lhe ponderou não ser de bom aviso, porquanto a sua posição de lente de uma Escola Superior, ao mesmo tempo que-lo-abrigava das mais fortes agitações, tambem não o-collocava exposto a choques immediatos com os agentes do poder. O sr. André Rebouças estava, porém, de proposito assentado.

Seriam já 7 horas da noite quando o particular do ex-imperador, de nome Pedro Paiva, penetrou o paço acceleradamente, dizendo ter recebido ordem de vir arrumar a roupa e objectos do ex-imperador para trazel-os á côrte para seu embarque.

O sr. barão de Ramiz, depois de ainda d'este colher noticias e esclarecimentos, perguntou si não trouxera carta ou ao menos algum verbal recado para elle, ao que tudo respondeu o sr. Paiva que — não, passando a dar desempenho á allegada incumbencia.

O sr. barão de Ramiz, estranhando embora comsigo, continuava calmo a aguardar determinações, quando, por cerca das 7 1/2 horas da noite, recebeu do sr. conde d'Eu um telegramma, que dizia:

« queira descer amanhã com os meninos e com os dous criados Guilherme e Eduardo, porque de tarde embarcaremos para Europa. Queira... » O telegrapho communicava não poder continuar pelo interrompimento causado pelas trovoadas da serra, mas que completaria o telegramma logo que lhe-fosse possivel fazel-o.

O barão de Ramiz não tardou em dar as precisas providencias,

mesmo sem conhecer do resto do conteúdo do telegramma, que elle ainda á meia-noite e sem proveito mandou á agencia pedir.

Apoz isto e pela ultima vez veiu a palacio o engenheiro Rebouças, para pedir noticias ao sr. barão, das quaes sabendo, pediu-lhe mais um logar na conducção no dia immediato, pois continuava a affirmar sua partida para Europa em companhia da familia ex-imperial, retirando-se de tudo satisfeito.

O barão de Ramiz não dormiu toda essa noite de 16, e na manhã de 17 desceu pela Estrada de Ferro do Principe do Grão-Pará, unica conducção que de Petropolis ha para a côrte na manhã dos domingos. Vieram com elle o professor de gymnastica dos principes, os dous criados pedidos por telegramma e o engenheiro Rebouças.

Chegados á estação de S. Francisco Xavier, poncto extremo da Estrada de Ferro do Principe do Grão-Pará, um cavalheiro dirigiu-se ao barão de Ramiz perguntando-lhe pela familia do conde de Motta Maia, que este ancioso esperava para embarcar, pois a familia ex-imperial já se-achava a bordo.

Foi só ahi que os jovens principes souberam da verdade da situação anormal que atravessavam.

Chegados á estação central da ex-Pedro II, na praça da Acclamação, e nada achando providenciado sobre conducção dos principes, o barão de Ramiz tomou o carro fechado de aluguel, de n. 193, no qual tomaram passagem, de cortinas abaixadas, elle, os principes e o engenheiro Rebouças, e assim atravessaram a cidade até ao largo do Paço.

Já então os principes debulhavam-se em lagrimas.

O barão de Ramiz dirigiu-se ao paço da cidade, que já achou fechado, onde apenas encontrou um velho criado; e assim, não tendo ahi com quem fallar, procurou o official encarregado da guarda do palacio, a quem tudo referiu, declarando que desejava quanto antes embarcar os principes, no que foi applaudido e ainda mais aconselhado pelo dicto official.

Encaminhou-se então para o cães o sr. barão de Ramiz, e ahi ajustou um bond marítimo. Emquanto, porém, essa conducção se preparava, a natural curiosidade arrastou algumas pessoas do povo para juncto do carro, onde ainda conservavam-se os prin-

cipes, e a cuja portinhola encostava-se o barão, o qual em habeis termos pediu á massa se-dispersasse, para evitar qualquer demonstração alli inopportuna. E o povo tambem delicadamente attendeu e dispersou-se.

Preparado o bond maritime e prompto a partir, seguiram os principes, sendo o mais velho levado pelo sr. barão de Ramiz; o mais moço, pelo professor de gymnastica; e o do meio, pelo sr. consul da Austria, que, desejando apresentar suas despedidas á ex-imperial familia, pedira permissão para acompanhal-os até a bordo. Seguiram mais os dous criados e o engenheiro Rebouças.

Chegados a bordo, tencionava o sr. barão de Ramiz ahi demorar-se até ao levantar ferro; mas bem curta foi sua demora, e consequentemente sua entrevista ultima com os condes d'Eu, porque o official de bordo advertiu-lhe de não ser-lhe permittido ahi conservar-se por muito tempo, em vista das ordens n'esse sentido recebidas.

O engenheiro Rebouças e o professor de gymnastica ficaram e seguiram com a familia deposta e expatriada.

Sentida foi a despedida do barão de Ramiz, cujo procedimento, qual acabo de expôr, foi o da maior correcção e lealdade para com aquelles, que o-induziram a pesados e hoje inuteis sacrificios.

.....
Em terra, depois de tudo combinado e bem disposto, o ex-imperador e sua familia sahiram do paço da cidade ás 2 1/4 horas da madrugada para embarcar no caes Pharoux.

O ex-imperador, sua mulher, a ex-princeza, o conde d'Eu e o sr. d. Pedro Augusto transportaram-se n'um carro até ao caes, guardando as portinholas do carro os srs. coronel Mallet e tenente-general Miranda Reis.

O dr. Motta Maia, o almirante Tamandaré, a dama Fonseca Costa, as aias dd. Lividia Espozel e Joanna Moura seguiram a pé até ao logar do embarque.

Precediam o prestito os alumnos da Escola Superior de guerra, 2.º tenentes Antonio José Vieira Leal e José Raphael Alves de Azambuja, alferes João Baptista da Motta e Affonso Deligorio Doria, todos em primeiro uniforme.

Logo depois seguia uma escolta de quatro artifices do arsenal de guerra.

Por occasião do embarque o largo do Paço mantinha-se isolado, alli vendo-se apenas as praças do serviço do policiamento.

No caes Pharoux embarcaram o sr. d. Pedro e sua familia e sua comitiva n'uma lancha a vapor, que já os-aguardava, tendo a bordo um piquete, ao mando de um official.

Levados até a bordo do cruzador *Parnahyba*, a officialidade recebeu a familia do sr. d. Pedro com todas as provas de respeito e consideração.

D'este vaso de guerra regressaram então para terra o coronel Mallet, o general Miranda Reis, o piquete e os alumnos da Escola Superior de guerra.

O commandante e officiaes do cruzador foram incansaveis em obsequios e deferencias para com a familia do ex-imperador, procurando tranquillizal-a dos injustificaveis receios, que ainda a bordo do nosso vaso de guerra manifestavam alguns dos seus membros.

O sr. d. Pedro Augusto, principalmente, mostrava-se de extraordinaria superexcitação nervosa, acreditando que fosse intento do Governo da Republica dar aos membros da dynastia deposta destino muito diverso d'aquelle que tiveram.

Sómente quando o *Alagoas* appareceu ao encontro do *Parnahyba* e que foi realizada a baldeação é que inteiramente socegou.

O convez do navio fretado pelo Brasil para conduzil-os ao exilio foi para elles o porto de salvamento, o reducto sancto, onde nenhum mal lhes-succederia.

A sra. condessa d'Eu, mais tranquilla do que seu sobrinho, procurou justificar o proceder da familia deposta.

Em conversa com o illustre commandante do *Parnahyba*, declarou repetidas vezes que nunca intervieram no governo do ex-ministerio, e si alguma vez fizeram sentir a sua influencia foi para conciliar os animos, inspirando o bem e fazendo pautar os actos dos ex-ministros pelo sentimento de justiça.

O ex-imperador e sua familia, affirmou a sra. condessa d'Eu, ignoravam todos os actos arbitrarios do gabinete do sr. Affonso Celso, inclusivamente a partida do 22.º de infantaria, que souberam depois de realisada.

Entretanto a imprensa « não submissa » denunciava diariamente todos esses factos.

Para satisfazer a uma exigencia da história abro aqui um parentheses.

Em 1831, por occasião da partida de d. Pedro I, o tenente-coronel Manuel da Fonseca Lima e Silva (depois tenente-general Barão de Suruhy), que era o commandante do batalhão denominado *do imperador*, designou o official d'esse batalhão Antonio Joaquim de Magalhães Castro (que falleceu coronel do exercito nesta Côte) para ficar commandando uma guarda no Paço da Boa Vista em S. Christovam, sendo-lhe dadas severas instrucções com o fim de guardar a familia imperial, assistir e acompanhar o seu embarque.

No acto da despedida, d. Pedro II disse a esse official: « *ad us; lembranças a seu commandante e a seu tio* ». Esse tio era o desembargador Luiz Pedreira do Couto Ferraz, pae do finado Visconde de Bom Retiro, o melhor e mais sincero amigo de d. Pedro II.

Em 1889 designa o Governo Provisorio o couraçado *Riachuelo* para comboiar o paquete *Alagôas*, em que embarca a familia deportada do sr. d. Pedro II, e da officialidade d'aquelle vaso faz parte o 2.º tenente d'armada Antonio Barbosa de Magalhães Castro, neto do official que guardou e levou ao embarque o sr. d. Pedro I.

Ainda mais: adoecendo repentinamente o 1.º tenente d'armada Amorim Rangel, ajudante d'ordens do Ministro da Marinha, que fôra designado para fazer parte da officialidade que teve de acompanhar a familia do sr. d. Pedro II até a Europa, foi designado para substituil-o e effectivamente nessa commissão embarcou e seguiu aquelle 2.º tenente Antonio Barbosa de Magalhães Castro.

E por fim entre os membros da commissão nomeada pelo Governo Provisorio para redigir um projecto de constituição, encontra-se o dr. José Antonio Pedreira de Magalhães Castro, sobrinho do primeiro e primo do segundo d'aquelles dous officiaes.

A historia tem tambem seus caprichos!

.....

A proposito do embarque do ex-imperador e de sua familia lê-se em *O Paiz* de 6 de Dezembro a publicação que transcrevo :

A PARTIDA DE D. PEDRO II

« Abrimos espaço á carta seguinte, que nos-dirigiu o capitão-tenente Frederico Guilherme de Souza Serrano, para controverter um artigo do nosso collega *A Vida Fluminense*, em assumpto que prende-se aos acontecimentos de 15 de Novembro, e portanto á história da nova patria.

« Sr. redactor. — Com extrema surpresa li hoje na *Vida Fluminense*, sob o titulo « 15 de Novembro » — uma nota a respeito de alguns officiaes, que tomaram parte activa nos acontecimentos de tão memoravel dacta, e em que se-attribute ao sr. commandante Palmeira ter sido encarregado da guarda da familia do sr. d. Pedro de Alcantara, acrescentando que de « sob as vistas do tenente-coronel Mallet passou o ex-imperador a ficar sob a vigilancia da lealdade patriotica do commandante Palmeira. »

« Embora naturalmente acanhado, cumpre-me restabelecer a verdade dos factos, que não podem ser adulterados na história de tão grande acontecimento, qual o da proclamação da Republica dos Estados-Unidos do Brasil. Peço-vos, pois, me-permittaes fazer simplesmente a narração do que se-passou. Na noite de 16 de Novembro achava-me no arsenal de marinha commandando uma ala do batalhão naval, quando á meia-noite, mais ou menos, fui chamado pelo sr. ministro da marinha ao Quartel-General do exercito, aonde se-achavam em conferencia os cidadãos ministros do Governo Provisorio, e ahi fóra incumbido da espinhosa e dolorosa missão de ser o guarda da familia do sr. d. Pedro de Alcantara, a qual devia conduzir do paço da cidade para bordo do cruzador *Parnahyba*, e, « si a bordo não encontrasse o commandante capitão de fragata Palmeira, assumisse o commando e dêsse compta da commissão que me-era ordenada ; caso porém apparecesse o sr. Palmeira, lhe-fizesse sciente das instrucções que tinha recebido e continuasse na commissão como guarda da familia ex-imperial. »

« A' 1 hora e 50 minutos da madrugada de 17 sahi eu do Quartel-General do exercito em companhia do illustre coronel Mallet,

tomámos um cano que nos-conduziu ao paço, às 2 horas mais ou menos.

« O coronel Mallet, ao chegar ao paço, entendeu-se com o illustre tenente-coronel Solon, que commandava a força, que guardava a familia ex-imperial, e subindo á presença do ex-imperador, fez as communicações precisas, para que o embarque da familia se-effectuasse o mais prompto possível.

« Mandou-se buscar uma lancha do arsenal de guerra, que por indicação minha foi atracada ao cães então denominado de Pedro II, e ahi aguardou até ás 2 horas e 30 minutos, em que realisou-se o embarque da mesma familia, composta do sr. d. Pedro de Alcantara, sua senhora d. Thereza Christina, sua filha a condesa d'Eu, dos srs. conde d'Eu e d. Pedro Augusto.

« Na mesma lancha embarcaram a sra. baroneza de Fonseca Costa, duas damas de camara, os srs. marquez de Tamandaré, conde de Motta Maia e um filho menor, conde de Aljezur, general Miranda Reis, coronel Mallet e official de fazenda Wanderlino, que acompanharam a mesma familia. Atracámos a bordo do cruzador *Parnahyba* (que não estava avisado) ás 2 horas e 45 minutos, para onde transportei a familia ex-imperial, regressando a lancha para terra com os srs. general Miranda Reis e coronel Mallet.

« A bordo do cruzador *Parnahyba* encontrei apenas os 2.^{os} tenentes cidadãos Alfredo de Azevedo Alves, que estava de quarto, e Arnaldo de Sampaio, que me-informaram não achar-se a bordo o commandante Palmeira; a estes officiaes communiquei as ordens que levava, e incontinenti assumi o commando do navio, mandando accender os fogos e providenciando sobre outros detalhes para o cumprimento de minha commissão.

« A's 5 horas da manhã atracou a bordo uma lancha do arsenal de marinha conduzindo o 2.^o tenente Rosauero, official do *Parnahyba*, acompanhado do tenente do exercito de nome França, portador do decreto que depunha o ex-imperador e doando-o com a quantia de 5.000 comptos de réis sem prejuizo da pensão. A's 8 horas e 10 minutos mais ou menos vieram para bordo os officiaes do navio.

« A's 9 horas e 15 minutos atracou uma lancha com os pequenos principes filhos do sr. conde d'Eu, acompanhados do enge-

nheiro Rebouças ; em seguida atracou um bote mercante com o sr. commandante Palmeira, que ficou sorprendido do que via, dizendo-me que só tivera sciencia do occorrido por ter lido nos jornaes da manhã, quando em viagem de sua residencia na Fabrica das Chitas para a cidade.

« A este official fiz sciente das instrucções que tinha recebido, entreguei-lhe o commando do navio e, depois de desembarcar o marquez de Tamandaré e official de fazenda Wanderlino, prosegui na minha commissão de guarda da familia ex-imperial até á enseada do Abrahão, na ilha Grande, aonde ella passou para bordo do paquete *Alagóas*.

« Com a publicação d'esta succinta exposição em seu conceituado jornal penso deslazer o engano em que elaborou a illustrada redacção da *Vida Fluminense*, concorrendo ao mesmo tempo com dados verdadeiros para a história de nossa querida patria.

« Agradecido vos-fica o attento admirador. — *Frederico Guilherme de Souza Serrano*.

« Capital Federal, 2 de Dezembro de 1889. »

Esse artigo provocou a seguinte contestação do sr. barão de Ramiz, que se-lê em *O País* de 7 de Dezembro :

« Sr. redactor. — Acabo de lêr a carta do sr. capitão-tenente Frederico Guilherme de Souza Serrano, publicada n'*O País* de hoje e destinada a restabelecer a verdade dos factos occorridos na manhã de 17 de Novembro proximo passado, por occasião do embarque da familia ex-imperial.

« Peço-vos licença para rectificar um poneto que me-diz respeito, não só por amor á verdade historica, mas ainda porque a narração adulterada dos acontecimentos poderia lançar sobre o meu procedimento uma suspeita, que não consinto prevaleça.

« Diz o sr. capitão-tenente Serrano que « ás 9 horas e 15 minutos atracou uma lancha com os pequenos principes filhos do sr. conde d'Eu, acompanhados do engenheiro Rebouças. »

« A verdade é que nesse dia, á hora indicada, conduzi *eu* para bordo da *Parnahyba* os pequenos principes confiados á minha guarda desde a manhã de 15 ; cumpri d'esta sorte o ultimo dever de meu cargo com a lealdade e correccção que tive sempre por normas.

« Quanto ao engenheiro Rebouças, é certo que veio de Petropolis em nossa companhia, mas em caracter todo particular, e já firmemente resolvido, desde os acontecimentos de 15, a seguir com a familia ex-imperial para fóra do paiz, segundo me-declarou naquella cidade.

« Da mesma fórma vieram connosco de Petropolis e na mesma lancha chegaram á *Parnahyba* o sr. Frederico Stoll, professor de gymnastica dos principes, e o sr. ministro d'Austria, que cortezmente me-pediu permissão para aproveitar o ensejo de despedir-se da familia ex-imperial.

« Fique pois evidente e reconhecido que a ninguem pedi para acompanhar-me, a ninguem incumbi de entregar os pequenos principes a seus paes, porque jámais careci de accessores, nem siquer de leve me-furtei ao rigoroso cumprimento do dever; d'elle me desempenhei tão patriótica e lealmente até 17 de Novembro, como patriótica e lealmente deliberei dar por finda nesse mesmo dia a minha missão, disposto a cooperar com honradez para a grandeza do paiz, e de accórdo com a opinião nacional, que tudo me-merecem.

« Estou certo de haver sido totalmente involuntario o alludido equívoco da narrativa do sr. capitão-tenente Serrano, e bem assim acredito que o distincto official relevará e terá no devido apreço ésta minha rectificação, reclamada pela justa susceptibilidade de um homem de bem.

« Muito me-obrigareis, sr. redactor, com a inserção d'estas linhas.

« Rio, 6 de Setembro de 1889.—*Barão de Ramiz.* »

E dias depois, em *O Paiz* de 11, lê-se :

« Ainda sobre a guarda de d. Pedro de Alcantara e sua familia a bordo do cruzador *Parnahyba*, facto que tem levantado contestações entre os srs. capitão de fragata Palmeira, commandante d'esse navio, e capitão-tenente Serrano, escreve-nos aquelle official, para justificar o que disse a *Vida Fluminense*.

« Sr. redactor d'*O Paiz*.—Lendo em sua conceituada folha de 6 do corrente uma carta que vos-dirigiu o capitão-tenente Serrano com referencia a uma noticia da *Vida Fluminense*, tractando do

embarque da familia ex-imperial á bordo do cruzador *Parnahyba*, sob meu commando, peço-vos que acceiteis éstas linhas, tambem para restabelecer a verdade, principalmente quanto ao declarar esse official que seguira no mesmo navio para a ilha Grande como guarda da familia ex-imperial, em virtude das instrucções que tivera.

« E' na verdade muito sorprendente para mim semelhante declaração, porque, depois de minha chegada a bordo e de transmittir-me as ordens a respeito da partida do navio com a familia ex-imperial para a ilha Grande, disse-me elle no portaló de BE., onde conversavamos, que sua missão estava finda e que retirava-se para seu navio, o cruzador *Trajano*, ao que respondi-lhe que, si quizesse, continuasse a bordo, pois que no nosso regresso da ilha Grande eu daria d'isso sciencia ao sr. ministro da marinha, com o que concordou.

« Si tinha então instrucções para continuar a ser o guarda da familia ex-imperial, apezar da minha presença a bordo, por que occultou-m'as ?

« Não era possivel a existencia de dous guardas distinctos, e sim tão sómente um, unico, que era eu, guarda de todos, como commandante do navio, e tanto assim que as ultimas ordens do sr. ministro da marinha foram a mim transmittidas por seu ajudante, o 2.º tenente Cunha Gomes, e a ninguem mais.

« A familia ex-imperial, pois, passára de sob as vistas do illustrado e bravo sr. coronel Mallet para a guarda do commandante do cruzador *Parnahyba*, tendo sido o capitão-tenente Serrano apenas o intermediario.

« A *Vida Fluminense*, portanto, não desvirtuou a verdade.

« Declara tambem esse official, que os principes filhos do sr. conde d'Eu, acompanhados do engenheiro Rebouças, vieram para bordo antes de mim, quando foi o contrário, cheguei muito tempo antes e os principes tiveram por companhia não o mesmo engenheiro e sim o sr. Ramiz Galvão.

« Agradecido, sou vosso admirador. — José Carlos Palmeira, capitão de fragata.

« Capital Federal, 8 de Dezembro de 1889. »

A *Gazeta de Noticias* deu-nos sciencia de uma entrevista com o ex-imperador a bordo do *Parnahyba*, nos termos que textualmente passo a transcrever.

« Tendo o Governo da Republica Brasileira encarregado o tenente de infantaria Jeronymo Teixeira França de entregar a d. Pedro de Alcantara o decreto em que era regulada a doação de 5.000 comptos concedida para as despezas de viagem e instalação na Europa do ex-imperador e sua familia, solicitou aquelle official do arsenal de marinha uma lancha, e, acompanhado pelo tenente Agostinho Rosauro de Almeida, que commandava uma escolta de 20 homens, dirigiu-se ás 4 da madrugada de 16 para bordo do cruzador *Parnahyba*, onde se-achava embarcada a familia de posta.

« Ao entrar a bordo do *Parnahyba*, encontrou elle sentados, em semi-circulo, o sr. d. Pedro de Alcantara e quasi todos os membros de sua familia. Achavam-se todos palidos, a consternação, a angustia profunda manifestavam-se visivelmente em todas as physionomias. D. Pedro de Alcantara, si bem que muito impressionado, conservava-se aparentemente tranquillo, e sua cabeça, parecendo não querer curvar-se ao peso da idade e da impressão angustiosa que o-dominava, mantinha-se levantada, ostentando altivez e nobreza de character. Acercando-se do grupo que se-achava no tombadilho, o tenente França curvou-se respeitosamente, mas sem exagero, e disse o seguinte a d. Pedro de Alcantara :

« — O Governo concedeu-me a honra de vir respeitosamente depôr nas vossas mãos o documento, que aqui apresento.

« — Que Governo ? perguntou d. Pedro mostrando absoluto esquecimento de tudo quanto se-passara.

« — O Governo do Brasil, repetiu simplesmente o official.

« — Mas esse documento o que é ? perguntou d. Pedro, hesitando receber a folha de papel em que fôra lavrado o 1.º decreto dos Estados Unidos do Brasil, e que lhe-offerecia de braço estendido o tenente encarregado d'essa missão espinhosa.

« — Este documento, contestou-lhe, é o decreto que regula o futuro de vossa familia.

« — O decreto que regula ?... replicou d. Pedro em duvida.

« — O futuro de vossa familia, accrescentou o portador do governo, completando a sua primeira phrase.

« — Em seguida, vendo que o sr. d. Pedro de Alcantara hesitava ainda em acceitar o papel que lhe-era extendido, accrescentou o tenente França com entonação convicta:

« — Podeis, senhor, acceitar este documento; elle é muito honroso para vossa pessoa.

« Foi então que o sr. d. Pedro decidiu-se a acceital-o, preferindo a seguinte phrase :

« — Está bom, dê cá.

« Em seguida desejou o tenente França boa viagem a toda a familia, fez uma cortezia e dirigiu-se ao portaló para tomar a lancha, que estava atracada a boreste do *Parnahyba*.

« Nessa occasião o principe d. Pedro Augusto, agradecido pelo modo por que acabava de ser tractado o seu velho avô, acompanhou o tenente França até á escada, apertou-lhe a mão com effusão e cortezia e disse :

« — Adeus, passe bem ; passe bem. »

O decreto da concessão dos 5.000:000\$000 é do theor seguinte :

« O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, querendo prover á decencia da posição e estabelecimento da familia da dynastia deposta, resolve :

« Art. 1.º Conceder de uma só vez a quantia de 5.000:000\$000.

« Art. 2.º Esta quantia não prejudica as vantagens asseguradas ao chefe da dynastia deposta e sua familia na mensagem do Governo Provisorio de hoje dactada.

« Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

« Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. — Pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, o ministro do interior, *Aristides da Silveira Lobo*. »

Pelas dactas (si não foram ante-dactadas) ou pouco antes de embarcar, ou a bordo do *Parnahyba*, passou o ex-imperador duas procurações acautelando seus bens.

O Governo Provisorio, ao qual nada constava a respeito, em desperta providencia, já havia feito constar a intenção (como foi publicado) de nomear depositario e zelador das propriedades,

bens e joias do ex-imperador e dos principes ao marquez de Paranaguá, concedendo a esse cidadão o direito de escolher, livremente e por acto exclusivo de sua confiança, os auxiliares para ajudarem-no nessa honrosa tarefa,

Nem mais avisado podia andar o Governo Provisorio na escolha, porquanto a familia Paranaguá foi sempre da mais estreita confiança, da maior intimidade, do mais especializado affecto para todas as pessoas da familia ex-imperial.

Entretanto, conhecida aquella intenção do Governo Provisorio, antes de qualquer acto definitivo, naquelle sentido, o sr. visconde de Nogueira da Gama apresentou as procurações que havia recebido do ex-imperador.

Então o chefe do poder executivo expediu immediatamente o acto seguinte :

« Aceitae as procurações firmadas pelo sr. d. Pedro II, ex-imperador do Brasil.

« Palacio do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, no Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1889. — *Manoel Deodoro da Fonseca*. — Ao sr. ministro e secretario de estado dos negocios do interior. »

Por parte do principe d. Pedro Augusto requereu o sr. barão de Maia Monteiro,

Por força de taes instrumentos, no dia 27 de Novembro com as precisas formalidades, foram entregues ao procurador do principe d. Pedro os bens a este pertencentes, compostos do palacio de sua residencia e objectos nelle existentes.

Por essa occasião foi lavrado o seguinte auto :

« Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1889.

« Aos 27 dias do mez de Novembro do dicto anno, nesta cidade do Rio de Janeiro, capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil e na rua Duque de Saxe n. 22, palacio Leopoldina, onde residiu sua alteza o principe d. Pedro Augusto, e onde foi vindo o 3.º delegado de policia dr. José de Napoles Telles de Menezes, comigo escrivão, adeante declarado, com o fim de proceder a arrolamento dos moveis e mais bens existentes no mesmo palacio ahi presente seu procurador, o exm. sr. barão de Maia Monteiro,

legalmente constituído, como fez certo pela procuração que exhibiu, pelo dicto procurador foi dicto o seguinte: Que estando intactos os moveis e mais bens existentes no palacio e fóra d'elle, taes como deixou o seu constituinte o principe d. Pedro Augusto, sem faltar cousa alguma, desiste do arrolamento, requer e pede-lhe sejam entregues no estado em que se-acham, bem como o palacio que lhe-pertence, em usufructo, no estado em que tudo se-acha, obrigando o mesmo procurador a entregar tudo no mesmo estado em que ora recebe a seu constituinte, ou a quem este determinar.

« E como recebeu e para constar mandou o mesmo dr. delegado lavrar este auto, que lido e achado conforme, assigna com o mencionado procurador e testemunhas presencias d'este auto, dr. André Pereira Lima e Joaquim Dias dos Sanctos commigo escrivão Luiz Caetano da Silva, que o-fiz e escrevi, do que dou fê. — *Josè de Napoles Telles de Menezes*, 2.º delegado de policia. *barão de Maia Monteiro*, como procurador do principe d. Pedro Augusto. — *André Pereira Lima*. — *Joaquim Dias dos Sanctos*. — *Luis Caetano da Silva*. »

Os grandes valores contidos no paço de S. Christovam, ficaram sob a guarda e responsabilidade do sr. Eduardo Marcellino da Paixão, auxiliado por toda a criadagem, que estava ao serviço do ex-imperador, e que ahi ficou conservada.

No dia 22 de Novembro pela manhã apresentou-se na quinta de S. Christovam o dr. Chagas Lobato, 1.º delegado de policia, em companhia de seu escrivão Luiz de Andrade, afim de proceder ao arrolamento dos bens do sr. d. Pedro, e dirigiram-se ao sr. Visconde de Nogueira da Gama, que lhes-deu as necessarias informações, começando desde logo a ser feito esse trabalho, que necessariamente devia ser longo, pelo que a aucto-ridade policial requisitou do sr. dr. chefe de policia uma patrulha de cavallaria e outra de infantaria para rondarem a quinta e suas immediações.

Apezar do muito que havia a fazer, no dia 3 de Dezembro, isto é, com dez dias de trabalho, o dr. Chagas Lobato acompanhado do seu escrivão dirigiu-se ao Thesouro Nacional e fez entrega ao sr. thesoureiro geral, sendo ésta feita á vista de uma

relação em duplicata e especificada, ficando um dos exemplares em poder do depositario e outro com a auctoridade.

A prata pertencente a d. Pedro de Alcantara e existente no palacio de S. Christovam é calculada em 600:000\$000.

As joias da ex-imperatriz que se-acham recolhidas á casa forte do Thesouro Nacional, não contempladas as que foram retiradas para a respeitavel senhora ir ao baile da ilha Fiscal, têm o valor estimado de 1.200:000\$000; sendo que os adornos levados a essa festa podem valer 300:000\$000.

O que diz respeito a joias do sr. d. Pedro, propriamente, póde-se computar em 200:000\$000.

A corôa do estado é avaliada em 500:000\$000.

Os carros e a cavallariça do paço valem cerca de 150:000\$000.

O que diz respeito a moveis, tem um valor minimo: são todos objectos velhos, que não encontram comprador, que dê talvez 15:000\$000.

O museu e bibliotheca valem mais ou menos 200:000\$000.

No paço de S. Christovam ha tambem cento e tantas casas, mandadas construir pelo sr. d. Pedro para moradia de pessoas, que recorriam á sua charidade. (*)

(*) Podendo, e mui naturalmente, não ser conhecida do leitor a procedencia da propriedade d'essa quinta de S. Christovam, darei aqui a seguinte noticia, já publicada aliás por um dos nossos jornaes :

« Em 1808, o rico negociante d'esta praça, Elias Antonio Lopes, offereceu a D. João VI, ainda principe regente, a grande casa de campo que construira havia pouco tempo em S. Christovam no logar chamado Boa-Vista.

« O principe que não tinha casa de recreio fóra da cidade, *dignou-se* acceitar a dadiva e foi vél-a.

« Elias Lopes mandou immediatamente collocar na frente da casa as armas reaes e lavrar a escriptura de doação, tanto da habitação como da quinta pertencente á mesma.

« D. João VI não só por serem muito acanhadas as accom-

As joias que estavam recolhidas á policia, foram depois levadas á mesma casa forte do Thesouro.

De todos esses objectos fez o sr. dr. 1.º delegado lavrar termo em duplicata, sendo um delles entregue ao mordomo do ex-imperador.

O paço da cidade foi fechado logo depois do embarque da familia ex-imperial, e immediatamente foi inventariada a cavallhada do serviço do paço por um official do 1.º regimento de cavallaria.

A respeito dos bens do sr. d. Pedro II, em *O Paiz* de 5 de Dezembro lê-se :

modações do paço real da cidade, como tambem por gostar do novo domicilio, fez d'elle sua constante habitação, mandando fazer-lhe acrescimos e melhoramentos de modo a ficar ahi folgadamente.

« Feita a nossa independencia (um conchavo entre D. João VI e seu filho) e reconhecido o Brazil pelo tractado de 29 de Agosto de 1825, que nos-custou *dous milhões de libras esterlinas* (!), foi arbitrada a quantia de 250.000 libras como «indemnisação pelas propriedades particulares, que deixou S. M. Fidelissima no Brazil.»

« D'esta sorte veiu a ficar a quinta da Boa Vista pertencente ao Estado.

« Porém não ficou nisso.

« No anno de 1826 não houve lei do orçamento.

« No de 1827 votou-se o orçamento para 1828 e ahi se-vê a verba de 106:450\$000 para a conclusão das obras do palacio da Boa Vista.

« E' de notar que sendo a receita geral do imperio orçada então em 6.880:000\$000, a despeza com a casa ex-imperial foi de 1.034:000\$000, sem comptar 80:000\$000 para pagamento das dividas da imperatriz (Decreto de 11 de Outubro) e os 106:450\$000 para a conclusão do palacio (Decreto de 13 de Novembro, tudo de 1827), ou 1.220:000\$000 por tudo — quasi 18 % da receita geral!! »

« Consta-nos que se-está muito a sorrelfa organisando um syndicato para comprar por *preço commodo* os bens do sr. d. Pedro de Alcantara em Petropolis.

« O mais curioso d'esse negocio, que seria licito, si não visasse a uma especulação soez, é que entre os seus promotores estão altos personagens da privança do ex-imperador, e que d'elle receberam os mais excepcionaes favores em honras e dinheiro, e que lhe-deviam manifestar ao menos uma apparencia de gratidão.

« Para mostrar o alvo mercantil dos illustres e fidalgos membros do syndicato, basta-nos annunciar aos leitores, que, entre outras applicações, pretendem transformar o antigo palacio imperial de Petropolis em Cassino de recreio, á semelhança dos que existem nas cidades européas de residencia de verão.

« Chamamos para este negocio a attenção do Governo da Republica, que não póde nem deve consentir especulação á custa dos legitimos interesses de um ausente, que por muitos motivos devem ser cuidadosamente zelados. »

A pessima impressão que esse artigo causou no animo da população fluminense, procurou o sr. José Calmon no dia immediato destruir com a publicação seguinte :

BENS DE D. PEDRO DE ALCANTARA

« Sr. redactor d'*O Pais*. — No noticiario da sua conceituada folha de hoje e sob a epigrapha acima encontro o seguinte—CONSTA, a que devo resposta na qualidade de procurador do sr. D. Pedro de Alcantara e sua digna consorte nesta fazenda de Petropolis :

(Segue-se a transcrição do artigo, o que não fazemos por superfluo) e continúa :

« Ignoro si algum syndicato se-está formando para o fim denunciado, e, si assim é, declaro alto e bom som que não tem nem terá a minha acquiescencia.

« Dous ou tres dias depois da partida dos meus constituintes para a Europa um honrado negociante (não fidalgo nem beneficiado de qualquer modo pelo ex-imperador) consultou-me si, habilitado com a procuração ampla com que aquelles meus constituintes me-haviam distinguido, estava eu disposto a vender-lhe a

fazenda de Petropolis, ao que para logo respondi-lhe que não.

« Mais tarde aqui veio um outro cavalheiro propôr-me o aluguel do palacio para um estabelecimento de instrucção e obteve egual resposta.

« Propalou-se depois o boato de que se-pretendia fazer pressão sobre o Governo da Republica para o fim de obrigar-me este a dispôr dos bens a mim confiados, sob o pretexto de que a sua manutenção em nome dos actuaes proprietarios importaria uma ameaça constante ás instituições, que presentemente nos-regem, e posto que eu confiasse, como confio, no espirito de justiça e imparcialidade do Governo, que a todos os brasileiros indistinctamente garantira, entre outros, o sagrado direito de propriedade, aquelle boato assustou-me, por se-tractar de hypothese que pudesse constituir excepção, e procurei immediatamente o illustre Chefe do Poder Executivo, a quem em breves palavras expuz os motivos de minhas apprehensões, dignando-se s. ex. de assegurar-me, com a franqueza e lealdade que o-caracterisam, que podia eu tranquilisar-me ; pois que, si de tal se-tractasse, o Governo Provisorio nenhum passo daria sobre o assumpto sem conceder-me audiencia para ouvir-me.

« Habilitado como me-acho a administrar e dispôr dos bens a mim confiados, sem reserva de especie alguma, e seguro da garantia promettida pelo Governo, inutil é afirmar que, por isso mesmo, hei de observar todo o criterio e prudencia no intuito exclusivo de promover os legitimos interesses dos meus constituintes, pouco me-importando que se-formem ou se-projectem syndicatos e planos, de que não tomo conhecimento, declarando uma vez por todas que perde infallivelmente o seu tempo quem pretender especular á custa do sacrificio dos meus deveres.

« Creia-me seu constante leitor.—*José Calmon.*

« Petropolis, 5 de Dezembro de 1889. »

Ao passo, porém, que o sr. José Calmon offerecia essa contestação, n'esse mesmo jornal do dia 6, a redacção d'*O Paiz* perseverava nos termos seguintes :

BENS DE D. PEDRO DE ALCANTARA

« Além do syndicato para a compra a preço vil dos bens do sr. d. Pedro de Alcantara em Petropolis, ha quem tracte de comprar pelo mesmo systema o palacete do duque de Saxe, pertencente hoje a seu filho o principe d. Pedro Augusto.

« Não é tudo. Informam-nos que nem todos os bens moveis e semoventes do sr. d. Pedro de Alcantara entraram em inventario.

« Carruagens, cavallos e muares da quinta da Boa Vista estão hoje a serviço de um cidadão illustre por muitos titulos, mas que não pôde sem licença do seu dono usufruir d'aquelles bens.

« Toda a vigilancia do Governo Provisorio na boa utilização e legitima applicação dos bens do ex-imperador é precisa. Qualquer prejuizo que o venerando principe venha a soffrer com essa revoada de urubús, será levada á conta de rapinagem da Republica pelos proprios defraudadores. »

• Este artigo não teve contestação.

.....
A bagagem da familia ex-imperial, inclusive as ultimas encomendas da sra. condessa d'Eu de roupas de inverno para seus filhos, tudo embarcou no Arsenal de Marinha.

Essa bagagem, porém constava só de objectos do mais indispensavel uso.

.....
A's 10 horas da manhã, approximadamente, de 17 de Novembro, o *Parnahyba* suspendeu o ferro e sahiu barra fóra, rumo da Ilha Grande, onde foi aguardar o paquete *Alagóas*, fretado pelo Governo Provisorio adrede para conduzir a ex-imperial familia a Lisbôa, com ordem de não tocar em porto algum dos Estados Unidos do Brasil, demorando-se unicamente em S. Vicente o tempo indispensavel para receber combustivel.

O *Alagóas*, que sahiu do ancoradouro da Prainha ás 11 horas para o póço, d'onde zarpou á 1 hora da tarde, foi provido larga e luxuosamente de todo o conveniente aos commodos e passadio dos seus actuaes viajantes; mas leva já içada a flammula republicana. Commanda-o o sr. João Maria Pessoa.

Que coincidência: foi no *Alagóas* que ha pouco viajou para o Norte o sr. conde d'Eu, tendo por companheiro de viagem o dr.

Silva Jardim, o mais denodado propagandista republicano; foi também agora no *Alagoas* que embarcou o mesmo sr. conde d'Eu, vendo á pópa já desfraldado o symbolo sagrado da Republica.

Na sua primeira viagem correu risco de vida o dr. Silva Jardim e ao príncipe davam-se vivas; n'esta outra viagem vae *bem segura* a vida do príncipe, mas em terra dão-se também e os mais freneticos vivas ao dr. Silva Jardim.

Quantum mutatus ab illo!...

De bordo do *Parnahyba* endereçou-nos o sr. conde d'Eu a proclamação ou carta seguinte :

« Aos Brasileiros.— A todos os amigos que nesta terra me favoreceram com sua sincera e por mim tão prezada affeição, aos companheiros que ha longos annos já partilharam commigo as agruras da vida da campanha, prestando-me inapreciavel auxilio em prol da honra e segurança da patria brasileira, a todos os que na vida militar ou na civil até ha pouco se-dignaram commigo colaborar, a todos aquelles a quem em quasi todas as provincias do Brazil devo finezas sem numero e generosa hospitalidade, e a todos os Brasileiros em geral um saudosissimo adeus e a mais cordial gratidão!

« Não guardo rancor a ninguem; e não me-accusa a consciencia de ter scientemente a ninguem feito mal. Sempre procurei servir lealmente ao Brazil na medida de minhas forças.

« Desculpo as accusações menos justas e juizos infundados de que por vezes fui alvo.

« A todos offereço minha boa vontade, em qualquer ponto a que o destino me-leve.

« Com a mais profunda saudade e intenso pezar afasto-me d'este paiz, ao qual devi no lar domestico ou nos trabalhos publicos tantos dias felizes e momentos de immorredoura lembrança.

« Nestes sentimentos acompanham-me minha mui amada esposa e nossos tenros filhinhos, que debulhados em lagrimas commosco comprehendem hoje a viagem do exilio.

« Praza a Deus que, mesmo de longe, ainda me-seja dado ser em alguma cousa util aos Brasileiros e ao Brazil.

Bordo da canhoneira *Parnahyba*, no ancoradouro da Ilha Grande, em 17 de Novembro de 1889.— *Gastão de Orléans.* »

Cerca do meio-dia, consta, compareceram no Arsenal de Marinha e pediram ao sr. inspector condução para irem a bordo do *Alagóas*, os srs. Serafim Moniz Barreto e sua senhora, marquez de Paranaguá e familia, ministros oriental, argentino e chileno, e o encarregado dos negocios da Prussia.

Pouco depois das 5 horas da tarde fez-se de mar em fôra o couraçado *Riachuelo*, designado para comboiar o paquete *Alagóas*, até um pouco depois de transpôr a linha do Equador.

Na enseada da Ilha Grande fez-se, na melhor ordem possível, a baldeação da familia ex-imperial e de toda a sua bagagem.

O ex-imperador, ao despedir-se do sr. capitão de fragata José Carlos Palmeira, commandante do cruzador *Parnahyba*, disse-lhe: « ser seu maior desejo, ao chegar á Europa, saber que não houve derramamento de sangue, e que o Brazil continuava feliz. »

Pela noite entrou de volta o *Parnahyba* em nosso porto, e seu commandante apresentou-se ao sr. Ministro da Marinha, a quem deu conta da importante missão, de que fôra encarregado.

A's 9 horas e 45 minutos da noite passaram á vista da Poneta Negra o couraçado *Riachuelo* e o paquete *Alagóas*. A' 1 hora e 40 minutos da madrugada navegavam á vista de Cabo Frio, em rumo NNE.

Assim foi-se o ex-imperador!...

Assim quebrou-se um throno!...

Ao redor da ex-imperatriz, sobre cuja familia tem pesado singular destino, fez-se o mais respeitoso silencio; ella tambem não fallou!...

E' de fiar que elles e nós seremos felizes na cruel separação.

Desejem elles ao Brazil o que o Brazil lhes-deseja!...

No dia 27 publicou *O Paiz* o telegramma seguinte:

— Bahia, 25 (Retardado):

O couraçado *Riachuelo*, que se-acha ancorado neste porto, comboiou o paquete nacional *Alagóas* até á latitude 11° S e longitude 35° O Greenwich. Deixou o *Alagóas* ás 6 horas da tarde de sexta-feira 22.

Todos iam bem a bordo do *Alagóas*.

O commandante do *Riachuelo*, ao virar este de bordo, pediu noticias do ex-imperador e de sua familia.

A comitiva do sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia passava bem de saude.

— S. Vicente, 30:

O vapor *Alagôas* chegou aqui na noite de 29 para hoje.

Durante a viagem honve sempre vento contrario.

A saude de d. Pedro e de todos que estão a bordo, é boa.

O *Alagôas* deve partir amanhã para Lisboa, onde será escolhida logo a residencia da familia ex-imperial.

— Lisboa, 30:

Chegou hontem a S. Vicente o vapor *Alagoas*, que conduz o ex-imperador e sua familia.

A viagem até S. Vicente fez-se em boas condições, gozando todos a bordo de boa saude.

O *Alagôas* parte amanhã para esta cidade.

O sr. d. Pedro de Alcantara resolveu ir residir no hotel Bragança, onde mandou tomar aposentos.

O ministro brasileiro n'esta côrte recebeu ordem de o-esperar com honras imperiaes, arvorando a antiga bandeira.— (*Gazeta de Noticias*.)

— Lisboa, 30:

Chegou hoje a S. Vicente o vapor *Alagôas* com a familia ex-imperial do Brasil. O paquete é aqui esperado no dia 8 de Dezembro. A bordo todos vão bem de saude.— (*Agencia Havas*.)

Lisboa, 5, (Retardado).

D. Pedro de Alcantara desembarcou na ilha de S. Vicente, sendo na mesma occasião saudado pela corveta portugueza *Bartholomeu Dias* e pela fortaleza.

D. Pedro telegraphou ao rei de Portugal annunciando-lhe que não se-utilizará do palacio das Necessidades e que irá occupar aposentos no hotel Bragança, tendo resolvido seguir para Nice.

CHEGADA Á LISBOA

As folhas de Lisboa aqui recebidas pelo paquete inglez *Soruta* dão minuciosas noticias sobre a viagem e o desembarque do sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia.

Os primeiros dias de viagem, até ás alturas da Bahia, foram demorados, por vir o navio escoltado pelo *Riachuelo*, de marcha pouco veloz. Da Bahia até S. Vicente o *Alagóas* trouxe marcha mais larga, mas em compensação teve sempre vento contrario.

Passaram bem a bordo do *Alagoas*, tendo apenas a ex-imperatriz, a sra. d. Thereza Christina Maria, soffrido tres dias em sua saúde, em consequencia do enjôo do mar.

Ao passar o *Alagóas* á vista de Fernando de Noronha, o sr. d. Pedro de Alcantara reuniu na pópa do vapor a sua familia e a sua comitiva e, soltando em direcção á ilha um pombo branco, exclamou: « Meu ultimo adeus ao Brasil! »

No dia 2 de Dezembro, ao jantar, a sra. condessa d'Eu brindou a seu pae, O ex-imperador, levantando-se, disse: « Bebo, quero que todos bebam á prosperidade do nosso Brasil. »

Durante toda a travessia o ex-imperador foi o mais sobrio possivel de palavras ou phrases, que se prendessem ao acontecimento do dia 15 de Novembro passado.

Si pessoas de sua familia tractavam da revolução de fórma a ser ouvido por d. Pedro de Alcantara, elle procurava insistentemente mudar o assumpto da conversa, encaminhando-a para objecto completamente differente.

A sua attitude foi sempre calma e de completa despreocupação.

O ex-imperador conservou o seu bom humor, empregando a maior parte do tempo em leituras, por vezes em voz alta, quasi sempre com vivacidade e enthusiasmo, gracejava com todos, traduzia sonetos de poetas hespanhoes, inquiria do que dizia respeito á navegação, alimentava-se bem, dormia tranquillamente e logo pela manhã, bem cedo, estava na tolda do *Alagóas*, contemplando a immensidade e o arfar potente do paquete a engolir milhas sobre milhas.

Quando a bordo do *Alagóas* alguem se-aventurou a observar-lhe:— é possivel que sua magestade ficasse victorioso, si resistisse á revolução.

— Resistir! Para que? O BRASIL HA DE SABER GOVERNAR-SE; NÃO PRECISA DE TUTOR. Olhe, a minha preocupação, accrescentou o sr. d. Pedro, é ser sempre coherente.

A ex-imperatriz era a [figura da resignação.

Sempre que se-tractava da proclamação da Republica e da retirada de sua familia do Brazil, ella respondia:

— « Podia ser peor ; fomos bem tractados e aqui estamos todos junctos.»

Entretanto era visivel seu grande abatimento physico.

A sra. D. Isabel offerecia perfeito contraste á calma e reflexão de sua mãe.

Seu espirito revelou-se sempre abatido, sua physionomia sempre annuviada pela tristeza.

Falava no occorrido com a voz arrastada e pungente, sempre dizendo que elle representava para si um acto de surpresa.

Não era, porém, esse o pensar do conde d'Eu. Sem inquietar-se com o facto consummado, sem examinar o destino que levava, o Sr. Gastão de Orleans mostrou-se sempre senhor de si, e a quantos provocavam a sua opinião sobre a revolução no Brazil, elle respondia:

— « Não me-admirou, nem fiquei sorprendido senão pela sua demora ; esperava desde que terminou a guerra contra o Paraguay.»

Depois da sahida de S. Vicente, o ex-imperador desejou ver as Canarias, e o commandante fez-lhe a vontade, passando juncto de Tenerife.

Apenas um caso ia entristecendo a viagem.

O principe d. Pedro, a quem os acontecimentos fizeram succumbir, teve um ataque de febre violentissimo. Vendo um machinista limpar uma espingarda, desvairou e imaginou que o-queriam assassinar, e este delirio de perseguição, que obrigou a fechal o em um beliche, durou até que a febre, pelos cuidados medicos do sr. Motta Maia, foi debellada.

O seu espirito enfermou logo aos primeiros dias de viagem, por effeito de apprehensões verdadeiramente phantasticas.

Não sabemos por que meio ás mãos de d. Pedro Augusto chegaram algumas cartas anonymas, antes de sua sahida desta capital, aconselhando-o a prevenir-se mais contra o sr. conde d'Eu do que contra os proprios republicanos.

Desde então, accumulando scismas, influenciado pela idéa de

que se o-perseguia, seu espirito foi de continuo abatendo-se, até chegar ao desvario.

Porque o commandante do *Alagoas* lhe-fallasse na viagem que pouco antes, tinha feito ao norte do Brazil com o conde d'Eu, d. Pedro Augusto considerou seu desaffecto o distincto sr. Pessoa, vendo-o então com os olhos de monomaniaco, que se-sentia perto da morte.

Um dia, quando aquelle commandante conversava com D. Pedro de Alcantara, o príncipe cortou a palavra de seu avô para perguntar ao sr. Pessoa :

— Quanto lhe-pagaram para sacrificar em alto mar a familia imperial ?

O ex-imperador reprehendeu-o com severidade, chamando-o de poltrão, mas o príncipe enfermo retrucou, e só retirou-se com a intervenção do sr. Dr. Motta Maia.

Outra vez, aproximando-se disfarçadamente do commandante do *Alagoas*, d. Pedro Augusto lançou-se-lhe de improviso ao peçoço e quiz estrangulal-o.

E' desnecessario dizer que em todas essas aggressões o commandante Pessoa viu no joven príncipe um infeliz irresponsavel de seus actos.

Aggravando-se mais a mais o estado do doente, o commandante do *Alagoas* fei-o vigiar por criados disfarçados.

Ainda assim, em certa occasião, o príncipe entrou no camarim do sr. Pessoa e apoderou-se de um compasso, que guardou para sua defesa, dizia.

Diversas vezes, d. Pedro Augusto quiz lançar-se á agua, pre-munindo-se antes de cintos salva-vida.

Na vespera do *Alagoas* chegar a Lisboa, quando os tripolantes limpavam os escaleres, que deviam baixar á terra, o príncipe correu á presença do conde d'Eu e foi dizer-lhe que os officiaes e marinheiros do navio iam desembarcar, para que o paquete ficasse entregue a si mesmo, a machina fizesse explosão e toda a familia ex-imperial perecesse.

Esse infeliz ex-príncipe, que entretanto intrigava para usurpar os direitos de sua tia, por tão pouco, por nada, tornou-se

victima da *mania das perseguições*, revelando mão grado seu a miseria de seu character.

O ex-imperador foi sujeito á dieta, que todos os dias era determinada e examinada pelo seu zeloso medico o sr. conde de Motta Maia.

A familia ex-imperial e todos os que a-acompanharam foram tractados perfeitissimamente bem a bordo. E na sua chegada agradeceram cordialmente ao commandante e mais officiaes os cuidados e attenções, que receberam.

Ainda não tinha rompido a aurora quando se-receberam os primeiros telegrammas annunciando estar á vista o paquete brasileiro *Alagóas*, que levava a seu bordo a familia expatriada.

O *Alagóas* entrou a barra de Lisboa ás 6 horas e 50 minutos do dia 7.

Fundeando o vapor ás 9 horas em frente á torre de Belém, a saíram logo ao vapor os rebocadores e escaleres, dos quaes passaram para bordo os jornalistas e reporters da imprensa portugueza e os correspondentes do *Times*, de Londres, que foram recebidos no portaló pelos condes d'Eu.

No banco de bordo onde vinha sentada a condessa d'Eu estava um livro, que durante a viagem constituiria sua leitura. Era a *Vida popular de S. Vicente de Paula, pelo padre Berbinguier*. Indicava ter sido bem manuseado. A religião consola e repousa da decifração do enigma da vida.

A condessa fallou de sua primeira estada ahi, e citou que brincára em pequena com os srs. d. Pedro V e d. Luiz I.

O abalo dos acontecimentos e o incommodo da viagem tinham fatigado um tanto o parecer da condessa, o que não impediu que ella recebesse os visitantes do *Alagóas* com sorriso amavel.

Ella trajava de preto, com um *tricot* cór de rosa em volta do pescoço, porque a manhã, si estava alegre, limpa e formosa, estava tambem agreste, e o nordeste soprava mordente.

O sr. d. Pedro de Alcantara recebeu-os na coberta, onde passeiava em companhia do dr. Rebouças.

O vento desmanchava-lhe as barbas brancas. Recebeu-os com a affabilidade costumada, e conversou com elles ácerca dos homens de letras de Portugal, que elle continúa a conhecer e a applaudir,

da belleza do panorama e de muitas outras cousas, que não eram precisamente as que desejavam saber.

Toda a familia ex-imperial trajava rigoroso luto e d. Pedro II vestia um enorme sobretudo, envolvendo ainda o pescoço n'um cachenez azul com pintas brancas. Vinha n'um estado de visivel abatimento e custando-lhe bastante a andar.

Quando alguns dos jornalistas referiam-se aos acontecimentos, o ex-imperador respondia: « Não sei, não sei », conversando logo sobre a belleza do panorama que os-cercava, sobre os homens de letras e sobre theatros.

Indagou si havia companhia lyrica, e ficou satisfeitissimo por lhe-dizerem que estava em scena o *Othello*, que desejava vêr, e de que já conhece trechos, que lhe-foram cantados pela Curvelli. Gostou tambem de saber que ouviria a Tetrzzini, que lhe-deixou gratas recordações da sua estada no Rio de Janeiro.

A proposito do frio, perguntaram-lhe si tencionava demorar-se em Lisboa. Respondeu que ainda nada havia determinado definitivamente, mas que não estava longe de passar ahi o inverno. Consta, porém, que disse a outras pessoas que talvez fosse para Cannes.

— Vossa magestade sabe que não está em terra estrangeira, disseram-lhe, e que todos o-estimamos e o-respeitamos.

— Sei! sei! respondeu elle, e não é só de hoje que sei; de ha muito que o-sinto.

O tom franco com que o ex-imperador respondia animou a dizerem-lhe:

— Bem sabemos que vossa magestade não gosta de que lhe-fallem nos acontecimentos do Brasil; mas tambem será indiscrição perguntar-lhe si tenciona publicar algum manifesto?

— Para que? respondeu; os manifestos são palavras, palavras! Isso de manifestos é processo carunchoso, que já não serve para o nosso tempo.

— E si os brasileiros reconsiderassem e o-chamassem?

— Si me-chamassem, iria; porque não?

E aqui pararam as indiscrições politicas.

Quando perguntavam ao dr. Rebouças como se-tinham passado as cousas no Rio de Janeiro, o ex-imperador disse:

— Isso, elle que lhes-conte; mas olhem que eu não sou havido nem achado n'essas cousas!

Estranhando alguém a sorte do senador Silveira Martins, que foi preso no Rio, mal desembarcou, ao chegar de sua provincia, o ex-imperador atalhou :

— Eu é que o-tinha mandado chamar, para elle formar um novo ministerio com a situação liberal.

Emquanto conversavam tinham chegado tres vapores, nos quaes iam, afim de cumprimentar o ex-imperador, entre outras pessoas : os srs. conde e barão de Nioac, barão de Aguiar de Andrade, barão de Penedo, barão de Marajó, Sebastião Guimarães, dr. Menezes Vieira, Sant'Anna Nery, conde de Barral, Luiz Guimarães, pessoal da embaixada do Brasil, visconde de Melicio, barão de Mattosinhos, visconde de S. Joaquim, Eduardo Prado, dr. Forbes e Paulo Porto Alegre, o consul brasileiro em Lisboa, que, respeitosa-mente, se-curvou perante o ex-imperador e lhe-beijou a mão.

D. Pedro recebeu a todos com cordialidade, e demorou-se conversando particularmente, primeiro com o sr. conde de Nioac, depois com o sr. barão de Aguiar de Andrade.

O sr. barão de Aguiar de Andrade, quando foi a bordo, disse ao ex-imperador que resignava o cargo de ministro nas suas mãos. O sr. d. Pedro respondeu « que não podia acceitar a exoneração, e que se-conservasse no seu posto diplomatico para não interromper as boas relações entre os dous paizes ».

Deante do panorama de Lisboa, d. Pedro disse que nunca entrava n'esse porto sem alegria; não só pelos affectos que tinha ahi, mas pelo aspecto da cidade, que é das mais bellas do mundo.

O *Novidades* narra os seguintes *interview* a bordo do *Alagóas* :

O ex-imperador nega-se systematicamente a fallar em politica, parece até que lhe-é desagradavel qualquer referencia sobre o assumpto.

— Mas vossa magestade tenciona publicar algum manifesto ao Brasil?

— De fórma alguma. O manifesto é a minha pessoa, emquanto eu viver.

— Tem já resolvido o plano da sua vida futura?

— Ainda não. Tenciono resolver em Lisboa o que devo fazer de ora em diante.

— Mas dizia-se em Lisboa que vossa magestade e a familia ex-imperial iriam residir no Porto. D. Pedro sorriu-se e replicou:

— Não. Portugal é um paiz já bastante civilisado, mas ha outros paizes na Europa muito mais agradaveis para viver.

— Quanto tempo fica em Lisboa?

— Tenciono demorar-me até vinte dias no hotel Bragança. Depois irei passar algum tempo com o duque de Montpensier, indo em seguida para Cannes.

— E a Paris, não vae?

— Por ora, não. Deve lá haver muito frio, e isso é uma razão para não ir.

O ex-imperador estava tranquillamente sentado n'um *fauteuil* do *fumoir*, lendo a *Mulher atravez os seculos* e a *Revue bleue*. Como se-sabe, elle interessa-se muito por assumptos scientificos, litterarios e artisticos. Fallaram-lhe então no theatro de S. Carlos.

— O que se está cantando agora?

— A opera mais distinctamente cantada é o *Othello*, de Verdi. A parte de Desdemona é feita por Tetrzzini.

— Sim? Conheço muito bem a Tetrzzini. Hei de ir ouvil-a.

— Canta hoje.

— Hoje não irei, porque estou muito fatigado; porém não deixarei de ir ouvil-a uma destas noites.

Em seguida, referiu-se com grande enthusiasmo á ultima opera do maestro brasileiro Carlos Gomes, o *Escravo*; especialisou os trechos mais notaveis d'essa opera, chegando até a trautear o côro dos piratas da *Fosca*, a opera d'aquelle maestro, que é a mais predilecta do ex-imperador. De resto, d. Pedro corresponde com toda a familiaridade a todas as pessoas que se-lhe-dirigem.

Logo que o *Alagôas* entrou a barra, d. Pedro subiu a primeira coberta do vapor acompanhado do sr. conde de Motta Maia, seu medico, do sr. barão de Loreto, ministro do ultimo gabinete do imperio, e do dr. Rebouças, seu amigo particular. D'ahi quiz vêr o panorama do Tejo, indicando os ponetos mais pittorescos da cidade. Ao passar o vapor juncto da torre de Belém, o

ex-imperador perguntou o que era aquelle immundo edificio, que fazia fundo á torre.

— E' o gazometro da nova companhia do gaz.

O ex-imperador exclamou:

— Que pena! Estragaram um dos mais bellos monumentos do paiz!

INTERVIEW COM O CONDE D'EU

Um pouco surdo, o sr. conde d'Eu esteve muito tempo conversando. Recebeu com intima satisfação, desejando saber noticias do Brasil, interrogando sobre os mais pequenos detalhes das noticias, que lhe-iam dando e que sabiam dos telegrammas, que têm chegado a Lisboa.

— Vossa alteza estava em Petropolis no dia da revolução?

— Não, respondeu elle, estava com a princeza e os meus filhos na nossa casa na cidade. Faziamos até preparativos para um sarau que tencionavamos offerecer no dia seguinte. Logo que tivemos noticias do movimento, dirigimo-nos para o paço a reunirmo-nos ao imperador e nunca mais o-abandonámos.

— Nada sabe, pois, a respeito da revolução?

— Só sei que era impossivel resistir. O exercito e a marinha estavam unidos, o povo não podia resistir, e assim evitou o derramamento de sangue.

— Mas o barão do Ladario foi ferido?

— E' verdade. Quando ia reunir-se a seus collegas no ministerio, foi intimado a render-se, ao que elle se-oppóz, puxando por um revolver, que aponctou ao general Deodoro.

— E feriu-o?

— Não. O revolver errou o fogo. Então os que estavam proximos aponctaram para o barão do Ladario e metteram-lhe quatro balas no corpo. Felizmente quando sahimos do Rio ainda não havia morrido e muito me-alegraria si elle vivesse. E' um bom amigo.

— Vossa alteza fica em Lisboa, ou vem residir em Portugal?

— Não. Não sei quantos dias aqui me-demorarei. De Lisboa vou a Madrid visitar o duque de Montpensier e então me-decidirei.

— E volta a Portugal ?

— Não sei. E' possível.

E conversaram ainda sobre factos já de todos conhecidos, que não reproduzimos.

Estavam fallando com o sr. conde d'Eu, quando se-acercou do grupo a condessa.

— Diga-nos, perguntou ella, o que é aquella horrenda cousa que está juncto á Torre de Belém ?

— E' um gazometro, pertencente á nova companhia do gaz, responderam.

— E' pena terem assim estragado aquelle bello monumento.

— O imperador demora-se em Lisboa ? Vem fixar residencia aqui no paiz ?

— Não sei ; mas quasi tenho a certeza que não. O imperador vae residir para Cannes. Diga-me, está adoptada já a nova bandeira do Brasil ?

— Os ultimos telegrammas, lhe-disseram, dizem que até ás constituintes—é mantida a antiga bandeira.

— Alegra-me isso. Achava revoltante que se-impuzesse pela vontade de dous ou tres homens, uma nova bandeira á patria.

E ainda fallaram sobre cousas do Brasil, que nada adeantam.

Do *Reporter* :

NOTAS SOLTAS

O imperador conversa, com sobra sobre viagens com o sr. barão de Marajó.

— Não acha, barão, que o Tejo lembra a entrada de Napoles e Constantinopla ? ! — E continuando :— Visitou a Asia Menor ? !

Ubi Troja fuit.

— Não, imperial senhor—responde o sr. barão.

Mas a conversa prolonga-se :

— Gosta muito de sciencias naturaes, barão ? !

— Saiba vossa magestade que sou perdido pela geologia, porque se-prende com todas as sciencias e sobretudo porque dá pasto á phantasia...

— Isso é que é máu !—replicou o ex-imperador.

Appareceu o delicado poeta brasileiro e secretario da legação em Lisboa.

— Adeus, seu Luiz, adeus — disse-lhe o sr. d. Pedro — Então como vae a poesia? Tem feito muitos versos?

O poeta agradeceu e respondeu:

— Alguns, magestade. Por defastio...

— Essas horas são boas, são boas.

Sucedeu Jayme Victor:

— Vossa magestade como está!?

— Viva, seu Jayme Victor. Então continúa a fazer versos? Olhe que lh'os leio sempre que os-publica.

Seguiu-se Brito Aranha. A primeira cousa que lhe-perguntou foi por assumptos da academia. O redactor principal do *Diario de Noticias* informou-o.

— Olhe, diga ao Thomaz de Carvalho que me-avise para todas as sessões. Quero assistir a todas.

— Ha uma sessão commemorativa pela morte d'el-rei. Falla o dr. Antonio Candido.

— Deve ser muito bom. Falla muito bem. Ouvi-lhe uma lição na Universidade.

O dr. Forbes pediu licença ao ex-imperador para lhe-apresentar o director da escola academica.

— Então tem muitos estudantes? começou o ex-imperador.

— Bastantes?

— Trezentos?

— Sim, sim...

— E por que methodo ensina, é pelo de Castilho?

— Ensino por o de João de Deus.

— Conheço-o, conheço-o. O de Castilho tem algumas cousas boas, mas tem outras que me não agradam.

— E vossa magestade como tem passado?

— Graças a Deus, bem, bem, tenho minha familia ao pé de mim! E' verdade que me-faltá a minha patria! mas os meus netos consolar-me-ão.

— O Governo Provisorio soube prestar homenagens ás virtudes de vossa magestade.

— Não nos-tractaram mal, não.

INTERVIEWS SURRATEIRAS

— Hermoso clima ! exclamou um jornalista hespanhol, olhando para o Tejo.

— Mui *agradable*, respondeu o ex-imperador.

— E a situação de sua patria ? interrogou o ex-soberano.

— As finanças não lá muito boas, mas comptamos com a praça de Londres.

Falla-se de Castellar ?

— Um homem de grande imaginação ! elogiou o compatriota.

— A imaginação não serve para um estadista.

— O que se-quer é um governo uno e forte ! observou um dos camaristas, fechando a mão em gesto significativo.

— Isto é conforme, retrucou o ex-imperador com uma leve entoação de fastio ; o que governam são as maiorias.

— O Brasil deve grandes serviços a vossa magestade, insinuou-se um jornalista hespanhol, a guerra do Paraguay...

— Mudemos de assumpto ! disse o ex-imperador visivelmente contrariado e procurando uma melhor posição na cadeira em que estava sentado.

Outros jornalistas :

— Vossa magestade tenciona demorar-se em Lisboa ?

— Sim, demoro-me por algum tempo. Preciso de descansar. Gosto d'este clima, tenho aqui familia e amigos.

— Attribue-se a Vossa Magestade o estabelecer residencia em Pariz ?

— Sim, grande cidade, grande cidade ; boa para novos e velhos. Tenho lá tambem muitos amigos.

— Naturalmente, Vossa Magestade, attrahido, por Charcot, Renan, e outros sabios, fixará lá residencia ?...

— Os meus netos devem ir para lá. São rapazes que se-divertem e estudam.

— O neto de Vossa Magestade, o principe d. Augusto ?

— Esse era official de marinha, estava no Oriente, mas já me-disseram que o—demittiram.

Um jornalista francez entregou o seu cartão ao Imperador e perguntou-lhe si projecta ir estabelecer-se em França.]

— Sim, sim, muito bom paiz, muito bom sol, muito civilisado. Espero, espero.

Um membro da colonia acercou-se do sr. conde e disse-lhe:

— O sr. duque de Nemours, pae de vossa alteza, não vem a Lisboa?

— Não, não póde, é um velhinho, tem septenta e tantos annos.

— Vossa alteza projecta demorar-se em Lisboa?

— Compto ir a Sevilha visitar meu tio o duque de Montpensier, a quem já telegraphiei. Ainda não sabemos bem o que faremos.

— Vossa Alteza esperava a revolução?

— Sim, comptavamos com ella, mas confesso que nos-sorpreheu. Deodoro da Fonseca não teve, no primeiro impulso, tenção de derrubar o imperio. O que a meu vêr pretendia era deitar por terra o ministerio. Os factos, porém, complicaram-se...

— E não era possivel resistir ao movimento?

— Completamente impossivel, meu amigo, note que foi o exercito e a armada!

O principe d. Pedro para um seu conhecido e mais conhecido republicano:

— Que fazer-lhe? Os factos são o que são. Nunca cuidei, porém, que fosse tão cedo.

Jaime Victor alludiu, delicadamente, aos acontecimentos, a condessa. Ao que ella replicou, arrasando-se-lhe os olhos de lagrimas:

N'esse engano d'alma ledo e cego!

Correio da Manhã:

Um dicto do ex-imperador. E' provavel que elle tenha es- perdiçado em viagem muitos tão bons ou melhores. Na impossibilidade, porém, de apanharmos esses, apressamo-nos de registrar o seguinte com que elle se-estreiou em Lisboa.

« Ora aqui têm os senhores um imperador violentado. Que afinal de comptas, meus senhores, violentado estive eu sempre. »

A sra. viscondessa de Fonseca Costa, dama da ex-imperatriz, uma excellente velhinha que compta 81 annos e está ha

mais de 40 ao serviço dos ex-imperantes, dizia a bordo, muito commovida e triste :

— « Já não esperava voltar á Europa. Uma viagem forçada assim na minha idade, é muito triste. Já não pude vir da ultima vez que suas magestades vieram, e agora menos o-esperava. Aquillo foi demais. Tanta precipitação. »

— Foi então uma verdadeira surpresa ?

— « Completa. Eu estava a dormir. Acordam-me de repente para me-dizerem: Prepare as malas para partir para a Europa. Fui a ultima a saber, porque, ás 3 horas, já o imperador recebia a comunicação de que estava proclamada a Republica. Embarcámos ás 2 horas da madrugada. Roupas, as coisas mais precisas, estavam ainda em Petropolis, e nem tivemos tempo de embarcar o principal, apesar de mandarmos logo os criados para lá. »

— De onde sahiram então para o embarque ?

« Do paço da cidade, que é ao pé do cães.

« Não consentiram que suas magestades e altezas se-despedissem de ninguem, nem mesmo dos seus amigos. Os mais intimos, como o barão de Corumbá, conseguiram subir ás arvores e de lá, acenando lenços davam o ultimo adeus á familia imperial. »

— E havia tropa no cães ?

— « Passámos por entre filas de soldados, que estavam postados até ao cães de embarque. »

E alguns pormenores mais, eis como a dedicada companheira da ex-imperatriz descreveu os ultimos momentos em que se-conservou no Rio a familia ex-imperial.

A's 10 horas toda a familia ex-imperial desceu para o almoço, sentando-se á mesa pela seguinte ordem : á cabeceira, d. Pedro tendo á direita a ex-imperatriz, o conde d'Eu, o ex-principe d. Pedro, o commandante do vapor e a comitiva ; e a esquerda a ex-princeza imperial, os dous pequenos Gastão e Luiz, o infante d. Pedro Augusto, o conde da Motta Maia e a comitiva.

Durante o almoço, d. Pedro conversou muito com o conde de Nloac, que se-conservou de pé juncto d'elle.

Terminado o almoço, ás dez e meia, d. Pedro dispunha-se para

desembarcar, quando troou a artilheria no Tejo, annunciando que embarcava no arsenal o rei d. Carlos.

A's 11 1/2 a galeota real atracava ao *Alagôas*, sua magestade de grande uniforme de almirante, acompanhado pelos srs. ministros da marinha e dos estrangeiros, conde de Mossamedes, governador civil e officiaes ás ordens, subia a bordo e era recebido nos braços de seu tio, que lhe perguntou :

— Estaes bem ? E teu filho ? Tua mãe ? E Amelia ?

O sr. d. Carlos dirigiu-se logo a cumprimentar a ex-imperatriz e a ex-princeza, e pouco depois a familia ex-imperial passou para a galeota. N'este acto, o-rei deu o braço á ex-imperatriz.

Emquanto isto se-passava, informava-se o ex-imperador com o sr. ministro dos estrangeiros :

— Como passa a politica ?

— Bem, sem novidade.

— E maioria têm ?

— Temos.

— Quando abrem agora as côrtes ?

— Na fórma do costume em Janeiro.

O sr. Barros Gomes explica a ausencia do sr presidente do conselho por motivo de doença.

— Sinto, sinto! disse o ex-imperador.

O sr. conde de Mossamedes apresentou os cumprimentos da rainha viuva e communicou-lhe que ella estava em S. Vicente de Fóra.

Após uma breve demora dirigiu-se o rei a seu tio :

— Quando quizer...

— Vamos lá, vamos lá — sacudiu-se o ex-imperador com vontade de se-vêr d'ali para fóra.

O rei deu o braço á ex-imperatriz. A escada foi descida com muito cuidado. A sra. condessa d'Eu pelo braço do marido e com os filhos adeante de si, recommendou a uma dama da comitiva :

— Vejam lá, não se-exqueçam do papagaio. Quero-o comigo.

E' bem caracteristico este traço.

O sr. Barros Gomes dava o braço á sra. viscondessa de Fonseca Costa. Pedindo-lhe licença o ministro para a-alliviar de uma maleta que trazia, a titular observou-lhe com graça :

— Si não contém valores, contém todavia objectos que me são charos.

Ao que alguém em correspondencia ao tom murmurou :

— Vae aqui o sr. governador civil.

E a sra. Viscondessa informou ao sr. Barros Gomes do que continha a mala : um christo bemzido sobre o sancto sepulchro, por occasião da sua viagem com a familia ex-imperial a Jerusalem, um roزاریo bemzido nas mesmas condições.

A condessa d'Eu que, de bordo reparava no borrão que alastra sobre a torre de Belém, tornou a implicar com o acto, exprimindo-se com justa indignação : Ora realmente que grande falta de gosto.

A figura da comitiva que a todos os respeitos merece que nos demoremos com ella, é a sra. viscondessa de Fonseca Costa. Tem 81 annos. Já do seu natural de pequena estatura, a idade reduzi-a a um debil corpinho de creança. Enrugada como uma massa e com o rosto do tamanho de uma de Malaga, a physionomia, é, contudo de uma singular vivacidade : os olhos animados e guichos, a bocca facil e, a espaços, espirituosa communicam a esse rosto pergaminhado uma expressão de terno encanto.

E' dama da ex-imperatriz ha mais de quarenta annos. E esta approximação, além da dos temperamentos, ligou-as como irmãs. A sra. viscondessa de Fonseca Costa, com excepção da viagem do anno passado, acompanhou sempre a ex-soberana. Esta excepção foi aberta pela sua excessiva idade. D'esta vez, porém, a sympathica senhora impoz-se, voluntariamente, o exilio e o incommodo de uma longa viagem.

— Mas v. ex. com os seus 81 annos...

— E de que não faço mysterio ! atalha ella com espirito.

— ... expôr-se aos incommodos de uma viagem.

— Podia eu deixar de o-fazer ??

A sra viscondessa de Fonseca Costa fez o encanto de toda a gente. Beijavam-lhe a mão como a uma avó.

A galeota real foi occupada exclusivamente pelo sr. d. Carlos,

pelos augustos viajantes e pelo papagaio da sra. D. Izabel na sua gaiola revestida de flanela.

Os navios deram as descargas do estylo, arvorando no mastro grande as bandeiras portugueza e brasileira, e os marinheiros, subidos ás vergas, deram os vivas da ordenança.

Aguardavam no arsenal a chegada dos soberanos depostos o sr. infante D. Affonso, ministro da fazenda e da guerra, superintendente do arsenal, general commandante das guardas municipaes, chefe do estado-maior da armada e outros officiaes, varios jornalistas, membros da colonia brasileira, etc.

O regimento de infantaria n. 16, sem musica, fazia a guarda de honra.

Ao meio dia e um quarto atracou a galeota real ao cães da superintendencia do arsenal e o primeiro a desembarcar foi o sr. d. Pedro, apoiado a dous remadores, indo-lhe ao encontro o sr. infante d. Affonso.

O sr. d. Pedro mostrava-se fatigado. Subiu a custo e virando-se para elles :

— Muito obrigado, muito obrigado!

E essa bonhomia commoveu os que lá se-acharam.

Ao atracar a galeota, o sr. infante saltou para a embarcação e tirando o capacete beijou a mão de d. Pedro que, em tom alegre, lhe-disse :

— Olá meu rapaz como vae isso, estaes rijo ?

Esse encontro foi verdadeiramente affectuoso ; o sr. infante d. Affonso beijou as mãos de seu tio, que lhe-retribuiu beijando-o na face.

Atrás de d. Pedro seguia o-rei D. Carlos, dando o braço á ex-imperatriz, que andava com grande difficuldade ; depois o sr, conde d'Eu, dando o braço a sua esposa, e em seguida seus filhos, tres damas, entre estas a sra. viscondessa de Fonseca Costa, dando, o braço ao sr. Barros Gomes, e por fim o medico Dr. Motta Maia.

Em seguida d. Pedro subiu vagarosamente a escada e, ao chegar ao topo, cumprimentou todos amavelmente e deu a mão a beijar a Mme. Maney, jornalista americana, agradecendo-lhe em inglez as palavras affectuosas, que ella lhe-dirigira. 97

Depois voltando-se para o sr. ministro da fazenda disse :
— Que bello dia, não ha inverno.

Subiram depois a escada a ex-imperatriz pelo braço do rei, seguidos pelas demais pessoas que vieram na galeota, dirigindo-se todos para a casa da superintendencia, onde descansaram uns minutos.

Perto da escada estava um velho, alto, barba branca, a quem a sra. condessa d'Eu falou. D. Pedro olhou para elle como parecendo recordar-se de quem fosse, mas ignorar o nome. De repente apertando-lhe a mão :

— Bem me-parecia reconhecel-o. Como vae sr. Pires? Tem passado bem?

Era o sr. Gervasio Nunes Pires, guarda-mór reformado da alfandega do Rio de Janeiro, que ha tempos está na Europa.

Uma das damas da commitiva conduzia o papagaio da sra. condessa d'Eu.

Subiram depois para os *laudaus* descobertos, da casa real, indo no primeiro a ex-imperatriz, sua filha, d. Pedro e o sr. infante D. Affonso; no segundo o conde d'Eu e tres filhos e o sobrinho de d. Pedro; no terceiro as damas e camaristas seguindo o prestito para S. Vicente. O ex-imperador dispensou o esquadrão de lanceiros que o-aguardava lá fóra; o-rei e o seu ajudante de campo Novaes Sequeira, seguiram para Belém.

A' meia hora da tarde chegaram os viajantes a S. Vicente e dirigiram-se ao pantheon, onde estiveram durante cerca de 30 minutos. Oraram juncto dos tumulos de d. Pedro IV, d. Luiz I, d. Pedro V, d. Fernando, d. Maria II e d. Augusto.

Em S. Vicente de Fóra d. Pedro encontrou a rainha viuva D. Maria Pia e o infante d. Affonso, que o-acompanharam até juncto ao tumulo do pranteado monarcha.

D. Pedro de Alcantara fez curta oração, mostrando-se muito commovido.

A' sahida fallando com o sr. Baltar do *Primeiro de Janeiro*, e outros jornalistas, vendo as lapides dos tumulos dos duques de Saldanha e da Terceira disse: «Valentes soldados!» Lendo tambem a inscrição — duqueza da Terceira — disse que conhecêra essa senhora e que era muito distincta.

E o sr. conde d'Eu.

— E eu tambem, na Inglaterra, quando foi buscar a rainha Estephania.

De S. Vicente de Fóra dirigiu-se ao paço de Belém a visitar as rainhas d. Amelia e d. Maria Pia, seguindo depois em carruagem descoberta e puxada a duas parelhas para o hotel Bragança, onde recolheu-se ás 3 horas e 20 minutos da tarde.

Na primeira carruagem vinham os ex-imperadores e no assento de deante a sra. d. Isabel.

D. Pedro desceu primeiro e ajudou depois a descer a ex-imperatriz. Para que essa senhora pndesse apeiar-se foi necessario collocar-lhe juncto da portinhola um dos assentos da almofada, a servir de estribo.

Eram alli esperados pelo principe Bourbon d'Aquila, sobrinho da ex-imperatriz, duque de Palmella, Aguiar de Andrade, marquez da Fronteira, conde de Franco, Pinheiro Chagas, Monteiros, L. Cordeiro, Freitas, conde do Barral, Sant'Anna Nery, Rebouças, o illustre abolicionista brasileiro, general d. Luiz de Mascarenhas, Paraty, Vieira da Silva, Amazlack, barão de Salgado Zenha, José Antonio Alves de Carvalho, Antonio Augusto de Carvalho Montenegro, Dr. Valentim José da Silveira Lopes, Seraphim da Fonseca Sá, Carlos Roma du Bocage, barão de Hortega, Thomson, correspondente do *Times*; ministro dos Paizes Baixos, Rodrigo S. Zenha, Jorge da Costa, Manoel Antonio da Costa Pereira, Jose Custodio Pereira Guimarães, Amelia Leite Pereira Guimarães, José Gonçalves Pereira, barão de S. Joaquim, baroneza de S. Joaquim, Antonio da Costa Carvalho, general José Joaquim Henrique Moreira, Francisco Simões, Margiochi, Amelia de Carvalho Monteiro, e varios cavalheiros e damas brasileiras.

A primeira pessoa que beijou a mão de d. Pedro foi o sr. Pinheiro Chagas, que estava a porta do hotel.

D. Pedro disse-lhe, com ar affectuoso e risonho:

— Adeus Chagas; então tem-se escripto muito?

Depois d. Pedro foi cumprimentado pelos membros da colonia brasileira, que se-achavam no vestibulo do hotel, dirigindo a todos phrases amaveis.

Esta scena durou alguns minutos.

Os ex-imperantes, seguidos de sua familia e pessoas do sequito dirigiram-se em seguida ao andar nobre do hotel.

São dezesseis quartos no primeiro andar do hotel Bragança com vista para o Tejo, Estão mobiliados com simplicidade e bom gosto. O primeiro quarto é o gabinete particular de d. Pedro II. Bem tapetado, mobilia antiga e alguns quadros. Depois segue-se a casa de jantar com uma grande mesa no centro e quadros antigos. O terceiro compartimento é a sala de recepção. Mobilia toda antiga, tres magnificos retabulos de carvalho antigo e um primoroso quadro a lapis. Os quatro compartimentos que se seguem, são os quartos de cama e de *toilette* do ex-imperador de sua mulher e dos condes d'Eu.

Todas éstas casas têm janellas para o Tejo. Do outro lado ha seis casas com duas camas cada uma. Estão destinadas para a comitiva. Além d'estes aposentos ha ainda seis quartos no segundo andar para os criados.

Tudo está mobiliado com gosto artistico, mas simples e singelamente, conforme os desejos manifestados por d. Pedro.

Depois, por estar fatigado, não quiz receber mais ninguem. Escreveu uma carta á condessa d'Edla e recolheu-se aos seus aposentos.

O barão de Aguiar de Andrade esteve no hotel com sua esposa e filha até ás 10 horas da noite.

D. Pedro pouco depois de chegar ao hotel mandou buscar, um *landau* á companhia de Carruagens Lisbonenses, e foi acompanhado dos condes de Motta Maia e Aljezur, visitar a sra. condessa d'Edla, ás 3 horas e 45 minutos.

O ministerio esteve todo no hotel Bragança pelas quatro horas e meia da tarde, a comprimentar a familia expatriada.

Como o ex-imperador já tivesse sahido, os ministros foram recebidos pela ex-imperatriz.

As pessoas que compõem o sequito dos ex-imperantes são:

Os condes d'Eu, d. Pedro, ex-principe do Grão-Pará, seus irmãos d. Luiz e d. Antonio, d. Pedro Augusto, viscondessa de Fonseca Costa, conde de Motta Maia e seu filho, barões de Loreto, barões de Muritiba, dr. Rebouças, aio dos principes Fritz Stoll, d. Joanna de Alcantara, d. Leonilda Espozel, d. Ludomilla de Santa

Mora, d. Maria da Gloria, d. Julieta Alves, N. Bouchet, Eduardo Damer e Guilherme Camerloker.

O jantar começou ás 5 1/2 horas e terminou ás 7. A mesa era de 17 talheres.

Do *menu* abundante não se-serviu o ex-imperador que por conselho do dr. Motta Maia, é obrigado á rigorosa diéta, alimentando-se apenas de arroz, carne, hervas e doce de compota.

Ao jantar o sr. d. Pedro mandou buscar os jornaes, e leu em voz alta os artigos que se-lhe-referiam.

São innumerables as assignaturas que enchem o livro dos visitantes. No momento em que um informador ia copiar alguns dos nomes alli inscriptos, vieram buscar o livro, que o ex-imperador tinha pedido para lêr.

O ex-imperador manifestou a alguns personagens politicos portuguezes a sua satisfação por ter o Governo Provisorio dos Estados-Unidos do Brasil adoptado para a bandeira nacional as côres e fórma da bandeira imperial.

Providenciaram de modo a haver missa n'uma sala do hotel, convenientemente preparada para essa cerimonia religiosa, sendo celebrante o revm. bispo de Bethsaída.

A familia ex-imperial não sahio á noite.

De quasi todos os soberanos da Europa o sr. d. Pedro de Alcantara têm recebido, em Lisboa, ofertas de palacios para a sua residencia, que tem agradecido sem acceitar ou recusar.

A Sra. d. Thereza Christina, ex-imperatriz, tem dicto a diversas pessoas que, de muito bom grado, ficaria em Portugal.

Apezar do frio intenso que está fazendo, o sr. d. Pedro de Alcantara não soffreu a menor alteração na sua saúde, conservando a sua tradicional actividade.

D. Pedro e sua consorte assistirão á proclamação d'el-rei d. Carlos, indo antes disso fazer uma excursão pelo norte do reino.

O ex-imperador tem continuado a visitar diversos estabelecimentos publicos de Lisboa. Enquanto a familia permanece no hotel Bragança, é extraordinariamente visitada. A idéa da constituição de um patrimonio, por parte dos portuguezes, que

fizeram fortuna no Brasil, para o velho monarcha, que é pobre, tem encontrado enthusiastico acolhimento em todo o reino.

Consta que vão fixar residencia em Cannes, cujo clima temperado convém muito á debilitada saúde de d. Pedro. O principe d. Pedro; diz-se, irá reunir-se a seu pae, o duque de Saxe, que está na Austria. A princeza D. Izabel e seu esposo o sr. conde d'Eu fixarão residencia em Madrid, indo antes á Belgica.

Telegramma expedido de Lisbôa diz o seguinte:

O ex-imperador do Brazil, manifestando-se a respeito dos successos de 15 de Novembro, declarou que não conspirará contra a nova ordem de cousas existente nesse paiz, nem abdicará da sua corôa, renunciando ainda assim a publicar qualquer manifesto sobre os acontecimentos, que deram logar á sua deposição. Acrescentou que submettia-se ao facto consummado.

Ahi não se sabe [ainda com certeza qual a demora de d. Pedro de Alcantara nessa capital, nem qual o seu destino provavel. Crê-se que o ex-imperador partirá para Cannes.

E' limitado o numero das pessoas que o-foram visitar.

Aos officiaes da marinha brasileira vindos em missão do governo para conduzir até aqui o ex-imperador, foram dadas muitas provas de apreço, não só pelo povo portuguez como pela colonia brasileira aqui residente.

Lisboa, 13.

O ex-imperador presenteou a tripolação do *Alagôas*, e confirmou ao ministro do Brasil em Lisboa a resolução, em que está, de recusar a doação de cinco mil comptos que lhe-fez o Governo Provisorio.

Apezar de todas as cautelas, sabe-se que o conde de Motta Maia recommenda a maior tranquillidade ao Sr. D. Pedro de Alcantara, que manifesta um certo máo estar.

O principe D. Pedro Augusto tem experimentado sensiveis melhoras. O seu estado não inspira cuidados. (*Gazeta de Noticias.*)

Lisboa, 14.

Partem amanhã para Hespanha os condes d'Eu, em companhia dos barões de Loreto e Muritiba. (*Gazeta de Noticias.*)

Lisboa, 14 (á tarde.)

O conde d'Eu e sua mulher serão hospedados pelo duque de Montpensier (*Agencia Havas.*)

Lisboa, 14.

O Sr. d. Pedro de Alcantara, que continúa a ser muito visitado pelos vultos mais proeminentes actualmente em Portugal, nacionaes e estrangeiros, assistiu á sessão da academia real de sciencias de Lisboa. Acompanhou com o maior interesse as discussões, mostrando grande preocupação pelos assumptos apresentados. O seu aspecto é extremamente animador, indicando a sua physionomia boa saude. Os membros da academia, que estiveram presentes, receberam-n'o com a maior deferencia, sendo incansaveis em obsequios.

A partida do Sr. d. Pedro de Alcantara para o Porto está fixada para o dia 24 do corrente. Permanecerá quatro dias nessa cidade, partindo em seguida para Cannes. Os condes d'Eu partem amanhã para a Hespanha, devendo ser hospedados pelos duques de Montpensier.

O incidente da bandeira continúa ainda a ser discutido por grande numero de jornaes.

Lisboa, 15.

Os Srs. conde d'Eu só partem amanhã, por incommodo de de saúde do conde. (*Gazeta de Noticias.*)

Lisboa, 15.

Diz-se nesta cidade que o ex-imperador do Brazil expediu um telegramma ao seu representante no Rio de Janeiro communicando-lhe que não acceptaria dotação ou qualquer outro dom, que não fosse decretado por lei, pelos poderes que a nação brasileira constitue. Referindo-se ao triumpho do movimento revolucionario, Dom Pedro de Alcantara declarou a um jornalista portuguez que esperava do Governo Provisorio a manutenção da Republica com a ordem e com a liberdade.

O ex-imperador não tem passado bem estes dous dias.

Lisboa, 19:

O sr. d. Pedro de Alcantara não partiu hoje, como pretendia por ter adoecido a ex-imperatriz, cujo estado não inspira cuidado.

Durante todo o dia, grande numero de pessoas de todas as

classes sociaes foram ao hotel Bragança informar-se do estado da virtuosa senhora.— (*Gazeta de Noticias*.)

Lisboa, 19 :

O sr. d. Pedro e a sua consorte devem partir amanhã para Coimbra, d'onde seguirão para a França.— (*Agencia Havas*.)

Lisboa, 21 :

Os condes d'Eu chegaram hoje ao porto de S. Lucar, provincia de Andaluzia.— (*Agencia Havas*.)

Lisboa, 22 :

O ex-imperador do Brasil continúa passando bem de sua saúde. O pequeno incommodo que ha dias affligiu a ex-imperatriz cessou de todo.

Hoje, em trem ordinario, das 3 horas e 30 minutos da tarde, d. Pedro de Alcantara e sua esposa transportaram-se para Coimbra. N'essa digressão acompanha-os toda a sua comitiva, que tambem tomou passagem no mesmo trem. Na estação da estrada de ferro aguardavam os ex-imperantes várias pessoas do mundo official portuguez e do povo. D. Pedro de Alcantara, sua esposa e comitiva demorar-se-ão em Coimbra dous dias apenas.

Lisboa, 22 :

Assegura-se aqui em diversos circulos, que o governo portuguez mostrou desejos de que o ex-imperador do Brasil abandone Portugal.

Depois dos despachos telegraphicos, dirigidos á imprensa d'esta capital, dizendo que o sr. d. Pedro de Alcantara recusára a dotação de 5.000:000\$000, que lhe-fôra concedida pelo Governo Provisorio, e que aqui acceitára, o sr. ministro da fazenda telegraphou ao representante diplomatico do Brasil em Lisboa incumbindo-o de saber pessoalmente do ex-imperador o que havia de verdade sobre o assumpto, e de responder officialmente ao governo. O ministro brasileiro respondeu nos seguintes termos :

O ex-imperador recusa subsidio 5.000:000\$000 ; acceita dotação que por lei lhe-compete e á sua familia.

A exactidão d'esse telegramma viu-se depois confirmada nas folhas do dia 23 de Dezembro na publicação seguinte :

AO GOVERNO PROVISÓRIO DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL

« Sómente hoje, 25 de Dezembro, recebi a carta que passo a transcrever :

« Tendo tido conhecimento, no momento da partida para Europa, do decreto pelo qual é concedida á familia imperial, de uma só vez, a quantia de cinco mil comptos, mando que declare que não receberei, bem como minha familia, senão as dotações e mais vantagens a que temos direito pelas leis, tractados e compromissos existentes ; e, portanto, si tiver por ventura recebido aquella quantia deverá restituil-a sem perda de tempo.

« Recommendo, outrosim, que, cingindo-se strictamente aos termos d'esta communicação, dirija officio que fará immediatamente publicar, e do qual [me-remetterá cópia.— (Assignado.) — *D. Pedro de Alcantara*.—Bordo do *Alagóas*, ao chegar a S. Vicente das Ilhas do Cabo Verde, 28 de Novembro de 1889. »

« Tenho assim cumprido a ordem que na carta acima se contém.

« Saúde e fraternidade.— *Visconde de Nogueira da Gama*.

« Petropolis, 26 de Dezembro de 1889. »

Esse acto impensado do ex-imperador determinou, por parte do Governo Provisorio, o procedimento seguinte :

« O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo exercito e armada em nome da Nação, considerando :

Que o sr. d. Pedro de Alcantara, depois de aceitar e agradecer aqui o subsidio de 5.000:000\$000 para ajuda de custo do seu estabelecimento na Europa, ao receber das mãos do general que lh'o-apresentou, o decreto onde se-consigna essa medida, muda agora de deliberação, declarando recusar semelhante liberalidade ;

Que, repellindo esse acto do Governo Republicano, o sr. d. Pedro de Alcantara pretende ao mesmo tempo continuar a perceber a dotação annual sua e de sua familia, em virtude do direito, que presume subsistir-lhe por força de lei ;

Que essa distincção envolve a negação evidente da legitimidade do movimento nacional e encerra reivindicações incompativeis hoje com a vontade do paiz, expressa em todas as suas antigas

provincias, hoje estados, e com os interesses do povo brasileiro, agora indissolavelmente ligados á estabilidade do regimen republicano ;

Que a cessação do direito da antiga familia imperial á lista civil é consequencia immediata da revolução nacional, que a-depóz, abolindo a monarchia ;

Que o procedimento do Governo Provisorio, mantendo, a despeito d'isso, essas vantagens ao principe decahido, era simplesmente uma providencia de benignidade republicana, destinada a attestar os intuitos pacificos e conciliadores do novo regimen, ao mesmo tempo que uma homenagem retrospectiva á dignidade que o ex-imperador occupára como chefe do Estado ;

Que a attitude presentemente assumida pelo sr. d. Pedro de Alcantara n'este assumpto, presuppondo a sobrevivencia de direitos extinctos pela revolução, contém o pensamento de des-auctoral-a e anima velleidades inconciliaveis com a situação republicana ;

Que, consequentemente, cessaram as razões de ordem politica, em que se-inspirára o Governo Provisorio, proporcionando ao sr. d. Pedro de Alcantara o subsidio de 5.000:000\$000 e respeitando temporariamente a sua dotação ;

Decreta :

Art. 1.º E' banido do territorio brasileiro o sr. d. Pedro de Alcantara e com elle sua familia.

Art. 2.º Fica-lhes vedado possuir immoveis no Brasil, devendo liquidar no prazo de dous annos os bens d'essa especie, que aqui possuem.

Art. 3.º E' revogado o decreto de 16 de Novembro de 1889, que concedeu ao sr. d. Pedro de Alcantara 5.000:000\$000 de ajuda de custo para o seu estabelecimento no estrangeiro.

Art. 4.º Consideram-se extinctas, a comptar de 15 desse mez, as dotações do sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia.

Art. 5.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões do Governo Provisorio, Estados-Unidos do Brasil, em 20 de Dezembro de 1889, 1.º da Republica.— *Manoel Deodoro da Fonseca.*— *Quintino Bocayuva.*— *Manoel Ferraz de Campos Salles.*— *Ruy Barbosa.*— *Aristides da Silveira Lobo.*—

Demetrio Nunes Ribeiro.— Eduardo Wandenkolk.— Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

.....

Concluindo aqui, direi ao ex-imperador, direi aos exilados, aos quaes não me-descuidarei de fazer chegar este livro ;

— Tôdas as paixões nos-acompanham na solidão, e a mais insignificante enfermidade moral n'ella se-aggrava. Tudo quanto outr'ora agitou-nos reaparece então, ou como um spectro que nos-persegue tyranno e indefesso, ou como um anjo feiticeiro e querido, que a cada instante sorri para nós e nos-falla da felicidade.

O THRONO DO BRAZIL E O NUMERO 15

CAPITULO OFFERECIDO AO EX-IMPERADOR

Ha numeros fatidicos na vida dos homens, das familias e das nações.

Está n'esse caso o numero 15 para o sr. d. Pedro II, para a familia dos Braganças e para o povo brasileiro.

E' o que pretendo mostrar n'este breve capitulo em rapido vôo historico desde 1641 até hoje, em 1889.

Acompanhe-me o leitor e lembre-o comigo o ex-imperador.

- 1641 em 15 de Abril dá-se a prisão e deposição de d. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, *vice-rei do Brasil*.
- 1653 em 15 de Maio fallece d. Theodosio, filho primogenito de d. João IV, o primeiro *divino*, que teve o titulo de *principe do Brasil*.
- 1685 em 15 de Maio Gomes Freire de Andrade chega ao porto de S. Luiz do Maranhão com a esquadilha, que ia subjugar a revolta.
- 1781 em 15 de Janeiro morre a rainha d. Marianna Victoria, viuva do *divino* d. José I.
- 1815 em 15 de Dezembro apparece a carta régia dando ao Brasil a denominação e cathegoria de *reino unido* ao de Portugal, e mudando o nome de *capitanias* para o de *provincias*.
- 1817 em 15 de Maio o marechal de campo Joaquim de Mello Leite Cogominho de Lacerda derrota na acção de Ipojuca
- 102

as tropas patrióticas ao mando do general de divisão Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque.

1822 em 15 de Setembro d. Pedro I chega de S. Paulo e vae ao theatro levando no braço um distinctivo — *independencia ou morte.*

1823 em 15 de Abril reune-se no palacio do Governo de Belém um grande conselho para deliberar sobre a sorte dos presos no movimento do dia antecedente, tendo ahi havido quem fosse de opinião fazer-se-lhes a mercê de *mandar executar-os todos!*

Ah! si fôssemos vencidos em 15 de Novembro ?!

1825 em 15 de Novembro *ad majorem gloriam* do Brasil apparece a carta de lei pela qual o rei d. João VI declara que *cede a seu filho d. Pedro os seus direitos sobre o Brasil reservando sómente para si o titulo de imperador*, e manda publicar e cumprir a ratificação do tractado de amizade e alliança de 29 de Agosto d'esse mesmo anno entre Portugal e Brasil.

De sorte que tínhamos por lá esse *imperador honorario.*

1827 em 15 de Janeiro volta d. Pedro I do Rio Grande do Sul e chega ao Rio, trinta e tres dias depois do fallecimento da 1ª imperatriz, sua esposa.

1831 em 15 de Abril chega a S. Paulo a noticia da abdicção de d. Pedro I e é ahi solemnemente festejada por tres dias consecutivos. Houve *Te-Deum* e os estudantes de direito deram espectáculo gratuito ao povo,

1831 em 15 de Setembro amanhece a cidade do Recife sob a pressão militar.

1831 em 15 de Novembro surge o tumulto em Pernambuco.

1833 em 15 de Dezembro o governo manda cercar o paço da Boa Vista, prender o conselheiro José Bonifacio e suspendel-o das funcções de tutor do imperador e de suas irmãs, sendo estes conduzidos para o paço da cidade.

1836 em 15 de Março as forças legalistas atacam os rebeldes do Pará no engenho da viuva Valle, no rio Cajusuba, e fazem sobre elles enormes estragos e depredações.

Si elles nos-apanham em 15 de Novembro ?!

- 1839 em 15 de novembro dá-se a restauração da Laguna.
1843 em 15 de Abril casa-se em Berlim a duqueza de Goyaz, a duplamente adúlterina *filha reconhecida* de d. Pedro I, *Sua Alteza* (por decreto de 24 de Maio de 1826) d. Isabel Maria de Alcantara Brasileira, O casamento deu-se com o conde Fischler de Freuberg.

Não sei como essa *mana* e esse *cunhado* de d. Pedro II não entravam também pelo thesouro. Que milagre !!...

- 1847 em 15 de Fevereiro falleceu o grande amigo de d. Pedro I, o marquez de Baependy, um dos redactores da Constituição, e que fazia parte do desesperado ministerio organizado na noite de 5 e apeado na madrugada de 7 de Abril de 1831.
1849 em 15 de Dezembro o sr. d. Pedro II começa a dar ao Instituto Historico e Geographico do Brasil *a honra* de presidir em pessoa ás suas sessões.
1853 em 15 de novembro fallece em Lisboa a rainha de Portugal d. Maria II, nascida no Rio de Janeiro em 4 de Abril de 1819.
1864 em 15 de Outubro casa-se a sra. d. Isabel, princeza imperial e herdeira presumptiva da corôa do Brasil com o sr. conde d'Eu, que estava prompto a ficar connosco mesmo na Republica.

Ti-ro-li-ta que bate, que bate

Ti-ro-li-ta que já bateu.

mas... *deu-lhe o tango, deu-lhe o mangó n'elles !!...*

- 1864 em 15 de Dezembro casa-se a finada princeza brasileira d. Leopoldina com o impagavel sr. duque de Saxe, que agora não entra mais nos orçamentos do Brasil.
1867 em 15 de Agosto a gloriosa esquadra brazileira escreve a áurea pagina do forçamento da passagem de Curupaity.
1875 em 15 de Outubro foi o Brasil felicitado com o nascimento de mais um grato penhor (a 6 comptos por anno para leite) na pessoa do sr. d. Pedro de Alcantara, principe do Grão-Pará. Nasceu em Petropolis, ficou meio maneta e nunca julgou-se habilitado a fazer exames.

- 1889 em 15 de Julho Adriano do Valle saúda o sr. d. Pedro II no theatro com um — *viva á Republica* — e alguns minutos depois brinda-o com alguns tiros no largo do Rocio, de frente da estatua que Theophilo Ottoni chamou — *mentira de bronze!*
- 1889 em 15 de Novembro nasceu a — REPUBLICA FEDERAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL !!!...

..

Essa praça da Acclamação, antigo campo de Sant'Anna, guarda as seguintes recordações historicas:

Em 1822 foi ahi D. Pedro I acclamado maior e começou a governar como imperador por uma revolução; e 18 annos mais tarde, em 1840, egual acontecimento politico se-verificou com seu filho D. Pedro II.

Foi ainda nessa praça onde reuniu-se o exercito que exigiu a demissão do ministerio de que resultou a retirada de D. Pedro I em 1831, o que egualmente acabou de dar-se com D. Pedro II.

Dias subsequentes

Muito ao envez do systema das derrubadas adoptado pelos partidos monarchicos, que se-revezavam no poder, e que elles levavam ao extremo de pôr em prática até na substituição de governos da mesma situação, o Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil declarou que conservaria no pleno exercicio de seus empregos a todos os funcionarios, chefes ou subalternos, que de *motu-proprio* não os-abandonassem.

Fizeram-se depois as communicações officiaes ao corpo diplomatico estrangeiro.

O Governo Provisorio, com excepção da ordem de S. Bento de Aviz, declarou extinctos todos os titulos nobiliarios e ordens honorificas, concedendo todavia a faculdade de uso aos cidadãos que taes distincções tivessem.

Logo no dia 16 cessou a fiscalisação, que como medida preventiva e transitoria o Governo Provisorio teve de adoptar na transmissão dos teiegrammas pelas linhas do estado e das companhias privilegiadas.

Na Policia, no Arsenal de Marinha e nos quartéis as forças continuaram de promptidão e á primeira voz no dia 16.

Nesse dia organisou-se o batalhão academico.

A 1 1/2 da madrugada de 16 apresentou-se na fortaleza de Sancta Cruz o Major Marciano de Magalhães acompanhado pelo capitão Ilha Moreira e outro official, por ordem do Governo Provisorio, indo o primeiro d'elles assumir o commando da fortaleza e do 1.º de artilheria de posição.

Os navios nacionaes no porto e a fortaleza de Willegaignon estiveram de promptidão durante toda a noite de 15 e de 16.

A' entrada da noite de 16 foi preso o ex-ministro da justiça Candido de Oliveira, que estava refugiado no Engenho Novo, na casa de residencia do dr. Guido de Souza Carvalho.

Em seguida á prisão, o sr. Candido de Oliveira dirigiu a seguinte petição:

« Exm. sr. dr. Ruy Barbosa, ministro da justiça, do Governo Provisorio.

« Candido Luiz Maria de Oliveira deseja seguir com sua familia para a Europa no primeiro paquete que d'aqui partir. Roga, pois, a v. ex. a graça de permittir esse embarque com as garantias necessarias para sua segurança.

« Côte, 16 de Novembro de 1889. — *Candido Luiz Maria de Oliveira.* »

O ministro da justiça despachou assim essa petição:

« O petionario tem a mais plena faculdade de ficar no paiz ou sahir d'elle, quando e para onde lhe-convier.

« Precisamente para segurança de sua pessoa, porém, tem resolvido o Governo confial-o á guarda de um official, sem prejuizo da sua liberdade de acção e locomoção.

« Rio, 17 de Novembro de 1889 — *Ruy Barbosa.* »

A *Gazeta de Noticias* de 17, publicou a seguinte local:

ASSALTO

« Na madrugada de hontem, cerca das 2 horas da manhã, tentaram-se dous desembarques, na enseada e praia fronteira ao quartel do 2.º regimento de artilheria.

« Na primeira tentativa, ao presentir-se o pharol da lancha, cuja machina era de baixa pressão, mal foi dado o alarma, retrocedeu a embarcação.

« Na segunda, quando foi percebida, a mesma lancha já estava juncto á praia, e o forriel commandante do destacamento, apesar de não ter ordem, tomou a responsabilidade da situação e rompeu vivissimo fogo de revolver, com os seus soldados, fogo tal que parecia de carabinas Comblain, tão nutrido era.

« Da lancha, corresponderam as descargas em retirada.

« Visto este successo, multiplicaram-se as precauções não só n'aquelle quartel, como tambem nos de cavallaria e engenheiros.

« A praia foi coberta por artilheria, de tal modo que, os fogos poderiam crusar na enseada e em todas as avenidas proximas.

« Destacamentos numerosos de infantaria, artilheria e cavallaria

tomaram posição, desde a rua Figueira de Mello, até á Ponta do Cajú.

« Em fim, aquella grande rua foi considerada como da maior importancia e militarmente occupada. »

E' bem certo que, de bordo da nossa corveta *Nicteroy*, que então se-achava no dique imperial na ilha das Cobras, um grupo de exaltados marinheiros apossou-se de um escaler de bordo, armaram-se todos elles e vieram para terra *díspostos a fazer rôlo* em favor do ex-imperador ; isto n'essa noite de 16.

E' certo haverem elles chegado á terra, abandonado o escaler, e dado começo a uma correria, que felizmente foi logo suffocada, antes de tomar vulto, por terem sido presos esses exaltados e remettidos algemados para destino, que não foi-me possível conhecer.

E' certo ainda que n'esse vaso de guerra outros marinheiros quasi insubordinaram-se por questão da bandeira, calmando-se quando viram que em pouco estava a differença.

E' certo finalmente que houve necessidade de fazer conveniente distribuição da marinhagem, que parecia não querer conformar-se com o estado de cousas, mas que para logo mostrou-se satisfeita ante a publicação do decreto, que lhe-reduziu o tempo de serviço, do que muitos estão já aproveitando-se para requerer a baixa.

Estas noticias, que assevero bem averiguadas a desafio de contestação, que em livros de história não devem ser caladas, não foram trazidas a conhecimento publico por prudente empenho, cuja comprehensão a ninguem escapará.

Tendo-se propalado no dia 17 que o Governo na noite de 16 mandára prender o sr. barão de Jaceguay, o Governo Provisorio pelo orgão official mandou publicar o seguinte :

« Por ordem do Governo publicamos a seguinte declaração :

« O Governo não mandou intimar o sr. barão de Jaceguay a comparecer perante o sr. ministro da guerra, e sim convidal-o a uma conferencia quando aquelle almirante pudesse chegar á Secretaria da Guerra.

« Por interpretação errada do official encarregado do convite, foi que o almirante recebeu em um bond brusca intimação.

« Os ministros, que se-achavam reunidos no Quartel-Generál, deram ao almirante as mais completas satisfações, e, como prova da consideração em que o-têm, discutiram em sua presença a questão da hora mais conveniente para o embarque do ex-imperador, pedindo-lhe, ao almirante, que emittisse com franqueza a sua opinião, inspirada nos sentimentos de respeito que tinha pela familia ex-imperial.

« Ainda como prova de consideração, foi facultado ao sr. barão de Jaceguay assistir ao embarque do ex-imperador, em cuja ocasião o sr. barão convenceu-o de que, a todos os respeitos, era mais conveniente que o embarque se-effectuasse de noite. »

O Senado e a Camara dos Deputados cessaram de funcionar desde 18; e em seguida transcrevo o artigo que, pelo *Jornal do Commercio*, publicou o ex-présidente do senado, por ser documento politico que a história deve registrar:

PRESIDENCIA DO SENADO

« As sessões que o Senado tem celebrado desde o dia 11 eram preparatorias dos trabalhos legislativos determinados pela convocação extraordinaria para 20 do corrente mez.

« Comquanto reconhecesse desde hontem que tal convocação ficaria sem effeito por força dos acontecimentos do dia 15, não quiz nem devia tomar logo precipitadamente a deliberação de interrompel-as. Nenhuma communicação recebendo do Governo, que se-constituira, convidei os srs. senadores a comparecerem hoje na fórma do regimento.

« Sabendo, porém, ésta manhã, que Sua Magestade o Imperador retirava-se do paiz, e que ás 10 1/2 horas levantara os ferros o navio, a cujo bordo se-achava desde a madrugada, dirigi-me ás 11 horas ao paço do senado com a resolução assentada de suspender, por escusadas, as sessões preparatorias, a que me referi. Não precisei, porém, assumir essa responsabilidade, porque ao chegar ao edificio encontrei cerrada a porta da entrada, e guardada por uma sentinella militar, que me-declarou ter ordem de vedar o ingresso a quem quer que fosse.

« Faço ésta declaração para saberem os meus collegas do senado o motivo de não mais os-reunir e tambem que obedeci

logo, sem hesitação e sem precisar ouvil-os, á determinação do Governo existente. Devia fazel-o, porque sómente assim posso dizer que tenho, como todos os brasileiros, o direito de exigir d'elle a manutenção da ordem publica, o respeito e a effectividade de todos os direitos constitucionaes do cidadão e no mais breve prazo, que as circumstancias permittirem, a reorganização politica da nação, como a ésta approuver em sua soberania.

« Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1889.— *Paulino J. S. de Souza.* »

Começaram as adhesões, assim collectivas como individuaes, em tal cópia que impossivel é siquer dar a nominal relação em trabalho da natureza d'este.

Bastará dizer que da mais alta corporação do paiz ao mais insignificante grupamento social, todos têm adherido jubilosos.

Já não ha no Brasil quem não seja e não fosse republicano ; e muitos já o-eram *antes de nascer*. E no momento em que escrevo (1.º de Janeiro) a Republica Brasileira tem apenas mez e meio de proclamada !...

.....
A *guarda nacional*, creada para..... adheriu tambem enthusiasticallymente á Republica.

.....
Ha, porém, adhesões que, por seu alto valor moral e politico, não podem ser caladas ou confundidas, maxime em trabalho de história.

Estão n'esse caso as que vou transcrever:

« Sr. General Chefe do Governo Provisorio.— Tenho a honra de communicar-vos que o Conselho Supremo Militar de Justiça, em sessão de hoje, a que presidi, resolveu endereçar ao Governo Provisorio, por vosso intermedio a moção seguinte:

« O Conselho Supremo Militar de Justiça, declara que presta a sua adhesão ao Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil.

« Saude e fraternidade.— Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1889.— *Marquez da Gavea.* »

« Sr. General Chefe do Governo Provisorio.— O Supremo Tribunal de Justiça, saudando na vossa pessoa ao Governo Pro-

visorio da nascente Republica dos Estados Unidos do Brasil, faz sinceros votos para que, mantendo a ordem e salvaguardando todos os direitos, o Governo Provisorio efficazmente promova a prosperidade e o engrandecimento do Brasil.

« Neste empenho, o Supremo Tribunal de Justiça, como primeira magistratura do paiz, sente-se no dever de auxiliar o Governo, conservando illesos os principios de respeito á lei, á auctoridade, á liberdade civil e aos demais direitos do cidadão brasileiro, e contribuindo para, garantidos todos esses direitos, firmar-se a unidade da nação durante este periodo provisorio, até que a mesma estabeleça sua definitiva Constituição em uma Assembléa Constituinte e Soberana.

« Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1889.— *Visconde de Sabará*, presidente.— *João Antonio de Araujo Freitas Henrique*.— *Trião de Alencar Araripe*.— *João José de Andrade Pinto*.— *Viriato Bandeira Duarte*.— *Luiz José de Sampaio*.— *Joaquim Francisco de Faria*.— *Adriano José Leal*.— *Ignacio José de Mendonça Uchôa*.— *Joaquim Pedro Villaça*.— *Luiz Corrêa de Queiroz Barros*.— *Antonio de Souza Mendes*.— *José Ascenso da Costa Ferreira*.— *Antonio Buarque de Lima*.— *Antonio Augusto da Silva*.— *Luiz Barbosa Accioli de Brito*.— Eu, secretario, *João Pedreira do Couto Ferraz*, a-escrevi.

Em resposta dirigiu o sr. ministro da justiça o seguinte officio:

« Ministerio da Justiça dos Estados Unidos do Brasil, 21 de Novembro de 1889.

« Eminentíssimo concidadão.— De posse do vosso officio de hontem que acompanha a mensagem de adhesão dirigida pelo Supremo Tribunal de Justiça ao Chefe do Governo Provisorio, terei a honra de apresental-a ao seu destinatario; e congratulo-me com vosco pela patriótica cooperação, que prestaes ao Governo da Republica, egualmente honrosa a vós e a elle.

« Saude e fraternidade.— *M. Ferraz de Campos Salles*.— Ao cidadão visconde de Sabará, presidente do Supremo Tribunal de Justiça.»

Mas importa ao leitor saber que o sr. visconde de Sabará prestou juramento — NAS MÃOS DO EX-IMPERADOR.

« N. 1 — Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1889.

« O Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, em seguida á approvação da acta e antes de ser lido o vosso officio de 18 do corrente, communicando ter assumido o exercicio do cargo de Ministro da Justiça, nomeado por decreto do Chefe do Governo Provisorio, de 15 do corrente, apresentou por intermedio do desembargador Espiridião Eloy de Barros Pimentel, a seguinte proposta :

« Reunido em sua primeira conferencia, depois dos memoraveis acontecimentos do dia 15 d'este mez, o Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, acompanhando o assentimento geral do paiz, reconhece a existencia do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, ao qual presta sincera adhesão como o unico Governo da nação nas actuaes circumstancias; e certo de ser garantido no livre exercicio das funcções que lhe-são proprias, prosegue em sua tarefa de administrar justiça, segundo as leis em vigor, convicto de que assim bem serve á causa publica.

« Communique-se ao Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil por intermedio do Ministro da Justiça.

« Aceita e approvada unanimemente a indicada proposta, cumpre-me dar-vos conhecimento, afim de que vos-digneis transmittil-a ao Governo Provisorio.

« Saude e fraternidade.— Sr. Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Ministro da Justiça do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil.— *Francisco de Faria Lemos*, presidente da Relação. »

As Escolas Superiores enviaram tambem suas mensagens de adhesão.

Os homens de letras d'esta capital federal, reunindo-se em grande numero no theatro Variedades, resolveram o seguinte:

Nomear uma commissão executiva de homens de letras e jornalistas;

Dar a essa commissão plenos poderes;

Conferir a essa commissão o encargo de manifestar, por qualquer modo, ao Governo Provisorio da Republica dos Esta-

dos Unidos do Brasil, a adhesão franca dos homens de letras do Brazil.

Eis o que resolveu a commissão executiva:

Reunida, ás 4 1/2 da tarde, na sala nobre da redacção da *Cidade do Rio*, a commissão executiva da classe dos Homens de Letras dos Estados Unidos do Brasil, composta dos abaixo assignados, resolve:

1.º A commissão executiva da classe dos Homens de Letras dos Estados Unidos do Brasil dirigirá ao governo da Republica uma mensagem de adhesão ao regimen republicano.

2.º A commissão executiva promoverá, por subscripção popular, o levantamento de um obelisco commemorativo do martyrio de Tiradentes, no largo onde foi enforcado o heróe da conjuração mineira.

3.º A commissão executiva promoverá uma passeiata de homens de letras em dia ainda indeterminado.

4.º A commissão executiva promoverá a publicação integral do processo de Tiradentes, manuscripto da Bibliotheca Nacional.

5.º A commissão executiva mandará pedir á camara de Ouro Preto a mesa, em que foi assignada a 1.ª acta da conjuração mineira, e os ferros, que serviram na prisão a Claudio Manoel da Costa, para que sejam depositados na Bibliotheca Nacional.

E' presidente da commissão o cidadão Sylvio Romero, e secretario o cidadão Pardal Mallet.—*Sylvio Romero.*—*Pardal Mallet*—*Aluizio Azevedo.*—*Coelho Netto.*—*Guimarães Passos.*—*Olavo Bilac.*—*João Ribeiro.*

Capital, 20 de Novembro de 1889.

Das potencias estrangeiras e nações amigas com que mantemos relações diplomaticas, recebemos as seguintes communicções, conhecidas até 31 de Dezembro:

Traducção — Londres, 19 de Novembro ás 2 horas e 55 minutos da tarde — A S. Ex. dr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda — Rio.

Pedimos licença para accusar o recebimento do telegrapha de v. ex. e seus collegas de ser vossa firme intenção adherir estrictamente a todos os contractos e obrigações contrahidas. Faremos esta declaração tão publicamente conhecida, quanto fór

possível, bem que nunca de tal duvidassemos. Estamos certos, de que ella, em grande parte, contribuirá para aplacar o panico determinado pelas inopinadas e subitas noticias do Rio, e restaurar dentro em algum tempo a confiança que tinha sido tão abruptamente abalada, ao ponto de reflectir sobre nós mesmos, que por tantos annos temos tido a honra de ser os agentes financeiros do Governo Brasileiro.

Ardentemente nos—esforçaremos para mantêr no futuro o credito sempre ascendente a que chegou a vossa patria, e que nos-lisonjeamos de confessar que tem attingido esse ponto graças ao nosso esforço; e que nós só poderemos conseguir si fôr energica e decididamente sustentado por vosso governo, que confiamos sinceramente será guiado por todos os principios de economia e prudencia, e servirá igualmente para estimular todo o vosso empenho em manter intactos os vastos dominios do vosso grande paiz.—*Rothschild.*

Legação dos Estados Unidos—Petropolis, 20 de Novembro de 1889.

Tenho a elevada honra e a viva satisfação de informar a v. ex. que communicou-me o meu governo, pelo telegrapho, «que mantenha relações diplomaticas com o Governo Provisorio do Brasil.

Ao transmittir a v. ex. ésta informação, permitta que lhe manifeste a esperanza de que as cordiaes relações que até aqui existiram entre o meu paiz e o Brasil venham a augmentar-se pela adopção da fórma de governo republicano.

Si v. ex. se approuver de designar dia e hora, cumprirei o dever de comparecer e tributar-lhe meus respeitos, bem como de apresentar-me a s. ex. Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio.

Aproveito a occasião para offerecer pela primeira vez a v. ex. as expressões dos meus mais elevados respeitos.—*Robert Adams.*

Legação dos Estados-Unidos, Petropolis, 20 de Novembro de 1889.

Tenho a honra de accusar recebimento da circular dactada de 18 de Novembro de 1889, emanada do Ministerio das Relações

Exteriores, dirigida a ésta legação pelo actual Sr. Ministro, trazendo expressões de minha maior consideração.— *Robert Adams.*

A s. ex. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores.

Traducção—Legação Argentina—Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1889.

Tive a honra de receber a nota circular que o sr. Quintino Bocayuva serviu-se dirigir-me no dia 18 do corrente, communicando-me os acontecimentos politicos occorridos desde o dia 15 e assegurando-me que o Governo Provisorio, de que é chefe o sr. Marechal Manoel Deodoro da Fonseca e no qual o sr. Bocayuva desempenha o cargo de ministro das relações exteriores, deseja vivamente mantêr as relações de amizade, que têm existido entre a Republica Argentina e o Brasil.

Levada aquella nota ao conhecimento do Governo Argentino, encarrega-me elle de declarar a V. Ex. que por sua parte se acha animado dos mesmos sentimentos de amizade que sempre manifestou á Nação Brasileira, por cuja felicidade renova os seus votos.

Aproveito com prazer ésta primeira opportunidade para offerecer ao sr. ministro as seguranças da minha mais distincta consideração pessoal.

A S. Ex. o sr. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil.
— *Enrique B. Moreno.*

Traducção—Legação da Republica Oriental do Uruguay—Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1889.

Sr. ministro — Transmitti ao meu Governo o conteúdo da nota circular dactada de 18 do corrente, na qual V. Ex. serviu-se communicar-me o resumo dos acontecimentos politicos dos tres ultimos dias, resultando delles ser proclamada provisoriamente e decretada como fórma de governo da Nação Brasileira a Republica Federal, constituindo as provincias os Estados Unidos do Brasil; e que, instituindo um Governo Provisorio, de que é chefe s. ex. o sr. Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, ficava a cargo de v. ex. o ministerio das relações exteriores; assegurando-me em conclusão, que o Governo Provisorio deseja viva-

mente mantêr as relações de amizade, que existiam entre a Republica Oriental do Uruguay e o Brasil.

Inteirado s. ex. o sr. presidente da Republica da citada communicação de v. ex., me-auctorisa a expressar ao Governo Provisorio o desejo sincero do Governo Oriental de proseguir e estreitar mais, si fôr possível, a cordialidade das relações do Uruguay com o Brasil.

Ao ter a honra de cumprir essa recommendação do meu Governo, aproveito ésta primeira opportunidade para felicitar a v. ex. pela alta distincção que mereceu, e offerecer-lhes as seguranças da minha distincta consideração e apreço.

A s. ex. o sr. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores dos Estados Unidos do Brazil. — *Blas Vidal*.

Traducção — Legação do Chile — Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1889.

Tive a honra de receber a attenciosa communicação de v. ex. de 18 do corrente, na qual, depois de resumir os acontecimentos que determinaram a nova fórma de governo d'este paiz, em que coube a v. ex. a tarefa de desempenhar o importante cargo de ministro das relações exteriores, se-serviu accrescentar « que o Governo Provisorio deseja vivamente mantêr as relações de amizade, que têm existido entre a Republica do Chile e o Brasil. »

Pela minha parte, me-é muito grato ter de expressar a v. ex., em nome do meu Governo, o mesmo desejo, e que o Chile, antigo e leal amigo do Brasil, renova neste momento os seus votos pela felicidade da Nação.

Com muito prazer apresento a v. ex. as seguranças da minha mais alta e distincta consideração. — *M. Villamil Blanco*.

A s. ex. o sr. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores.

Consulat Général de Suisse — Rio de Janeiro 25 de Novembro de 1889.

Tenho a subida honra de communicar ao sr. ministro das relações exteriores do Governo Provisorio do Brasil que o alto Conselho Federal da Confederação Suissa me-auctorisono pelo telegrapho a manter relações com o Governo republicano do Brasil.

E' com o maior prazer que levo ao conhecimento de v. ex.

a resolução do meu Governo, fazendo votos para que se-estreitem cada vez mais as relações de amizade, que sempre existiram entre o Brasil e a Suissa.

Tenho a honra de renovar ao sr. ministro as seguranças da minha mais alta e distincta consideração.

Sr. Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores do Governo Provisorio do Brasil.

O Consul Geral da Suissa no Brasil, *Eugenio Emile Raffard*.

Traducção — Legação da Republica Franceza — Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1889.

Sr. ministro — Acabo de receber do meu governo as instrucções, que me-permittem responder á carta que me-fizeste a honra de escrever, afim de participar-me a installação do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil.

O Governo da Republica Franceza, que dá um grande apreço á conservação das relações de franca amizade existentes entre a França e o Brasil, encarrega-me de exprimir a v. ex. a esperança de que nada virá interrompel-as.

Considero-me feliz por ser nesta circumstancia o interprete dos seus sentimentos, e peço-vos que acceiteis, sr. ministro, as seguranças da minha mais alta consideração.

A s. ex. o sr. Quintino Bocayuva, ministro dos negocios estrangeiros do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil.
— *Blondel*.

.....
No dia 19, por acto de sua propria vontade, o sr. Ouro-Preto partiu para Europa com sua familia, a bordo do paquete allemão *Montevideo*.

A's 8 horas da manhã o-foi buscar no quartel do 1.º regimento de cavallaria o sr. Quintino Bocayuva, ministro de estrangeiros, que tomou-o em seu carro e o-acompanhou ao arsenal de guerra. O carro foi escoltado por 50 praças d'aquelle Regimento.

A's 9 horas chegaram o sr. ministro de estrangeiros e o sr. visconde de Ouro-Preto no arsenal de guerra, onde aguardavam o ultimo primeiro-ministro, sua esposa a sra. viscondessa de Ouro-Preto e seus filhos menores, o sr. dr. Affonso Celso Filho e sua

familia, o dr. Paula Lima e sua senhora, filha do sr. visconde de Ouro-Preto.

Na occasião em que este cidadão embarcava na lancha a vapor do arsenal de marinha que o-havia ido receber, o sr. Quintino Bocayuva, ministro de estrangeiros, despediu-se d'elle dizendo-lhe entre outras phrases de apreço, que esperava fosse curta a sua ausencia, e que voltasse á patria a prestar-lhe os serviços do seu talento e patriotismo.

Na lancha acompanharam o visconde de Ouro-Preto os srs. capitão Antão, do 1.º Regimento de cavallaria, e 2.ºs tenentes Athanagildo e José Rodrigues de Moraes, do 2.º Regimento de artilheria.

A comitiva chegou a bordo do *Montevideo*, que estava fundeado no ancoradouro de S. Bento.

A bordo do *Montevideo* estavam os srs. Manoel Pinto de Souza Dantas e Rodolpho Dantas, conde de Figueiredo, Carlos Affonso de Assis Figueiredo e dr. José Basson de Miranda Osorio. Successivamente foram ali chegando até ás 2 1/2 horas da tarde, quando retiraram-se os ultimos visitantes.

Entre estes notámos os srs. coronel Gentil, Marinho, Hilarião Gomes da Silva, barão Homem de Mello, Lourenço de Albuquerque, drs. Francisco de Castro, Pedro Beltrão e Corrêa de Menezes e commendador Ferreira Sampaio.

A entrevista do sr. visconde de Ouro-Preto com o sr. Manoel Pinto de Souza Dantas foi muito animada, e a unica em que se discutiu a posição politica do gabinete 7 de junho. Por algum tempo pareceu rota a cordialidade partidaria que existia entre os dous estadistas. Terminou porém em muito boa harmonia, abraçando-se os dous demorada e fraternalmente.

Desde as 11 horas até ás 5 1/2 horas da tarde o visconde de Ouro-Preto recebeu no tombadilho a todos os seus amigos com muita affabilidade, descendo apenas uma vez, á 1 hora da tarde, á sala de jantar para almoçar. Nessa refeição comeu muito pouco.

O visconde de Ouro-Preto trajava costume de viagem; calça branca, capa branca, capacete de dupla pala com capa branca.

Mostrava abatimento physico e moral. O rosto estava desfeito, e o corpo um pouco alquebrado.

A sua conversa versou em geral sobre as probabilidades da feliz viagem e da inconveniencia da estação, que o-ia esperar em Hamburgo.

A viscondessa de Ouro-Preto trajava sobre o vestido ampla capa de brim branco, chapéo de palha branco, tendo descido no rosto um véo de filó.

Partiu sem ter determinado o lugar da sua residencia, que talvez seja uma das cidades do sul da Italia. E' possivel entretanto que se-fixe em Paris.

De Hamburgo pretendé fazer uma excursão até Berlim e viajar pelo Imperio Allemão.

O seu filho, o sr. dr. Affonso Celso Junior, pretende ir á Hollanda consultar um especialista sobre a molestia de que soffre sua interessante e linda filhinha.

A's 21/2 horas da tarde despediram-se do visconde de Ouro Preto os srs. barão Homem de Mello e Rodolpho Dantas. Os viajantes do tombadilho agitavam saudosos os lenços.

Os officiaes do exercitô que os-acompanharam só deixaram o vapor quando este, ás 5 1/2 horas da tarde, singrava na altura da ilha das Enxadas.

O *Montevidéo* içou a flammula da marinha de guerra prusiana, em que é capitão de mar e guerra o commandante Boyd.

A bordo do *Montevidéo* o visconde de Ouro-Preto e sua familia occupáram quatro beliches, os de ns. 16, 17, 18 e 19.

O *Montevidéo*, que devia sahir ás 3 horas, sómente sahiu ás 5 1/2, por ter de descarregar a carga que tomára para a Bahia. Além das suas passagens, o visconde de Ouro-Preto teve de pagar á companhia allemã a indemnisação de 1.000 libras esterlinas, para que o vapor não tocasse na Bahia.

O *Montevidéo* tocará em S. Vicente para tomar carvão e d'ali seguirá para Hamburgo.

O visconde do Ouro-Preto passou os dous ultimos dias de residência nesta cidade, calmo e resignado.

Em conversa com amigos e parentes que o-visitaram, teve occasião de manifestar o seu conceito pelos actos do Governo da

Republica. Disse o derradeiro primeiro-ministro, que o Governo Provisorio «*procedia com perfeita orientação politica, que os seus actos revelavam muito patriotismo e rectidão.*»

No dia immediato a imprensa publicou o documento seguinte:

MINAS GERAES

Aos eleitores do 20.º districto

« Meus bons amigos.

« Parto hoje para a Europa, mas pretendo estar em breve de volta—sempre ao vosso dispôr.

« Ha oito annos, ininterrompidos, me-distinguis com a vossa confiança. Em 1881, quando me-elegestes pela primeira vez, eu era um menino; tinha 21 annos. Entretanto, a prova de que não faltei ás minhas promessas está na continuação do vosso mandato, a despeito de mil obstaculos. Espero não haver desmerecido do vosso conceito.

« Declaro-vos que sou candidato em qualquer eleição provincial ou geral que, porventura, venha a ter logar. Si vos não amordaçarem, compto ter ainda a honra de ser vosso representante.

« Meus titulos:—vosso criterio aprecial-os-ha. Meu programma:—oposição franca ao actual regimen.

« Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1889. — Dr. *Affonso Celso de Assis Figueiredo.* »

Posteriormente tivemos a respeito do sr. Ouro Preto os telegrammas seguintes:

Lisboa 14.

Chegou hoje a Lisboa, via Teneriffe o sr. visconde de Ouro Preto, ex-presidente do conselho do gabinete de 7 de Junho.

Todos de sua familia gosam saude e fizeram boa viagem.

Seus netos, mórmente os filhos do dr. Affonso Celso, desembarcaram, porém, na Europa um pouco abatidos pelo enjão.

O sr. visconde de Ouro Preto visitou o ex-imperador com quem teve uma longa e importante conferencia.

O acolhimento do ex-imperador foi tocante e amistoso.

O manifesto de s. ex. aos brasileiros está prompto e é documento de alta relevancia politica, quer sob o poncto de vista historico, quer sob o poncto de vista litterario.

S. ex. tem sido muito visitado e obsequiado pela melhor sociedade lisbonense, entre politicos, litteratos, banqueiros e juriconsultos.

— Chegou tambem o sr. Candido de Oliveira, que visitou o ex-imperador.

— A saude do ex-imperador do Brasil é muito lisongeira. Salvo uma ou outra demonstração de pesar, que não pôde sopitar, a integridade mental do sr. d. Pedro II é perfeita.

Conserva toda a lucidez de espirito e discreteia sobre os acontecimentos com muita isenção, emittindo juizo franco sobre as cousas, que se-têm passado.

O affirmar-se que a ordem de arriar a bandeira republicana içada pelo *Alagoas* foi dada por influencia de antigos diplomatas brasileiros actualmente aqui, é ballela a que não se-deve dar credito. A auctoridade portugueza cumpriu a lei, e a cumpriria fosse qual fosse a nacionalidade nas mesmas condições.

— Confirma-se a noticia de que o sr. d. Pedro Augusto, após a installação do ex-imperador em sua nova residencia irá a Austria visitar seu pae e seus irmãos. Elle já esta quasi restabelecido.

Lisboa, 20 :

Foi hoje publicado nas folhas d'esta cidade o manifesto do visconde de Ouro Preto.

O manifesto começa dizendo que a sedição militar foi promovida pelo *Diario de Noticias* e pelo *Paiz*, que em artigos violentos aconselhavam o exercito a revoltar-se.

Que o visconde de Maracajú nunca levou ao conhecimento do ministerio as queixas do exercito, e que indicou o Marechal Deodoro para seu substituto; que fez as promoções que quiz, deu as pensões a familias de militares, e propóz diversos titulos a militares, que foram agraciados.

Diz que recebeu muitos avisos anonymos, prevenindo-o de que o exercito pretendia revoltar-se, mas que o visconde de Maracajú sempre o-tranquillizou a esse respeito, e que o barão do Rio Apa affiançou sempre a lealdade do exercito e da armada ao governo imperial.

Attribue a opposição do chefe de divisão Wandenkolk a des-

peito; por não ter sido agraciado com um titulo de nobreza; despeito que já havia manifestado, recusando-se a concorrer ás eleições.

Diz que, depois dos factos occorridos no Club Naval, elle visconde de Ouro Preto preveniu aos seus collegas do ministerio, mas que o visconde de Maracajú affirmou nada temer; que a mesma resposta lhe-foi dada pelo ajudante-general do exercito general Floriano Peixoto, de quem publica uma carta, tranquillizando-o sobre os boatos da prisão do Marechal Deodoro,

Que o conselheiro Souza Ferreira aconselhou o governo a não prender o Marechal; que o governo não pensava em prendel-o, mas unicamente em reformal-o, si por acaso commettesse alguma falta.

Narra os acontecimentos do dia 15 e a sua conferencia com o general Floriano Peixoto. Este pediu o auxilio da armada e que se-déssem armas ao corpo de bombeiros.

Diz que no dia 15 de Novembro queria ficar no Arsenal de Marinha, mas que o visconde de Maracajú o-convidára a ir para o Quartel-General. Ahi chegando, notou a falta de preparativos para a resistencia, falta de que o visconde de Maracajú accusou o ajudante-general do exercito.

Seria impossivel resistir achando-se isolado, sem os meios de reagir victoriosamente, e que suppunha ter a seu dispôr.

Continuando a narrativa minuciosa dos acontecimentos, transcreve a resposta que deu ao Marechal Deodoro e contesla a verção dada pelo *Paiz*.

Descreve a entrevista que teve com o ex-imperador, a quem indicou o senador Silveira Martins para organisar novo ministerio.

Compta a sua prisão, os máos tractos por que passou, estando por vezes ameaçado de morte.

Que o-ameaçaram de fuzilamento no quartel de S. Christovam, como refem, si porventura se-verificasse qualquer signal de ataque á prisão.

Analysa os pretensos agravos do exercito; defende os seus actos e o seu programma democratico.

Discutindo a republica e a maneira por que foi realisada

affirma que teria sido evitada com as reformas liberaes, que esperava realisar dentro do programma do seu governo.

Diz que a federação é o fraccionamento do Brasil, e que a nação livre não supporta o actual regimen.

Aconselha aos seus amigos a lucta, por meio de comicios e pela imprensa.

Aconselha-os a pleitearem as eleições á Constituinte; e declara que elle e seu filho são candidatos.

Elogia o ex-imperador, que não abdicou dos seus direitos, os quaes ainda subsistem.— (*Gazeta de Notícias.*)

E' o seguinte o texto do telegramma do sr. ministro da fazenda, combatendo o manifesto do visconde de Ouro Preto.

« Latino Coelho.— Redacção do *Seculo.*— Lisboa.

« Saudamos e agradecemos a v. ex. seus grandes serviços á caus. dos Estados-Uuidos do Brasil.

« Temos aqui, por telegrammas, algumas noções ácerca do manifesto do visconde de Ouro Preto. Esse documento caracteriza o seu auctor, que retribue a magnanimidade da revolução, a qual lhe-salvou a vida, — calumniando-a.

« Diz elle ter estado em risco de ser fuzilado na prisão. Si o Governo Provisorio quizesse fuzilal-o, quem o-impediria? Insigne falsidade.

« Accusa de traição o visconde de Maracajú, seu collega de gabinete. Aleive tão palmar, que esse general foi reformado por nós logo apoz a revolução, pelo motivo de haver faltado ao exercito e á patria.

« Affirma Ouro Preto serem futeis os motivos da revolução. Entretanto, esses futeis motivos produziram estes resultados estupendos e grangearam ao movimento de 15 de Novembro o assenso universal do paiz.

« Os partidos liberal e conservador declaram-se dissolvidos. Os jornaes, órgãos d'essas parcialidades, dissiparam esse character ou cessaram de publicar-se. Apenas resta um órgão do visconde de Ouro Preto, interprete das paixões pessoas d'esse estadista.

« Affirma elle que suas reformas, si se realizassem, teriam obstado a revolução. Ora, foi justamente a opposição a esses projectos de reformas, especialmente no *Diario de Noticias* e no

Pais, apoiada na imprensa federal e republicana, que produziu a revolução, gerada nas aspirações federaes, que o ministerio Ouro Preto planejava esmagar.

« Esse manifesto é escripto para illudir a Europa.

« O nome do visconde de Ouro Preto é hoje abominado no Brasil, onde acaba de eleger uma camara unanime, a poder de reacção e corrupção inauditas, exercidas sobre um eleitorado altamente censitario.

« A idéa de restauração monarchica, é puro sebastianismo, ou ignorancia de especuladores ou tolos. D. Pedro está sendo explorado. Os antigos diplomatas imperiaes andam no mundo da lua.

« Pretensões de ingerencia das monarchias europeas no Brasil, si as ha, são simplesmente ridiculas. A Republica Brasileira terá por si a alliança offensiva e defensiva da America inteira.

« A prosperidade nacional cresce.

« Uma commissão nomeada pelo Governo organisa o projecto da Constituição.

« Outra elabora o regulamento eleitoral.

« Em breve será decretada a liberdade dos cultos e o casamento civil.

« Paz absoluta.

« As candidaturas de Ouro Preto e do filho foram recebidas com desprezo.

« Situação financeira segura. — *Ruy Barbosa*, ministro da fazenda. »

O sr. Latino Coelho respondeu:

« Agradeço vosso telegramma, que já foi publicado no *Seculo*. Os nossos serviços estarão sempre á disposição da Republica. »

O conde de Figueiredo recebeu de Inglaterra o telegramma seguinte:

Londres, 19 (ás 2,55):

O *Times* occupa-se com o manifesto Celso, pronunciando-se em sentido adverso a este e um tanto favoravel á Republica.

Lisboa, 19:

O partido liberal approva plenamente o telegramma do dr. Ruy Barbosa, publicado nos jornaes portuguezes, desmentindo os

dizeres do manifesto do visconde de Ouro Preto. — (*Agencia Havas.*)

O ulterior procedimento dos srs. Celso e de seus dedicados amigos determinou por parte do *Governo Provisorio* a necessidade da medida seguinte :

« O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do *Governo Provisorio*, constituído pelo exercito e armada em nome da Nação, considerando :

Que a manutenção da ordem e da paz interna da Republica é o principal dever do *Governo Provisorio* e constitue um interesse social superior a todas as conveniencias, quer de ordem politica, quer de ordem pessoal;

Que por actos positivos e manifestações publicas, detrimentes do character nacional e infensos á ordem da politica estabelecida pelo pronunciamento da opinião nacional, alguns cidadãos procuram fomentar, dentro e fóra do Brasil, o descredito da patria por agitações que podem trazer a perturbação da paz publica, lançando o paiz ás contingencias perigosas de uma guerra civil ;

Que por mais constrangedora que seja a necessidade de recorrer a medidas rigorosas, das quaes resultem limitações ao principio da liberdade individual, não se póde, comtudo, subordinar o interesse superior da patria aos interesses individuaes dos inimigos d'ella ;

Decreta :

Art. 1.º Ficam banidos do territorio nacional os cidadãos Affonso Celso de Assis Figueiredo, intitulado visconde de Ouro Preto, e Carlos Affonso de Assis Figueiredo.*

Art. 2.º Fica desterrado do territorio nacional, com a obrigação de residir em qualquer dos paizes do continente europeu, o cidadão Gaspar da Silveira Martins.

Sala das sessões do *Governo Provisorio*, Estados-Unidos do Brasil, em 20 de Dezembro de 1889, 1.º da Republica. — *Manoel Deodoro da Fonseca.* — *Aristides da Silveira Lobo.* — *Manoel Ferraz de Campos Salles.* — *Quintino Bocayuva.* — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães.* — *Eduardo Wandenkolk.* — *Ruy Barbosa.* — *Demetrio Nunes Ribeiro.* »

.....

O Governo Provisorio, logo na noite de 15, expediu um despacho telegraphico ordenando o aprisionamento do senador Gaspar da Silveira Martins, logo que abicasse ao Desterro o vapor, que o-conduzia com destino a ésta capital.

Do modo por que foi essa ordem executada deu-nos compta a *Cazeta de Noticias* de 24 de Novembro, no artigo que integralmente vou adscrever.

SILVEIRA MARTINS

Uma testemunha occular

« Um estimavel cavalheiro que acaba de chegar do Rio Grande do Sul, tendo viajado pelo *Rio Pardo*, referiu ao *Correio Paulistano* do seguinte modo os episodios que se-deram na cidade do Desterro, por occasião do aprisionamento do conselheiro Silveira Martins:

« O vapor sahiu de Porto Alegre no dia 12 do corrente, trazendo a bordo o senador Silveira Martins e todos os deputados eleitos pelo Rio Grande do Sul.

« O visconde de Pelotas, que deveria ter vindo pelo mesmo vapor, decidiu, á ultima hora, adiar sua viagem.

« A' sahida do paquete de Porto Alegre, teve o conselheiro Gaspar um grande acompanhamento, com guarda de honra e muitas manifestações populares e officiaes. Os mesmos factos reproduziram-se em Pelotas, por occasião da passagem do *Rio Pardo*.

« Ao chegar ao porto do Desterro no dia 15, ás 6 horas da tarde o conselheiro Gaspar Martins recebeu um telegramma expedido do Rio Grande, pelo dr. Pio da Silva. Manifestamente impressionado com aquelle despacho, cuja integra se-ignorava, chamou em particular o conselheiro Maciel e com elle conferenciou particularmente.

« Em seguida, mandou o conselheiro Gaspar que fossem chamados os commandantes dos paquetes *Victoria* e *Rio Negro* e com elles conferenciou.

« Nada transpirava até então.

« N'essa occasião, porém, desembarcaram alguns passageiros, e na cidade foram inteirados das occorrencias politicas da córte.

« Voltando a bordo, ás 8 1/2 da noite, os passageiros que tinham ido á terra, espalharam as noticias colhidas, e cujo conhecimento produziu grande impressão nos deputados e mais pessoas presentes.

« O conselheiro Camargo declarou que absolutamente não dava credito áquella noticia e que no dia seguinte chegaria o desmentido. O conselheiro Maciel parecia menos impressionado, apparentando certa indifferença a respeito das occorrencias.

« A's 4 horas da madrugada do dia 16, apresentaram-se a bordo do *Rio Pardo* um capitão, dous alferes e sessenta praças de linha.

« Dirigindo-se ao immediato do vapor, o capitão commandante perguntou pelo cidadão Gaspar Martins.

« Chamado *incontinentes* o conselheiro Gaspar foi-lhe dada pelo mesmõ official voz de prisão *á ordem do Governo Provisorio*.

« O conselheiro Gaspar Martins respondeu que — *obedecia á ordem de prisão*. Perguntou depois — *o que tinham feito do velho Imperador*.

« Conduzido á terra, em companhia do conselheiro Camargo, que espontaneamente o-acompanhou, o conselheiro Gaspar foi recolhido ao quartel de linha pela força que o-aprisionára.

« Mais tarde foram tambem á terra os outros deputados rio-grandenses, com excepção do conselheiro Maciel, que conservou-se a bordo até ás nove horas, seguindo tambem n'essa occasião a chamado do conselheiro Gaspar.

« Com excepção do conselheiro Camargo, que ficou na cidade do Desterro, voltaram todos os deputados para o Rio Grande, pelo paquete *Rio Negro*.

« Pouco depois de sua prisão, ainda a bordo, disse o conselheiro Gaspar que — *sentia que aquellas occorrencias não se tivessem dado tres dias antes*.

« Alludiu pessoalmente á circumstancia de se-achar ainda n'aquella occasião na provincia do Rio Grande, onde esperava organizar resistencia.

« O ex-deputado Vasques repetiu o mesmo dicto.

« Durante os dias 15 e 16, a cidade do Desterro conservou-se

tranquilla, havendo manifestações de regosijo; promovidas pelo Club Republicano e correspondidas por uma parte da população.

« A bordo do *Rio Pardo*, mandou o commandante lavrar um termo sobre a prisão do conselheiro Gaspar Martins, e convidou a assignal-o todos os passageiros que o-quisessem.

« Exquecia-me de mencionar que, na noite do dia 15, declarou-se republicano o ex-deputado Sr. Joaquim Pedro Soares, que «*não podia deixar de tomar esse alvitre, porque seu pae tinha sido tenente-coronel da mallograda republica rio-grandense.*»

« Alguns deputados suppozeram que o visconde de Pelotas tinha propositalmente adiado a partida, pelo *Rio Pardo*, porque já estava inteirado do plano da revolução e reservava-se para auxiliá-la no Rio Grande.»

A *Cidade do Rio* de 21 de Novembro publicou o seguinte:

« Por ocasião da prisão do Sr. Silveira Martins, a bordo do paquete nacional *Rio Pardo*, lavrou o commandante 1.^o tenente Ernesto do Prado Seixas, em seu livro de bordo, o seguinte:

« TERMO.— Hoje a bordo d'este paquete do meu commando ás quatro horas da manhã, achando-me no porto da cidade do Desterro, no ancoradouro da Praia de Fôra, fomos surpreendidos com a atracação de um escaler e um lanchão da capitania do porto, conduzindo uma fôrça armada do exercito, commandada por um capitão e dous alferes, e com a intimação que nos fizeram de arriar-se a escada do portaló, ao que se-obedeceu immediatamente.

« Subindo este capitão á tolda e perguntando pelo conselheiro Gaspar Silveira Martins, lhe-respondi que se-achava recolhido ao seu camarim; á vista da minha resposta, o mesmo official me-disse que tinha ordem de o-conduzir. A ordem de prisão não sendo regular, por não emanar da auctoridade competente, foi no emtanto obedecida pelo referido conselheiro e acatada por nós, á vista da fôrça que o-apoiava.

« Em seguida a ésta occurrencia, seguiu-se o desembarque do prisioneiro, ás cinco horas da manhã, acompanhado pelos dictos officiaes e fôrça.

« O que fica relatado, é a expressão da verdade, pelo que assignaram commigo a presente declaração os officiaes d'este paquete e alguns dos passageiros que presenciaram a occorrença citada.

« Ernesto do Prado Seixas, commandante — Joaquim Antonio Gadret, immediato—João Francisco Belém, 1.^o piloto—João Augusto Castanheira, 2.^o piloto — C. T. Miranda—Antonio Joaquim Bacellar—Carlos Marques do Couto—João O. Cooke — Procopio Gomes de Oliveira—Absalão Henrique Mendes—Antonio Martins de Gouvêa, engenheiro—Marcellino Ramos da Silva—J. S. Damasceno, engenheiro—José Augusto Ludolf—Augusto Coelho da Silva—Carlos Alberto Ribeiro de Mendonça, engenheiro—Tristão Ramos da Silva—Tito da Silva Paranhos—C. Coffiant—Junius Brutus Cassio de Almeida — Estacio Martins Sobrinho — Jacob Veingarther. »

No dia 22 de Novembro zarpou d'este porto a canhoneira *Parnahyba*, de viagem a Sancta Catharina para buscar o cidadão Silveira Martins.

Na *Parnahyba* seguiu uma commissão de alumnos da Escola Superior de guerra, composta dos Srs. Adolpho Peña Filho, Candido Mariano, Hastimphilo de Moura, João Baptista Neiva de Figueiredo, Augusto Tasso Fragoso, João de Albuquerque Serejo, Augusto Maria Sisson, Antonio José Vieira Leal, José Americo de Mattos, José Bevilacqua e uma commissão de cinco guardas-marinha,

Essa commissão acompanhou o cidadão Silveira Martins a esta capital.

GASPAR SILVEIRA MARTINS

A's 6 horas da tarde de hontem, regressou ao porto d'esta capital o cruzador *Parnahyba*, do commando do capitão de fragata Palmeira.

Trazendo a bordo o cidadão Gaspar Silveira Martins, cremos que a descripção da viagem d'esse navio pôde despertar interesse aos nossos leitores, por isso mesmo que ella se-liga a pessoa que representava papel politico saliente na situação que caiu com o regimen do governo monarchico e cujo nome filia-se aos ultimos acontecimentos.

Com viagem regular navegou o cruzador *Parnahyba* desde as 3 1/4 horas da tarde de 21 do corrente, quando deixou o nosso porto, até ás 11 horas e 5 minutos da noite de 23, em que enfrentou com o Anhato-mirim.

No dia 24, pela manhã, realizou-se a bordo completa cerimonia, ao arvorar o pavilhão da Republica, sendo dado então pelo *Parnahyba* uma salva de 21 tiros.

Pouco depois atracava ao cruzador o rebocador *Lomba*, conduzindo o governador do estado, que fez os seus cumprimentos á officialidade de mar e terra alli a bordo, e que com elle baixou á terra.

O povo, agglomerado no desembarcadouro, saudou com vivo entusiasmo ao commandante e officiaes do *Parnahyba*, á commissão de alumnos da Escola Superior de guerra e ao Governo da Republica.

No quartel do 25.º

A' 2 1/2 horas da tarde desembarcaram, em cumprimento da sua commissão, os 2.ºs tenentes de artilheria Vieira Leal, Peña, Bevilacqua e Sisson e alferes-alumnos Candido Mariano, Fragoso, Serejo, Americo de Mattos, Hamtimphilo de Moraes e Figueiredo, e seguiram para o quartel do 25.º batalhão de infantaria, onde já os-aguardava o governador do Estado de Sancta Catharina.

Em uma das salas do quartel encontraram o conselheiro Gaspar Silveira Martins deitado em um sofá. Ao vêr os officiaes levantou-se para recebê-los, assim como ao governador de Estado, que lhe-fez a apresentação official.

Disse-lhe o Governador que aquelles officiaes haviam sido encarregados pelo Governo Provisorio de acompanhal-o ao Rio de Janeiro.

O 2.º tenente Peña acrescentou em nome dos seus camaradas, que eram antes uma commissão do que uma escolta. O Governo Provisorio encarregando-os d'ella quiz dar uma prova da consideração em que tinha a influencia politica e os dotes intellectuaes do cidadão Gaspar Silveira Martins.

Este agradeceu e declarou que nada tinha a dizer sobre o tratamento que lhe-havia dispensado a briosa officialidade do 25.º

batalhão, mas que sentia ter o Governo Provisorio o-conservado incommunicavel, ao ponto de não lhe-ser permittido passar um telegramma tranquillizando a sua senhora.

Um dos officiaes replicou-lhe então que as circumstancias anormaes do paiz explicavam e justificavam as medidas de precaução tomadas pelo Governo Provisorio.

Depois d'essa entrevista, os officiaes da commissão visitaram a cidade e foram ao Club Republicano, sendo em toda a parte recebidos com grandes acclamações e vivas.

A's 5 horas da tarde voltaram ao quartel a receber o cidadão Gaspar Silveira Martins, que logo sahiu do quartel em companhia d'elles.

Grande massa de povo formava alas desde o portão do quartel até ao caes do embarque. O cidadão Gaspar Silveira Martins retribuiu os cumprimentos que lhe-eram dirigidos, calmo e sereno. Physicamente porém, mostrava-se abatido.

Na occasião do embarque despediu-se affectuosamente do tenente-coronel Villela.

Embarcou depois no rebocador *Lomba* com a commissão dos officiaes, chegando ao *Parnahyba* ás 8 horas da noite.

O cruzador, que levára a tarde e a noite a tomar carvão, sómente levantou ferro ás 6 horas da manhã de 25.

Em viagem

A bordo, o cidadão Gaspar Silveira Martins mostrou-se affavel com os officiaes da commissão e do cruzador.

Nessas conversas manifestou a sua opinião sobre os acontecimentos, taes e quaes os-conhecia.

Nunca fôra imperialista e no Imperio apenas via a conservação da unidade nacional.

Quanto á revolta do dia 15, via nella por ora ambições que governam; mas tarde virão as decepções e a necessidade de um governo energico para conservar a integridade da patria.

Apreciava o tractamento que lhe-dispensava o Governo Provisorio, pondo em uma das conchas da balança todo o mal que recebeu e em outra a sua abnegação em bem servir a patria.

Não resistiu á ordem de prisão, não recolheu-se a bordo do

vapor que seguia para o sul, como lhe-aconselhavam os seus amigos, porque preferiu aguardar as ordens do Governo Provisorio.

Estava orgulhoso pela sua prisão por ser um preso excepcional, não pelos vicios e crimes que commettesse, mas pelas suas virtudes e serviços á nação.

Nenhum brasileiro deve pensar em restabelecer a monarchia, já que a República está fundada. O dever de todo o cidadão é trabalhar pela organização de um governo serio e forte.

Desde que o Imperador acquiesceu em deixar o Brasil, a monarchia é um cadaver.

Poderia ter feito a Republica em sua provincia, mas não a quiz fazer, porque seria ella o desmembramento da patria.

Quando lhe-contaram que o visconde de Ouro Preto o-havia indicado ao imperador para organisar gabinete, disse que não accitaria tal incumbencia, ainda que pudesse cumpril-a, porque não tinha confiança no estado de saude do imperador.

Estava convencido de que o visconde de Pelotas sabia do movimento revolucionario, porque, pretendendo embarcar no dia 12, deixou de fazel-o, provavelmente por ter recebido avisos do Rio de Janeiro. Si estivesse no sul, accrescentou o cidadão Gaspar Silveira Martins, proclamaria a Republica, mas não subordinar-se-ia ás ordens do centro emquanto não houvesse um governo regular.

Nunca quiz confederar a provincia do Rio Grande aos Estados do Prata. Representante d'ella no senado e patriota, em caso nenhum abandonaria o Brasil para procurar estranho.

Só um ignorante em politica lhe-poderà attribuir pensamento diverso.

Actualmente as suas tendencias politicas são para um partido conservador republicano.

Provavelmente fará um manifesto escripto ao povo rio-grandense.

Chegada

Fundeado o *Parnahyba* em nosso porto ás 6 horas da tarde de hontem, o sr. Quintino Bocayuva, Ministro do Exterior, dirigiu-se em uma lancha a vapor do arsenal de marinha.

Na tolda do navio receberam-no com as devidas etiquetas o commandante e officiaes, com os quaes trocou o Sr. Ministro delicados cumprimentos, logo em seguida descendo á camara onde se-achava o Sr. Silveira Martins.

Com este conferenciou o Sr. Ministro de Estrangeiros cerca de tres quartos de hora, o que concludo, embarcaram os dous na mesma lancha, acompanhados dos alumnos da Escola Superior de guerra e alguns dos officiaes do *Parnahyba*.

Desembarcando no arsenal de marinha ás 7 1/2 horas da noite, os srs. Bocayuva e Silveira Martins foram recebidos pelo inspector d'esse estabelecimento, chefe de divisão Foster Vidal e seus ajudantes.

Ahi o sr. Bocayuva convidou o sr. Silveira Martins a utilizar-se do seu carro, acompanhando-o até á praia de Botafogo, onde tem sua residencia aquelle cidadão.

O cidadão Gaspar Silveira Martins garantiu sob sua palavra ao cidadão Ministro do Exterior a sua franca e leal adhesão ao Governo dos Estados Unidos do Brasil.

A detenção do sr. Silveira Martins tem sido diversamente interpretada e discutida, chegando seus amigos politicos ao extremo de consideral-a um attentado contra todos os direitos do cidadão.

Evidentemente assim não é; e um pouco de calma nol-o mostra.

O sr. Silveira Martins é um detento politico, d'esses que a história de todas as revoluções, em todos os paizes, em todos os tempos compta por centenas.

Sua detenção, nos termos e pelo modo porque foi feita, nem mais opportuna, nem mais conveniente, nem mais prudente, nem mais delicada podia ser feita.

Contestal-o é calumniar os factos, papel indigno de um homem de bem.

No dia 7 de Dezembro foi presente ao Supremo Tribunal de Justiça a petição seguinte :

« Exms. srs. Presidente e mais membros do Egregio Tribunal de Justiça — Os abaixo assignados, cidadãos brasileiros, domiciliados nesta cidade, vêm, de accordo com o art. 340 do Código do Processo Criminal, impetrar de vv. eex. uma ordem de

habeas-corpus em favor do cidadão brasileiro conselheiro Gaspar Silveira Martins, que se-acha soffrendo constrangimento illegal em sua liberdade.

« Preso no dia 15 do passado, escoltado para ésta capital em um vaso de guerra, são passados vinte e dous dias depois de sua prisão. Não lhe-foi communicada nota de culpa e entretanto o notavel brasileiro continúa privado de sua liberdade.

« A este Supremo Tribunal de Justiça, que é a garantia suprema dos cidadãos, recorrem os abaixo assignados, e, jurando o allegado, confiam que não lhes-será negada a ordem que ora impetram.

Nestes termos — E. R. M. — *Carlos M. Pimenta de Laet.* — *L. A. Pereira Simões.* — *Domiciano Leite Pinto.* — *Antonio de Medeiros.*

« Em additamento declaram os supplicantes que o conselheiro Gaspar Silveira Martins se-acha preso, por ordem do sr. chefe do Governo Provisorio, na casa de sua residencia á praia de Botafogo n. 188.

Era ut retro — *Carlos M. Pimenta Laet.* — *L. A. Pereira Simões.* — *Domiciano Leite Pinto.* — *Antonio de Medeiros.*»

Depois de demorada discussão, votaram negando o *habeas corpus* os srs. conselheiros Accioli de Brito, Buarque Lima, Souza Mendes, Queiroz Barros, Uchoa, Faria, Olegario, Andrade Pinto, Freitas Henrique e Bandeira Duarte.

O sr. Augusto Silva tinha-se declarado suspeito.

O sr. Costa Ferreira votou pela competencia do tribunal, e declarou que concederia o *habeas-corpus* requerido.

A *Tribuna Liberal*, órgão do sr. Ouro Preto, de onde sahiu a petição, não gostou do despacho e fez reparos malsoantes; entretanto é tão evidente a sem rasão que discutil-a chega a ocioso.

O Supremo Tribunal foi correctissimo em sua denegação; e, mais correcto (supponho eu) seria elle si, processando a petição, respondesse ao sr. Silveira Martins relendo a acta da sessão de 1878 em que foi julgado o *habeas corpus* requerido pelo thesoureiro das loterias da cõrte Saturnino da Veiga, preso pelo

então ministro da fazenda G. Silveira Martins. O detento de hoje havia de recordar-se da dupla violencia exercida contra o cidadão e contra o proprio tribunal, a quem mandou dizer por intermedio do procurador da corôa Sayão Lobato, que é o actual visconde de Sabará e Presidente do Tribunal, que lhe faltava competencia para conhecer de uma prisão decretada pelo governo.

Quem tudo isto exquece tão depressa, ou não tem o direito de discutir, ou tem o direito de dizer tudo quanto quizer. E' o caso da *Tribuna Liberal* a respeito do sr. Gaspar, o politico mais contradictorio, o homem das mais exageradas opiniões na opposição, e das mais despoticas theorias no poder; o homem de — *o poder é o poder...* !

Realizou-se no dia 22 de Dezembro pela manhã o embarque do cidadão Gaspar Silveira Martins, que, acompanhado de seu filho Alvaro, de 14 annos de idade, partiu ás 10 horas para a Europa, a bordo do vapor allemão *Lissabon*.

Poucas horas antes da sahida do navio, o sr. dr. Monteiro Manso, 5.º delegado, foi á casa do cidadão Silveira Martins para o fim de seguil-o até á bordo.

Tomando ambos um carro, dirigiram-se para o cães Pharoux, onde estava já uma lancha a vapor do arsenal de guerra, que os-conduziu ao *Lissabon* e com elles alguns amigos do politico rio-grandense, desejosos de fazerem as suas despedidas.

A bordo do paquete nada passou-se de notavel para com o cidadão Silveira Martins, que revelava a maior calma de espirito e até certo puncto alegria.

Approximando-se a hora da partida, regressaram á terra o dr. 5.º delegado e as pessoas que tinham ido ao embarque d'aquelle cidadão.

Como tenha o *Lissabon* de tocar no porto da Bahia, o Governo Provisorio fez acompanhar até ali o deportado politico pelo capitão Lyrio, do corpo de policia d'esta capital, que levou recommendação para que tal passageiro não baixasse á terra.

Offerece toda a importancia a conferencia, que, no trajecto de casa para o cães Pharoux, teve o cidadão Silveira Martins com o dr. Monteiro Manso, 5.º delegado.

A' cerca do seu deportamento, o sr. Silveira Martins expri-

miu-se de modo favoravel ao Governo, cujo acto chegou mesmo a applaudir, accrescentando que achava correcto o seu procedimento dictado pela necessidade de garantir a ordem e tranquillidade publicas.

Por maior que fosse a injustiça praticada com sua pessoa, não se-revoltaria nunca; affirmou que não havia conspirado e não conspiraria contra a Republica.

Disse que tinha idéas altamente democraticas e que, si já as não patenteou, foi para que se não as-considerasse suspeitas e partidas de quem cedia á pressão; mas que no estrangeiro poria o seu esforço ao serviço de sua patria, hoje Republica.

Accrescentou que não estava de accôrdo com as medidas de violencia e repressão exercidas pelo sr. visconde de Ouro Preto, como tambem com a attitude tomada pela *Tribuna Liberal*.

De resto, diremos que durante a noite de 21 e até 22 pela manhã conservou-se nas immediações da casa do sr. Silveira Martins uma força de cavallaria de policia, ao mando do capitão Domingos, para evitar qualquer possivel alteração da ordem, que pudesse incommodar o espirito do deportado politico.

O decreto de sua retirada do Brasil foi-lhe intimado antehontem á tarde pelo dr. 5.^o delegado.

Antes de levantar ferro o *Lissabon*, foram a bordo despedir-se do sr. Silveira Martins muitos amigos seus, entre os quaes os srs. conselheiro Alves de Araujo, barão de Sobral, dr. A. de Siquira, dr. Carlos de Laet e Antonio de Medeiros e pessoas de sua familia.

.....
O sr. Candido de Oliveira, por antonomazia o —*Marreco*, embarcou e foi-se, entregue ao mais solemne exquecimento, ao mais completo desprezo.

Quem d'elle fallou ou falla?... Quem por elle pergunta?...

.....
Todos os corpos militares, assim do exercito como da armada, deram brilhantes e eloquentes ordens do dia, commemorando os acontecimentos e incitando o patriotismo á dedicacão á patria e ao respeito ao Governo.

A Republica Argentina, além de reconhecer primeira e laudatoriamente o Governo Republicano do Brasil, teve demais gentilezas que força é jámais deslembrar.

Eis o que se-lê em *O País* de 5 de Dezembro :

O sr. ministro argentino d. Henrique Moreno recebeu hontem à noite, do seu governo, a seguinte nota telegraphica :

« Transmitto á v. ex. o decreto que v. ex. fará cumprir pelo cruzador *Argentino*, no que lhe-diz respeito. — Buenos-Ayres, 3 de Dezembro de 1889.

Considerando que o povo brasileiro proclamou a Republica, substituindo-a ao regimen monarchico na unica região sul-americana, onde se-manteve desde o grito libertador de Maio, lançado em 1810 na cidade de Buenos-Ayres ;

que este acontecimento robustece e prestigia as aspirações humanas até ao regimen das instituições livres, não sómente pela implantação das mesmas em um grande estado de tradições monarchicas, como tambem pela maneira culta, calma e magnifica com que a opinião publica operou a transição, sem que a violencia e o abuso do triumpho tenham ferido os sentimentos humanitarios do Brasil e do mundo ;

que, não obstante a Republica Argentina ter cultivado sempre sinceras e cordiaes relações com o monarcha d. Pedro II, ella não pôde assistir com indiferença ao advento da revolução institucional sul-americana defendida por San Martin e Bolivar na frente dos exercitos libertadores, que, partindo das margens do Prata e das costas do mar Caribe, passaram as mais altas cordilheiras, para acudir á cidade immortal do campo de Ayacucho ;

que a circumstancia de adoptar a Republica a fórma federativa, pela qual luctaram os argentinos até incorporar a sua lei fundamental, restringiu com maior vulto entre elles a revolução que proclamou os Estados-Unidos do Brasil, do que os reciprocos sentimentos que os povos e governo da Republica Argentina e do Brasil têm demonstrado com frequencia se-robustecem em presença da communitade de idéas politicas e institucionaes creadas pelos successos de 15 de Novembro ;

que a 19 do mesmo mez o Governo da Republica resolveu continuar suas relações diplomaticas com os Estados-Unidos do

Brasil, rendendo a devida homenagem á sua soberania, que no dia do recebimento s. ex. o enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil apresentou ao governo a circular do ministro das relações exteriores do seu paiz com dacta de 19 de Novembro, avisando ás Nações a proclamação dos Estados-Unidos do Brasil e annexando a carta autographa do chefe do poder executivo, que acredita o sr. barão de Alencar para continuar no desempenho das suas funcções, o Presidente da Republica, de accôrdo com os ministros, decreta :

Art. 1.º Celebrar, na fôrma ordenada por este accôrdo, o advento da Republica dos Estados-Unidos do Brasil, marcando para esse fim o dia 8 de Dezembro.

Art. 2.º Será arvorado em todos os estabelecimentos publicos, fortalezas e navios de guerra da Nação o pavilhão brasileiro.

Art. 3.º Os navios da armada nacional, surtos nos portos da Republica e no estrangeiro, embandeirarão em arco e farão as mais altas honras que pelas Ordenanças correspondem a este caso.

Art. 4.º O intendente municipal da capital da Republica será convidado para fazer na noite do dia marcado a illuminação das ruas, praças e monumentos publicos, e a promover o embandeiramento e illuminação dos edificios particulares.

Art. 5.º O ministro das relações exteriores visitará a s. ex. o enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil, fazendo-lhe sciente dos votos da Republica Argentina pela felicidade de sua patria na nova vida politica que inicia.

Art. 6.º Este accôrdo será especialmente communicado ao ministro plenipotenciario do Brasil e transmittido pelo telegrapho ao ministro da Republica Argentina.

Art. 7.º Os srs. governadores das provincias e territorio da Nação serão convidados a associarem-se a esta commemoção.

Art. 8.º Remetta-se cópia d'este accôrdo aos ministros do interior e da guerra e marinha para os devidos effeitos.

Art. 9.º Communique-se a Juarez Celman, Estanislão S. Ze-

ballos, Norberto Quirino Costa, W. Pacheco, Filemon Posse, Eduardo Racedo.

Saudo attentamente a v. ex.— *Estanisláo Zeballos.* »

A tanta, tão especial e tão distincta fidalguia respondeu o nosso Governo nos termos seguintes :

REPUBLICA ARGENTINA E BRAZIL

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, constituido pelo exercito e armada, em nome da Nação, considerando:

que o governo da Republica Argentina, por um acto de excepcional gentileza e alta demonstração da sua symphathia pelo Povo e pelo Governo dos Estados Unidos do Brasil, acaba de ordenar a celebração de uma solemnidade official pelo advento da Republica Brasileira, marcando para esse fim o dia 8 do corrente mez;

que essa prova de amizade e de elevado espirito americano constitue um novo penhor de segurança e estabilidade para as cordiaes relações existentes entre o Governo e o Povo da Republica Argentina e o Governo e o Povo dos Estados Unidos do Brazil;

que essa affirmação da solidariedade democratica dos paizes d'este continente assignala mais um progresso alcançado para a gloria commum dos dous povos e para a victoria do principio republicano, base das instituições que são a honra e que constituem a força dos Estados Americanos, que os honrosos conceitos do Governo Argentino, com referencia aos intuitos da revolução effectuada no Brasil a 15 de Novembro proximo passado e aos actos subsequentes a esse mesmo successo nos-elevam aos olhos do mundo civilisado e fortificam na consciencia nacional os altos e nobres intuitos, que presidiram ao glorioso movimento da transformação social e politica do Povo brasileiro;

que tão solemne acto de cortezia internacional, penhorando a gratidão do Governo e do Povo brasileiro, nos-impõe o dever de testemunhar, por uma reciproca demonstração, os sentimentos da fraternal amizade que nos-inspiram o Governo e o Povo da Republica Argentina;

Decreta :

Art. 1.º No dia 8 do corrente, será arvorada em todos os esta-

belecimentos publicos, fortalezas e navios de guerra da nação, o pavilhão argentino.

Art. 2.º Os navios de guerra nacionaes embandeirarão em arco e o pavilhão argentino será saudado por uma salva de 21 tiros ao romper do sol, ao meio-dia e ao pôr do sol.

Art. 3.º A' noite todos os edificios publicos, monumentos, praças e jardins, dependentes da administração geral, serão illuminados.

Art. 4.º Uma guarda de honra ficará postada, desde as 4 horas da tarde, deante do edificio onde tem residencia o exm. ministro da Republica Argentina, acreditado ante o Governo brasileiro, em homenagem ao mesmo sr. ministro.

Art. 5.º O ministro das relações exteriores visitará o exm. sr. enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Argentina para exprimir-lhe, em nome do Governo Provisorio, os seus agradecimentos, em nome da Nação, por delegação do Chefe do Poder Executivo, os seus votos pela felicidade da Republica Argentina.

Art. 6.º Este decreto será communicado ao ministro plenipotenciario da Republica Argentina e transmittido pelo telegrapho ao ministro do Brasil em Buenos-Ayres.

Art. 7.º Os governadores dos Estados bem como todo o povo brasileiro são convidados a associar-se a esta demonstração de sympathia e gratidão.

Art. 8.º Remetta-se cópia do presente decreto aos ministros do interior, da guerra e da marinha, para que seja cumprido na parte que a cada um pertença.

Art. 9.º Publique-se e archive-se.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, 6 de Dezembro de 1889, 1.º da Republica.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, Chefe do Governo Provisorio. — *Q. Bocagiva*. — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*. — *Eduardo Wandenkolk*. — *Ruy Barbosa*. — *Manoel Ferraz de Campos Salles*. — *Aristides da Silveira Lobo*.

Na *Gazeta de Noticias* de 7 se-lô:

O sr. presidente da Camara Municipal recebeu ante-hontem o seguinte telegramma :

« O intendente municipal de Buenos-Ayres sauda cordialmente o sr. presidente da Camara Municipal do Rio de Janeiro e o-felicita sinceramente pela proclamação da Republica no Brasil, congratulando-se que tenham partido da municipalidade do Rio de Janeiro, como partiram da de Buenos-Ayres, as primeiras manifestações de liberdade e de egualdade em defesa dos direitos do homem.

« Faz votos ardentes pela prosperidade d'esse formoso e adeantado paiz e para que as relações amistosas que unem nossos povos se-estreitem cada vez mais, hoje que nos-ligam idéas communs.—*Francio Seeber.* »

A este telegramma o sr. presidente respondeu nos seguintes termos :

« Sr. intendente da municipalidade de Buenos-Ayres.

« A Camara Municipal da Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil agradece as congratulações da Illustre Municipalidade de Buenos-Ayres e com ella faz sinceros votos pela perpetuidade dos sentimentos amistosos que ligam as duas grandes nações sul-americanas, cujo futuro será garantido pela sincera adhesão ás instituições democraticas que regem os dous povos.

« O presidente da Camara Municipal.—*José Ferreira Nobre.* »
D. Henrique Moreno recebeu o seguinte telegramma :

« Buenos-Ayres, 7.— Os governos das provincias e territorios firmaram decretos, honrando a festa de amanhã, e opportunamente serão enviadas cópias authenticas a v. ex.

O sr. ministro da guerra dirigiu ao estado-maior a seguinte communicação :

Buenos-Ayres, 5. — Para execução dos festejos organizados pelo accôrdo de 3 do corrente, para celebrar a proclamação da Republica dos Estados-Unidos do Brasil, determinará v. ex. que com os batalhões dos corpos da guarnição e do corpo de bombeiros se-organise uma parada militar, para a noite do dia 8, designado para os festejos.

Esses batalhões partirão da praça de S. Martin, seguirão pela rua Florida, em direcção á legação brasileira, afim de sau-

darem, em nome do exercito e armada argentina, ao exercito e armada brasileira, na pessoa do sr. barão de Alencar, ministro plenipotenciario do Brasil.

Seguir-se-á a parada com piquetes dos diversos corpos, sob o commando em chefe de um official do exercito argentino, que tenha compartilhado com o exercito brasileiro, das glorias e fadigas da campanha do Paraguay.

Este chefe será o encarregado de apresentar ao sr. ministro do Brasil as saudações do exercito argentino ao exercito brasileiro.— *Estanisláo Zeballos.* »

Ao cidadão ministro das relações exteriores foi transmittido o seguinte despacho :

« Buenos-Ayres, 8.— A Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores.

Receba um abraço fraternal.

O Brasil e a Republica Argentina, unidos, podem garantir a paz, o engrandecimento e a democracia na America latina.

Saudo aos republicanos e estadistas do Brasil.

Felicito aos membros do Governo e faço votos pela prosperidade d'essa patria *sem escravos e republicana.* — *Luis V. Varella.* »

O cidadão ministro da fazenda recebeu tambem o seguinte telegramma :

« Buenos-Ayres — 8, 11 horas e 45 minutos da manhã.

Ruy Barbosa, Rio.

Entre republicanos no puede haber fronteras morales.

La confraternidad debe ser la única ley futura entre Brazileros y Argentinos.

Me cabe espresar estos sentimientos a Bocayuva, Lobo, Wandenkolk, Benjamin Constant, Salles y Demetrio, aceptando nuestros votos para prosperidad y gloria de los Estados-Unidos del Brazil. — *General Mansilla.* »

Apresentando as suas justas desculpas, por não ter comparecido com os collegas de gabinete, o sr. dr. Ruy Barbosa, ministro da fazenda, enviou a d. Henrique Moreno, a seguinte carta :

« Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1889.— Exm. sr. Hen-

rique Moreno.— Anojado hoje pelo fallecimento de um parente e amigo mui caro ao meu coração, tenho de acrescentar a esse dissabor o de não poder comparecer á homenagem festiva que os membros do Governo Provisorio da Republica dos Estados do Brasil vão fender, na pessoa de v. ex., á Confederação Argentina.

Estarei, porém, presente em espirito á essa expressiva solemnidade, na qual tomo a maior parte; porque, como v. ex. sabe, não ha, n'este paiz, affeição mais entusiasta á Nação Argentina do que a minha. Em minha opinião a fraternidade entre os dous povos enlaçados pelo Prata é uma das leis fataes da politica internacional n'este continente, e espero que o advento do regimen republicano a-consagrará para sempre.

Acceitae, pois, a minha parte de gratidão no reconhecimento da minha patria pela grande cooperação moral com que o vosso acaba de sellar a era do nosso renascimento nacional, que desponeta.

E crêde-me, com a mais elevada estima, consideração e reverencia. — Muito affectuoso e dedicado servo. — *Ruy Barbosa.* »

Ao Presidente da Republica Argentina transmittiram os alumnos da Escola Superior de guerra este despacho:

« Juarez Celman — Buenos-Aires. — Alumnos Escola Superior de guerra saudam entusiasticamente grande povo argentino representado pessoa Juarez Celman, agradecendo jubilosos homenagem prestada regeneração patria e victoria democratica synthetisada proclamação.

Buenos-Ayres, 8:

Os estudantes universitarios da Republica Argentina saudam a seus companheiros do ex-imperio pela sua incorporação á democracia americana.

Pariz, 8:

O conselho municipal d'esta cidade votou uma mensagem ao Governo Provisorio felicitando-o pela proclamação da Republica do Brasil. — (*Agencia Havas.*)

Montevideo, 8:

Hoje celebram-se festas officiaes pelo reconhecimento da Republica brasileira.

Os edificios estão embandeirados e os navios de guerra orientaes e a fortaleza do Cerro dão salvas.

As bandas de musica militares tocam nas praças.

A' noite haverá illuminação em todos os edificios publicos ; no theatro Polytheama effectuar-se-á um spectaculo, em que se cantará uma opereta.

Os Brasileiros, reunidos no Centro Brasileiro, festejam o reconhecimento do seu Governo.

Buenos-Ayres, 8 de Dezembro á noite (recebido a 9)

Realizou-se hoje, com grande solemnidade a manifestação em honra da Republica do Brasil. Todos os edificios publicos e muitas casas particulares estão enfeitados. A procissão civica esteve imponente pelo grande numero de sociedades que nella tomáram parte.

Uma commissão foi á casa do barão de Alencar, ministro plenipotenciario do Brasil, para saudal-o, sendo nesta occasião pronunciados brilhantes discursos.

O tempo conservou-se magnifico.

Nas ruas ha muita animação ; grande concorrencia de povo percorre as principaes.

Chegáram ha pouco telegrammas de La Plata e Rosario annunciando que nestas cidades a festa esteve imponente, tomando parte nas manifestações os membros dos corpos constituidos, tropas alumnos das escolas publicas e grande numero de sociedades e corporações com os seus estandartes.

Continuáram até tarde os festejos nesta capital.

Montevideó, 8 de Dezembro á noite (recebido a 9).

A festa realisada hoje em homenagem á Republica Brasileira correu com a maior animação. Durante o dia houve salvas de artilheria ; todos os navios surtos no porto embandeiraram e corresponderam ás salvas.

Na cidade, a maior parte das casas estavam enfeitadas.

Os edificios do parlamento e da chefatura de policia, o palacio do governo, a legação do Brasil, a casa do secretario da legação,

e muitos outros edificios publicos e particulares foram illuminados a giorno.

No theatro Solis houve espectaculo de gala, ao qual assistiram o general Tajes, presidente da Republica, varios membros do governo e do parlamento, o corpo diplomatico e consular e grande numero de personagens officiaes, brasileiros e uruguayos.

Nas ruas foram dados muitos vivas á Republica do Brasil pelo povo manifestante.

Vieram do interior hoje muitas pessoas para assistir á festa. Tudo correu com a maior ordem possivel.

Buenos Ayres, 8.

As festas aqui celebradas para commemorar o grande acontecimento da proclamação e reconhecimento da Republica Brasileira formam o assumpto principal dos jornaes d'esta capital.

O aspecto da cidade é deslumbrante. Governo e povo dão testemunho do verdadeiro regosijo de que todos se-acham possuidos.

Por toda a parte fluctuam as bandeiras do Brasil e da Republica Argentina entrelaçadas.

O presidente d. Juarez Celman e o ministro das relações exteriores dr. E. Zeballos, acompanhados de grande sequito, visitaram o ministro brasileiro dr. Leonel de Alencar, havendo nessa occasião troca de saudações e discursos significativos dos sentimentos de fraternidade que animam ambas as nações.

A' hora marcada começou a desfilar a procissão civica, formada por mais de 30.000 pessoas, na qual distinguiam-se: Associação da Imprensa, o conselho municipal desta cidade, circulos militares de diversos corpos, membros proeminentes da colonia brasileira, clubs gymnasticos e de esgrima, Progreso Argentino, gremios politicos, centros republicanos e sociedades estrangeiras.

No enorme cortejo organizado sobresahia o carro allegorico que produziu effeito electrificante, sendo sobre elle atiradas flores em profusão e delirantemente saudado pela população.

Quatorze excellentes bandas de musica faziam parte do prestito e executavam brilhantes trechos durante o tracto.

Enorme quantidade de bandeiras erguia-se da columna dos

manifestantes e dava ao conjuncto uma imponencia de grande effeito.

Chegando a procissão civica á legação brasileira, orou o dr. Manoel Gorostiaga, presidente da Associação da Imprensa, saudando em termos entusiasticos o memoravel acontecimento da rehabilitação de vasta porção do continente sul-americano.

Respondeu o dr. Leonel de Alencar em palavras eloquentes que sellavam os sentimentos amistosos do seu paiz e a gratidão de que se-sentia possuido ante a manifestação de amizade que a Republica Argentina consagrava ao povo brasileiro.

A esses discursos seguiu-se grande ovação.

A's 8 horas da noite effectuar-se-á o concerto annuciado, em que tomarão parte todas as bandas de musica militares.

Os edificios publicos, muitas casas, sociedades, etc., desfraldaram bandeiras e fizeram pomposa illuminação.

Tropas e povo rivalisam nas demonstrações de regosijo, dando a esta festa grande brilho e espontaneidade.

A noticia dos festejos decretados no Rio de Janeiro foi aqui recebida com extraordinaria satisfação.

Por deliberação da commissão de festejos fundiram-se canhões da batalha de Ituzaingo, afim de erguer-se uma estátua. que rememore o acontecimento que ora se-celebra.

Buenos-Ayres, 9 de Dezembro :

A' frente da procissão civica, realizada hontem, ia o carro allegorico da Liberdade illuminando o mundo, ornado com as côres argentina e brasileira e jockeys com vestimentas das mesmas côres.

A' noite houve *retreta* e marcha de fogaréos composta das musicas de artilheiros, engenheiros, bombeiros, 1.º, 4.º, 5.º, 6.º 7.º de linha, tendo como guarda de honra um piquete de cavallaria commandado por um coronel. Perçorreu a rua Victoria e ao passar em frente da legação brasileira, o coronel Garmendia pronunciou um discurso, respondendo em breves palavras o ministro brasileiro. Depois formou em frente do Club Republicano Brasileiro, que estava brilhantemente illuminado, tocando as musicas durante uma hora.

Entraram no club os generaes Lavalle, Maria Campos, Man-

cilla, muitos officiaes superiores e subalternos, o dr. Luiz Varella e diversas notabilidades politicas.

Foi servida uma profusa merenda e ao champagne foram pronunciados notaveis discursos pelos srs. Araujo, chanceller do consulado, general Mancilla que elogiou o general Deodoro e o exercito brasileiro e dr. Varella que recordou o ex-imperador.

Oraram mais o general Lavalle, coronel Garmendia, Manoel Costa Amaro e Pena.

Antes a sociedade União Franceza e Enfants Bérenger visitaram o club, tocando as respectivas bandas a «Marselhesa». Houve Champagne e discursos, saudando o sr. Falque pela fraternidade das republicas franceza e brasileira.

El Censor elogia muito os republicanos brasileiros.

Montevideo, 9 de Dezembro:

Os edificios publicos e muitas casas particulares illuminaram-se hontem, em honra do Brasil, achando-se adornados o consulado e os clubs brasileiros.

O governo mandou apresentar felicitações ao ministro brasileiro.

O violinista Lizaraldo deu um concerto em honra do Brasil, havendo tambem concertos no theatro Solis e festa no Club Brasileiro.

Buenos Ayres, 9.

Foi extraordinario o exito das festas projectadas em honra da Republica Brasileira.

O concerto musical, no qual tomaram parte vinte bandas de musica, produziu um effeito maravilhoso.

O coronel Garmendia presidiu-o.

O mesmo coronel, de visita na legação brasileira, pronunciou um importante discurso perante numeroso auditorio, saudando o exercito brasileiro.

O ministro dr. Leonel de Alencar, em phrase alevantada, agradeceu em nome da nação que representava aquella alta demonstração de cordial amisade e acabou levantando vivas a ambos os paizes, no que foi estrepitosamente correspondido.

A' noite organisou-se um immenso prestito, que desfilou em virtuosa «marche aux flambeaux» por diversas ruas desta capital no

meio de multidão de povo que repetidamente erguia vivas ao governo brasileiro, ao Marechal Deodoro e Quintino Bocayuva.

Toda a cidade deu testemunho de que partilhava o regosijo popular, illuminando e embandeirando com a mais rara espontaneidade.

Os jornaes do dia alongam-se em descripções relativas á festa. E n' *O Paiz* de 8 lê-se:

« O sr. ministro argentino obsequiou-nos com a remessa da cópia de um telegramma, que lhe-foi enviado pelo seu Governo, nos seguintes termos:

« Segundo o accôrdo, celebrado pelo Governo desta nação, pelo qual se-decretaram as festas que effectuar-se-ão aqui para commemorar a proclamação da Republica Brasileira, este ministerio resolveu que no dia 8, á noite, se-realise uma grande marcha, em que tomarão parte as bandas de musica unidas de todos os corpos da guarnição, as quaes sob as ordens de um chefe caracterisado visitarão a legação do Brasil, afim de saudar na pessoa do sr. ministro e em nome do exercito argentino ao bravo exercito brasileiro, seu companheiro de gloria e seu alliado sempre fiel e irmão nos dias de perigo.—*E. Racedo.*»

Posteriormente temos recebido os seguintes telegrammas:
Lisboa, 10.

O principe D. Pedro vae gozando saude no que respeita á parte physica de seu organismo. Quanto ao moral, continúa verdadeiramente desfeito, máo grado as distrações que lhe-são instantemente offerecidas por seus primos.

— Consta que projecta-se um enlace com o fim de desviar suas apprehensões moraes, que são extraordinarias. O ex-imperador e toda a familia ex-imperial envidam esforços para acalmal-o. Pouco têm conseguido.

— A noticia de que D. Pedro havia rejeitado a avultada dadiua de 5.000:000\$ que-lhe fôra feita pelo Governo revolucionario, tem ecoado agradavelmente no espirito publico europeu.

— A insistencia do ex-imperador em não abdicar de seus direitos é apreciada como resolução de grande alcance politico futuro.

— Nestes oito dias são aqui esperados os srs. Lafayette,

Ouro Preto e Candido de Oliveira, que conferenciaram com o ex-imperador.

Lisbôa, 10.

O sr. D. Pedro de Alcantara e sua familia têm sido hoje muito visitados no hotel Bragança por personagens politicas e litterarios portuguezes e estrangeiros.

De Paris, de Londres e de outras capitaes da Europa, tem sido dirigidos telegrammas cumprimentando-o com os mais fervorosos votos pela sua felicidade.

Tanto o ex-imperador como a ex-imperatriz estão de perfeita saude.

D. Pedro de Alcantara, a sra. d. Thereza Christina e os condes d'Eu, deram hoje pela manhã um passeio a Cintra em trem ordinario, regressando á tarde ao hotel.

O principe d. Pedro Augusto tem estado doente, mas o seu estado não é grave.

O paquete *Alagoas* arvorou hoje com solemnidade a bandeira dos Estados-Unidos do Brasil.

O signo da Republica tem excitado muita curiosidade, sendo em geral muito bem recebido o acto do Governo Provisorio, que conservou as antigas côres brasileiras.

Lisboa, 11.

O ex-imperador e sua consorte partirão d'aqui em fins d'este mez, indo para Pau ou para Cannes.

Os condes d'Eu partem no dia 13 para Sevilha.

O sr. d. Pedro de Alcantara visitou hoje a Escola Polytechnica, assistindo a diversas aulas. A' sahida foi victoriado pelos estudantes.

O sr. d. Pedro de Alcantara projecta fazer brevemente uma viagem á provincia do Minho. (*Gazeta de Noticias.*)

Lisboa, 11.

O paquete *Alagoas* esteve dous dias sem bandeira. Arvorando hoje a nova bandeira, o capitão do porto foi a bordo dizer que o direito maritimo não permittia que fosse arvorada bandeira não reconhecida.

A bandeira foi arriada immediatamente. (*Gazeta de Noticias.*)

Lisboa, 11.

O governo de Sua Magestade Fidelissima prohibiu que no

paquete brasileiro *Alagoas* continuasse arvorada a bandeira dos Estados Unidos do Brasil, por não haver ainda reconhecido o novo Governo do Brasil.

Essa ordem foi intimada hontem em termos os mais cortezes e delicados ao commandante do *Alagoas* pelo capitão do porto.

O commandante do *Alagoas* obedeceu, não hasteando na manhã de hoje a bandeira brasileira.

Attribue-se esse acto do governo portuguez a suggestões de antigos diplomatas imperiaes, que se acham nesta cidade e rodeiam o ex-imperador.

D. Pedro recebeu hontem, entre muitas pessoas distinctas, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chegas e João de Deus. Nenhuma referencia se fez aos acontecimentos do Brasil. Fallando de Cintra, o ex-imperador disse lembrar-se com saudades da sua querida Petropolis, e commoveu-se tanto que lhe-subiram as lagrimas nos olhos.

— O dr. André Rebouças, que acompanhou D. Pedro até Lisboa, fixa residencia nesta capital.

Pariz, 19:

O boato relativo á attitude da Russia para com o Governo Provisorio da Republica dos Estados-Unidos do Brasil não está confirmado; correm a este respeito noticias contradictorias, e informações authenticas não se-puderam obter ainda.

Crê-se, entretanto, que o governo russo seguirá n'este assumpto a norma adoptada pelos outros governos europeus.

New-York, 19:

Noticiam de Washington que no correr de um discurso, pronunciado perante o senado, o sr. senador Morgan felicitou aos brasileiros por terem estabelecido a republica no seu paiz, e convidou o governo norte-americano para reconhecer officialmente a nova fôrma de Governo do Brasil.

— Noticias de Pariz dizem ter-se realizado naquella cidade uma bella e commovente festa de confraternidade politica: foi o banquete commemorativo da proclamação da Republica Brasileira. Realisou-se com grande pompa no salão do hotel Continental, soberbamente ornamentado para esse fim.

Entre outros cavalheiros assistiram a esse banquete com-

memorativo os srs. Henrique Monat, Lucrecio Fernandes, Antonio Cunha, Domingos Theodoro, Betim Paes, Virgilio Rezende, Augusto de Azevedo, Duarte Pimentel, Simões da Fonseca, Indalecio Camargo, João Vianna, Chamont, Souza Leite, Ramiro Affonso Monteiro, Paulo Fonseca, Antonio Ayrosa, José Chaves, João Magalhães, Ricardo Baptista, dr. Antonio Carvalho, Avelino da Costa, dr. Urbano Marcondes, Napoleão Level, J. Dutra, J. Vianna, G. Ramos, J. Niemeyer, dr. Ferro Cardoso, Pacifico Mascarenhas, Gonçalves Ramos, dr. Oscar de Araujo, Franklin de Lima, Souza Freire, Leopoldo Corrêa Netto, etc., etc.

Estavam presentes os redactores das importantes folhas parisienses: *La Paix, Le Paris, La Lanterne, Le Radical, La Justice, Le XIX Siècle, L'Événement, Le Temps, Le Figaro*, etc., etc. De Lisboa, um representante d'*O Seculo*.

Houve calorosos e entusiasticos brindes ao Governo da Republica Franceza e ao Governo Provisorio do Brasil, á marinha brasileira, ás artes e ao trabalho do Brasil, á imprensa franceza, etc.

Por telegramma de Pariz. Ademas que o ministro dos negocios estrangeiros, sendo interrogado na camara dos deputados pelo sr. Spuller sobre os acontecimentos do Brasil, respondeu elogiando o procedimento prudente do Governo Provisorio, e acrescentando que « o governo republicano prometteu salvaguardar todos os compromissos do imperio; o poder de facto estabelecido no Rio de Janeiro pôz-se em relação com o agente francez, o qual recebeu ordem de continuar com elle as boas relações que mantinha com o governo do ex-imperador; esta decisão foi acolhida com satisfação pelo novo Governo; nem de uma nem de outra parte se-fez notificação official; o novo Governo aguarda provalmente haver entregado os seus poderes á nova camara para dirigir ás potencias a notificação official. »

Lisbôa, 27.

Dizem pessoas bem informadas que o governo portuguez procura explicar razoavelmente o incidente que occorreu com o commandante do vapor *Alagôas*, a respeito da bandeira da Republica Brasileira, quando estava este navio aqui ancorado.

Do que circula ácerca d'este assumpto, deprehende-se que o incidente terminará por perfeito accôrdo entre os dous paizes.

Montevideó, 22.

Realizaram-se hoje com grande pompa as festas que o Governo Oriental tinha decretado em homenagem á Republica Brasileira, commemorando o seu reconhecimento official.

Esta capital apresentava um aspecto bellissimo, achando-se as ruas, casas e edificios publicos embandeirados e illuminados.

As bandeiras oriental e brasileira fluctuavam enlaçadas, sendo constante e delirantemente saudadas pela multidão que circulava compacta pelas ruas. Reinou sempre a maxima harmonia e ordem.

..

A's 2 horas da tarde de 28 de Dezembro falleceu no aposento do hotel em que se-achavam no Porto hospedados o sr. d. Pedro de Alcantara e sua familia, a sra. d. Thereza Christina Maria, ex-imperatriz do Brasil.

A ex-imperatriz falleceu quasi repentinamente; e, apesar de seu estado de saude não ser satisfactorio, ninguem esperava por esse desfecho fatal. Momentos antes do seu fallecimento, houve uma conferencia entre o conde de Motta Maia e o dr. Gamacho, os quaes diagnosticaram uma congestão pulmonar, e verificaram a existencia de uma lesão cardiaca.

O ex-imperador visitava a bibliotheca, quando recebeu aviso de estar gravemente enferma sua virtuosa consorte. Dirigiu-se logo para o hotel, porém, quando alli chegou já a boa senhora tinha fallecido. A triste noticia foi communicada pelo abbade de Sancto Ildefonso, que ouvira a ex-imperatriz em confissão, e lhe-havia ministrado os ultimos sacramentos.

Ao ter noticia do ataque de que succumbiu a ex-imperatriz, Sua Santidade mandou-lhe logo a sua benção *in-extremis*, mas o telegramma do secretario do Papa chegou depois do fallecimento.

O sr. d. Pedro de Alcantara manifestou juncto ao corpo a mais pungente dôr, e na sua afflicção perdeu a reserva habitual. Rodeavam-n'o as pessoas da sua comitiva, o governador civil, auctoridades da cidade e pessoas e familias de distincção, que haviam acudido á noticia da catastrophe.

Recolheu-se em seguida ao quarto, e transmittiu a el-rei d. Carlos um telegramma, pedindo que o cadaver de sua consorte fosse depositado no Pantheon Real, em S. Vicente de Fóra. El-rei respondeu immediatamente, satisfazendo o pedido de seu tio.

O conde de Motta Maia prohibiu ao sr. d. Pedro de Alcantara a leitura dos jornaes.

O infante d. Affonso partiu para o Porto.

Foram suspensos os espectaculos, em signal de pezar. A noticia do fallecimento da virtuosa senhora produziu em Lisboa dolorosissima impressão.

O cadaver foi embalsamado e velado pela baroneza de Japurá e irmãs de caridade. O rosto apresentava uma expressão serena e tranquillã. O enterro realisou-se no dia 7 de Janeiro. A's portas do hotel reuniu-se grande multidão de curiosos.

O corpo da ex-imperatriz do Brasil foi transportado do Porto para Lisboa. Por determinação d'el-rei foi depositado em S. Vicente de Fóra. Foram expedidos telegrammas para os condes d'Eu, na Hespanha. Foram éstas as ultimas palavras proferidas pela ex-imperatriz d. Thereza Christina: « Sinto a ausencia de minha filha e de meus netos; não os posso abençoar pela ultima vez. « Brasil terra linda, não posso lá voltar... »

— O presidente Carnot enviou ao sr. d. Pedro de Alcantara um telegramma, dando affectuosos pezames.

O sr. d. Pedro de Alcantara voltou para Lisboa, e, acceptando o offercimento de d. Carlos, irá residir em um dos palacios reaes, onde viverá isolado.

Os padecimentos do ex-imperador têm-se aggravado muito, e o seu estado começa a inspirar serios cuidados.

Chegaram ao Porto os condes d'Eu no dia 30.

D. Thereza Christina Maria era filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias, e nasceu no dia 14 de Março de 1822. Casou por procuração em 30 de Maio de 1843, e em pessoa em 4 de Setembro do mesmo anno.

Foi, portanto, com 21 annos de idade que cingiu a corôa imperial d'este grande paiz de que fez a verdadeira e unica patria, e que amou com toda a sinceridade.

.....

O Governo Provisorio, com a mais louvavel e operosa sollicitude, tem a tudo procurado attender com medidas da mais exacta sabedoria, da maior conveniencia e da mais escrupulosa moderação.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL.— Foi nomeada uma commissão, composta do conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, presidente; drs. Americo Brasiliense de Almeida Mello, vice-presidente; Antonio Luiz dos Santos Werneck, Francisco Rangel Pestana, José Antonio Pedreira de Magalhães Castro, vogaes; para elaborar um projecto da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil, afim de ser presente á Assembléa Constituinte.

HYMNO.— Pelo Ministerio do Interior mandou-se publicar o seguinte:

« De ordem do sr. Ministro dos Negocios do Interior faço publico que, até ao dia 31 de Dezembro proximo futuro, acha-se aberto n'esta Direcção concurso para a musica destinada ao hymno da Republica Federal dos Estados Unidos do Brasil, cuja letra fica á disposição do publico na mesma Directoria.

« Dos trabalhos apresentados será preferido o melhor, á vista de parecer de uma commissão de pessoas competentes nomeada pelo ministro do interior.

« 3ª Directoria da Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, 22 de Novembro de 1889.— O Director, Dr. *Campos de Medeiros.*»

A letra para o hymno é do sr. Medeiros e Albuquerque.

.....

O ardente patriotismo dos brazileiros, insaciavel em suas manifestações, sem medir possibilidades, visou o alto objectivo do pagamento da dívida externa do Brasil por uma subscrição nacional.

Convencido logo da impossibilidade de fazel-o, convergem actualmente seus esforços para o pagamento da divida interna, e n'esse sentido affluem todos dias as subscrições, cuja totalidade já muito avulta.

.....

28

Corrigendas e Addicções.

Na pagina 40, todo o 3.º periodo deve lêr-se do modo seguinte :

Já no ministerio Cotegepe, no começo de 86, por questões entre o coronel Cunha Mattos e o deputado Simplicio Rezende (do Piahy), entre o tenente-coronel Madureira (hoje fallecido) e o senador Franco de Sá (do Maranhão), o ministro da guerra de então, sr. Alfredo Chaves, mandára lançar notas contra esses dous dignos officiaes por, dizia elle, terem irreverenciado seus superiores hirarchicos (?)

Na pagina 46, linha 27, deve lêr-se — tenente-coronel Leite de Castro — e não — tenente-coronel Gomes de Castro.

Na pagina 47, linha 22, em vez de — Nobre de Vasconcellos — deve lêr-se — Nobrega de Vasconcellos. — E a palavra final d'esse mesmo periodo, na linhas 26 a 27, deve lêr-se — cornetas — e não clarins.

Nas paginas 103 a 105 desde o periodo que começa — Então o dr. Aristides Lobo, Quintino, etc — até ao periodo que acaba por — VIVA A REPUBLICA BRASILEIRA —, quanto ali se-lê me-foi pessoalmente referido e dictado pelo sr. tenente-coronel Solon, na presença do estimavel — proprietario d'O Povo.

Faço esta declaração á vista das muitas contestações que, sobre esses periodos, me hão sido feitas por muitos dignos srs. officiaes, os quaes bem sabem que, por muitas inexactidões, eu tive de mandar reimprimir este livro desde a pagina 49 até á pagina 96.

Na pagina 107, quando tracta da deposição do ex-commandante do corpo de policia de Nicteroy, ha inexactidão.

O sr. Honorio Lima, ao desembarcar nesta cidade, foi logo ladeado pelo sr. tenente-coronel Fonseca e Silva, ao qual não cedeu o commando; na rua Primeiro de Março o sr. Fonseca e Silva, depois de obter a ordem do Marechal para assumir o commando pediu a espada de um alferes e, mesmo sem banda, apresentou-se ;

o sr. Honorio Lima entregou o commando ao sr. major Deschamps, e foi entender-se com o Marechal, o que só conseguiu fazer quando este já voltava pelo campo para sua residencia; ahi perguntando elle ao Marechal si era effectiva a sua deposição, este lhe disse: « *sim; e não obrigue-me a mandar prendel-o* »; o sr. Honorio ainda embarcou montado, foi a Nicteroy, lá tomou o carro, e, só depois de chegado ao quartel, foi que largou o commando do corpo, isto mesmo sem dar ordem do dia que o consigne, o que peremptoriamente disse ao sr. Fonseca e Silva, entre phrases de civica altivez.

Na pagina 126, linha 25, diz:—A's 7 horas da noite um official de cavallaria, etc.—Esse official foi o sr. capitão Miner-vino do 7.º de infantaria.

E foi esse mesmo official que, por espontaneo offerecimento, foi de mando do Marechal Deodoro dizer aos ministros depositados do gabinete Ouro Preto que podiam retirar-se da secretaria da guerra, onde se-conservavam medrosos, porque o 7.º garantiria suas vidas.

Ao receber tal declaração, o sr. Maracajú, que ainda escrevia em uma mesa, disse ao capitão: « pois sim; mas eu não tenho nem quero nada com o sr.; entenda-se alli com o sr. general. »

O capitão de prompto respondeu-lhe: « eu tambem nada tenho nem quero com v. ex. Venho aqui cumprir ordens do Marechal presidente da Republica constituida ». E voltando-se para a General Floriano Peixoto, que alli se-achava, sentado em um sofá, disse: « v. ex. tudo acaba de ouvir, portanto aqui agora ninguem mais competente para resolver ». E retirou-se.

Ao passo que aqui na capital federal occorriam os factos descriptos antecedentemente no correr d'este longo capitulo, na capital do Pará no dia 15 e 16 de Novembro escrevia o major Maciel da Costa a esplendida página de gloria, que, publicada na *Gazeta de Noticias*, vou aqui transcrever:

« O major Maciel da Costa, na tarde de 15 de Novembro, recebeu, no Pará, communicação de que se-operava o movimento revolucionario n'esta capital. Sem hesitar, não sabendo entretanto se-triumpharia a causa republicana, dirigiu-se immediatamente ao

quartel do 4.º batalhão de artilharia, e conferenciou com o respectivo commandante, tenente-coronel Bento José Fernandes, a quem declarou que arrostaria todos os perigos pela idéa democratica, e que iria n'aquelle momento proclamar a republica no Estado do Pará. Respondeu-lhe o tenente-coronel Bento Fernandes que comptasse com o seu concurso.

« Apezar de ameaçado pelo ex-commandante das armas, brigadeiro José Angelo de Moraes Rego, que lhe-disse que o-mandaria fuzilar, si se-rebellasse, o major Maciel da Costa passou a noite com o seu batalhão de promptidão, e no dia seguinte, 16, proclamou a republica, sendo auxiliado pelos officiaes do 15.º batalhão e do 4.º de artilharia de posição, e pelos corpos de policia e de bombeiros.

« Não foi sem grande risco que o bravo militar realisou a sua gloriosa empreza. E si não fôra o seu tino, a sua prudencia e circumspecção, certamente teria havido renhida lucta, teria corrido sangue na capital d'aquelle Estado, porquanto estava o ex-presidente, Silvino Cavalcante, resolvido a resistir, comptando com os corpos de policia e de bombeiros.

« O major Maciel da Costa nomeou uma commissão, composta do capitão Marcos Antonio Rodrigues e drs. Paes de Carvalho e Justo Chermont, para ir a palacio declarar ao presidente que estava proclamada a republica, e que se-retirasse, para evitar derramamento de sangue.

« Em resposta a esta intimação, disse o presidente que não depunha o poder e que estava resolvido a luctar, tendo por si os corpos de policia e de bombeiros.

« Ao ter conhecimento da resolução do presidente, mandou o valente major Maciel da Costa formar o batalhão, metteu-o em linha, e, erguendo vivas á republica, que foram calorosamente correspondidos pelo povo, pelos officiaes e soldados, seguiu em direcção ao palacio.

« Em caminho apresentaram-se-lhe os 1.ºs tenentes da armada Themistocles Savio, da canhoneira *Guarany*, e Indio do Brasil, capitão de fragata reformado De Lamare, e o corpo de policia, commandado pelo capitão de cavallaria Raymundo Antonio Fer-

nandes de Miranda. Puzeram-se todos ás ordens do major Maciel da Costa.

« Em frente ao palacio da presidencia apresentou-se tambem o corpo de bombeiros, commandado pelo capitão João Alberto da Silveira, declarando estê que elle e seus companheiros faziam causa commum com os revolucionarios.

« Foi então deposto o presidente, sendo nomeado um triumví rato, do qual não quiz fazer parte o major Maciel da Costa, que apenas acceitou, por imposição do povo, o cargo de commandante das armas do Estado.

« O que é notavel, é que, durante todo este movimento, o commercio conservou as suas portas abertas, e as familias assistiam das janellas ao que se-passava nas ruas, como si se-tractasse de uma festa! Isto demonstra o grau de confiança que a todos inspirava o major Maciel da Costa.»

Na pagina 60 eu disse que o dr. Aristides Lobo foi o primeiro elemento de procedencia civil que entrou na conspiração; e entendi, como entendo, dever esse facto ser levado a especial consignação.

O coronel Jacques Ourique, de tudo mal informado, nos artigos que, *com pretensões á historia*, lançou pelo *Jornal do Commercio* nos dias 4 e 5 de Janeiro, claudicou tambem nesse ponto dando lugar, entre outras muitas reclamações, á que pelo *Diario de Noticias*, publicou no dia 11 o sr. Medeiros e Albuquerque, da qual vou trasladar o trecho seguinte :

« A 7 de Novembro eu fui convidado pelo dr. Aristides Lobo, por indicação do dr. Pernambuco, a ir a S. Paulo levar pessoalmente a noticia da conspiração aos srs. Campos Salles e Francisco Glycerio, devendo convidar um d'elles a vir para a capital.

« Na noite de 7 estive em conferencia com o dr. Silveira Lobo, o dr. Pernambuco e o sr. Benjamin Sales Pinheiro, que abriu largamente sua bolsa para todas as despezas necessarias.

« Ahi, junctamente com duas cartas do sr. Quintino Bocayuva para os dous illustres chefes Paulistas, recebi a incumbência de transmittir noticia verbal de tudo que até então se-passára. Parti no dia 8. Conferenciei á noite longamente com o dr. Campos Salles, que por mim teve as primeiras noticias seguras da conspiração.

« Como a revolução devesse rebentar a 10, com a partida do 22.º batalhão, voltei na madrugada de 9. A' noite, chegando á capital, tive noticia pelo dr. Pernambuco do que occorrêra no Club Militar.

« Dahi até a vespera do movimento fui sempre informado pelo mesmo dr. Pernambuco que, servindo de mediano entre o dr. Aristides Lobo e varios officiaes do exercito, por intermedio dos capitães Menna Barreto e Espirito-Sancto, punha-me diariamente ao corrente da acção. »

Protestando egualmente contra a inexactidão do coronel Jacques Ourique, no tocante ao dr. Aristides Lobo, o sr. Silveira Lobo pelo *Diario Popular* de S. Paulo em dacta de 6 de Janeiro escreveu, e aqui foi transcripto no *Diario de Noticias* de 11 d'esse mez, um bem meditado artigo, do qual vou aproveitar alguns topicos, que muito interessam á verdade historica.

Assim ahi lê-se :

« Aristides Lobo, em dacta de 3 de Novembro, escrevia-me o seguinte :

« Preciso ter aqui já e já o Glycerio, mas o Glycerio principalmente. Em falta d'elle, deve vir o Campos Salles. Si o Glycerio não estiver ahi chama-o com urgencia, por telegramma, *Não communique este meu chamado a quem quer que seja.* »

« Recebi essa carta no dia 5, passei immediatamente telegramma a Francisco Glycerio, que me-informaram estar em Campinas, pedindo-lhe que, com a maxima urgencia, viesse entender-se commigo sobre negocio inadiavel.

A' tarde d'esse mesmo dia procurei o dr. Campos Salles e, apresentando-lhe a carta, que recebêra pela manhã, pedi que se preparasse para attender ao chamado, caso Glycerio não viesse até ao dia seguinte, e pedi-lhe tambem que escrevesse a Glycerio, chamando-o.

« No dia 6, á tarde, chegou a esta capital Francisco Glycerio, que conferenciou com o dr. Campos Salles em minha presença, e perguntou-me si tinha algum esclarecimento sobre a natureza do assumpto, que determinára o chamado.

« Apresentei-lhes um telegramma que n'esse mesmo dia havia recebido de Aristides Lobo, insistindo pela urgencia da ida de qualquer dos dous, e disse-lhes que, tendo-se dado uma reunião do Club Militar, depois da reprehensão infligida pelo governo á officialidade, que fizera uma manifestação ao dr. Benjamin Constant, se-me-afigurava tractar-se de nova questão militar e de conspiração da officialidade republicana, tendo á sua frente Benjamin Constant, com os chefes do partido, para um sério movimento revolucionario.

« Estando os dous illustres cidadãos convencidos de que só em tal caso se-explicava a urgencia, e ainda mais porque estava annunciada nova reunião do Club Militar para o dia 9 combinou-se em estabelecer um codigo para telegrammas, e foi elle feito, tendo-se, *inclusivamente cogitado* da necessaria intervenção do 10.º Regimento de cavallaria aquí de guarnição, pessoal de Governo Provisorio, etc.

« No dia 7, seguiu para o Rio de Janeiro o cidadão Glycerio e no dia 8 recebi eu em minha casa o cidadão Medeiros e Albuquerque, que, da parte de Aristides Lobo, nos-vinha, a mim e ao dr. Campos Salles, communicar que se-tractava de conspiração para a proclamação da Republica e nos-affirmou que não estavam em erro acreditando que o dr. Benjamin Constant estava de harmonia com os chefes republicanos e, entre estes, com Aristides Lobo.

« No dia 10 recebiamos aqui, por intermedio do cidadão Pedro Penteadó, valente e prestigioso chefe republicano de Serra Negra, uma carta de Aristides Lobo ao dr. Campos Salles, acompanhando outra do capitão Adolpho Menna Barreto, concebida nos seguintes termos :

Côrte, 9 de Novembro de 1889.— Adolpho, meu sobrinho.— Hontem escrevi-te, tractando de assumptos particulares; hoje o faço novamente, porém de modo confidencial. Agita-se aqui um grande movimento, que necessariamente deve repercutir n'essa

provincia. Ao receberes ésta, apresenta-te ao dr. Campos Salles e fornece-lhe esclarecimentos sobre os elementos com que ahi n'esse Regimento podemos comptar. Recommendo-te muito criterio e as reservas necessarias. Cuidado, muito cuidado.» (*)

«Entregue por mim essa carta a seu destinatario, o alferes Gaspar Adolpho Menna Barreto Ferreira, acompanhei-o á casa do dr. Campos Salles e alli se-lhe-expoz o que nos-havia communicado Medeiros e Albuquerque.

«No dia 11, recebi carta de Medeiros e Albuquerque, communicando-me que não se-daria o movimento por occasião do embarque do 22 para o Amazonas, mas que elle se-daria breve.

«Na noite d'esse dia fui á casa do alferes Menna Barreto e, d'elle e do cadete Heron Keller, obtive informações sobre armamento, munições e pessoal do Regimento. sendo-me grato aqui consignar que a officialidade em geral, e especialmente o capitão Lisboa, o tenente Borba e inferiores, se-manifestavam favoraveis ao movimento.

«No dia 12 partia para a côrte o dr. Gordo, commissionedo pelos conjurados, e n'esse mesmo dia recebi de Aristides Lobo um telegramma, communicando ainda estar pendente de resolução final o movimento— telegramma que, pelo codigo convencionado, fôra transmittido nos seguintes termos :

«Negocio continúa pendente.»

«Desde 9 se-reuniam n'esta capital os cidadãos Francisco Rangel Pestana, Adolpho Affonso da Silva Gordo, Manuel Ferraz de Campos Salles, Manuel Lopes de Oliveira, João Baptista de Mello Oliveira, dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida, Victorino Gonçalves Carmillo, drs. Luiz Pereira Barreto e Bernardino de Campos, em conferencias sobre medidas tendentes ao bom exito da revolução.

«No dia 12 foi chamado a conferenciar com esses cidadãos o dr. Prudente de Moraes.

«Eram, pois, ao todo 12 os empenhados na conjuração aqui, e, todos, elles, recebiam communicações de Aristides Lobo.

(*) Essa carta é a de que fallei, citando algumas palavras, na página 61 d'este livro.

« Alguns outros distinctos co-religionarios sabiam do que se tractava, e entres estes me-occorrem os nomes dos cidadãos drs. Americo Brasiliense e Americo de Campos, Emilio Rangel Pestana, Horacio de Carvalho e dr. Luiz Piza.

« Sei, e sei de ouvir ao capitão Menna Barreto e coronel Solon, que em dias de Outubro, 20, si me não engano, Aristides Lobo fôra procurado pelo primeiro e pelo tenente Bandeira para com elles iniciar a conspiração politica.

Finalmente, ainda em contestação á historia do sr. coronel Jacques Ourique, pelo *Diario de Noticias* de 10 de Janeiro, o sr. Antonio Campós escreveu :

« Vejo-me na necessidade desde já de declarar que « não foi só no dia 11 de Novembro que os illustres cidadãos Aristides Lobo e Quintino Bocayuva entraram na conspiração » como diz s. s. em o *Diario de Noticias* de 5 do corrente mez. por isso que no dia 25 de Outubro, depois de fazer sciencia áquelle do que se-passára no seio do exercito, fui, por inspiração do mesmo, portador de uma carta do ultimo para o illustrado dr. Benjamin Constant, solicitando uma conferencia para o dia seguinte, a qual se-realizou ; e quatro dias depois ainda fui encarregado pelo mesmo dr. Aristides Lobo de pedir ao cidadão Benjamin a fineza de lhe-fallar em seu escriptorio, sobre o mesmo assumpto, por se-achar proximo da rua do Ouvidor, onde o tinhamos encontrado.»

Vê-se pois quanto fui exacto no que, a pagina 60 d'este livro, escrevi a respeito do dr. Aristides Lobo.

Foi elle, evidente e indubitavelmente, o primeiro elemento civil que entrou na conspiração, e isto deu-se exata e precisamente pelo fim de Outubro, como eu declarei na citada página, e aqui reitero e affirmo, sem receio de ser contestado.

Na pagina 66, nas assignaturas do compromisso de sangue, figura, por engano meu, o nome do sr. alferes G. Augusto da Silva, que não o-assignou. Esse engano foi motivado por ter eu sabido que esse distincto official a elle adheriu, tanto que o-disse e fez por carta. Portanto, desfeito o engano historico, fica-lhe tambem aqui prestada a devida homenagem a seu civismo e brio militar. Elle não firmou aquelle compromisso porque, quando d'elle

soube no dia 12 e quiz assignal-o, já elle havia chegado a seu destino, momentos antes.

Nessa mesma página outro engano ha, que deve aqui ficar corregido. Esse compromisso de sangue foi entregue ao dr. Benjamin Constant pelo major Solon, e não pelo capitão Vespasiano e pelo tenente Moraes Castro, como por engano alli disse eu. E quem esse documento entregou ao major Solon no dia 12 foi o sr. alferes-alumno Pedro Alexandrino, que servia no 1.º Regimento, e actualmente se-acha em Pernambuco.

* *

O manifesto do sr. Ouro Preto, anciosamente esperado, de que tão pesadamente carregou-se a imprensa fluminense no dia 10 de Janeiro, encerra comtudo documentos, que vou trasladar, de summa utilidade para a história, porque definem situações e aclaram episodios. Tambem os-trasladarei sem commentarios.

« Illm. exm. sr. conselheiro visconde de Ouro Preto.

« Como já deve saber effectuou-se hontem, á hora determinada, o embarque do batalhão 22 de infantaria na melhor ordem, não tendo havido a menor circumstancia que denotasse pouca vontade do cumprimento da ordem do governo.

« Disse a v. ex. que nada me-constava sobre a reluctancia do 22 embarcar, e asseguro a v. ex. *que os corpos da minha Brigada são todos muito disciplinados e que cumprirão as ordens do governo; e si não fosse assim teria pedido exoneração do commando.*

« Creia v. ex. que todos os *corpos do exercito são disciplinados e que com elles o governo pode sempre comptar.*

« O governo que lhes-dê chefes que não queiram antepôr a popularidade á disciplina (hoje um mal de que são atacadas todas as classes) e verá que o que eu digo é uma verdade.

« A disciplina é *uma religião para o soldado e elles amam muito sua bandeira para darem-se em espectaculo triste á vista da população, desobedecendo o seu governo.*

« Aceitei de bom grado a responsabilidade que v. ex. e o sr. conselheiro ministro interino da guerra me-fizeram pelo embarque do 22; estou, portanto, desobrigado d'essa responsabilidade, que

nunca a-evitarei em relação a qualquer força sob o meu comando, porquanto saberei em todo o tempo manter a disciplina.

« V. ex. prometteu-me que seria chamado á côrte o major do 22, Souza Menezes, logo que com seu batalhão chegasse á provincia do Amazonas, peço pois licença para lembrar a v. ex. o meu pedido.

« Reiterando os protestos da minha mais alta estima e consideração, peço a venia para subscrever-me de v. ex. amigo muito grato e respeitador.— *Barão do Rio Apa.*

« Côrte, 11 de Novembro de 1889. »

« Gabinete do ministro da justiça.— Rio, 13 de Novembro de 1889.

« Exm. chefe e amigo.— Soube pelo sr. Basson que não foi a Petropolis por incommodo de familia, o que muito sinto. Ahi vae essa carta do ajudante-general em que elle declara que *se-trama alguma cousa*. Estou vigilante e é bom recommendar cuidado ao Maracajú. Si souber de alguma cousa lhe-avisarei. Collega e amigo.— *Candido de Oliveira.* »

Eis a carta do ajudante-general :

« Rio, 13 de Novembro de 1889.

« Exm. amigo sr. conselheiro.— A esta hora deve v. ex. ter conhecimento de que *tramam algo por ahi além*: — *não dê importancia tanto quanto seria preciso, confie na lealdade dos chefes, que já estão alerta. Agradeço ainda uma vez os favores que se-tem dignado dispensar-me*. O meu afilhado, isto é, afilhado dos liberaes do Rio Grande do Norte, Fonseca e Silva (*), esteve aqui em commissão percebendo vencimentos de commissão activa, não é de justiça que vá para aquella provincia com prejuizo, razão por que peço despacho favoravel á nota juncta, que v. ex. devolverá e com a dacta.

« Sou de v. ex. menor criado, amigo e obrigado.— *Floriano Peixoto.* »

(*) Não ha nada como ser-se homem de todas as situações!... Fica-se bem e lucra-se sempre!!...

Deducções.

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO

Houve quem o-dissesse, ha ainda quem o-diga e o-repita:—a republica não estava na ordem dos acontecimentos; nasceu do improviso e do imprevisito; não se-pensava nella; foi uma surpresa.

O orgão do sr. Ouro Preto subsistia na teimosia de affirmal-o; outros jornaes irreflectidamente deixaram entrevê-lo.

Falso em uns; engano em outros, que ignoram ou não se aperceberam dos antecedentes, para d'elles tirar as illações da logica. Passo a demonstral-o.

Estão na historia, e pois são irrecusaveis de verdade, os seculares tentamens arriscados em prol da humanidade pelos sonhadores das liberdades patrias.

As luctas feridas atravez dos tempos, a consciante pertinacia dos luctadores a reivindicar a memoria e os exforços dos martyres, o sacrificio altruista a que de coração se-davam os que bem sabiam não poder vencer, o estudo philosophico do evoluir das humanas gerações sob a influencia dos meios, as relações de causa a effeito nas modalidades sociaes, a intelligencia a vêr, a memoria a conservar, a sensibilidade a distinguir, a razão a reunir para determinar, eram phenomenos singulares e causas particulares que, forçosamente, pelo tempo e pelo espaço, haviam de gerar o grande phenomeno no facto concretisado.

Não vê-lo era não raciocinar; e os homens do imperio certamente não raciocinavam.

A republica havia de vir, como veiu, não por uma victoria, não por uma conquista, não por uma imposição, não por um assalto, não por uma surpresa, mas sim, natural e logicamente, por uma consequencia.

Ella já estava dentro do imperio ; ella já existia, de ha muito, nos homens, nas cousas, nos factos e nos phenomenos sociaes ; ella já vivia sociologicamente ; ella já era a propria sombra do throno, de dia, e o seu pesadelo, de noite.

Só a realeza era phantastica e pois insubsistente.

Ainda ha pouco publicou-se, e aqui vem de cabida, o que passo a adscrevêr :

« Poucos da geração presente têm tempo para acompanhar nos livros e jornaes passados os successos dos nossos compatriotas ora mortos, e que concorreram com o seu talento e acção para os beneficos resultados, que de hoje em diante começamos a fruir. As revoluções, por momentaneas que pareçam aos olhos dos inexperientes, são obras de annos e seculos.

« O inicio de 1831 passou-se no intuito de abolir-se a monarchia e proclamar-se a Republica. Os que trabalharam para esse fim viram-se illudidos quando uma criança foi acclamada imperador. Muitos retiraram-se da vida politica ; outros, tentando um ultimo esforço, fizeram sentir na tribuna do parlamento a necessidade e utilidade da forma republicana.

« Aos olhos dos homens de hoje não passarão indifferentes os artigos de lei abaixo, propostos por Ferreira França e outros patriotas na camara dos deputados, em 1835:

« A assembléa geral legislativa decreta :

« Art. 1.º O governo do Brasil cessará de ser patrimonio de uma familia,

« Art. 2.º O actual imperador e suas augustas irmãs cederão de seu privilegio e receberão por uma vez um subsidio para completar sua educação e principiarem seu estabelecimento.

« Art. 3.º A nação será governada por um chefe eleito de dous em dous annos, no dia 7 de Setembro, á maioria dos votos dos cidadãos eleitores do Brasil.

« Paço da camara dos deputados, 1 de Maio de 1835.— A. Ferreira França. »

Portanto ella não nasceu no dia 15 de Novembro ; esse foi simplesmente o dia de sua solemne appareição. O modo porque ella se-proclamou foi a revelação de sua existencia dogmatica.

A geral e prompta acceitação, que assignalou seu recebimento, foi a demonstração práctica de sua verdade anterior.

Consubstanciada nos espiritos, no momento dado ella surgiu de todos completa e inteira. Sem a violencia ter-se-ia prolongado seu estado latente, até que uma natural solução de continuidade, por effeito das leis biologicas, determinasse a sua manifestação; era uma simples tolerancia, não uma fraqueza; era uma deferencia, que se-justifica na propria religião da humanidade.

Pela compressão succederia fatalmente, como succedeu, o que se-dá com certos fructos, que nos-dão a amendoa, quando lhes quebramos a casca.

Ella estava toda :

No coração do povo, que, de ha muito, doutrinado pela imprensa e pela tribuna, pela palavra de Lopes Trovão, de José do Patrocínio, de Silva Jardim, de Ubaldino do Amaral, de Saldanha Marinho, de Quintino Bocayuya, de Aristides Lobo, de Miranda Azevedo, de Campos Salles, de Prudente de Moraes, de Sampaio Ferraz, de Ferreira de Menezes, de José Maria do Amaral, e de centenas de outros vivos e mortos, antigos e modernos, amava-a e queria-a, accorria a ouvir sempre que d'ella se-fallava, applaudia-a e saudava-a.

Ainda no coração do povo em quem se-procurava matar todas as esperanças, todos os estímulos, todas as aspirações da alma, todos os beneficios do amor, todas as crenças emfim, o que naturalmente desperta o desejo do desconhecido, o aneio da novidade.

Ainda no coração do povo pelo odio, que gera-se dos falsos privilegios sustentados pela fôrça; pela aversão ás olygarchias aristocraticas e plutocraticas, que magoam e vilipendiam o proletariado.

Ainda no coração do povo pela sugestão continua, pertinaz e efficiente de elementos aparentemente descuraveis, e que na realidade minam lento e fundo. D'esta terrivel propaganda era chefe o nobre e valente *Radical*, Domingos Gomes dos Santos.

Ainda no coração do povo, finalmente, porque té mesmo d'aquella falsa philosophia, que preconisa o bem pelo amor da recompensa e profliga o mal pelo temor do castigo, d'essa mesmo

já se-havia varrido a noção práctica pelo espectáculo degradante de todos os dias, no commercio dos corruptos e dos corruptores.

E longe, bem longe, poderia eu ir a ter de aponctar as causas todas.

Ella estava no seio dos proprios partidos politicos, que se diziam sustentadores da monarchia; e, a não ser assim, nada pôde explicar conversões e adhesões tão subitaneas, essa persuasão gerada antes do convencimento, esse abandono completo e total, que, no opposto, não abona o coração nem o character.

Elles, parasitas de venusto e carcomido tronco, convinham pelo interesse, principio falso, que só aproveita á ambição peccaminosa e insustentavel, que corrompe e invalida, que mina pelo seio, que traz em si proprio a fatal consequencia da destruição.

Os srs. Paulino de Souza, Saraiva, Duarte de Azevedo, Manoel Francisco Correia, M. P. de Souza Dantas, Joaquim Delfino, Lourenço de Albuquerque, Sinimbú, visconde do Cruzeiro (J. J. Teixeira Junior), J. Floriano de Godoy, J. M. Pereira da Silva, visconde do Serro Frio (Cruz Machado), J. R. de Lima Duarte (visconde), O. H. de Aquino e Castro, marquez de Paranaguá, Silveira da Motta, marquez de Muritiba, barão de Mamoré, visconde de S. Lulz do Maranhão, Silva Costa, Luiz Felipe, todos elles, todos á uma, esses grandes senhores, conselheiros do decahido imperio, reconhecem e confessam ser a republica um factio consumado, em cuja consolidação o patriotismo impõe collaborar *para a felicidade da patria, porque a restauração da monarchia, sobre ser chimerica, seria ultra perigosa mesmo só na tentativa.*

Então o que fizeram elles pela monarchia?... que politica foi a sua?... a consolidação em uma transformação tão radicalmente profunda opera-se em um instante na vida de uma nação?...

Logo elles proprios, por sua desasada politica, minavam a monarchia, que os-cumulava de honras, beneficios e vantagens; logo era só isso quanto elles d'ella visavam, inteiramente des-occupados do futuro da patria; logo a republica era providente quando tambem comptava com esses inconscios conspiradores, confiança essa que exprimiamos quando diziamos — *quanto peor, melhor!*

A estolida indiferença e a consummada ignorancia dos chefes

políticos da monarchia, o desmarcamento de suas ambições pessoais, trabalhavam por nós nas proximidades do throno.

Entretanto, do acervo das opiniões d'aquelles srs., expressas nas respostas que deram ao sr. dr. Almeida Nogueira, ex-deputado conservador por S. Paulo, e que publicadas foram, cumpre desagregar a do sr. Lourenço de Albuquerque, ex-ministro do gabinete Ouro Preto, para defrontar-lhe a resposta que, pela imprensa de 5 de Dezembro, foi-lhe dada por um respeitavel grupo de dignos officiaes.

O preopinante reduzira o exercito e a armada a meros *deus ex-machina*; elles responderam-lhe nos textuaes termos seguintes:

« Desejariamos saber em que baseou-se o cidadão Lourenço de Albuquerque para, em uma carta dirigida ao dr. Almeida Nogueira e hoje inserta na *Gazeta de Noticias*, affirmar que « os soldados que acompanharam os chefes do movimento revolucionario ignoravam que o fim d'este era a deposição do imperador; e que talvez o-ignorasse tambem o proprio Marechal Deodoro. »

« Tão leviana asserção deixa evidente, ainda uma vez, quão pouco conheciam o exercito não só o gabinete decahido, como todos os que o-precederam. O character, o patriotismo e dignidade do inelyto Marachal são bastante conhecidos de todo o paiz, e assim desnecessario se-torna venhamos restabelecer a verdade do facto em relação a tão eminente brasileiro.

« Nosso intuito, vindo á imprensa, é registrar o seguinte: As praças dos corpos que compõem a 2.^a Brigada do exercito, desde os mais graduados até ao simples soldado, sabiam perfeitamente o objectivo da revolução, para a qual já estavam preparados um mez antes do glorioso acontecimento do dia 15. Nunca lhes occultavamos o verdadeiro fim do movimento, pois procedimento contrário seria indigno dos officiaes dos alludidos corpos.

« Dous factos muito importantes corroboram a nossa asserção; e são estes:

« Na noite de 14, quando os Regimentos pñomptos se-achavam para defenza ou ataque, de momento em momento irrompiam dos alojamentos das praças enthusiausticos vivas á Republica, ao valoroso Marechal e á união do Exercito.

« O outro facto foi, com certeza, observado pelo proprio cidadão

Lourenço de Albuquerque e pelos seus ex-companheiros de gabinete: O 1.º e 9.º Regimentos de cavallaria e o 2.º de artilheria de campanha, marchando para o campo da Acclamação, deixaram nos respectivos quartéis os estandartes, porque n'elles estava estampado o emblema da monarchia.

« Falamos em nome da 2.ª Brigada, a que pertencemos; mas não erramos assegurando que de igual modo poderão pronunciar-se os nossos companheiros da 1.ª

« Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, em 4 de Dezembro de 1889.

« Capitão *Adolpho Menna Barreto*, tenente *Sebastião Bandeira*, alferes *Joaquim Ignacio Baptista Cardoso*, tenente-coronel *João Baptista da Silva Telles*, capitão *Francisco Xavier Baptista*, capitão *João Maria de Paiva*, 2.º tenente *Joaquim Balthasar de Abreu Sodré*, 2.º tenente *Adolpho Augusto de Oliveira Galvão*, 2.º tenente *Nestor Villar Barreto Coitinho*, capitão *José A. Marques Porto*, 2.º tenente *Pedro Paulo Cerqueira*, major *Antonio Virgilio de Carvalho*, tenente *Henrique de Amorim Bezerra*, alferes *José Brasilio de Amorim Bezerra*, capitão *Trajano de Menezes Cardoso*, alferes *João Ludgerio dos Santos A. de A. Conny*, alferes *Pedro Nolasco Alves Ferreira*, major *Floriano Florambel da Conceição*, major *Manuel Joaquim Godolphim*, tenente *Henrique de Oliveira Bezerra*, alferes *Guilherme Augusto da Silva*, alferes *Arthur Napoleão de Oliveira Madureira*, alferes *Manuel Joaquim Machado*, alferes *Alexandre Zacharias de Assumpção*, alferes *Gasparino de C. Carneiro Leão*, alferes *José da Silva Pessoa*.

Lôgo a Republica não nasceu do improvisado e do imprevisto, não foi uma surpresa; logo a monarchia estava de ha muito sem raizes, e tolerada apenas. Ou isto, ou não ha logica n'elles.

A Republica estava na concepção de ordem e progresso de toda a familia brasileira, tanto assim que ella não suscitou o mais leve murmúrio, ao passo que o 13 de Maio levantou reclamações e organisou nova facção partidaria.

E os descontentes do 13 de Maio só acharam refugio nos braços da Republica, porque só nella podiam confiar.

A Republica estava na população pensante ante a qual ella

conseguia levantar e fazer vingar candidaturas : Prudente de Moraes, Campos Salles, Manso Ribeiro no parlamento ; Saldanha Marinho, José do Patrocínio na camara municipal.

E o governo já sentia-se na dura contingencia de coagir e subornar eleitores, por todos os modos, por todas as fórmãs, para cercear e tolher manifestações mais amplas e mais completas.

A Republica estava na agitação dos receios do governo, que tomava medidas para que a recepção de regresso do tribuno Lopes Trovão não fosse sellada por solemnidades públicas, e sobretudo militares, tanto assim que julgou prudente e de bom aviso mandar por essa feita impedir a Escola Militar, ao passo que até no senado o nome do popular e denodado tribuno era trazido á téla da discussão.

A Republica estava ainda no espirito pusilanime do governo, que impedia conciliabulos, meetings, vivas, demittia funcionarios publicos indigitados republicanos, como succedeu com o dr. Souza Lima, com o dr. Sampaio Ferraz, etc., a outros negando até o direito escripto, como succedeu com o dr. Barata Ribeiro e mais alguns.

A Republica estava na educação da mocidade feita em propaganda pertinaz a consciante por mais de 20 annos pelo dr. Benjamin Constant, por Sylvio Romero, por Vicente de Souza, por Licinio Cardoso, por Teixeira Mendes, por Erico Coelho, por Barata Ribeiro, por Alvaro de Oliveira, por Miguel Lemos, pelos livros de Augusto Comte, de Laffitte, de Herbert Spencer, de Diderot, de Descartes, etc. ; e, si é licito, direi que por mim tambem.

A mocidade brasileira tinha bem viva gravada na mente a maxima de Diderot « *as nações devem governar-se sem deus nem reis* », maxima que Aug. Comte completou com a phrase sublime « *pelo culto systematico da humanidade!* »

A Republica estava na mocidade militar cuja bibliotheca muito impressionou o ex-senador Silveira Martins, mocidade essa que deu a Sylvio Romero a unica manifestação publica de apreço que jamais elle recebeu de corporações. Na Escola Militar O

Pais e o *Diario de Noticias* eram as folhas que se-liam e sobre as quaes bebia a mocidade.

A Republica estava em todos os actos premeditados e reflectidos do exercito: d'isso dão cabal e irrecusavel testemunho as manifestações feitas ao tenente-coronel dr. Benjamin Constant, o facto de irem poucos officiaes da 2.^a Brigada assistir á missa que a familia ex-imperial do Brasil mandou celebrar por D. Luiz I, a especial redacção das informações e respostas dadas ao governo, a repugnante tolerancia pelas missas conventuaes, a co-participação vivissima e efficacissima no movimento abolicionista, ainda com formal desobediencia ás ordens do governo, a elaboração e penetração de publicações epizoticas derramadas pelas Escolas do exercito, a irracionalidade cabalmente demonstrada até á evidencia dos *governos por graça de Deus*, a publicação a expensas dos alumnos do discurso do dr. Ruy Barbosa no Polytheama, etc.

A Republica estava na indisciplina do parlamento, sendo aos mais notaveis exemplos os que deram os ex-deputados Carlos Affonso e Felicio dos Santos, os ex-senadores João Alfredo e Lafayette, Affonso Celso e Cesario Alvim, etc.

A Republica estava nas proprias visões do throno, pois ainda em sua ultima viagem ao norte, no meio das *officiaes* adhesões e das *espontaneas* vaías com que era acolhido, o sr. conde d'Eu a ella se-referiu, declarando que a monarchia não se-opporia ao desejo manifesto da nação; e, no momento de sua partida para o exilio, ainda o mesmo conde, neto de reis e marido de uma futura imperatriz, declarou-se por si promptificado a servir á Republica que o-despedia.

A Republica estava ao lado do throno, que já a-recebia de pé, em publicas manifestações; e erguia-se respeitoso ao ouvir o hymno Chile-Brasil.

Portanto ella não foi uma surpresa; foi uma consequencia, porque no organismo social, como no individual, *tudo è solidario, tudo conspira, tudo consente*.

A Republica estava em toda a sociedade brasileira que o-demonstrou na recepção aos chilenos e nas festas aos argentinos.

A mocidade militar, o exercito intelligente, a armada estudiosa faziam da disciplina idéa bem fundamentalmente diversa da

que estava no espirito retrogado do governo ; para elles ella era — a veneração dos fracos para com os fortes, e a dedicação dos fortes para com os fracos (Aug. Comte).

Elles sabiam que «o parlamentarismo só tem sido até hoje a dictadura das mediocridades intrigantes, instrumento de todas as vilezas nas mãos de ministros sem escrúpulos.»

Nossa actual forma de governo é portanto uma sequencia logica dos nossos antecedentes historicos ; e só na vacuidade do espirito poderá achar guarida a estulticie de que o que hoje vemos e fruimos veiu do inesperado e do fortuito.

A republica estava nas leis sociologicas da ordem e do progresso, hoje bemdicto lemma do nosso pavilhão, cuja cabal e scientifica explicação deu-a o alevantado espirito de Teixeira Mendes.

Ao lado da maior prudencia e moderação por que têm sido pautados todos os seus actos, o Governo Provisorio ha imprimido ao Brasil maior vida em pouco mais de um mez do que nos 67 annos dos dous estereis reinados, que supportámos.

Nem mais é licito e razoavel exigir-lhe em prazo tão curto, esse mesmo sacrificado, sobretudo em alguns ministerios, a certas deferencias, a recepções, a esses mil e muitos incidentes, que soem sempre perturbar a sequencia natural dos grandes acontecimentos.

Um rapido inventario demonstrará comtudo ao leitor, e ao futuro attestarão que os septe eminentes cidadãos, que se-alliaram ao Chefe do Estado na constituição do Governo Provisorio, bem conheciam e bem pesaram a responsabilidade enorme que assumiram, e o-tizeram por trazerem patriotismo, robustez de consciencia, energia de vontade e elevação de criterio para agirem no momento excepcional, que a patria atravessa.

Assim o Governo Provisorio :

Fez a revolução ; proclamou a Republica ; tem nos-dado paz e tranquillidade ; tem mantido lisongeiro o estado da praça ; elevou o effectivo do exercito e augmentou o soldo ; suppririu a chibata e reduziu o tempo de serviço da armada ; operou rapidez nos despachos do expediente das secretarias de estado e repartições publicas ; conseguiu dos funcionarios publicos maior punctualidade e exacção :

adeptou o systema salutar de franca publicidade nos actos de administração ; reparou injustiças graves practicadas pelo nepotismo monarchico ; deu-nos um policiamento como nunca tivemos em tempo algum ; reorganizou a policia activa, collocando-a em altura e pé dignos d'esta capital federal ; concedeu aos officiaes de policia e de bombeiros as honras que competem aos do exercito ; creou a justiça correccional, cuja lacuna era tormentosa ; tem extinguido a capoeiragem e a jogatina ; pelo decreto n.º 5 proveu aos pensionados do ex-imperador para acobertal-os das sorpresas da miseria entre o gozo feliz da liberdade ; pelo decreto n. 6 alargou o voto até ao suffragio ; pelo decreto n. 8 creou um quadro extraordinario do exercito ; regulou a concessão da naturalisação pelo decreto n. 13 A ; pelo decreto n. 21 modificou o plano de uniformes do exercito ; pelo decreto n. 25 estabeleceu regras provisórias sobre fórmulas e tractamento forenses ; pelos decretos n. 27 cuidou de munições e hospitaes navaes ; designou a ordem e cooperação dos juizes substitutos com os de direito, e a substituição reciproca d'estes ; sustou prudentemente infundadas corridas sobre bancos ; reformou secretarias ; providenciou sobre bancos ; classificou commarcas ; deu-nos a grande naturalisação ; extinguiu a *celebrisada* camara municipal ; deu novo modelo aos titulos (diplomas e cartas) scientificos ; acabou com os titulos dignitarios e insignias honorificas, que representavam no imperio o premio da corrupção e da venalidade ; procurou *generosamente* provér a dignidade do ex-chefe do estado e de sua familia ; tem procurado suffocar e extinguir todos os germens de perturbação ; assumiu lealmente a responsabilidade do nome brasileiro nas obrigações internas e externas, que lhe vieram em legado do regimen decahido ; tem sabido corresponder ás gentilezas das nações amigas ; tem curado da conveniente reorganisação do corpo diplomatico ; providenciou sobre augmento e melhoramento dos meios de defesa por mar ; tem banido e desterrado os traidores ; cura de resolver prompta e dignamente a encanecida pendencia de limites com a Republica Argentina ; procedeu a inventario da monarchia, evidenciado por factos e algarismos a total ruina financeira a qua ella nos-arrastaria fatalmente ; designou substitutos ao Chefe do Estado ; fez a reforma compulsória da armada ; fez a promoção do exercito ; decretou a liberdade dos cultos ; e acaba de

fixar o prazo mais curto e mais razoavel possível para a convocação e reunião da Constituinte.

Ao mau fermento, perturbador da ordem e explorador das situações, aos politicos pouco escrupulosos ou sem probidade, aos corvos sociaes, trazem certamente desagrado as ultimas medidas que o Governo Provisorio viu-se coagido a pôr em prática, pela lei imperiosa do proprio instincto de conservação, bem legitimadas pela ebulição d'aquelle fermento damninho e pestifero. Um tal proceder, porém, é indeclinavel ante a consciencia do dever para com a patria, e tanto basta para nobremente justifical-o.

E demais : aquillo que se-estranha hoje a Republica faça sob um regimen provisorio, de salvação publica, fez-se com ostentação e luxo em 1841, sob um regimen regular, suspendendo-se por espaço de um anno as garantias constitucionaes na então provincia do Rio Grande do Sul ; auctorisando-se o presidente a prender sem culpa formada, a conservar os suspeitos em prisão sem processo, a fazer sahir, quem lhe-parecesse, para fóra da provincia ou assignar logar certo para residencia, a mandar dar busca de dia ou de noite em qualquer casa. (Decreto n. 68 de 29 Março de 1841.)

Em 1848 o sr. Tosta, hoje marquez de Muritiba, como presidente de Pernambuco, pôz a premio as cabeças de alguns revoltosos como Pedro Ivo, João Roma, Lucena e Borges da Fonseca, tio do illustrado ministro do interior o sr. Silveira Lobo : e os suspeitos fêl-os sahir do centro dos acontecimentos, mandando-os em navio de guerra para a ilha de Fernando de Noronha.

E' portanto sensata e legitima, e bem acatada e bem pesada deve ser a seguinte providencia do Governo Provisorio.

« O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio, constituido pelo exercito e armada, em nome da nação, considerando :

« que a nação inteira, por todos os seus orgãos de expressão em todas as camadas sociaes, tem adherido francamente á obra da revolução de 15 de Novembro ;

« que essa incorporação geral de todas as opiniões á fórmula Republicana crêa para o Governo Provisorio novos deveres, constituindo-o depositario d'esta situação e obrigando-o como tal a

defendel-a com a maior energia contra todas as ameaças, até entregal-a illesa nas mãos da Assembléa convocada para votar a futura constituição dos Estados Unidos do Brasil ;

« que, estando aprazado para termo brevissimo a reunião da Constituinte, tendo-se decretado já quasi todas as reformas liberaes, cujo adiamento provocou a revolução, e estando em rapida elaboração as outras, tem o Governo Provisorio, de sua parte, dado todas as arrhas possiveis de fidelidade aos seus compromissos para com o paiz, o qual não cessa de retribuir-lh'o em demonstrações da mais solida confiança ;

« que, em circumstancias taes, o maior de todos os deveres impostos ao governô é á firmeza absoluta e a mais inexoravel severidade nas medidas tendentes á preservação da paz e á manutenção dos interesses fundados na segurança da propriedade ;

« que, estando eliminadas todas as possibilidades de reconstituição do antigo estado de cousas, e não nos-restando outra alternativa sinão a Republica ou a anarchia, qualquer tentativa contra a solidez da situação actual seria simplesmente um acto de desordem, destinado a explorar o medo ;

« que seria, da parte do Governo, inepcia, covardia e traição deixar os creditos da Republica á mercê dos sentimentos ignobeis de fezes sociaes empenhadas em semear a sizania e a corrupção no espirito do soldado brasileiro, sempre generoso, desinteresseiro, disciplinado e liberal ;

« que a perversidade de taes especulações não tem medida sinão no horror das desgraças incalculaveis, necessariamente ligadas ao triumpho da desordem ;

Decreta :

Art. 1.º Os individuos que conspirarem contra a Republica e o seu Governo :

que aconselharem ou promoverem, por palavras, escriptos ou actos a revolta civil ou indisciplina militar ;

que tentarem suborno ou aliciação de qualquer genero sobre soldados ou officiaes, contra os seus deveres para com os seus superiores ou fórma republicana :

que divulgarem nas fileiras do exercito e armada noções

falsas e subversivas, tendentes a indispor-os contra a Republica :

que usarem de embriaguez para insubordinar os animos dos soldados :

Serão julgados militarmente, por uma commissão militar nomeada pelo ministro da guerra e, punidos com as penas militares de applicação.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, 23 de Dezembro de 1889, 1.º da Republica.

Marechal *Manoel Deodoro da Fonseca*, Chefe do Governo Provisorio. — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães*. — *M. Ferraz de Campos Salles*. — *Ruy Barbosa*. — *Eduardo Wandenkolk*. — *Q. Bocayuva*. — *Demetrio Nunes Rbeiro*. — *Aristides da Silveira Lobo*.

Agora que reflecta com madureza o povo brasileiro ; que saiba collocar-se na altura a que attingiu, pelo amor do proximo, pelo culto da virtude, pelo respeito do direito, pelo interesse da ordem, pelo sentimento do progresso.

A liberdade é só um bem para os que sabem d'ella usar.

Fazendo a boa, a sã, a verdadeira politica ; educados o espirito e o coração pelo estudo e pelo exemplo, ou ainda só elementarmente por este, quando aquelle não couber ; varridos os perniciosos preconceitos, que rebellam o homem contra o homem, o homem contra si proprio ; orientado o trabalho e bem conselhado o operario ; dada á mocidade a unica instrucção capaz de edificar-lhe o espirito para a comprehensão do presente e videncia do futuro ; teremos certamente consolidado a republica, teremos feito obra digna de um povo civilisado.

E, concluindo, direi ao povo:

Charos concidadãos!... Não vos-deixeis mais illudir pelos espertalhões, que até hoje vos-têm explorado em proveito tão só de suas ridiculas ambições! Vós os-conheceis de longa data e sabeis quanto elles são despreziveis e inuteis!

O que vos-fizeram elles n'aquelle regimen em que, a vossa custa, tanto subiram (e poderam?... Sugaram-vos; e mais calcaram-vos!..

Comptavam elles com o povo?... Não!

Elles, esses grandes, esses potentagos, são hoje tanto como vós, não podem mais damnificar-vos, porque os odiosos privilegios estão acabados; e hoje só o povo é grande, só o povo é soberano!...

Sêde pois grandes, sêde soberanos, meus dignos concidadãos!
Novas cousas, novos homens!..

Guardae em vossa memoria e em vosso coração os nomes dos nossos benemeritos salvadores da patria. Amae-os, venerae-os e segui-os, e nós seremos felizes!..

Não deis guarida aos especuladores; não vos-deixeis illudir por esses gastos elementos de corrupção do findo regimen.

Estamos em patria nova; façamos nova pátria!

Si assim não fizerdes, tereis de arrepender-vos, porque o povo continuará a ser o prejudicado, o expoliado!

Dae novos homens á nova patria!

Taes são os unicos, mas sinceros e ardentes desejos de quem isto escreve apenas:

«Pera espertar engenhos curiosos,
Pera pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Camões (*Lusiadas*, Canto VII, est. LXXXII).

FIM

UMA RESALVA INDISPENSÁVEL

Por franqueza e lealdade declaro :

Este livro atravessou tormentosa gestação ; teve as primeiras provas na typographia Mont'Alverne ; até a pagina 32 foi impresso na typographia do Sr. Bernardo Pinto (rua do Carmo n. 41) e da pagina 33 até ao fim foi impresso na typographia *Perseverança*, da rua do Hospicio n. 85, unica que lealmente satisfez ás condições do ajuste previo.

Entretanto a todos, como de costume, paguei com a maxima, extrema e exactissima punctualidade, ao entrar de cada folha no prélo.

Já depois de prompto e completo, tive de reimprimil-o de pagina 49 a pagina 96 inclusive.

Os afeiamentos da impressão correm por minha culpa exclusiva, para aproveitar espaço e ganhar tempo.

A probidade impunha-me declarar-o.

Dr. J. J. de Carvalho.

0021002 R34 (1)

c/1483

LEI de Sociedades

Anonymas ∞ ∞ ∞

DECR. N. 434 de 4 de JULHO de 1891
Seguida de todas interpretações, Decretos,
avisos e mais Leis até 1913

ANNOTADA PELO ADVOGADO

Bacharel

João de Sá e Albuquerque



EDITORA :
LIVRARIA MAGALHÃES
S. Paulo e Rio de Janeiro
== 1913 ==

Livraria Magalhães

CARTAS DO PADRE ANTONIO VIEIRA

Acompanhado de uma Biographia
do maior classico da Lingua Portugueza

A. COELHO

Com minuciosa narração da vida do Padre Vieira
e seus serviços prestados em protecção aos
indigenas do Brasil,

1 vol. ricamente impresso com 190 pags. 3\$000

PAGINAS DE BOM HUMOR CHRONICA, LITTERATURA E CRITICA

Por JOAQUIM FEIJO'

1 vol. de 220 paginas ricamente impresso 3\$000

NOVELLAS INGLEZAS

Collecção magnífica de leitura amena para ambos os sexos

Summario dos volumes:

N.1 — Uma experiencia psychologica, Mumia
viva, Uma grande invenção.

N. 2 — Um grande sacrificio, O sobrenome de
Adão, O thesouro de Trymble, A correspondência
de Mark-Twain.

N. 3—A perola mortifera, As rosas negras, O
homem que vendeu a cabeça, O marido da orga-
nista.

Preço de cada volume br. 1\$000